**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**Uma tradução estrangeirizante comentada dos neologismos de
dobretes no *Tutunamayanlar* de Oğuz Atay vistos sob o ponto de
vista da Revolução Linguística Turca**

Marco Syrayama de Pinto

Versão corrigida

São Paulo

2017

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**Uma tradução estrangeirizante comentada dos neologismos
de dobretes no *Tutunamayanlar* de Oğuz Atay vistos sob o
ponto de vista da Revolução Linguística Turca**

Marco Syrayama de Pinto

Versão corrigida

06/07/2017

Orientador: Prof. Dr. John Milton

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

São Paulo

2017

Ao meu querido Papà

"In order to translate a language, or a text, without changing its meaning, one would have to transport its audience as well".

Eva Hoffman "Lost in Translation" p. 273

"A language is called purer inasmuch as more of its words are formed from its own roots"

William Barnes

While words of learned length and thund'ring sound

Amazed the gazing rustics rang'd around,

And still they gaz'd, and still the wonder grew,

That one small head could carry all he knew.

The Village Schoolmaster, Oliver Goldsmith

RESUMO

Este trabalho discute os neologismos usados na obra modernista da literatura turca, *Tutunamayanlar*, de Oğuz Atay (1934-1977). Tais neologismos devem ser entendidos sob o pano de fundo da revolução linguística que teve início na década de 30 na Turquia, e que, em poucos anos, alterou substancialmente a língua turca. O autor faz uma crítica dos excessos dos reformadores turcos através da paródia de neologismos virtuais, não-dicionarizados. Após análise etimológica e morfológica do neologismo, além do cotejo com as duas traduções da obra turca existente, a saber, em holandês e alemão, sugeriremos um neologismo equivalente em português, com base nas técnicas de criação de palavras usadas por tradutores como Haroldo de Campos e Odorico Mendes, além de escritores como Guimarães Rosa. Dentre tais técnicas, demos ênfase à busca da etimologia, preconizada por Campos em suas traduções, como na do Qohélet, e o recurso ao latim e o grego clássico para cunhar palavras, e a diversidade dos neologismos criados por Rosa em suas obras. Os neologismos sugeridos pretendem reproduzir em língua portuguesa um impacto de estranheza semelhante ao causado no leitor turco, ou seja, a força motriz por detrás da criação dos neologismos é o estrangeirismo, que tem como objetivo fazer com que essas palavras atraiam atenção para si.

Palavras-chave: Oğuz Atay, *Tutunamayanlar*, neologismos, revolução linguística turca, tradução

ABSTRACT

This thesis deals with the neologisms as used in a modernist work of the Turkish literature, *Tutunamayanlar* by Oğuz Atay (1934-1977). Such neologisms should be understood with the background of the Turkish Language Revolution that started in the 30's in Turkey, and that, in a matter of a few years, changed substantially the Turkish language. The author criticizes the excesses of the Turkish reformers by using virtual neologisms, not found in any dictionary as a way of parody. After the etymological and morphological analysis of the neologism, not to mention a comparison with the two existing translations so far, namely, Dutch and German, we offer our own suggestion of an equivalent neologism in Portuguese, basing ourselves on the techniques used by translators to coin words, such as Haroldo de Campos and Odorico Mendes, besides writers like Guimarães Rosa. Among such techniques, we gave special emphasis to the etymology of words, as Haroldo de Campos did in his translations, especially in the *Qohélet*, by resorting to Latin and Ancient Greek to coin new words and also by using Guimarães Rosa as a model for the creation of neologisms. The suggested neologisms aim at reproducing in Portuguese a foreignizing effect similar to the one that the Turkish readers have, i.e., the driving force behind the creation of neologism is foreignization, emphasized by Lawrence Venuti, and which has the purpose of drawing attention to the words themselves.

Keywords: Oğuz Atay, *Tutunamayanlar*, neologisms, Turkish language revolution, translation

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	VIDA E OBRA DO AUTOR	10
2.1	O TUTUNAMAYANLAR	14
2.2	SINOPSE DA OBRA	15
3	A TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE DAS PALAVRAS	16
3.1	TENTATIVAS ISOLADAS DE CRIAÇÃO NEOLÓGICA EM ALEMÃO, INGLÊS, PORTUGUÊS E TURCO	24
3.2	ESTRANHAMENTO, PURISMO E ETIMOLOGIA	51
4	A MAIS DRÁSTICA REFORMA TURCA	57
4.1	UMA BREVE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO LINGUÍSTICA TURCA	59
4.2	A REFORMA DO ALFABETO	61
4.3	A ACADEMIA TURCA DE LETRAS (TDK)	63
4.4	O RECUO POR PARTE DOS REFORMADORES	66
4.5	MÉTODOS UTILIZADOS PELOS REFORMADORES	67
4.6	UM EXEMPLO DE SUBSTITUIÇÃO PURÍSTICA: A BÍBLIA EM TURCO	72
5	A NEOLOGIA	75
5.1	INTERSECÇÃO SÊMICA	80
5.2	ANÁLISE E TRADUÇÃO DOS NEOLOGISMOS DO TUTUNAMAYANLAR	83
6	A QUESTÃO DOS NOMES PRÓPRIOS.....	126
6.1	NOMES PRÓPRIOS NA LITERATURA	127
6.2	ANÁLISE DOS NOMES PRÓPRIOS DO TUTUNAMAYANLAR	129
7	ANÁLISE E TRADUÇÃO DO TRECHO EM PSEUDO-GÖKTURCO	135
8	COMENTÁRIO SOBRE OBRAS DE MINHA TRADUÇÃO	138
	CONCLUSÃO	155

REFERÊNCIAS	157
-------------------	-----

1. Introdução

O atual trabalho está fincado em problemas da tradução presentes numa só obra: o *Tutunamayanlar*. Gentzler (2009, p. 78) arrola uma série de problemas a que, como tradutores literários, estamos de certa forma acostumados, mas dificilmente encontraremos mais de um deles numa mesma obra, e é justamente disso que trataremos, a saber, do problema dos neologismos, dos nomes próprios e dos arcaísmos. Dos três, o primeiro tem mais peso na obra que focalizaremos.

Como uma definição inicial do *Tutunamayanlar* de Oğuz Atay, usarei aqui as palavras de Murat Belge, que, a meu ver, soube tão bem sumarizar a obra *Tutunamayanlar* de Oğuz Atay¹:

Tutunamayanlar é um romance conspícuo pela sua novidade, sua diferença. Trata-se de um produto bastante bem-sucedido de um estilo de romance que não tem tradição na Turquia. Talvez, à primeira vista, ele seja um pouco desorganizado e arbitrário, pois parece que o autor escreveu tudo que lhe veio à mente. Na verdade, esse material que parece confuso foi recolhido não a esmo, mas através de uma escolha meticulosa e com o propósito de tecer uma união estrutural. Oğuz Atay teve bom êxito especialmente na formação do romance.

Escolhi a obra *Tutunamayanlar* primeiramente por admirar a rica e inexplorada herança deixada pela literatura turca, e em segundo lugar, por ser uma obra desafiadora em vários sentidos, que contém muitos jogos de palavras, e que faz uso de diversas técnicas de narrativa, tornando-a bastante diversa e heterogênea, especialmente no contexto da literatura turca da época, a saber, da década de 70, uma época marcada por conflito político entre a esquerda e a direita.

Oğuz Atay era uma pessoa bastante versada tanto na literatura turca quanto nos clássicos da literatura ocidental, entre eles autores russos, ingleses, americanos, alemães e italianos, além

¹ Oğuz Atay'a Armağan, 2007, p. 151. "*Tutunamayanlar*, yeniliği, değişikliğiyle, çarpıcı bir roman. Türkiye'de geleceği olmayan bir roman tarzının oldukça başarılı bir ürünü. İlk bakışta belki çok dağınık, çok keyfi. Yazar aklına geleni yazmış gibi. Oysa bu dağınık görünümlü malzeme titiz bir seçmeyle toplanmış ve rastgele değil, yapısal bir bütün meydana getirecek biçimde orulmuş. Oğuz Atay özellikle roman kuruculuğuyla başarılı bir yazar."

de ser um engenheiro civil de profissão e que atuou por um tempo no mercado e até nas salas de aula. Atay teve sua primeira obra publicada justamente sobre isso, ou seja, um livro-texto de engenharia intitulado "Topografya". Sua segunda obra, o *Tutunamayanlar*, já o tornaria famoso (embora, infelizmente, postumamente), rendendo-lhe até mesmo um prêmio literário na sua terra natal, o TRT, de melhor romance. Embora ele tenha publicado outras obras após essa, entre elas romances, um diário, peças de teatro e até mesmo uma biografia de seu ex-professor de matemática, no qual se espelhou para a vida e carreira, seu *magnum opus* é o *Tutunamayanlar*, e que conta na edição atual com 724 páginas (e usada por mim neste trabalho).

Outra razão pela qual escolhi tal obra foi porque sinto uma grande lacuna, não somente no âmbito de estudos a respeito da obra em si (mesmo em língua inglesa, língua franca da ciência nos nossos dias²), que aliás lidam quase exclusivamente, com poucas mudanças, sobre o assunto dos intelectuais ou mesmo sobre a ironia de que ele faz uso, mas, por outro lado, quase ou mesmo nada, sobre o tipo de língua que ele usa na obra ou sobre um estudo tradutório da mesma. Tal não poderia de fato acontecer, visto que somente há duas traduções dessa obra até a presente data, para língua holandesa e, mais recentemente, para o alemão. Faremos uso dessas duas traduções para fins de cotejo³, visto que possuo conhecimento das línguas holandesa e alemã, além de fazer uso de algo que é sempre útil quer para um tradutor de uma obra quer para um estudioso da tradução, a saber, o prefácio do tradutor, que consta somente da edição holandesa. Este, que na verdade é um posfácio (*nawoord*), vai da página 757 até a 768, e há subcapítulos com um contexto histórico da Turquia dos anos 70 intitulado "O engajamento político e o dever moral nos anos setenta" (*Politiek engagement morele plicht in jaren zeventig*), época essa em que havia um nítida polarização política na Turquia, na qual uma via do meio era impossível: ou se

² Cf. a crítica de Cronin, 2003, p. 140, : "Firstly, there is the general failure to include theoretical contributions from minority languages in translation theory anthologies" e "The undertheorization that has been noted in the case of Irish is not confined to that language. Translation conferences are generally noteworthy for ythe lack of attention paid to minority languages and the dominance of theories predicated on the historical experience and insights of the translation triumvirate, English, French and German. The hegemony is partly understandable as a consequence of a structural problem that often inhibits contributions from practioners of minority languages". Já no tocante a literatura em geral, a estudiosa turca Azade Seyhan discorda com a tendência de se ler literatura disapórica somente em inglês (apud Bassnett, 2014, p. 38).

³ Aubert, 2006, p. 61, fala do "interesse - a um só tempo linguístico, literário e antropológico - em observar o tratamento específico dados pelos tradutores às marcas linguísticas das especificidades culturais e em que medida e de que modo as diversas injunções não apenas linguístico-textuais, mas igualmente, pragmáticas, para não mencionar a própria estrutura do universo literário do espaço de recepção, se manifestam ou deixam 'traços identificáveis nos textos traduzidos e nas opções lexicais, morfossintáticas, semânticas [...] feitas por seus tradutores".

aderia à direita ou à esquerda. Para se ter uma ideia de tal clima, em maio de 1972, pouco antes da publicação do *Tutunamayanlar*, o exército dá um golpe de Estado e toma o poder na Turquia, onde prisões e violência política eram a ordem do dia. Para a minha pesquisa, tal contexto histórico é secundário, a não ser para a redação de um capítulo que está intimamente ligado ao tema linguístico da obra, a saber, a reforma linguística.

A obra *Tutunamayanlar* é, a meu ver, em grande parte metalinguística, ou seja, ela convida o leitor a uma reflexão sobre o estado da língua turca da década de 60 na Turquia. A afirmação de sua biógrafa, Yıldız Ecevit, resume bem tal questão (p. 262): "*Tutunamayanlar* é um texto que, em todos os níveis, joga com a língua; é saturado de paródias linguísticas."

Os trechos que analisarei da obra *Tutunamayanlar* são os dobretes, ou seja, neologismos virtuais e não-dicionarizados, cujo uso pretende parodiar os excessos e a artificialidade de outros neologismos que estão em uso na língua turca moderna, e que foram criados pelos reformadores da língua turca a partir da década de 30 do século passado.

Esses são os trechos que, por lidarem diretamente com a língua, podem ser especialmente desafiadores para o tradutor. O primeiro trecho é de apenas duas linhas, mas pode fazer o tradutor titubear, pois, em teoria estaria escrita em uma língua arcaica, mas, na prática, é uma imitação à aludida língua antiga dos turcos, sendo o exemplo mais antigo atestado de sua língua, encontrada nas inscrições de Orkhon, na Mongólia, datadas do séc. VII ao séc. XIII. Em seguida, há os trechos em *Öztürkçe*, ou turco puro, a saber o comentário do *ikinci şarkı* referente à linha 134 do poema *Dün, Bugün, Yarın*.

2. Vida e obra do autor

Oğuz Atay nasce em 12 de outubro de 1934 em İnebolu/Kastamonu, morre em 13 de dezembro de 1977 em Istambul, filho de Cemil Atay, o qual atuou como juiz de penas severas, etambém como deputado (*milletvekili*). Em 1939 sua família se muda para Ancara, onde completa a escola primária e o ensino médio, forma-se no Maarif Koleji em 1951 e se gradua em engenharia na İstanbul Teknik Üniversitesi em 1957. Antes de partir para o serviço militar, trabalhou para a empresa ferroviária Anayol Şirketi, e, no período, trabalhou na obra da Avenida Maslak (Maslak Caddesi). Trabalhou também na obra do cais antigo de Karaköy de 17 de julho

de 1959 a 3 de novembro de 1962 na posição de encarregado do controle, reparo e manutenção dos prédios do Banco Marítimo (*Denizcilik Bankası*) da Administração de Processos da cidade de Istambul. Após resignar desse posto, trabalhou como professor na Academia Estatal de Arquitetura e Engenharia, no Departamento de Cadastro de Mapas, na cátedra de Informação de Medidas. Já como docente, e ministrando aulas sobre a construção de vias e topografia, publica em 1970 o livro-texto *Topografya*⁴.

Em 1961 casa-se com sua primeira mulher, Fatma Fikriye Gürbüz, e com a qual tem uma filha chamada Özge. Casa-se pela segunda vez em 27 de abril de 1974, com Pakize Kutlu, editora da seção de arte e cultura do jornal *Yeni Ortam* (Novo Ambiente).

Diagnosticado com um tumor cerebral, vai à Inglaterra para tratamento e retorna à Turquia após saber que o tumor era irreversível. Após sua morte, é enterrado no Cemitério de Edirnekapi, fileira M-4 no bairro de Fatih, Istambul.

O seu gosto pela literatura começou com romances que tomava emprestado. Iniciando com Pitigrilli, deu continuidade com autores como Oscar Wilde, Gorki, Dostoiévsky e Stendhal. Sua área de interesse também compreendeu autores como Franz Kafka, James Joyce, Pierre Choderlos de Laclos, George Eliot, Henry James, Joseph Conrad, Emily Brontë, Günter Grass e Vladimir Nabokov. Dos autores turcos gostava de ler Sabahattin Ali e Yusuf Atılgan⁵.

No fim da década de 50 e início da década de 60, começou a ter grande interesse pelo cinema. Entre os anos de 1958-1959 trabalhou no editorial da revista semanal publicada pelo ex-deputado do partido CHP (partido do povo republicano) Cemil Sait Barlas, tendo escrito diversas matérias. Ele mesmo cogitou publicar um jornal marxista chamado *Olaylar* "Incidentes", mas não logrou fazê-lo. Entre 1969 e 1972 trabalhou como último leitor para a Enciclopédia *Meydan-Larousse Lugat ve Ansiklopedisi*.

⁴ (Istanbul: İDMMA Akşam İnşaat Bölümü Öğrenci Örgütü).

⁵ Este último merece atenção especial, pois é um autor de destaque na literatura turca moderna e ficou conhecido por tratar do tema da alienação. Um exemplo icônico é seu romance *Anayurt Oteli* o qual põe em foco os efeitos alienantes do Estado secular. Nessa obra, Atılgan trata da alienação patológica de um anti-herói, Zebercet, um funcionário de um hotel de uma cidadezinha da Anatólia. Zebercet, um ser destituído de emoções, é definido por sua roupa, seu emprego, sua rotina, sua necessidade diária de comida, sono e sexo. Em certo momento ele estupra a faxineira do hotel. Os hóspedes do hotel, por sua vez, também são definidos em relação às suas ocupações: um militar, um professor e vendedores de gado. A visita de uma mulher um dia vem a causar um colapso na vida de Zebercet, que passa a nutrir fantasias para com a mulher, e vem a assassinar a faxineira para, então, no fim, cometer suicídio. Assim como Turgut, a única saída para Zebercet é o suicídio, como um ato de abnegação o que, aliás, é um tropo recorrente na literatura turca. Cf. Gökner, 2013, p. 181.

Atay era um versátil intelectual modernista que tratava em suas obras da mentalidade burguesa em contraposição aos problemas do ser humano. Suas abrangentes áreas de interesse iam desde as ciências à literatura, da arte à linguagem, da filosofia à psicologia. Estando em meio a duas civilizações, a oriental e a ocidental, ele se dedicou a ultrapassar as fronteiras do romance turco ao tratar dos problemas ideacionais e espirituais do intelectual do período republicano, o qual vivia uma busca de identidade e crise cultural. Para Atay, a originalidade do romance está em suas particularidades, em seus detalhes. Ele acreditava que as coisas estavam escondidas em seus detalhes.

Seu primeiro romance, e o qual o presente trabalho focaliza, o *Tutunamayanlar*, é composto de três planos, a narrativa do livro, a história de Turgut e a história de Selim. Tal obra trata de observações da sociedade turca pós 30 (e, portanto, início do período republicano) até adentrar a década de 60, com críticas direcionadas ao modo de vida dos intelectuais e às instituições sociais, em tudo isso utilizando a técnica do diálogo interno (*alintılanan iç konuşma*).

Em vez de utilizar somente um método de narração específico, faz uso de sátira, de diferentes conotações e do diálogo interno. Este, por sua vez, era uma novidade na literatura turca de então e, do ponto de vista da técnica narrativa, *Tutunamayanlar* pode ser considerado um divisor de águas na literatura turca. Um dos personagens da obra, Olric, aparece como um *alter ego* de Turgut Özben. Seu próprio sobrenome carrega traços dessa identificação, pois *öz* significa em turco "próprio" e *ben* "eu", ou seja "o próprio eu"⁶. Quando quer que se encontre em apuros, Turgut conversa com Olric, apoia-se nele. Pode-se também afirmar que nesse caso Atay também se beneficiou da ciência da psicanálise (que é, incidentalmente, uma ciência relativamente recente, especialmente se comparada a outros países ocidentais). Inovador,

⁶ Assim como afirma Epstein, 2012, p. 68-9, "[n]ames are not arbitrary in fiction, because writers have particular reasons motivating the meaning behind a particular name [...] [n]ames, as with any other part of a novel, both help create the story and are created by it". No caso do *Tutunamayanlar*, os protagonistas possuem nomes que são autoexplicativos: Selim Işık, cujo sobrenome quer dizer "luz", e Turgut Özben, que significa, como já mencionado, "o próprio ou verdadeiro eu". Em outros casos, os significados não são tão explícitos, como no caso do nome do personagem *Zebercet* (um vocábulo, incidentalmente, de origem árabe < زبرد زabar3ad) de *Anayurt Oteli* que, conforme nos lembra Gökner, significa "crisólita", ou seja, pode ser interpretado como a petrificação do Islã (assim como do sagrado), visto que o verde, a cor do minério em questão, é a cor que simboliza o Islã. A esse respeito, diz Epstein, 2012, p. 69, que "[r]ather than randomly choosing names for their characters, authors purposely pick names (or feel that certain names are required by the story or the characters) in order to fulfill certain functions, although the reader may not always recognize this". Interessante nesse sentido lembrar que Turgut "Verdadeiro Eu" está em busca de (Selim) "Luz", ou seja, uma busca mística (alegoria essa comum em obras sufistas) tal qual a de Osman, o qual busca a "luz" do livro. Cf. Gökner, 2013, p. 205.

encontramos em *Tutunamayanlar* quase todos os gêneros discursivos, entre os quais há sátira, imitação, paródia, pastiche, ridicularização como técnica de alienação.

Na sua obra encontram-se algumas alusões a várias obras, entre elas *Ulysses* e *Retrato do Artista quando Jovem* de Joyce, *Pale Fire* e a *Vida Real de Sebastian Knight* de Nabokov e *Oblomov* de Goncharov. Segundo a Enciclopédia *Tanzimat'tan Bugüne Edebiyatçılar Ansiklopedisi* (2010, p. 143), Atay não imita tais autores, apenas se inspira neles, desenvolvendo suas próprias técnicas⁷. Seguindo a mesma linha de pensamento, o renomado crítico literário turco Berna Moran (2002, p. 272) afirma que de fato há traços de Joyce, Nabokov, Dostoievsky no método de narrativa do autor, e também destaca que não se trata de uma imitação cega, pois Atay somente se inspirou neles e desenvolveu seus próprios métodos de narrativa.

Em sua tese de doutoramento sobre os intelectuais em Oğuz Atay (*Der Intellektuelle bei Oğuz Atay*), a pesquisadora alemã Tatjana Seyppel⁸ conduz um detalhado e elucidativo estudo a respeito da imitação e adaptação de Atay em relação a outras obras de literatura mundial. Segundo a autora (p. 38), das obras que Atay menciona em *Tutunamayanlar*, com a exceção de somente uma, todas as outras haviam sido traduzidas e publicadas na Turquia até 1969, de acordo com a Bibliografia Nacional da Turquia (*Türkiye Bibliografyası*), e eram bastante conhecidas do público leitor turco. As obras de Kafka, por exemplo, tais como "A colônia penal" (*In der Strafkolonie*, 1914) e "A metamorfose" (*Die Verwandlung*, 1915) haviam sido publicadas em 1955, sendo suas outras obras publicadas sucessivamente. A obra de Tolstói "A morte de Ivan Ilitch" apareceu em 1945, Oblomov de Gontcharov em dois volumes, respectivamente em 1945-46. Em 1964 foram publicados *Laughter in the Dark* e *Lolita* de Nabokov. *Pale Fire* (publicado sob o título "Fogo Pálido", em português), também de Nabokov, por seu turno, não havia sido traduzido para o turco, ou seja, Atay só pode ter lido tal obra no original inglês (Seyppel, p. 38)⁹. Essa obra merece mais destaque dentre as suas outras influências, pois há uma

⁷ Cf. também Seyppel, 1991, p. 39-52, na qual pesquisadora analisa e compara trechos do livro de Atay com os autores que ele supostamente imitou, encontrando muitas analogias entre eles.

⁸ Publicado em 1991 como livro sob o título *Der Intellektuelle bei Oğuz Atay: Dargestellt an dem Roman "Die Haltlosen"* (O intelectual segundo Oğuz Atay e sua representação em "Os Perdedores") e que fora traduzido para o turco e publicado como *Oğuz Atay'ın Dünyası* (O mundo de Oğuz Atay) em 2007 pela editora İletişim.

⁹ A tradutora do *Tutunamayanlar* para o holandês, Hanneke van der Heijden também nos lembra que *Ulysses* de James Joyce só foi traduzido para o turco em 1992, assim como o próprio *Pale Fire* de Nabokov, ou seja, foi publicado somente na década de 90. Cf. <http://www.literatuuruitturkije.nl/english/language-is-the-mirror-of-our-lives-oguz-atays-novel-tutunamayanlar-and-its-dutch-translation/>.

conspícua imitação dela em *Tutunamayanlar*¹⁰. Ainda segundo Tatjana, não se trata de uma imitação ingênua propulsionada por admiração. Contudo, pelo fato de *Pale Fire* não ter sido publicado à época, e portanto não ser conhecido do público leitor turco, o efeito de reconhecimento (*Wiedererkennungseffekt*), sem dúvida importante para a apreciação da obra, se perdeu para o leitor turco da época.

Em seu segundo romance, *Tehlikeli Oyunlar*, em vários aspectos semelhante ao tema do seu primeiro, conta a história de um intelectual que não consegue acompanhar o sistema e que, com um grande sentimento de angústia, comete suicídio. A razão da morte do personagem é que ele não conseguiu conectar o mundo real ao imaginário.

Seu último romance foi *Bir bilim adamının romanı* (romance de um cientista), que narra a vida do reitor da Universidade Técnica de Istambul, o Professor Mustafa İnan. Nesse romance, basicamente uma biografia do cientista citado, ele expressa sua admiração por um cientista intelectual como o Prof. İnan, um homem que incorporou as civilizações do ocidente e do oriente, e que se interessou por diversas áreas, desde a matemática até a literatura (tal como o próprio Atay o fez). Nesse livro, apresenta em sua narrativa em terceira pessoa uma técnica que se aproxima ao *Bildungsroman*, incorporando monólogo interior e fluxo de consciência. Por outro lado, o romance trata do fato de que a sociedade não valoriza o humano. Mustafa İnan é a pessoa exemplar para Atay: com seu lado científico, ele é ocidental, mas com seu estilo de vida e amor é oriental, sendo assim, é um dos raros indivíduos que conseguiu se dar bem na vida, em relação aos seus outros personagens.

Ele também escreveu uma peça de teatro, *Oyunlarla yaşanyanlar*, a qual foi encenada postumamente em 1979/1980, aparecendo como livro em 1985. Ele teve contos publicados nas revistas *Yeni Dergi* e *Soyut*, um dos quais, o *Demiryolu Hikayecileri – bir rüya*¹¹ (os contistas da ferrovia – um sonho), foi publicado na antologia de Füsün Akatlı (1982). Ademais, a editora İletişim publicou seu diário (*Günlük*, 1987) escrito entre 25 de abril de 1970 e 26 de janeiro de 1977, e um conto mais longo, o *Eylembilim* (metodologia), embora não terminado em vida, e publicado postumamente em 1998. Alguns anos antes de sua morte, Atay começou a escrever a

¹⁰ "zweifellos bis in Details imitiert", ou imitada até nos detalhes, segundo as palavras de Seyppel, p. 38.

¹¹ Há uma tradução para o inglês deste conto por Idil Aydoğan e Amy Spangler, cujo título é "Railway Storytellers" publicado em *Aeolian Visions, Versions: Modern Classics and New Writing from Turkey*. West Sussex: Milet, 2013, p. 151-160.

trilogia *Türkiye'nin Ruhu* (Alma da Turquia), a qual teria, respectivamente, os seguintes títulos: *İnsan – Devlet- - Toplum* (Ser humano – Governo – Sociedade).

2.1. O *Tutunamayanlar*

Seu primeiro romance, o *Tutunamayanlar*, é composto de três planos: a narrativa do livro, a história de Turgut e a história de Selim. Tal obra trata de observações da sociedade turca pós 30 (e, portanto, início do período republicano) até adentrar a década de 60, trazendo críticas ao modo de vida dos intelectuais e às instituições sociais.

Trata-se de uma obra longa, modernista, com mais de setecentas páginas, além de ser um verdadeiro compêndio enciclopédico concernente a atitudes do povo turco, repleta de ironia, paródia, humor negro e um uso inovador da linguagem, com trechos em vários gêneros, tais como entradas de enciclopédia, cartas, um longo poema de seiscentas linhas com comentários, uma carta, diários e um capítulo de setenta páginas em que não há uma única vírgula ou ponto final¹².

2.2. Sinopse da obra

Numa manhã da segunda metade do século XX, "numa localização a nordeste da cidade grande, entre os pontos com latitude de quarenta e um graus, zero zero minutos e um segundo a norte, uma longitude de vinte e nove graus e doze minutos a leste e vinte e nove graus e vinte minutos e um segundo a leste", Turgut Özben acorda e lê a respeito da morte de Selim Işık no jornal.

Os amigos Selim Işık e Turgut Özben, colegas de universidade enquanto estudavam engenharia civil, se afastaram involuntariamente após o casamento de Turgut. Embora tivessem prometido nunca se render aos costumes de uma vida burguesa e se dobrar às expectativas da

¹² Esta obra é, *mutatis mutandis*, bastante análoga a *Cobra*, do escritor cubano Severo Sarduy (1937-1993), a qual Suzanne Jill Levine (p. 37) descreve assim: "*Cobra* could be described as a Frankensteinian tapestry, composed of many languages, of the 'leftovers' of texts, from Góngora to the *Michelin Guide*, from Cuban slang to French post-structuralist jargon".

sociedade, Turgut, que trabalha num escritório de engenharia, agora se encontra casado, com duas filhas.

Após a morte de seu companheiro, Turgut começa a ponderar sobre sua própria vida e sua posição nela. Ao recordar seu amigo e os dias que passaram juntos, as conversas e discussões que tiveram, conclui que nunca chegou a conhecer verdadeiramente Selim. Tal fato o impulsiona a investigar¹³ quem ele era e o que o levava a se matar. Para esse fim, procura pessoas próximas a ele, e que Turgut não conhecia, pois Selim não lhe apresentava seus amigos a ele. Turgut visita a mãe de Selim e encontra a diversidade de textos que Selim escreveu e deixou para trás, conhece seus amigos Süleyman Kargı, Metin e Esat e sua irmã Aysel, e também estabelece contato com sua ex-namorada, Günseli. E é então que um novo Selim surge a partir de cada história que ouve a respeito dele.

Assim, Turgut vai se alienando de sua vida e rotina à medida que adentra o mundo de Selim. Por fim, Turgut, para ler os diários de Selim que Günseli lhe havia dado, parte para uma viagem de trem¹⁴, sabendo que não terá volta. Entram no trem, Turgut e Olric, a voz interior que passa a acompanhá-lo durante tal jornada, e com a qual trava constante diálogo. Eles atravessam o país, descem numa estação distante e desaparecem na multidão.

3. A transparência e a opacidade das palavras

Para entendermos melhor a técnica de dobretes usada pelo autor Oğuz Atay, faz-se necessária uma explicação sobre uma oposição introduzida por Saussure, a saber, de transparência semântica. Segundo o linguista norte-americano Allan Kaye, em artigo em

¹³ Cf. a influência disso em Pamuk, o qual nutria grande admiração por Atay.

¹⁴ Cf. o recorrente *leitmotiv* do trem em outras obras da literatura turca, tal como *Memleketimden İnsan Manzaraları* de Nâzım Hikmet. A propósito de influências literárias, podemos citar o tom paródico, os trocadilhos do *Livro Negro* de Pamuk como bastante análogos aos do *Tutunamayanlar*. Ademais, o romance *Neve*, de Pamuk, compartilha uma estrutura bastante semelhante à da obra do Atay, ou seja, ambas as novelas possuem personagens-autores que reconstroem as vidas de amigos bastante achegados os quais haviam morrido em circunstâncias infelizes, de assassinato e de suicídio, respectivamente. Ademais, um outro grande autor da literatura turca, desta vez um poeta, deixou sua marca em *Tutunamayanlar*: numa paródia da enciclopédia "iluminista" representada pelo personagem Işık ("luz") e em analogia (contrária) ao projeto incompleto de Nâzım Hikmet de compilar uma "Enciclopédia dos Famosos" (que na verdade eram trabalhadores, pessoas comuns que, ao ver de Hikmet, eram os verdadeiros heróis da sociedade e que mereciam louvor), esse personagem compila uma enciclopédia, a enciclopédia dos perdedores. Atay também articula sua enciclopédia em oposição à Enciclopédia dos turcos famosos (*Türk Meşhurlar Ansiklopedisi*) publicada em 1946 por İbrahim Alaettin Gövsa, um escritor e modernizador republicano. Cf. Gökner, 2013, p. 205-6.

intitulado "Transparência semântica e marcação de número em árabe e outras línguas"¹⁵, tal assunto não foi o suficientemente discutido na literatura, pois "não há [...] uma vasta literatura sobre transparência semântica" (p. 35-36). Bauer (1983, p. 19 apud Kaye, p.36) oferece a seguinte definição de transparência semântica "um lexema é dito ser 'transparente' se for claramente analisável em seus morfes constituintes, e o conhecimento dos morfes envolvidos é suficiente para permitir que o falante-ouvinte interprete o lexema quando for encontrado em contexto". Ele cita como exemplos a palavra inglesa *coverage* "cobertura" e *postage* como sendo transparentes, enquanto *carriage* não o é, ou seja, é opaca. Ele também cita *airmail* "correio aéreo" como sendo transparente, ao passo que *blackmail* "chantagem", não o é, sendo, portanto, opaca. No entanto, Kaye oferece uma explicação incompleta da palavra, dizendo que *black* é relacionado com ideias "negativas e sinistras" de palavras como *blackball* "ostracizar", *blacklist* "lista negra", *black magic* "magia negra", *Black Death* "Peste Negra", ou seja, a palavra em questão não seria considerada sincronicamente transparente, pois não há relação aparente entre *black* "negro" e *mail* "correspondência". Deve-se, nesse caso, fazer um estudo diacrônico da palavra para investigar seu étimo, que é derivado do inglês médio *male*, *maille* < inglês antigo *māl* "contrato, pagamento" < nórdico antigo *māl* "fala; contrato", ou seja, trata-se de um falso cognato de *mail* "correspondência", que provém do inglês médio *male* < franco-inglês < germânico.

Bauer, em outra publicação (1988, p. 189 apud Kaye, p. 37), afirma que há uma relação inversa entre o significado e a forma de uma palavra, ou seja, quanto mais obscurecida for tal relação, mais opaca será a palavra. Kaye, por seu turno, analisa a questão da interpretação da transparência das palavras num idioma sob um outro ângulo, ao afirmar que a transparência facilita o aprendizado da palavra por reduzir sua dificuldade, ou seja, a sua opacidade. Embora não tenha especificado se se referia à aprendizagem de uma nova língua por alguém ou à interpretação de um novo vocábulo (neologismo ou não) na mesma língua do falante, estamos de acordo com sua opinião. Ademais, ao discutir sobre a transparência da palavra para oftalmologista em inglês, a saber, *eye doctor* "médico dos olhos"¹⁶, afirma que se trata de um

¹⁵ Kaye, Alan S. "Transparência semântica e marcação de número em árabe e outras línguas". In: *Tiraz*. São Paulo: Humanitas, 2004, p. 30-67.

¹⁶ Curioso observar que nesse sentido o português é menos transparente do que o inglês ou o turco, este expressando tal conceito através do sintagma *göz doktoru/göz hekimi* (embora esta, do árabe *ḥakīm*, haja sido substituída pela palavra latinizante *doktor* ao se referir às áreas da medicina; *hekim* somente é usada para nomear

sintagma de fácil compreensão, ao passo que a própria palavra oftalmologista é semanticamente opaca, pois suas partes não são instantaneamente reconhecíveis, se descontarmos, claro, o fato de o falante não saber grego clássico, do qual provém tal vocábulo, e não saber o seu étimo¹⁷ (ibid., p. 37).

Deve-se ressaltar, como lembra o semanticista Ullmann (1962, p. 105), que a transparência caracteristicamente muda uma de língua para outra e, mesmo numa mesma, muda de período a outro: *"In the history of the same language, there may be a movement from motivation to conventionality or vice versa, and the balance of the two elements may be considerably altered in the course of time."*

Ele cita o francês como sendo mais opaco que o latim, com base nos exemplos da palavra latina *fabrica*, derivada de *faber* "forger", a qual, por evolução fonética, resultou na palavra francesa *forge*, e da palavra *magister*, derivada de *magis* "mais", que se tornou uma palavra puramente convencional, ou opaca, a saber, *maître*.

Ullmann, por seu turno, faz uma comparação da transparência de três línguas, a saber, alemão, inglês e francês, e, afirmando que o alemão é uma língua mais transparente do que as outras duas, conclui que as línguas possuem preferências¹⁸ quanto à formação de palavras novas: o alemão em geral preferindo explorar os recursos de seu próprio inventário linguístico, ao passo que os falantes do inglês e o francês, segundo ele, não podem, ou simplesmente não querem derivar palavras de seus próprios recursos, geralmente recorrendo a um termo híbrido greco-latino. Tal padrão pode ser visto em vários pares híbridos em que uma palavra comum corresponde a um derivado culto (p. 108):

Alemão

inglês

francês

a profissão de médico) "médico dos olhos". Por outro lado, há o equivalente coloquial de *oftalmologista*, a saber, *oculista*, o qual é bem mais transparente do que aquele.

¹⁷ Interessante registrar a experiência de Mário Eduardo Viaro a esse respeito (2013, p. 3): "[...] em sala de aula, poucas coisas trazem mais satisfação e motivação ao aluno quanto o momento em que ele entende que, por um único radical latino ou grego, dezenas ou até centenas de palavras são explicáveis."

¹⁸ A questão da preferência, embora sob um diferente ângulo, pois se trata de decisões feitas por indivíduos, e não pela comunidade linguística como um todo, está intimamente ligada ao purismo linguístico, como bem afirma Thomas (p. 40): *"Clearly, purism is intimately concerned in pronouncing taboos on certain words and in stating individual preferences and seeking to manipulate the linguistic choices of others"*.

Gesetz - gesetzlich	law-legal	loi - légal
Kirche - kirchlich	church-ecclesiastical	église - ecclésiastique
Bischof - bischöflich	bishop - episcopal	évêque - épiscopal
Stadt - städtisch	town - urban	ville- urbain
Mund - mündlich	mouth - oral	bouche - oral
Sprache - sprachlich	language - linguistic	langue - linguistique

Um exemplo ilustrativo de uma mesma comunidade linguística mudar de preferência na formação de neologismos é o inglês que, durante o seu período arcaico, costumava cunhar neologismos, por exemplo, para termos da nova religião cristã adotada, usando palavras herdadas de seu próprio inventário lexical. Isso é descrito de maneira bastante detalhada por Jespersen (1955, p. 45), o qual afirma que, além do recurso da derivação usando material herdado, o decalque de vocábulos do grego ou latim também foi um processo bastante difundido. Cite-se o decalque *gospel*, derivado de *godspel* "boas novas", que é modelado na palavra grega *εὐαγγέλιον* *euaggélion* mas que, com a mudança fonética, passou a ser interpretada como sendo a *spell*¹⁹, ou palavra" de *God*, Deus, resultando na moderna *gospel*. Duas outras palavras que resultam da formação de decalques são *heathen* "pagão", a qual provavelmente deriva de *hæþ* "urzal", modelada na palavra latina *paganus* < *pagus* "uma região do campo". Em outros casos, há formações que demonstram, sob análise, uma verdadeira façanha criativa, o que indica que, segundo Jespersen, seus criadores nunca tiveram contato com seus equivalentes em grego ou latim²⁰: a palavra *boceras* < *bōc* "livro" era usada para designar os escribas e os fariseus, ao passo que ao norte da Inglaterra os fariseus eram chamados de *ælerwas* "professores da Lei" ou *ældo* "anciões". O patriarca era chamado de *heahfæder* "pai-alto" ou *ealdfæder* "pai velho"; os três magos eram chamados de *tungolwitegan* < *tungol* "estrela" e *witega* "sábio". Para expressar "capelão" havia *handpreost* ou *hiredpreost* "padre da família". Para eremita usava-se *ansetla* e *westensetla* "assentador solitário" e "assentador do deserto". "Arte mágica" era designada por

¹⁹ O *A Concise Anglo-Saxon Dictionary* de J. R. Clark Hall, 4th. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1960, inclui o verbete *spell* como significando "narrative, history, story, fable", "speech, discourse, homily", "message, news: statement, observation".

²⁰ "In most cases we have no such literal rendering of a foreign term, but excellent words devised exactly as if the framers of them had never heard of any foreign expression for the same conception - as, perhaps, indeed, in some instances they had not". (p. 46).

scincraeft "arte dos fantasmas", raiz que derivou palavras como *scingraeftiga* ou *scinlæca* "mágico", *scinnere* "fantasma" e *scinlac* "superstição". Encontramos várias palavras para designar "discípulo" de Cristo (além da que, à época do inglês antigo também usada *discipul*, e a única a sobreviver no inglês moderno), a saber, *cniht*, *folgere*, *gingra*, *hieremon*, *læringman*, *leornere*, *leorning-cniht*, *leorning-man*, *underþeodda*, *þegn*.

A preferência das diferentes comunidades linguísticas e sua mudança ao longo do tempo pode ser mais bem observada na tabela proposta por Coulmas (1989, p. 16), usando palavras que entraram mais recentemente nas línguas:

grego	Italiano	Inglês	Alemão	Japonês	chinês
μάλαμα	oro	gold	Gold	Kin	jīn
ὀξυγόνον	ossigeno	oxygen	Sauerstoff	Sanso	yang
οὐράνιον	uranio	uranium	Uran	Uran	Yóu
σαμάριον	samario	samarium	Samarium	Samarium	shān

Segundo o autor, há interessantes conclusões que podem ser tiradas com a análise dessa tabela. Ele associa a funcionalidade dos materiais na vida cotidiana com a respectiva reação da comunidade linguística, ou seja, o ouro, por exemplo, por ser encontrado em forma natural na natureza, possui formas herdadas em todas as línguas. Para elementos como o hidrogênio e o oxigênio, associados com substâncias ou reações que são perceptíveis ou de suma importância na vida cotidiana, recorre-se à cunhagem de morfemas endógenos para sua formação, como no caso do alemão *Sauerstoff*, um composto formado de *sauer* "azedo" + *Stoff* "substância" e o japonês *sanso*, um decalque do alemão *san* "ácido" + *so* "simples". Curiosamente o turco segue o mesmo padrão, sendo a palavra para ouro herdada, *altın* (variante, *altun* < turco antigo *altun*, cf. Tietze, p. 159), ao passo que as demais são meramente adequadas ao sistema fonológico do turco, todas oriundas do francês: *oksijen*, *uranyum* e *samaryum*, respectivamente.

Citando novamente Jespersen no que tange à mudança de estratégia de formação e derivação de palavras nessa língua (p. 47):

[it] shows the gulf between the old system of nomenclature, where everything was native and, therefore, easily understood by even the most uneducated, and the modern system, where with few exceptions classical

roots serve to express even simple ideas; observe how gospel has been retained, the easy secondary words derived from it have given way to learned formations. Nor was it only religious terms that were devised in this way; for Christianity brought with it some acquaintance with the higher intellectual achievements in other domains [...]

E Jespersen continua com exemplos do tipo *læce-cræft* (em inglês moderno seria *leechcraft* "ciência do sanguessuga) para "medicina", *tungol-æ* "lei da estrela" para "astronomia", *efnniht* "equinócio", *sun-stede* e *sun-ghite* para "solstício", *sunfolgend* para "heliotrópio", *foresetnes* para "preposição", dentre outras.

A língua inglesa certamente não é conhecida por seu purismo ou movimentos puristas ao longo de sua história. A partir do inglês médio, a língua passou a ser, com o influxo de palavras do francês e das línguas clássicas, híbrida, mais opaca e seus recursos nativos foram deixados de lado. De tempos em tempos, contudo, tentativas isoladas (pois não há uma academia de letras da língua inglesa para seu cultivo e controle). Ullmann (p. 111) cita Sir John Cheke, que tentou substituir a palavra latinizante *lunatic* por *moonied* (decalque), *publican* por *toller*, *prophet* por *foresayer*²¹, e três séculos depois o poeta e filólogo de Dorset William Barnes - do qual falaremos mais detidamente adiante - sugeriu *sky-sill* para horizonte, *folkwain* para *omnibus*, *hearsomeness* para *obedience*. Em alguns casos, contudo, por razões que fogem ao domínio dos linguistas explicar, algumas dessas criações caíram no gosto popular e ganharam um espaço no universo do inventário lexical da língua inglesa, tais como *foreword*²² e até internacional *folklore*, formadas em meados do século XIX, além de *handbook*, que já existia em inglês

²¹ Interessante notar que, como afirma Geers (p. 101), nenhuma das cunhagens de Cheke chegou a penetrar na língua padrão.

²² Provavelmente modelada na palavra alemã *Vorwort*, com o mesmo significado, conforme o OED (vol. 4, p. 447) mesmo sugere em sua etimologia ["Cf. *Ger. vorwort*"]. Não é por acaso que palavras relacionadas ao mundo dos livros sejam alvo de reações puristas, como esta, do inglês, a do turco testemunham: *önsöz*, composta do agora produtivo prefixo, mas também adjetivo *ön* "diante, dianteiro" + *söz* "palavra", ou seja, "palavra(s) dianteira(s), introdutórias". Esta logrou substituir por completo a palavra otomana *mukaddime* (< árabe مقدمة *muqaddima(t)* "prefácio"), ao contrário do inglês, em que ambas subsistem na língua, embora, claro, em colocações distintas. Uma exceção seria a curiosa obra *Türkçenin İstilah mes'lesi ve ideolojik kaynaklı sapmalar: ('Öztürkçe' dayatmasıyle Fransızcaştırılan resmî dil)* (a questão dos termos técnicos em turco e desvios de origem ideológica: a língua oficial afrancesada com a imposição do turco puro) de Ş. Alparslan Yasa a qual, embora trate do purismo no turco, é bastante antipurista, e utiliza a palavra *mukaddime* (p. 11), entre muitas outras hoje obsoletas ou mesmo substituídas. A postura antipurista é, incidentalmente, uma das 7 categorias da taxonomia de orientações puristas sugerida por George Thomas (pp. 75-81), a qual diz que ela é "*a puristic reaction to a manifestation of purism; that is to say it is directed at the results - positive or negative - of puristic intervention*". Cf. também a sugestão de William Barnes (1878, p. iii): *Fore-say*.

antigo²³ e que foi subsequentemente substituída por *manual*, mas reintroduzida com base na palavra alemã *Handbuch*.

Percebe-se que os movimentos puristas têm dois objetivos principais, a saber, desfazer-se de elementos (às vezes supostamente, ou sentidos como tal²⁴) alógenos, e substituí-los por elementos formados de elementos herdadas. Em muitos casos não são especialistas em linguagem que tomam as rédeas de uma planificação linguística, mas sim escritores, jornalistas, ou até mesmo leigos, porém amantes de línguas²⁵. Através de um processo de germanização da língua alemã, pode-se afirmar que, tal como o turco²⁶, seu inventário lexical difere bastante do de

²³ Cf. o verbete *handbōc*: '*handbook*,' *manual* no *A Concise Anglo-Saxon Dictionary*, p. 168. Curiosa a história desta palavra em que há rede interrelacionada de decalques; o *Oxford English Dictionary*, Oxford: Oxford University Press, 1933, vol. 5, p. 60, afirma que a já aludida palavra do inglês antigo *handbōc* era "*a rendering of L. manualis and Gr.-L. enchiridion. But the current word was introduced after Ger. handbuch in 19th c.*", ou seja, uma palavra que já era um decalque do latim em inglês antigo provavelmente caiu em desuso com o seu significado original, ou seja, "*a small book or treatise, such as may conveniently be held in the hand*" no séc. XVI (se formos nos basear nas atestações do OED), passando a reviver na língua novamente a partir do séc. XIX com base em outro decalque, desta vez do alemão *Handbuch*. Cd. Também Durkin, p. 26.

²⁴ Como nos lembra Thomas (p. 12) "Purism is the manifestation of a desire [...] to preserve a language from, or rid it of, putative foreign elements or other elements held to be undesirable [...]". E como exemplos de palavras como *Tugend* "virtude", no alemão, que o filósofo alemão Karl Christian Friedrich Krause (1781-1832) (Kirkness, p. 233) pretendeu substituir (talvez pela falta de motivação, ou seja, transparência?) pelo neologismo *Wesenlebheit* (???). Na verdade aquela é de pura origem germânica, como atesta o dicionário etimológico do alemão *Kluge Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, 24ª. ed., Berlim: Walter de Gruyter, 2002, p. 934, sob o verbete *Tugend*, que é antiga na língua (séc. IX) e que provém do alto alemão médio *tugent* < antigo alemão alto *tugund(i)*, *tuged* < germânico comum **dugunþi*.

²⁵ Lewis (1999, p. 144) quando afirma que "[i]t cannot be too often remarked that many of the creators of new words were salaried employees of TDK [Academia Turca de Letras], the others being enthusiastic amateurs. Very few in either group were experts on the language. Consequently, many of the neologisms were not based on Turkish roots and Turkish suffixes." Ou seja, segundo Lewis, eles não faziam jus ao nome que levavam, ou seja, de puristas, pois cunharam muitos neologismos de raízes híbridas, ou seja, que não eram totalmente puras. O que Lewis não menciona é que os puristas turcos visavam eliminar, ou melhor substituir os vocábulos que eram oriundos do árabe, muitas vezes via persa, e que os meios para tal fim não importavam, contanto que tais palavras fossem substituídas. O fato de que muitos decalques baseados no francês e no alemão fossem aceitos por eles é um indicativo do que Thomas afirmou, ou seja, que em alguns tipos de purismo a inteligibilidade é somente uma escusa para se buscar maior coesão e solidariedade entre os falantes de uma determinada comunidade linguística em detrimento de outra, ou seja, línguas do oriente médio eram repudiadas, ao passo que línguas das civilizações da Europa eram aceitas. Cf. também a afirmação de Spolsky (p. 69) que, se refira ao *status* de uma língua, pode muito bem, a nosso ver, se aplicar ao planejamento de *corpus*: "*Language-status policy is by its very nature a political activity. Linguists are sometimes consulted, but decisions are made by government [...]*".

²⁶ O que une os dois tipos de purismo, a saber, no alemão e no inglês é basicamente a identidade nacional. No caso turco, com a derrocada do Império Otomano, a atenção se voltou à nacionalidade turca em oposição à otomana, havendo daí em diante uma nação pequena, em relação ao antigo Império, e linguisticamente homogênea. À medida que a língua ia se tornando um assunto cada vez mais essencial como definidora da identidade linguística, a reforma linguística foi se tornando mais intimamente ligada à identidade nacional. Já no caso da Alemanha, houve a criação da *Allgemeiner Deutscher Sprachverein* em 1885, cujos objetivos eram eliminar da língua alemã as influências estrangeiras e estimular uma consciência nacional no povo alemão através da língua. É interessante notar que tal sociedade não focalizava somente assuntos linguísticos, como também o sentimento cultural e

outras línguas europeias, como o inglês, o francês, o italiano e o espanhol, para citar somente algumas. Tal processo, ao contrário do que ocorreu na língua turca, deu-se de forma gradativa e ao longo de muitos anos, principalmente nos séculos XVI e XVII. Interessante a esse respeito citar o que Kindaichi, um estudioso japonês, afirma sobre a situação linguística da língua alemã entre esses dois séculos (1957, p. 224, apud Coulmas, 1989, p. 183):

On the one hand, a language is a natural development, but on the other, something created. Even German, which is said to be a model of systematic language, is a creation of the German people over a period of several generations. We who are living at the present time cannot help feeling a heavy responsibility for the future of the Japanese language.

Foi através dos esforços de puristas como Schottel, Hardsdörffer e von Zesen²⁷, e particularmente Joachim Heinrich Campe (1746-1818), o mais prolífico purista da história da Alemanha²⁸, que muitas palavras comuns ao inventário comum das línguas europeias se perderam em detrimento de cunhagens germânicas. Foi nesse período que palavras tão arraigadas na língua como *Augenblick*²⁹ (*Moment*), *Verfasser* (*Autor*), *Mundart* (*Dialekt*), *Wörterbuch* (*Lexikon*)³⁰, *Trauerspiel* (*Tragödie*), *Hochschule* (*Universität*) foram criadas. Apesar de

nacionalista, e havia a impressão de que a cultura alemã estava sob ameaça de influências estrangeiras, em particular da francesa. Cf. Cüceoğlu & Slobin, p. 299-300, Johnson & Braber, 2008, p. 42.

²⁷ Cf. o interessante trabalho de Anna Žaková intitulado *Neologismen in Zesens Übersetzung von Comenius' Vestibulum Rerum et Linguarum*, Masaryk-Universität Brno, Philosophische Fakultät, Brno, 2010, ou seja, "Os neologismos na tradução feita por Zesen de *Vestibulum Rerum et Linguarum* de Comenius".

²⁸ Sem mencionar gramáticos como J. Bödiker (1690), J. Ch. Gottsched (1748) e J. C. Adelung (1774), bem como poetas como Klostock, Herder entre outros, que utilizaram a língua alemã para escritos mais formais para que fosse aceita pelas elites. Coulmas, 1989, p. 183; Geers, 2005, p. 105.

²⁹ Embora aqui se trate, talvez, de um neologismo semântico, pois tal composto teve uma evolução normal desde o período do alemão médio alto (1050-1350), com o significado original de *ictus oculi* "movimento dos olhos, piscada", segundo o dicionário dos irmãos Grimm (<http://woerterbuchnetz.de>) e o *Duden online* (*mittelhochdeutsch ougenblick, eigentlich: (schneller) Blick der Augen*), provém do alemão médio alto *ougenblic(k)* "movimento (rápido) dos olhos".

³⁰ Durkin (p. 153) afirma que o purismo linguístico que teve lugar no início da Alemanha moderna teve um impacto substancial (*had an actual impact*) na forma e na composição do acervo lexical do alemão. Ele aduz como explicações para isso o fato de lexemas latinizantes e oriundos das línguas românicas terem tido pouca integração até aquele período e também porque a língua teve um papel crucial na formação e definição da identidade antes da unificação da Alemanha no fim do séc. XIX. Interessante também notar o trajeto sinuoso da palavra atual *Wörterbuch* (também havia a forma *Wortbuch*, com a palavra *Wort* no singular) "dicionário", que logrou substituir com êxito os empréstimos *Lexicon* e *Nomenclator*. Durkin nos chama a atenção para o fato de que aquela se trata de um decalque do holandês *woordboek* (1599), atualmente *woordenboek* (1648). A palavra correspondente a dicionário em turco - como seria de se esperar, visto que é a área dos puristas por excelência - também sofreu reações puristas e, no auge da década purista turca, mais especificamente em 1935, a palavra *lûgat* (< árabe لغة) *luğa(t)* "língua", que, segundo Heyd (p. 80) significa "ordinary vocabulary" (em oposição a *istilah*, do árabe *iştilāh*

contrariar o propósito de seus idealizadores, ou seja, de enriquecer a língua com sinônimos, há também alguns equivalentes que não lograram ser substituídos por completo, criando assim uma situação de diferenciação na conotação ou mesmo no significado de alguns pares, tais como *Grammatik/Sprachlehre*, *Melancholie/Trübsinn*, *Karikatur/Zerrbild* (Braun, p. 164)³¹. Segundo Braun, ainda, alguns neologismos nunca conseguiram se enraizar na língua, pois continham uma exatidão pedante (*pedantic exactitude*), o que as tornava, ainda segundo o autor, risíveis (ibid. p. 164). Ele cita pares nos quais o primeiro vocábulo é o corrente e o segundo o neologismo em questão seguido de uma tradução literal:

-*Poren/Schweisslöcher* lit. "buracos de suor"

-*Pause/Zwischenstille* "silêncio intermediário"

-*Dame/Ehrenfrau* "mulher de honra"

3.1. Tentativas isoladas de criação neológica em alemão, inglês, português e turco

Pretendemos neste subcapítulo ilustrar casos de puristas e escritores que tiveram alguma influência no acervo lexical de suas respectivas línguas, embora o que mais nos interesse aqui seja o *modus operandi* de cada um, ou seja, não tanto o impacto que tiveram, mas como eles cunharam os neologismos. Com isso visamos não somente ilustrar de onde vêm alguns neologismos, como também fornecer um modelo para nos basear em possíveis cunhagens na tradução dos neologismos do *Tutunamayanlar*.

اصطلاح "termo, expressão", que foi substituída por *terim*, ou termos técnicos) embora ainda em (raro) uso, foi substituída com êxito (listada na 4ª. categoria de neologismos de Heyd, p. 104, ou seja, palavras que de certa forma substituíram seu equivalente emprestado) por *sözlük*, composta da raiz *söz* "palavra, discurso" + sufixo *-lük*. Lewis, 1999, p. 142; Nişanyan, p. 416. Obviamente, William Barnes cunhou um neologismo para tal conceito: *word-book* (Jacobs, p. 50). Seja como for, obviamente alguns campos semânticos foram mais visados pelos reformistas do que outros (visto que a língua cotidiana é bastante hermética, bastante resistente a substituições), e termos que designam a filosofia, assuntos sociopolíticos (que englobam, por exemplo, o importante - para os puristas - campo da educação, através do qual os neologismos seriam perpetuados, além da literatura e disciplinas afins), economia e literatura estética, como lembra Cüceoğlu & Slobin, p. 301.

³¹ A respeito da aceitação ou não de neologismos por parte dos falantes, Crystal (2004, p. 293) afirma o seguinte a respeito do inglês, mas que pode ser generalizado para as línguas em geral: "According to one survey, over a third of all neologisms which entered the language at that time [early modern English] are not recorded after 1700. Some of the items which didn't survive are: accersite 'summon', adnichilate 'destitute', cohibit 'restrain', concernancy, deruncinate 'weed', disaccustom, dominical 'lordly', eximious 'excellent', omittance, suppeditate 'supply'. It remains a lexicological puzzle why some words were accepted and some rejected. We do not know how to account for the linguistic 'survival of the fittest'".

Albrecht Dürer e Johannes Kepler

Pörksen (p. 128) cita um artista alemão interessante, que, segundo Lina Eckenstein³², ocupa um importante lugar na história da arte, chamado Albrecht Dürer (1471-1528), o qual publica em 1525 um livro chamado *Vnderweysung der Messung: mit dem Zirkel vn[d] Richtscheyt in Linien, Ebenen vnnd gantzen Corporen*³³ (Instrução para medições por meio de compasso e régua em linhas, níveis e formas inteiras). Tal obra foi destinada a ser um pequeno manual prático para aprendizes dispostos a aprender a desenhar e pintar com exatidão geométrica. Interessantemente, afirma Pörksen, como ele evita o uso de decalques greco-latinos, como a palavra *Durchmesser* (*durch* "através" = dia- + *messer* = -metro) "diâmetro", utilizando, em seu lugar, novas criações, ou neologismos, como *Zwerch-Linie*, composto da palavra *Zwerch*, do alemão antigo "através, do outro lado" + *Linie* "linha"³⁴. Para expressar o termo geométrico "elipse"³⁵, ele se vale da metáfora *Eier-Linie* "linha de ovos", pela semelhança a um ovo, ao passo que para expressar "parábola", ele cunha *Brenn-Linie*, uma "linha de queimar", pois um espelho parabólico pode acender fogo. A "hipérbole" (hoje é designado pelo grecismo, via latim, *Hyperbel*, tanto o termo geométrico quanto o gramatical³⁶) ele chama de *Gabel-Linie*, ou seja, "linha do garfo".

Johannes Kepler (1571-1630) também publicou um livro sobre arte da medida segundo Arquimedes. O propósito era basicamente o de calcular o conteúdo de barris e visava ser usado

³² In *Albrecht Dürer*. Londres: Duckworth, 1902, p. 1.

³³ Como afirma Price (p. 10), embora hoje praticamente seja uma obra desconhecida, ela foi considerada "o nascimento da escrita científica em alemão". Houve um esforço semelhante na Inglaterra, do qual trataremos abaixo, no século XVI, de traduzir termos científicos 'ininteligíveis' e substituí-los por termos ingleses. Cite-se como exemplo os esforços do matemático galês Robert Recorde (1510 - 1558) que publicou livros sobre aritmética e geometria (como *Grounde of Artes*, 1543, e *The Pathway to Knoledg*, em 1531, dentre outros) e criou substitutos purísticos do campo da matemática: *gemowe lynes* por *paralleles*; *stringline* por *cord*, *plumme line* por *perpendicular*, *touch lyne* por *tangent*, *cinkangle* por *pentagon*, etc. Geers, p. 101.

³⁴ Apesar de não ser uma palavra produtiva e tampouco transparente em alemão moderno, sobrevive na palavra para diafragma *Zwerchfell*. Cf. Pörksen, p. 128. Há também a palavra *Diaphragma*, oriunda do grego, via latim tardio, e que o *Duden* online mostra como tendo a mesma frequência de uso.

³⁵ Interessante citar o paralelismo que há com um trecho do *Tutunamayanlar* (p. 148): "*eliptik konumdaki (Salman 'yumurtasal' diyor 'eliptik' için*", ou seja, "na posição elíptica (Salman diz 'oval' no lugar de 'elíptico'). Trata-se aqui claramente de um jogo com a opacidade e transparência das duas palavras. A tradução de Johannes Neuner traz a dicionarizada *eiförmig* (da forma de um ovo) para tal palavra.

³⁶ Cf. também o sinônimo dado sob o verbete em questão, *Hyperbel*, no *Duden* online, a saber, *Kegelschnitt*, composto de "corte de forma".

por degustadores de vinho do governo da Áustria, sendo parte de uma tentativa de estabelecer normas suprarregionais. Mas o que mais nos importa é que ele conhecia bem a obra de Dürer, e, pode-se até afirmar que nela deve ter se inspirado, pelo menos linguisticamente, ao cunhar algumas palavras, tais como *Schnitz* (lasca, fenda) para "segmento", uma "coluna redonda" para cilindro e uma "coluna pontuda" para pirâmide³⁷. Além disso, ele cunhou a palavra *Anstreicher* para significar tangente³⁸, derivada de *streichen*, adquirindo o significado de "um leve toque", mas que hoje possui o significado de "pintor (de casas)".

Porém, parece que as duas obras não gozaram de muito prestígio no vernáculo alemão, tornando-se bastante difundidas pela Europa a partir de sua tradução para o latim por Camerarius (Pörksen, p. 128). Curioso notar também a crítica de Price (p. 11), ao dizer que a tradução praticamente salvou a obra em questão, por ter sido vertida para um "latim humanista e elegante" (*elegant humanist Latin*), escondendo, assim, as "manchas" (*blemish*) do original, por mais inventivo que este tenha sido³⁹.

Dan Michel de Northgate e seu *agenbite of inwit*

Na página 2 da Introdução de *Turkish Language Reform*, Geoffrey Lewis trata da engenharia linguística⁴⁰, ou seja, do que ele chama de campanha deliberada causada, entre outras

³⁷ Pörksen, p. 128. Este não cita as palavras no original alemão e, como não conseguimos acesso ao texto original, baseei-me no que ele cita em seu artigo em inglês. Cf também Price, p. 11.

³⁸ Que em alemão moderno é expressa pela palavra latinizante *Tangente* (< latim *tangens*, *entis*, partícipio presente do verbo *tango* "tocar (no sentido físico e moral)". Interessante neste contexto mencionar o dicionário *Verdeutschungswörterbuch für Schule und Haus* de Carl Blasendorff, Berlim: Weidmannsche, 1887 em que figura a palavra *Berührungslinie*, lit. "linha do toque" como sugestão de uso no lugar de *Tangente* (p. 75) e que, aliás, está dicionarizada no *Duden* como sinônimo de *Tangente*. Cf. o neologismo de Robert Recorde *touch lyne* por *tangent*.

³⁹ In Price, David Hotchkiss. *Albrecht Dürer's Renaissance: Humanism, Reformation and the Art of Faith*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003.

⁴⁰ Tal termo não é comum na literatura especializada, e, aparentemente, não há consenso sobre uma definição precisa. Há somente três autores em cujas obras encontrei menção a esse sintagma: um deles é Ji Fengyuan que, em seu artigo intitulado *Linguistic Engineering in Mao's China: The Case of English Language Teaching* (2004), associa a frase exclusivamente à imposição de certas mudanças na língua por parte de líderes autoritários, geralmente comunistas, como Lênin, Stalin e Mao Tsé Tung. Para eles, afirma ela, a língua e o pensamento se equivalem, portanto, ao controlar aquela, pode-se controlar o outro. Mao, por exemplo, instituiu o maior programa de engenharia linguística que o mundo presenciou. Para a autora, tal fenômeno está ligado exclusivamente à política, geralmente autoritária, pois as pessoas tinham de aprender um vocabulário novo e revolucionário para expressar pensamentos "corretos", bem à maneira da neolíngua orwelliana. Para Perry (1985, p. 295), por exemplo, que compara as reformas linguísticas perpetradas pela Turquia e pelo Irã, tal sintagma se

coisas, por razões nacionalistas, para purificar suas respectivas línguas de palavras estrangeiras e substituí-las por palavras herdadas, ou nativas. Ele então dá exemplos de línguas que sofreram tal processo, tais como o alemão, o sueco, o húngaro, o finlandês, os albaneses - podendo tal lista ser facilmente alongada. Por incrível que possa parecer (pois não há uma academia da língua inglesa análoga, por exemplo, à francesa ou à italiana *Accademia della Crusca*), o inglês também já passou por vários períodos puristas, especialmente no século XVI, com a ruptura entre a Inglaterra e o Papa e a vitória da Inglaterra sobre a Espanha na guerra anglo-espanhola (1585-1604), ou seja, períodos marcados por nacionalismo.

Lewis dá o interessante exemplo da palavra *Inwit* usada no lugar de *Conscience* na obra *The Ancren Riwe* (também denominada *Ancrene Wisse*), *a Treatise on the Rules and Duties of Monastic Life* "Guia para Anacoretas, um tratado sobre as regras e deveres da vida monástica" (aqui utilizei-me da tradução e edição do "semi-saxon" ou, semi-saxônico, de James Morton, Londres, 1853). Consta da página 306 da aludida obra: "[...] *ure owune conscience, þet is, ure inwit*" cuja tradução para o inglês moderno, na página 307 é: "our own conscience, that is, our mind"; ademais, da página 2 constam as seguintes atestações "[...] *wiðute knotte dolke of woh inwit*" frase esta traduzida para o inglês moderno como (p. 3) "without knot or wound-mark of evil or accusing conscience" e (p. 2) "*of schir heorte, cleane inwit, trewe bileaue*", traduzida como (p. 3) "Out of a pure heart, a good conscience, and of faith unfeigned".

De acordo com *Ulysses Annotated: Notes for James Joyce's Ulysses* (1988, p. 22) de Don Gifford, o sintagma usado pelo monge Dan Michel de Northgate, do século XIV, *agenbite of inwit* é derivado do inglês médio, *ayenbite of inwyt*, mais especificamente do dialeto de Kent, e significa "remorso de consciência". Tal afirmação é corroborada pela etimologia fornecida pelo OED⁴¹ (o qual dá como datação mais antiga uma frase dessa obra, a saber, 1340 *Ayenb. I this boc is dan Michelis of Northgate .. thet hatte Ayenbyte of inwyt.*)

refere a um conceito que é deveras perigoso pois, ao contrário de outros tipos de engenharia, como a genética, não é realizada por peritos em linguística, mas sim por gerais, políticos e amadores. Para ele tal fenômeno é mais abrangente, afirmando que possui vários graus, e já foi realizado em vários países do Oriente Médio, além da Noruega, Hungria, Indonésia e China. Por último, temos Lewis (1999, p. 1-2), um claro antagonista ao planejamento linguístico, que usa, para definir o conceito de engenharia linguística, o verbo "*tinkering with language*", ou seja, remendar ou reparar a língua à maneira de inábil ou inexperiente com o propósito expresso de mudar os hábitos linguísticos das pessoas e a sua maneira de escrever. Ele não menciona campanhas ideológicas comunistas, mas cita outros países que não foram mencionados pelos autores acima, a saber, Alemanha, Suécia, Finlândia e Albânia.

⁴¹ *The Oxford English Dictionary*, vol.1, second edition. Oxford: Clarendon, 1989, p. 841.

Note-se que tal obra é uma tradução do francês, *Somme* (ou *Livre* ou *Traité*) *des Vices et de Vertus*⁴², o que nos leva a concluir que, embora ele conhecesse o equivalente latino da palavra "consciência", e que monges, à época, tinham pleno domínio do latim, ou ele quisesse se valer de uma tradução vernácula que fosse o mais compreensível possível ao falante/leitor médio (à maneira de Martinho Lutero com a língua alemã, cuja famosa máxima, *dem Volk aufs Maul schau*, era tomar a língua vernácula como modelo para a língua escrita), ou tivesse pretensões puristas, o que é menos provável para a época⁴³.

A palavra *Inwit*, como visto acima, aparentemente não deixou rastros na língua inglesa moderna, cujo substituto moderno, *conscience*, foi perpetuado através da tradução de John Wycliffe⁴⁴ da Bíblia Vulgata (em latim) para o inglês médio no ano de 1382, que talvez nem tivesse conhecimento da palavra *inwit*, cunhada há meros 42 anos. Seja como for, Barnstone afirma que a tradução de Wycliffe e seus colegas (ou Wyclif, como variante) estava repleta de latinismos impostos palavra por palavra. Ademais, a imensa popularidade dessa tradução (cerca de duzentos manuscritos da Bíblia de Wycliffe sobreviveram, muitas vezes mais do que o número de manuscritos de *Troilus* ou do *Canterbury Tales*) certamente deixou rastros indelévels na língua inglesa (Barnstone, p. 201). Vejamos alguns versículos em que figura a palavra *conscience* na tradução de Wycliffe (ênfase nossa)

Atos 23:1 "*And Poul bihelde in to the counsel, and seide, Britheren, Y with al good conscience haue lyued bifore God, til in to this dai*"

⁴² <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k110655w/f2.image>. Composta pelo frei Lourenço (frère Laurent), confessor do rei Filipe III, o ousado (*le Hardi*), 1245-1285, também chamado de *La Somme le Roi*, no ano de 1279. Kenneth Sisam e J.R.R. Tolkien (1921/2005, p. 32) afirma que por um bom tempo tal obra foi considerada a fonte principal de *Parson's Tale* de Chaucer.

⁴³ Kenneth Sisam e J.R.R. Tolkien (1921/2005, p. 32) afirmam que "Michael of Northgate" era um monge no monastério de St. Augustine em Canterbury. Com base no catálogo da biblioteca do monastério transparece que ele foi um grande amante dos livros, pois figura como doador de 25 manuscritos, uma coleção considerável para aqueles dias. Curioso observar que seus gostos literários iam desde o religioso até o científico, com obras sobre matemática, química e medicina, conforme eram conhecidas à época. Ademais, os autores afirmam que, com base no contexto, *ayenbite of inwyt* provavelmente significa "estímulo à consciência" (*Prick of Conscience*). Quanto à tradução em si, afirmam (op. cit., p. 33) que contém muitos erros e é por vezes ininteligível, que não despertou o interesse geral, muito embora à época as pessoas fossem sedentas por edificação espiritual. Seu mérito é puramente linguístico, pois é uma das obras mais importantes escritas em inglês médio.

⁴⁴ Embora, segundo afirma Willis Barnstone (p. 200), o discípulo de Wycliffe, Nicholas de Hereford, tenha traduzido o Antigo Testamento, e depois John Purvey traduziu pelo menos parte do Novo Testamento. Este muito provavelmente é o autor da segunda versão, que foi lida por um século nas igrejas que ousavam lê-la, embora ela levasse o nome de Wycliffe. Para uma breve história da tradução da Bíblia por Wycliffe, veja Barnstone, p. 200-202.

Romanos 2:15 "*that schewen the werk of the lawe writun in her hertis. For the conscience of hem yeldith to hem a witnessyng bytwixe hem silf of thouytis that ben accusynge or defendynge.*"

Na Bíblia Vulgata, a qual Wycliffe usara como base para a sua tradução para o inglês, figura a palavra *conscientia* em ambos os versos. Ademais, consta do original grego a palavra συνειδήσις⁴⁵ *syneidēsis* e συνειδήσεως *syneidēseōs*, respectivamente.

Tal vocábulo, por seu turno, é composto de σύν *sýn* "com" e εἶδῶ *eidō* "ver, saber", o que significaria algo como "saber em conjunto", ou seja, conscientização que une uma consciência moral e espiritual como parte do ser criado à imagem divina⁴⁶, ou seja, conhecimento compartilhado com outro, de acordo com a tradução sugerida em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=suneidh%2Fsei&la=greek&prior=po/ton>.

Tal palavra é produto de uma provável decalque⁴⁷ da palavra grega, e utilizada na tradução latina da Bíblia por São Jerônimo.

O caminho percorrido por essa palavra é certamente inusitado - sem nem mesmo haver entrado na língua padrão, e com a probabilidade de que viesse a ficar para sempre esquecida nos anais do tempo, ela é sugerida por um escritor, poeta, ministro religioso e filólogo britânico que viveu no século XIX chamado William Barnes (1801-86). David Crystal cita-a em um artigo de seu *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*, num artigo chamado "Saxonmania" (1995, p. 125), em que afirma que Barnes "resurrected the Old English *inwit*", mas o próprio Barnes afirma ter tido contato com a obra do monge a que aludimos acima (*apud* Jacobs, p. 34, 35): "The English of Kent, in of Dan Michel, of his *Ayenbite of inwit*, (Remorse of Conscience), written in 1340, as brought out by Mr. Morris for the Early English Text Society, is almost the old English of Dorset..."

Inwit foi reavivada numa obra literária cuja temática não é religiosa (embora, obviamente, haja diversas alusões à Bíblia) no século XX: *Ulysses* de James Joyce. Muito se poderia discutir a respeito da tradução estrangeirizante através do uso de neologismos baseados numa atitude certamente purista do monge tradutor.

⁴⁵ Também ocorre em 1 Timóteo 3:9 e 2 Timóteo 1:3.

⁴⁶ Cf. <http://biblehub.com/greek/4893.htm>.

⁴⁷ Ver definição infra.

O *Merriam-Webster New Book of Word Histories* (1991, p. 394-5) afirma, sob o verbete "remorse": "[it] is quite accurately modernized as *Remorse of Conscience*, because *ayenbite* is made up of elements (*ayen-* is 'again' in modern English) each of which is a translation of the corresponding element of remorse, and *inwyt* similarly translates 'conscience' (-*wyt* is from Old English *witan*, 'to know', and -*science* from Latin *scire* 'to know'⁴⁸.

Em "A desconstrução do romance *Ulisses*, de James Joyce, nas traduções brasileiras"⁴⁹, Luiz Gonzaga de Alvarenga, apresenta o sintagma *Agenbite of Inwit* como a expressão mais difícil de traduzir de todo o texto.

Original in- glês	Galego	Espanhol	Turco	Português brasileiro (Houaiss)	Português brasileiro
Agenbite of inwit. Con- science.	<i>Remorsus con- scientiae.</i> Remordemento.	Mordedura de la con- ciencia. Conciencia.	Vicdan azabı. Buluñ.	Remordida do imo-senso. Consciência.	Remorso da consciência. Consciência.

Tomemos o exemplo da tradução de Houaiss e analisemos a sua composição neológica. Trata-se de um decalque, ou seja, uma denominação neológica inspirada na tradução das partes da palavra ou expressão original (cf. Viaro, 2014, p. 277). Tal palavra é composta de *imo* que, segundo o próprio dicionário do lexicógrafo e tradutor Houaiss (2001, p. 1577), tem em seu étimo o latim *īmus*, -a, -um, que significa, no original, "profundo, que está no fundo, íntimo", tradução de *in-* e *senso*, tradução de *wit*. Trata-se, a meu ver, de uma tradução particularmente feliz, visto que causa um certo estranhamento por parte do leitor, e é talvez esse o propósito do uso do sintagma por parte do autor original, Joyce. É certamente uma palavra que não está

⁴⁸ Words created in the manner of *ayenbite* and *inwyt* are, by the way, called loan translations or calques. Ibid. p. 395.

⁴⁹ Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/literatura_mar2007_luizgalvarenga1.htm. Último acesso em 05 fevereiro, 2017.

registrada nem no vocabulário passivo do falante (erudito, neste caso) do português, sendo muito provavelmente necessária uma consulta ao dicionário para a elucidação do seu significado. Também a primeira palavra, *remordida*, embora semanticamente mais transparente, pode ser considerada um neologismo, visto que não figura nos dicionários, sendo seu equivalente não-marcado *remorso*, ou mesmo *remordimento*, ambas as formas figurando no dicionário Houaiss (p. 2426).

Uma análise diacrônica dessa palavra nos revela que ambas eram, pelo menos segundo as atestações do séc. XV, sinônimas, usadas na mesma obra, e pertencentes a um nível de fala não-culto. Todas as atestações pertencem ao Leal Conselheiro, escrito por D. Duarte, rei de Portugal (1433-1438). Nas transcrições a seguir, do *Vocabulário* de Cunha, citam-se os números da página e da linha:

Séc. XV LEAL, 343.25

[...] nom querendo sobre esto tomar teenções speciaaes, mas concordar e sujar nosso coraçom aa geeral entençom e determynaçom aprovada, em que nom aja *remordamento* de conciencia.

Séc. XV LEAL, 197.7

[...] da qual elles meesmos quedam descontentes e com *remorso* de conciencia.

Curiosamente, os dois sintagmas remetem às obras do frei Lourenço ou à sua tradução para o inglês e só nos resta especular se se trata de um sintagma bastante difundido na literatura religiosa da época, resultante de influências das traduções, ou se o próprio Dom Duarte tinha conhecimento de uma ou das duas obras em questão.

Uma análise mental dos morfemas da aludida palavra bastará para que esta seja associada à palavra não-marcada, a saber, "remorso" que, diga-se de passagem, não é morfologicamente redutível, ou seja, não se pode analisá-la como *re-* + **morso*, visto que não há em língua portuguesa o vocábulo **morso*. O mesmo se dá com o vocábulo original, que pode ser destrinchado morfologicamente em dois, a saber, *ayen* > *agen* > inglês moderno *again* "re-, de

novo" e *bite* "mordida, mordedura". Tal resultado está afim com uma tradução estrangeirizante, que é a que pretendo com os neologismos da obra *Tutunamayanlar*, a qual mescla o que se podem considerar três línguas, a saber: o turco otomano, o *Öztürkçe* (turco "puro") e o turco moderno, basicamente um produto da extensa e drástica reforma, ou revolução, como prefiro (e também o faz o linguista israelense Ghi'lad Zuckermann, cf. 2003, pp. 157-159).

É, ademais, interessante, levar em consideração a tradução de Haroldo de Campos, ou o que ele mesmo denomina, "transcrição", do livro bíblico de *Eclesiastes*, intitulado *Qohélet/O-Que-Sabe Eclesiastes: Poema Sapiencial*, em que, além de sua tradução, inclui 110 páginas somente de comentário, que vão desde cotejos com outras traduções para outras línguas europeias (ele era um poliglota sem par), a comentários, muito profícuos para o atual estudo, etimológicos de palavras, tais como a que se segue (1990, p. 182):

"A ocorrência do verbo *shalat*, de raiz aramaica (com correspondente no árabe: dele procederia o título sultão [...]); p. 184: "Há no jargão jurídico, que tentei reproduzir: 'Sanção, 'sentença, 'decreto', é *fithgám* (*pithgám*), do persa, via aramaico [...]" e, finalmente (op. cit., p. 202): "Há um jogo fonossemântico entre *yannía* e *al-tannah* ("não deixes", "não abandones"), pois ambas estas formas provêm do verbo *núah* [...]. Para compensá-lo, assim como a outros elementos do tecido sonoro do original [...], fiz com que "posto" (*meqom*) repercutisse em "compostura" (*marpe`*), já que em port. ambas as palavras são derivadas etimologicamente do lat. *ponere* ("pôr")", ou mesmo a criação de neologismos que me servirão de modelo para a criação dos meus próprios (op. cit., p. 120):

Para salientar a densidade semântica do conceito original, cunhei aqui o composto 'eterno-sempre', moldado no adj. lexicalizado 'sempiterno' (do lat. *sempiternus*, *semper aeternus*, "que dura para sempre"; "antiquíssimo" [...]) Recorde-se, por sua sugestividade exemplar, o neológico verbo dantesco *insemprare* (PAR. X, 148, *s'insempra*), no sentido de 'eternizar-se [...].

Seu outro livro, também bastante profícuo, é *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. Especialmente na página 79, ele trata das associações, ou conotações literárias e semânticas de textos arcaicos e seus efeitos no leitor de língua portuguesa, algo que também me interessa. Quando da tradução de duas linhas de pseudo-gök-turco, utilizei-me da língua galego-portuguesa, tal como encontrada nas Cantigas de Santa Maria: "Logo no *Prolog im Himmel* [...], que para nós, de língua portuguesa, tem o sabor de um episódio extraído dos autos vicentinos,

com aqueles resíduos de 'mistério medieval' que chegaram até o Brasil no teatro anchietano de catequese [...]"

Antônio de Castro Lopes

Filólogo e latinista brasileiro, Antônio de Castro Lopes (1827-1901) cunhou uma série de neologismos que visavam substituir galicismos e anglicismos presentes na língua portuguesa do séc. XIX. Além de publicar um dicionário e uma gramática da língua latina⁵⁰ e 915 versos latinos, também foi autor de escritos de temática variada, tais como astrologia, espiritismo e homeopatia, sendo ele mesmo o introdutor desses campos no Brasil. Exerceu também as profissões de médico, professor, dramaturgo e poeta. Bortolanza (1999) nos chama a atenção para o fato de que ele fundou o primeiro banco hipotecário do Brasil, o "Banco Predial", além da "Companhia Serviço Doméstico", da "Caixa Mutuante" e da primeira "Sociedade Cooperativa de Consumo". Nas palavras de V. de Algerama (op. cit., p. 303), era um verdadeiro Larousse ambulante, que tinha sempre uma resposta para qualquer dúvida, embora nem sempre bem fundamentada, como afirma o artigo a seguir escrito à ocasião de sua morte:

... um verdadeiro Larousse ambulante, que andava e fallava, como nós andamos e como nós falíamos, que se acotovellava connosco, e para o qual não havia pergunta sem resposta, nem segredos que não conhecesse, nas diversas divisões dos conhecimentos humanos. Quem o tivesse perto de si, era só perguntar, propor a dúvida, e a resposta, a solução, viria logo prompta, rápida, sem titubear, immediatamente. (...) Posso afirmar que era elle um homem que sabia tudo, e tudo muito bem.

(Jornal do Brasil, ed. da tarde, de 15 de Maio de 1901. In: Artigos Philologicos, p. 22).

O seu afã de latinista e purista, com o fim de "suscitar a língua de Varrão e de Ovídio", procurou refletir tal paixão na busca de substitutos para galicismos e anglicismos à língua portuguesa de sua época. Tamanho foi seu zelo que até recentemente ele é lembrado por seus exageros puristas, como a seguinte matéria indica (em Bortolanza, p. 301):

⁵⁰ Embora, segundo nos informa Bortolanza (1999, p. 301), seu filho ateste que tenha destruído o dicionário.

Se fosse no tempo do Prof. Castro Lopes e se dependesse de sua vontade, "lobismo" e "lobista" jamais teriam licença de entrar na nossa língua. E muito menos no dicionário. Castro Lopes combatia sem trégua os partidários dos barbarismos. Em particular os galiciparlas recorriam ao francês, a língua da moda. Caricaturado na peça "O Carioca", em 1886, o professor morreu em 1901. História antiga, do tempo em que Adão jogava pião. Mas Castro Lopes testemunhou a chegada do automóvel ao Brasil. Com a novidade, veio a palavra "Chauffeur". O professor trepou nas tamancas e parou o trânsito, o que na época era fácil. Abaixo o galicismo! Patriota que nem um Policarpo Quaresma "avant la lettre", atirou-se à luta. Hoje, "chauffeur" virou "chofer". Todo mundo já esqueceu que vem de "chauffer", esquentar. E também se diz motorista, brasileiro que se deve a Medeiros e Albuquerque. Mas o prof. Castro Lopes deu tratos à bola e criou a palavra "cinesíforo", a partir do grego. Não pegou, mas ficou no ar, envolto na aura de pilhéria que até hoje cerca o nome do seu criador. Melhor sorte teve com outros neologismos também saídos da caturrice de seu bestunto. "Menu", por exemplo, virou cardápio. Em Portugal e em parte aqui também, se diz lista. Mas cardápio fez carreira. Já "convescote", para substituir "pic-nic", depois aportuguesado em piquenique, é um preciosismo que traz uma nota galhofeira. Cyro dos Anjos o emprega no "Abdias" com intenção humorística. Mas o fato é que o prof. Castro Lopes entrou no dicionário e no dia-a-dia da conversa. E o obscuro herói do vitorioso cardápio. Hoje, se se metesse a combater os angliciparlas, acabaria louco. (...) ("Palavras Inventadas", Folha de São Paulo, p. 02, caderno 1, col. 3 e 4, de 05/04/1992).

Contudo, como bem observa Viaro (2013, p. 271), puristas⁵¹ como Castro Lopes pareciam desconhecer (ou ignorar) o fato de que é impossível fugir dos empréstimos⁵², como o próprio título de sua mais renomada obra o testifica, com o uso da palavra-chave *neologismo*, termo que aparece em português em 1858 (segundo Houaiss), mas que ocorre em francês em 1726⁵³ (*néologique*), ou seja, trata-se claramente de um galicismo, os quais ele repudiava.

Seja como for, sua fama, pelo menos no meio acadêmico, permaneceu na história das letras brasileiras (sendo chamado por Machado de Assis, seu contemporâneo, de "nossa

⁵¹ Ou "conservadores", como denomina Leite (2006, p. 92).

⁵² Pois, como Viaro (2014, p. 268) lembra: "[...] apesar de a obsessão antiempréstimo não ter desaparecido, fato é que as línguas tomam emprestado seu vocabulário umas das outras com muita naturalidade. Não há, portanto, línguas puras, nunca as houve e jamais as haverá. O máximo que pode ocorrer é um período de isolamento de uma população (que pode durar séculos) e consequente conservação de alguns aspectos de sua gramática ou vocabulário, como houve com o islandês. No entanto, isso logo foi confundido com pureza e o resultado é que o islandês é uma das línguas mais avessas ao empréstimo hoje em dia". Por outro lado, cf. a opinião de Crystal (2004, p. 292) sobre a utilidade das atitudes puristas: "Even though purity is a myth, it plays an important part in forming social attitudes, and in the sixteenth century the feeling was widely held that borrowing had gone too far, and that the Germanic word stock was at risk".

⁵³ Esta palavra figura no *Dictionnaire étymologique et historique du français*, 1993, p. 504, como tendo registrada pela primeira vez na língua sob esta forma em 1726, ao passo que o substantivo *néologisme* figura um pouco mais tarde, a saber, em 1735.

Academia Francesa"⁵⁴), nem que seja por causa de uma palavra ou outra que, embora não correntes, sejam usadas de maneira jocosa por vezes.

Sua principal obra, já aludida acima, foi *Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis*⁵⁵, a qual surgiu a partir de uma série de artigos publicados na *Gazeta de Notícias* em que ele propunha a substituição de estrangeirismos na língua portuguesa por neologismos de sua própria cunhagem⁵⁶. Seus artigos, de caráter independente, foram publicados nesse jornal até o ano de 1889, com frequência irregular. Foi nesse mesmo ano que, após a coletânea de artigos do jornal, surgiu o livro acima mencionado. Segundo nos informa Oliveira (2015, p. 28-29), há alguns fatos que merecem destaque com relação ao seu livro, a saber, que o próprio fato de ter saído na forma de livro testifica para a sua popularidade à época. Interessante também mencionar que os leitores do jornal, no qual também foi anunciado o lançamento do livro, participavam ativamente dando opiniões sobre neologismos, como esta (*Gazeta de Notícias*, 7 de março de 1889, em Oliveira, p. 29):

Escrevem-nos o seguinte: 'Não há necessidade de fazer-se, como diz o muito ilustrado Sr. Dr. Castro Lopes, uma palavra que substitua o termo reclame, tão so. Antonio Vieira uso de reclamo, termo que ficou consagrado e admittido na lingua portuguez (sic), e que já figura no dictionario de Aulete. O preconicio, pois, não tem razão de apparecer á lume.

A seguir daremos alguns exemplos de neologismos propostos do Castro Lopes para fins de ilustração:

A palavra *meeting* (p.18-21) que, como ele mesmo afirma, "palavra inglesa, adoptada pelos franceses, posto que significa - reunião, ajuntamento,- tem quando empregada, em inglez, em francez e até na propria lingua portugueza (!), a especial accepção de *uma reunião do povo, quasi sempre, ou antes, sempre convocada por orador, que se dirige ás massas populares par*

⁵⁴ Assis, Machado de. *Obras completas em quatro volumes*. vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 1122-3. "[...] o sr. dr. Castro Lopes inventou a palavra convescote. O sr. dr. Castro Lopes é a nossa Academia Francesa."

⁵⁵ Cf. a opinião de Viaro (2014, p. 268) sobre tal obra e sua utilidade: "Algumas tentativas virulentas também se viram no Brasil, como na quixotesca obra de Antônio Castro Lopes (1889). Esse texto, porém, tem alguma utilidade para a Etimologia, uma vez que nele se vê, pela primeira vez, a palavra *cardápio* [...]".

⁵⁶ O zelo purista de Castro, aliás, não passou despercebido por Machado, dedicando três crônicas da serie *Bons Dias!* a seus neologismos. Cf. Oliveira, 2015, p. 27.

tractar se assumptos politicos ou sociaes."⁵⁷ Como sugestão de substituição, ele, obviamente, latinista como era, sugeriu uma palavra com raízes do latim, a saber, *concião*. Assim explica ele, de uma forma tão colorida e que lhe é tão peculiar, a origem da palavra (p. 20-21):

Entretanto, senhores, um individuo desconhecido ainda de vós, mas de legitima e nobilissima ascendencia, deve em minha opinião occupar o logar que indevidamente é por esse inglez occupado. Esse desconhecido, que apezar de sel-o, é illustre, chama-se *Concião*. - sua mãe, rica e sabia matrona, tinha o nome de Concio (Concio, concionis); porque por seo intermedio era que se convocava *a assembleia popular, a reunião do povo para discussão de assumptos politicos e sociaes [...] de hoje em diante não mais se falará no tal inglez Meeting: Concião, só Concião, e, quando for preciso, Conciões tem de substituil-o. [...] É dura a palavra Concião?...* E não temos em portuguez o vocabulo Ancião, tão semelhante a este neologismo? - Os bons dictionarios portuguezes trazem, todos elles, o verbo concionar, (fazer discursos em publico) concional (pertencente á assembléa popular). Meeting deve ser d'ora em diante substituido pelo substantivo feminino Concião, Conciões.

Ele também propõe um substituto para o galicismo⁵⁸ *avalanche*, ou seja, "a móle ou massa enorme de neve que das montanhas se despéga, e corre, precipitando-se para o valle." Segundo ele, falta na palavra avalanche a ideia principal que é a neve. Curioso notar que, mesmo a palavra não sendo transparente nem em francês, da qual provém, nem em português, ele insiste na inserção do conceito de neve no neologismo que propõe, a saber, *runimól* que, segundo Lopes, "perfeitamente indicam o phenomeno", formado de *Ru*, (do verbo *ruere*, rui, correr precipitadamente), ni (de nix, nivis, neve) mól (de moles, is, móle, massa)". Assim, conclui ele "*runimól* exprime portanto completamente a idéa complexa de uma móle ou massa de neve que rue, que se precipita; é uma palavra onomatopica (sic)".

Manuel Odorico Mendes

Manuel Odorico Mendes (1799-1864) foi um humanista, jornalista, político e literato maranhense. Ele faleceu a bordo de um trem, na Inglaterra, pouco antes de morrer Gonçalves

⁵⁷ Interessante notar que tal palavra foi também adotada em turco, onde permanece em uso até nossos dias, sob a forma ortograficamente adequada ao turco, *miting*, e que possui o mesmo significado do explicitado por Castro Lopes.

⁵⁸ Conforme nos lembra Viaro (2014, p. 271), "são frequentíssimos em termos cultos do português, que, no século XIX preferiu adaptar palavras francesas a criar neologismos".

Dias, com quem havia combinado de voltar ao Maranhão na mesma viagem. Portanto, ele viveu nos últimos anos do neoclassicismo, fazendo parte do círculo literário dos autores pré-românticos do século XIX. Ele admirava a literatura da antiguidade clássica e o primeiro brasileiro a traduzir na íntegra as obras poéticas virgilianas e as epopeias homéricas para o português. Ele demorou vários anos, enfrentando dificuldades de ordem linguística, cultural e pessoal. Além de traduzir, ele também se dedicou alguns poemas. Segundo Medina (p. 21, 22), Antônio Henriques Leal conta que a poesia de Odorico havia se perdido:

em uma de suas freqüentes viagens do Maranhão para o Rio, quando de passagem na Bahia esteve numa hospedaria, onde lhe roubaram o baúzinho, em que a encerrava. Por mais diligências, que fez, nunca pôde reavê-lo, e nas constantes agitações políticas em que esteve sempre envolvido, não lhe sobrou tempo nem paciência para recompô-los [os versos] enquanto a memória juvenil o podia ajudar.

Alguns de seus poemas derradeiros são ‘Hino à Tarde’, publicado no Parnaso Maranhense, “O Sonho”, impresso em várias coletâneas, e “Meu Retiro”, além de alguns outros poemas que encerram a diminuta lista de sua herança literária, mas que ele não quis aumentar (Medina, p. 21).

Em 1816, aos dezessete anos, ele inicia seu curso de Humanidades em Coimbra. Ele mesmo afirma o seguinte, a respeito de seus estudos, do que podemos depreender o quão versado ele foi (Medina, p. 23): "Aprendi a ler com o virtuoso Sebastião Davi, e latim e retórica com Frei Inácio Caetano de Vilhena Ribeiro. Fui a Coimbra estudar medicina; fiz o curso inteiro de Filosofia Natural, depois de ter estudado filosofia racional e moral grega."

Ele permaneceu em Portugal até 1823, onde solidificou seu conhecimento de latim, além de aprender grego e tomar contato profundo com o mundo clássico, tanto o greco-latino quanto o clássico moderno, como se pode depreender de suas notas (Medina, p. 23).

Seu trabalho tradutório, porém, embora não tenha tido a devida atenção dos estudiosos⁵⁹, é que merece destaque. Ele mesmo dizia que suas traduções e notas ele pretendia transformar em um curso de literatura para os brasileiros. As notas incluíam não somente observações sobre a obra dos grandes épicos, como também sobre poetas como Camões, Ariosto, Milton, Tasso, Voltaire, Madame de Staël, entre outros. (Medina, p. 22).

⁵⁹ Digno de nota é o trabalho de Paulo Sérgio de Vasconcellos a esse respeito.

Apesar da falta de fortuna crítica de relevo, ganhou o reconhecimento de alguns, notadamente Martins Aguiar, Sotero Reis, João Francisco Lisboa, José Veríssimo, Antonio H. Leal, William Purser e Haroldo de Campos. Foi este, aliás, que o recolocou no centro de um debate sobre os valores literários no Brasil, além de ter exercido uma notável influência em Haroldo, em sua carreira de tradutor (Medina, p. 22-23). Teve um estilo linguístico eclético, conforme Medina afirma (p. 24): "Odorico Mendes levou a língua portuguesa aos limites que pode, e explorou vários tipos de recurso, desde o tenso clássico até o oral cotidiano".

E, ao resistir o espírito nacionalista da época, em que o romance e boa parte da poesia se orientam pela construção de uma personalidade brasileira⁶⁰, ele achava que se podia ser original "imitando os antigos" e explorando os rincões mais tenebrosos da linguagem e a infinita possibilidade criadora das línguas (Medina, p. 28).

Sua tradução desfamiliarizadora, ou estrangeirizante, inovadora à época, gerou insatisfação nos críticos, mas também há, como afirma Medina (p. 34), uma interessante concepção de traduzir poético, como é demonstrada pela seguinte afirmação de Sílvio Romero (Medina, p.34):

A tradução deve revelar-se na leitura como trabalho autônomo e independente, como se fora produto original e assim primitivamente escrito. É o que não se nota nas traduções de Odorico. Ásperas, obscuras, assaltam o leitor aquelas páginas como flagelos. O tradutor atirou-se à faina sem emoção, sem entusiasmo e munido de um sistema preconcebido. O preconceito era a monomania de não exceder o número de versos feitos por Virgílio e Homero para provar a ideia pueril de ser a língua portuguesa tão concisa quanto o latim e o grego. Para obter este resultado esdrúxulo e extravagante o maranhense torturou frases, inventou termos, fez transposições bárbaras e períodos obscuros, jungiu arcaísmos e neologismos, latinizou e grecificou palavras e proposições, o diabo! Num português macarrônico abafou, evaporou toda a poesia de Virgílio e Homero.

⁶⁰ Cf. Leite, p. 57, 58: "Com o Segundo Império, aparentemente, vieram as transformações no plano linguístico-literário. O nacionalismo, reação natural provocada pela independência política, foi a cor mais forte do Romantismo que teve como desdobramento temático o indianismo e o regionalismo, na descrição da vida sertaneja, nos conflitos raciais com o negro e a vida urbana.", e, citando Hilário de Azevedo, "José de Alencar é um renovador que acolhe e faz circular pela prosa artística o vocabulário, as expressões e os torneios especiais, resultantes das transformações do idioma falado no Brasil". Ela continua: "Talvez por [...] constituir um ato isolado, mesmo sendo produto do comportamento coletivo, a atitude de José de Alencar não interessou à aristocracia, que então ocupava o lugar das letras no país. Alencar não teve seguidores, e o português do Brasil continuou em marcha lusitanizante até o Modernismo."

Abaixo exemplificaremos com palavras neológicas usadas por esses dois tradutores, à guisa de ilustração.

Uma das estratégias favoritas de Odorico para criar neologismos é a composição das lexias por aglutinação⁶¹.

Medina cita (p. 37) o filólogo Martins Aguiar, que tece alguns comentários sobre neologismos cunhados por Odorico, tais como *rija-eri-aguda*, que se trata de dois adjetivos, *rija* e *eri-aguda*. Falando de uma lança, que era "*rija*", ou seja, forte, e *eriaguda*, um compósito formado por *eri*, do latim *aeri-*, tal como usado nas palavras latinas *aerisonus* e *aeripes*, derivada do latim *aes* "bronze", resultando em uma lança formada de uma haste de bronze terminada em ponta aguda. Os também interessantes compósitos *olhicerúlea* e *crinipulcra*, igualmente dois adjetivos, são dignos de menção, e foram usados para se referir à deusa que tinha olhos azuis, ou *olhicerúlea*, e uma linda cabeleira, ou *crinipulcra*. Outros exemplos de uma criação análoga se encontram no verso 317 (p. 271):

Ser blasono / Da erífera Sidônia, do opulento

Cujo significado é "orgulho-me de provir da Sidônia produtora de bronze" (*ek mèn Sidônos polykháلكου eúkhomai êînai*)⁶². Observamos o uso da palavra *erífera* "produtora de bronze", na qual se vê o mesmo elemento usado em *eriaguda*, a saber, *eri* do latim *aeri-* seguido de *fera*, do latim *ferre* "trazer, carregar".

E no verso 119:

A fluctívaga nau, que às bordas voa; (p. 239)

⁶¹ Cf. a classificação dos neologismos sintagmáticos em Barbosa, 1996, p. 273-274. Augusto de Campos afirma que Houaiss, que traduziu *Ulisses* de James Joyce, prefere construções análogas a Odorico, a saber, arcaizantes, remontando a latinismos "de gosto arcádico", tais como *piscideuses* para *fishgods* que, segundo Campos, poderia estar *deuses-peixes*; *auridígito* para *goldfinger*; vulpi-olhos para fox-eyes. Ele ainda afirma que nem sempre o uso de tais vocábulos é feliz, pois eles se inflam de uma carga de erudição que não corresponde ao original. Ele cita, por exemplo, a palavra "deusa oculivacuna" por ox-eyed goddess, quando seria mais cursivo traduzir por olhibovina (quando o próprio Odorico usou "olhitáurea").

⁶² Na nota 317.

Cujo significado é "que erra pelas ondas", onde observamos a palavra *fluctívaga*, uma aglutinação composta de *fluctus* "corrente, maré" (cf. Houaiss, 2001, p. 1360 sob elemento de composição "flu") e elemento de composição -vago. Segundo Houaiss, 2001, p. 2822, é oriundo do latim vago "vaguear, andar ao léu, andar vagabundo, errar, pervagar" e seu uso é típico de cultismos⁶³ criados a partir do século XVI (e alguns já existiam no próprio latim), tais como: *undívago*, *altívago*, *circúnvago*, *flutívago*, *ignívago*, *lucívago*, *montívago*, *multívago*, *nemorívago*, *noctívago*, *nubívago*, *o(m)nívago*, *orbívago*, *tardívago*, *velívago*, *vulgívago*.

Pode-se dizer também que a analogia teve um papel importante para suas criações neológicas, ou seja, ele se baseou em formas, pelo menos nas exemplificadas acima, atestadas e, portanto, existentes na língua, tais como as encontradas em Houaiss (2004): *olhiagudo*, *olhibranco*, *olhimanco*, *olhinegro*, *olhipreto*, *olhitouro*, *olhizaino*, *olhizarco*, portanto uma analogia em nível sincrônico, bem como analogia em nível diacrônico, como, na palavra latina *aerisonus*, que resultaria em português, com as devidas mudanças fonéticas, *eríssono* (cf. a dicionarizada *altíssono* < latim *altisōnus*; *belíssono* "que dá som belicoso" < latim *belisonus*).

Tais formações neológicas, a nosso ver, mostram claramente duas questões:

- 1) o poder sintético do latim, que pode muito bem ser resgatado através de formas (herdadas ou não) do latim com o fim de se formarem neologismos, algo que deve ser visto simplesmente como um traço de uma determinada língua, neste caso o português, e que não deve ser considerado mais expressivo do que uma outra língua que, digamos, pertença a outro ramo linguístico e que possua outras formas de organizar o seu mundo morfológico, tal como, para citarmos somente um exemplo entre tantos, o fazem as línguas aglutinantes do ramo altaico, as quais justapõem morfemas que podem ser isolados (embora não necessariamente usados de forma independente) e que, conseqüentemente, possuem um significado transparente mesmo que o falante conhecedor das regras dessa dada língua nunca tenha visto tal palavra antes.
- 2) tal fato nos faz concluir que, embora de maneira diversa, as diferentes línguas são capazes de expressar a seu modo um determinado conceito criado em outra língua, em especial em se tratando de neologismos.

⁶³ Cf. a este respeito o capítulo *Popular x culto* em Viaro, 2014, p. 14-117.

Não é um acaso que outro exímio tradutor, Haroldo de Campos, tenha se utilizado de técnicas análogas às de Odorico, pois aquele estudou de perto as traduções desse, tal como ele mesmo sintetiza em seu prefácio à *Odisseia* traduzida por aquele (p. 11):

O pioneirismo odoriciano no enfoque dos problemas da tradução (tanto na prática desta, como nas notas teóricas que deixou a respeito) só poderá ser devidamente avaliado se pusermos em relevo, como traço marcante de todo seu trabalho de campo, a concepção de um sistema coerente de procedimentos que lhe permitisse *helenizar ou latinizar o português* [ênfase nossa], em lugar de neutralizar a diferença dessas línguas originais, rasurando-lhe as arestas sintáticas e lexicais em nossa língua.

Haroldo de Campos, em sua transcrição de *Qohélet / O-Que-Sabe* (Eclesiastes): Poema Sapiencial, faz cotejo com traduções da obra para outras línguas. Entre diversas estratégias (inclusive a cunhagem de neologismos), ele faz uso do que chama de “retomada etimológica”, ou seja, “o desocultar do conteúdo hebraico de palavras isoladas”, por sua vez utilizadas em outra tradução para o alemão, de Martin Buber e Franz Rosenzweig (pp. 30-31). Podemos citar alguns exemplos a seguir:

Haroldo de Campos traduz (1990, p. 49) “Eu disse para o meu coração / vem vou provar-te no prazer / e prover-te do melhor / E também isto e névoa-nada.”

No comentário, afirma que traduziu o trecho sublinhado acima (*ur² ê vetóv* “e vê o que é melhor”) mantendo o matiz semântico de “ver” em nível etimológico, ou seja, prover, do latim *prōvidēre* “ver adiante”).

Outro exemplo interessante de lexia neológica composta é (p. 51, 120-1) “No eterno-sempre” por *le ʾolám* (lit. “para sempre”). Haroldo justifica a cunhagem com o fim de “salientar a densidade semântica do conceito original”, moldado adj. sempiterno (do latim *sempiternus*, composto de *semper aeternus* “que dura para sempre”) e baseia seu uso no uso neológico de Dante *imsemprare* (Par. X, 148,) no sentido de “prolongar-se ao infinito”.

Observe-se que a utilização de compósitos neológicos, ou seja, lexias compostas formadas através do processo de composição por justaposição, era um recurso preferido por Haroldo. Compare as expressões “o de-comer” (VI, 2); “seus dias-e-anos” e no próprio título da

obra, *Qohélet*, *O-que-sabe*, que nada mais são do que sinônimos, ou seja, este é a tradução daquele (cf. seu comentário "Mantenho neste versículo o nome hebraico, que a seguir, no v. 2, enuncio numa paráfrase, reconfigurando-o em português: 'O-que-Sabe' [...] No v. 12, faço aparecer conjugadamente o onomástico original e sua réplica interpretativa. Esta funciona como aposto. Contém uma das possíveis traduções do nome hebraico, valendo-se de um modo de dizer popular, que evoca o saber de uma pessoa experimentada, um mestre da vida: 'aquele que sabe das coisas'").

Em outras palavras, tanto Odorico quanto Campos eram partidários de uma tradução que permitisse transparecer os elementos da língua original, quer de ordem sintática ou lexical, na língua de chegada, a saber, o português. Essa é, aliás, a nossa proposta na tese que redijo, a saber, propor uma tradução estrangeirizante, para utilizarmos o termo popularizado pelo teórico norte-americano Lawrence Venuti, ao lidar com os neologismos paródicos (o que costumamos denominar de neologismos de neologismos⁶⁴) cunhados com maestria pelo escritor turco Oğuz Atay em seu *Tutunamayanlar*.

Além dos neologismos que correspondem às palavras que parodiam o Öztürkçe ou o turco puro, há também os arcaísmos que serão os equivalentes das palavras do Osmanlıca, ou do turco otomano. A esse respeito, é interessante citar a análise de Rudolf Zimmer em seu *Probleme der Übersetzung formbetonter Sprache*, no qual ele cita o romanista norueguês Leiv Flydal (*apud* Zimmer, 1981:131) denomina de "extraestruturalismos", ou seja, "subsistemas ocasional e individualmente emprestados de outras estruturas do mesmo idioma", ou seja, arcaísmos, provincialismos (diferenças diatópicas) e vulgarismos (diferenças diastráticas), segundo sua própria classificação.

Já no caso da obra em análise, o *Tutunamayanlar*, usaremos o arcaísmo como recurso mais aproximado ao que pretende o autor Oğuz Atay ao utilizá-lo em sua obra, ou seja, trata-se de uma língua pertencente a um estágio anterior, mas que também evoca diversas associações/conotações. Em outras palavras, além de apontar para um registro bastante castiço da língua, e mesmo obscuro, evoca (ou pelo menos evocava, à época do autor, pois, curiosamente, até mesmo as línguas consideradas mortas são dinâmicas) associações político/religiosas. Pode-

⁶⁴ Ou "neologismo superposto a outro neologismo", tal como descreveu Barbosa (1996, p. 183), embora esteja se referindo a onomatopeia conotativa.

se até mesmo tecer um paralelo com o latim frente às línguas românicas, embora se possa afirmar que, dependendo do ponto de vista do estudioso, aquela seja um *continuum* destas, ou seja, todas elas pertencem a um mesmo ramo e subramo linguístico, o indo-europeu e o latino, ao passo que não se pode afirmar o mesmo a respeito do Osmanlica e do turco moderno, visto que aquela é uma língua mormente⁶⁵ heterogênea, com raízes turcas (altaicas), mas com substratos árabe e persa (semítico e indo-europeu), e o turco moderno, após a extensa reforma, e uma consequente mudança da base linguística⁶⁶, passou a ter raízes turcas. Em outras palavras, o Osmanlica soa intuitivamente mais alheio e estranho ao ouvido (ou olhos) de um falante turco do que o latim para um falante, neste caso, do português.

William Barnes

Assim como na Alemanha, houve um período especialmente fértil para o surgimento de puristas na Inglaterra, a saber, o século XIX, época do movimento romântico inglês. William Barnes (1801-86) foi um poeta nascido na cidade de Dorsetshire, para quem a pureza da língua inglesa era uma verdadeira obsessão. Crystal (1995, p. 125) nos informa que ele saiu da escola com 15 anos, dedicou-se aos estudos clássicos sem tutor e adquiriu fascinação pela filologia. Ele fundou uma escola e, com cerca de 40 anos, tornou-se pároco da igreja local. Ao contrário de Castro Lopes, que ficou conhecido pela sua excentricidade purista em detrimento de sua produção intelectual, Barnes ficou mais conhecido por diversos livros de poesia escritos no dialeto de sua região, a saber, de Dorset⁶⁷. Seus outros escritos incluem o livro intitulado *An Outline of English Speech-craft* (1878).

Seu propósito era promover uma língua inglesa purificada de todo empréstimo, e por isso deve-se entender todo elemento que não fosse germânico. Assim, seu alvo eram palavras

⁶⁵ Pois não se pode afirmar com certeza que há línguas que não sofreram influências em algum nível de outras línguas.

⁶⁶ George Thomas afirma (p. 134): "[...] like Turkish which have undergone a redefinition of their linguistic base [...]".

⁶⁷ Segundo Jacobs (p. 12), seu dialeto nativo exerceu importante influência sobre seu pensamento purista. O próprio Barnes aponta: "*In searching the word-stores of the provincial speech-forms of English, we cannot but behold what a wealth of stems we have overlooked at home, while we have drawn needful supplies of words from other tongues; and how deficient is even English itself without the synonyms which our land-folk are ready to give it, and how many old root and stem forms are used by people who might be thought to have corrupted later forms into them*".

oriundas do francês, latim e grego. Ainda segundo ele, uma língua mais pura acarretaria dois benefícios, a saber, maior inteligibilidade e acessibilidade⁶⁸, além do benefício psicológico de haver uma maior aproximação com as raízes germânicas, raiz esta à qual a língua inglesa pertence. Crystal (op. cit., p. 125) afirma que ele é conspícuo pela sua criatividade, algo que também pode ser dito de Castro Lopes, incidentalmente. Suas técnicas de formação de neologismos incluem:

- 1) uso de palavras herdadas no acervo lexical do inglês para substituir empréstimos;
- 2) reavivamento de palavras do inglês antigo caídas em desuso;
- 3) cunhagem de neologismos utilizando raízes do inglês antigo.

Seja como for, seus esforços puristas, com a exceção de algumas poucas palavras que conseguiram um lugar na língua padrão e foram (supostamente)⁶⁹ arroladas no *Oxford English Dictionary* (OED), tais como *speechcraft* para *grammar*, e *starlore* para *astronomy*, sobreviveram somente na forma de um comentário que desperta interesse em um leitor médio, tal como Castro Lopes⁷⁰.

No entanto, Willis D. Jacobs, escritor de sua biografia, *William Barnes Linguist*, enfatiza seu lado linguista e profícuo, o qual rendeu mais de noventa livros e artigos, a maioria dos quais lidava com assuntos linguísticos⁷¹. Suas obras linguísticas merecem maior atenção por parte dos estudiosos de linguística e literatura, e Jacobs aduz as seguintes razões para tal (p. 9, 10):

- 1) embora parte de sua teoria possa ser considerada como antiquada segundo os parâmetros da linguística moderna, ele apresenta uma teoria da linguagem por vezes convencional, outras vezes heterodoxa, mas que é sempre sugestiva e estimulante.

⁶⁸ Jacobs cita sua filha a respeito de sua pregação na igreja (p. 12): "... preached many a sermon, not in Dorset, as one of his critics has said, but in that terse Anglo-Saxon which to strangers sounded so quaint, but was quite plain to the simplest villagers".

⁶⁹ Conforme Crystal (1995, p. 125), mas não consta de nenhuma das edições do OED consultadas por nós. *Speechcraft* figura, contudo, em dois dicionários, o *Webster's Dictionary of the English Language Unabridged* (1979) a definindo como "the art or science of language; also, the art or science of speaking", ao passo que o *Webster's Third New International Dictionary* a define como "skill in speech: rhetoric". Curioso que a palavra proposta por Barnes (p. para substituir *rhetoric* foi *redespeech*).

⁷⁰ Thomas, p. 10. "[...] purism [...] is peripheral to the development of English". Para uma lista de neologismos cunhados por ele, veja Jacobs, p. 36-38.

⁷¹ Ele tinha conhecimento de cerca de sessenta línguas, ou em suas próprias palavras: "The languages from which I have drawn my principles and forms are-' and here follows a list of sixty-five languages, from Latin to Kafir, and including Welsh, Chippeway, Japanese, Damulican, Syriac, Hawiiah, of Hawauu or Orwhyhee, and Bulgarian". Jacobs, p. 16.

- 2) sua teoria purista da língua inglesa foi única no sentido de que nenhum outro purista predecessor pretendeu purificar a língua.
- 3) ele apresenta uma proposta de maior escala para um inglês "hibridizado", mais sistemática que a de seus precursores.
- 4) em seu programa de purificação apresenta centenas palavras com base em modelos e conceitos do inglês antigo, e vale dizer que uma boa parte delas foi adaptada à língua padrão sem o devido crédito a Barnes.
- 5) sua gramática de inglês foi escrita em sua maior parte usando palavras com raízes anglo-saxônicas, atestando uma verdadeira rebelião contra o inglês "latinizado", além de ser um raro exemplo de uma teoria purista posta em prática, no caso do inglês.
- 6) ele escreveu a obra de maior escopo em inglês moderno contra elementos exógenos na língua.

Note-se que seu método de introduzir um neologismo é o mesmo usado pelos puristas turcos, bem como Oğuz Atay no *Tutunamayanlar*, ou seja, o uso da palavra pretendida seguida da corrente, o empréstimo no caso, posto entre parênteses. Alguns exemplos que podemos aduzir são *speech-tokens (letter)* (p. iii), *lore-words (scientific terms)*⁷², *case-words (prepositions)* (p. v), *rede-speech (oration)* (p. vi), *speech-craft (grammar)* (p. 1), *word-strain (accent)* (p. 3), *speech-strain (emphasis)* (p. 3), *matterly (concrete)* (p. 3), *unmatterly (abstract)* (p. 4)⁷³, *thing-names (proper names)* (p. 4), *onely (singular)* (p. 7), *somely (plural)* (p. 7), *word-sameness (synonyms)* (p. 38), *sound-sweetness (Gr. euphony)* (p. 39)⁷⁴.

Ziya Gökalp

⁷² Cf. o purismo contra a palavra otomana *istilâh*, que foi substituída por *terim* em turco moderno. Cf Lewis, 1999, p. 94, 122; Heyd, p. 80.

⁷³ Curiosa e coincidentemente, tal par de palavras também foi visado pelo purista turco Ataç, que, com êxito, ao contrário do que ocorreu no inglês, cunhou outro par, a saber, *somut* "concreto" (em lugar de *müşahhas* < árabe muşaxxaş "personificado") e *soyut* "abstrato" (em lugar de *mücerret* < árabe muzarrad مجرد "abstrato"), sendo a primeira derivada do adjetivo *som* "sólido" com o acréscimo de sufixo, ao passo que a segunda provém de *soymak* "despir". O que, talvez tenha escapado à atenção de Lewis (ele usa ironia ao chamar tal neologismo de *ingenous* "criativa", 1999, p. 98), contudo, é que *soyut* se trata de um decalque da palavra árabe para o mesmo conceito, a saber, *muzarrad*, pois sua raiz trilítera é *z-r-d*, ou seja, o verbo *zarrada* جرد significa "despir, livrar" (*min* "de"). Apesar das críticas de Lewis a respeito da má formação de *somut* (cujo sufixo -vt não poderia ser anexado a um adjetivo), o par sobreviveu e nenhum falante pensa sobre sua etimologia ou boa ou má formação ao enunciá-las. Tais neologismos tiveram também a vantagem de substituir palavras que têm explícita origem árabe por outras que têm clara origem turca, embora não totalmente motivadas.

⁷⁴ Para uma lista completa dos neologismos que ele usa em sua gramática, ver Barnes, 1878, pp. 47-83.

Mehmed Ziya Gökalp (1876 –1924) foi um escritor, poeta, ativista político de origem curda. Foi um dos expoentes do nacionalismo turco. Após a revolução dos jovens turcos de 1908 que reestabeleceu o constitucionalismo no Império Otomano ele adotou a alcunha (tendo usado, antes, Tevfik Sedat e Demirtaş) Gökalp, composta das palavras *gök* "céu" e *alp* "herói", que é um nome turco antigo encontrado na árvore genealógica dos ancestrais dos sultões otomanos, e que ele usou pelo resto de sua vida⁷⁵.

De todos os assuntos de que Gökalp se ocupou, como era de se esperar de um nacionalista, devotou especial atenção à questão linguística, da qual considerava um pilar (o seu lema era o tríplice "turcização, islamização, modernização", do turco *Türkleşmek, İslamlaşmak, Muasırlaşmak*)⁷⁶. É justamente através da língua que ele explica muitas das questões com relação a cultura e civilização. Além disso, ele considerava independência na esfera da língua como uma condição necessária para a independência política.

Desde a época em que começou a publicar artigos na *Genç Kalemler* ("Jovens Canetas") em Salônica⁷⁷, Gökalp se esforçou para redigir em uma linguagem mais simples, que fosse mais compreensível para a massa.

De fato, a última parte do século XIX foi marcada por pressão para que houvesse uma simplificação da língua turca otomana, por razões administrativas e de facilidade de comunicação. Os jornais tiveram um papel fundamental nesse processo, como lembra Lewis (1968, p. 431):

The repeated struggles for power - whether electoral, demagogic, or military - needed swift and effective use of the new mass media of information. The series of wars in which the new régime [Young Turk] was involved made a different but no less cogent demand for simple and accurate communication. The printing press and the telegraph both played a great part in the simplification of Turkish.

⁷⁵ Cf. Heyd, 1950, p. 33. Cf. também Spencer (p. 214) que afirma que apesar de Gökalp ter morrido em 1924, seu epíteto patriótico por ele mesmo escolhido geralmente é considerado um sobrenome nos dias atuais.

⁷⁶ Findley, p. 154. Karpas (p. 330) também afirma o seguinte: "[...] the three slogans of Ziya Gökalp: membership in the Turkish millet ("nation"), in the *umma* of Islam, and contemporary civilization".

⁷⁷ Os editores desse jornal foram os primeiros a formular um programa de reforma da língua turca otomana e a pô-lo em prática em 1911. Seus principais contribuintes foram justamente Ziya Gökalp e o renomado escritor de contos Ömer Seyfeddin (1884-1920). A posição política de Gökalp, bem como a dos Jovens Turcos, teve bastante influência do ambiente, sendo Salônica uma cidade de veras cosmopolita e tolerante. Cf. Heyd, 1950, p. 32.

Segundo ele, não deveria haver a coexistência de duas línguas na Turquia de sua época, a saber, a língua (turca) otomana, denominada Osmanlıca em turco, que atuava como língua administrativa e da literatura clássica (o divã), e que era caracterizada por ser repleta de empréstimos do árabe (muitos dos quais via persa) e do persa, e o turco como língua do dia a dia do povo bem como da literatura popular, a qual era desprezada pelos intelectuais como sendo vulgar. Portanto, ele advogava o uso de uma só língua, até mesmo para a literatura, e esta seria derivada do dialeto falado em Istambul, especialmente pelas mulheres, as quais, mais do que ninguém preservavam a harmonia e doçura nativas⁷⁸.

Mas, para o fim que ele desejava, ou seja, romper com a barreira entre a língua falada pelos intelectuais e pelo povo, e tornar acessível a literatura para as massas, seria imprescindível criar uma nova língua, e para tal uma purificação de seus inúmeros elementos exógenos se fazia mais do que necessária. Contudo, ao contrário de outros contemporâneos, ele era dotado de uma visão mais moderada de purismo linguístico (chamado à época de *tasfiyecilik*⁷⁹) e opunha-se, por exemplo, à eliminação de vocábulos árabes e persas e à sua substituição por outros de raiz turca, como, por exemplo, a escola de Fuat Köse Raif e os membros do círculo do jornal istambulita *İkdam* defendiam⁸⁰. Sua posição purista pode ser definida através de duas características, a saber,

⁷⁸ Hoje se sabe que as mulheres de fato são mais conservadoras linguisticamente falando do que os homens, que são os principais vetores da mudança linguística. Cf. Heyd, 1950, p. 116. Cf. também a afirmação de Spolsky (p. 38): "When offered an equal educational opportunity, there seems to be a tendency for women to be more sensitive than men to the status norms of the language".

⁷⁹ Derivada do árabe تصفية *taşfiya* "purificação" e que, não surpreendentemente, passou ela mesma pelo crivo purista, tendo sido substituída por *özleştirme*. Tal palavra traz consigo o conceito, se a analisarmos morfemicamente, de "estabelecer, chegar à origem de". Cf. Röhrborn, p. 1. A raiz *öz* "puro, não adulterado genuíno, real", aliás, foi uma fonte muito produtiva de criações neológicas, por vezes confundidas até os dias de hoje por falantes do turco, conforme a afirmação de Lewis, 1999, p. 144: "Even well-educated Turks are just as liable to be unclear about the meanings of some neologisms as about the meanings of Ottoman words. There is, for example, a confusing cluster of neologisms beginning with *öz*, in addition to the old words *özen* 'care, attention', *özge* 'other', and *özenti* 'counterfeit': *öze* and *özü* 'peculiar (to)', *özgür* 'free', *özek* 'centre', *özel* 'private', *özerk* 'autonomous', *özet* 'summary', *özgül* 'specific', and *özgün*, which was intended to replace *aslî* 'original' but is used by many for 'authentic'." Ademais, vários desses substitutos purísticos também se tornaram prenomes ou sobrenomes, tais como *Özge* (prenome feminino), *Özgür* (prenome masculino), *Özgün* (sobrenome).

⁸⁰ Esses dois grupos, antagônicos com ideais bem definidos, são denominados por I. Aytürk (2004, p.14) de reformistas-puristas, que desejavam expurgar a língua de todo e qualquer elemento exógeno, e os gökalpistas-reformistas que, como ele, mantinham uma posição mais moderada, ou seja, a favor da retenção de palavras estrangeiras na língua se já estivessem enraizadas. Cf. também Heyd, 1954, p. 14. Ressalte-se que, como exemplificado por Spolsky (p. 66-67), a cunhagem de novos termos em línguas que estão se modernizando, tal como foi com os Jovens Turcos (*Jön Türkler*, em turco) ao tentar eliminar palavras árabes do turco, os esforços da Academia Francesa de eliminar palavras do inglês ou mesmo a decisão por parte das autoridades holandesas de mudar a ortografia da língua holandesa são todos casos do que é chamado pelos sociolinguistas de planejamento de corpus, ou seja, qualquer esforço empreendido para emendar ou modificar a estrutura de uma língua padrão.

islâmica e popular (em oposição à atitude reformista de Atatürk, que foi secular e purificadora⁸¹. Tal como Leibniz em relação ao purismo alemão, tal pensava Gökalp, ou seja, que palavras já enraizadas na língua, mesmo empréstimos como *kalem* "caneta" e *kitap* "livro" ou *ders* "lição"⁸² não deveriam ser substituídas (posição, aliás, que os reformistas republicanos tiveram que aceitar contra a vontade através da Teoria Língua-Sol⁸³). Além disso, palavras que eram quase-sinônimas (parassinonímicas) com outras herdadas deveria ser retidas, tais como os pares *ak*, *kara* x *beyaz*, *siyah* "branco, preto", cada qual tendo uma combinação diferente do acordo com o contexto⁸⁴. Substituir tais palavras, segundo Gökalp, seria equivalente a banir da língua elementos vivos e introduzir nela palavras mais estranhas e ininteligíveis que as próprias palavras que as substituiriam.

Para o enriquecimento da língua, ele era a favor de derivar (ou seja, dar continuidade a esse processo) palavras da terminologia científica das línguas islâmicas, a saber, o árabe e o persa. Porém, era necessário haver uma simplificação nas regras de derivação, ou seja, evitar o uso de compostos em detrimento de lexemas simples (Heyd, 1950, p. 118):

- *hayatiyat* "biologia" no lugar de *ilm-i hayat*;
- *gariziyat* "fisiologia" no lugar de *ilm-i manafi-ülaza*⁸⁵.

Ao mesmo tempo, como muitos puristas, ele se contradizia afirmando que, se possível, era melhor derivar palavras usando raízes turcas.

Contudo, especialmente em seus últimos ensaios, ele se torna mais pragmático e favorece a turcização de palavras estrangeiras para conceitos e objetos novos vindos do ocidente⁸⁶, com vista, obviamente, a tornar o turco uma língua, lexicalmente falando, à altura das línguas

⁸¹ Cf. Cüceoğlu & Slobin, p. 300.

⁸² Todas oriundas do árabe, respectivamente: *درس*, *كتاب*, *قلم*.

⁸³ A *Güneş-Dil Teorisi*. Dickinson (p. 120) a define magistralmente ao afirmar que esta "reified the concept of *öz Türkçe* by asserting its status as the civilizational *Ursprache*".

⁸⁴ Cf. Barbosa, p. 232-233. A respeito das cores básicas em turco, sob um ponto de vista diacrônico, ver o interessante artigo de Ahmet Karadoğan "Türk Ad Biliminde Renk Kültü" (O culto das cores onomástica turca) em *Millî Folklor*, ano 16, no. 62, 2004, p. 89-99.

⁸⁵ Em turco moderno tais palavras são empréstimos do francês, a saber, respectivamente: *biyoloji* e *fizyoloji*.

⁸⁶ Heyd, 1950, p. 120 nos lembra que, conforme a rápida modernização da época, de igual modo sua maneira de pensar a respeito da língua mudou, ou seja, termos abstratos que antes ele usava, sendo empréstimos do árabe, como *imamî*, depois passou a ser *teokrasi* e *içtimaiyat* passou a ser *sosyoloji*, sendo a que se usa até os dias de hoje.

europeias. Portanto, ele era a favor de palavras como *tiyatro*, *roman*, *telefon*, *şimendifer* (< francês *chemin de fer*, estrada de ferro, ferrovia), *vapur* (forma truncada do francês *bateau à vapeur*, barco a vapor), todas usadas até os nossos dias no turco moderno, sem jamais ter incomodado por serem estrangeiras⁸⁷.

Gökalp era da opinião de que palavras que fossem "supérfluas", ou seja, eram empréstimos usados somente para embelezar os versos da poesia divã otomana, como a tripla *su - âb* (آب) - *mâ* (ماء) reflete bem, todas significam água, só diferindo na origem (sem contar, claro, as diferenças estético-estilísticas⁸⁸), a saber, turco, persa, árabe, deveriam ser simplificadas para somente uma palavra. Para sanar tal empobrecimento lexical, contudo, ele propôs admitir na língua literária palavras usadas na língua falada e em dialetos falados ao longo de toda a Turquia, embora uma exceção fosse feita às línguas túrquicas faladas fora da extensão da Turquia, línguas essas afins ao turco. Somente no caso de um equivalente para a palavra em questão não ser encontrado nessas fontes é que se poderia recorrer à criação de neologismos, sempre respeitando as regras de formação da língua turca. Gökalp, como nos informa Heyd (1950, p. 118), era da opinião de que a língua, como organismo vivo e que cresce e se desenvolve sozinho, ou seja, sem

⁸⁷ À guisa de comparação, tais palavras que se referem a invenções do ocidente passaram pelo crivo purista de línguas do Oriente Médio, a saber, hebraico, árabe e persa, os quais denominam palavras cotidianas como bicicleta, motorista, estação, fábrica, jornal e cultura usando termos endógenos, ao passo que em turco eles são todos expressos por empréstimos, a saber, *bisiklet*, *şoför*, *istasyon*, *fabrik*, *gazete*, *kültür*, cf. Heyd, 1954, p. 80. Já na Europa, por outro lado, também temos o crivo alemão no século XIX nos ramos da ferrovia e dos correios (bem como da arquitetura, construção, transporte, direito, etc.), e termos foram cunhados por puristas isolados como Heinrich von Stephan *postlagernd* no lugar do galicismo *poste restante*, *Rückschein* no lugar de *Retour-Recepisse*, *Postkarte* no lugar de *Correspondenzkarte*, *eingeschrieben* / *Einschreiben* no lugar de *recommandiert*, *Umschlag* no lugar de *Couvert*. Otto Sarrazin germanizou palavras referentes a ferrovia e construção: *Fahrschein* por *Passagierbillet*, *Abteil* por *Coupé*, *Bahnsteig* por *Perron*, *Fahrgast* por *Passagier*, *Fahrkartenausgabe* por *Billetexpedition*, *Nebenbahn* por *Sekundärbahn*, *Schranke* por *Barriere*, etc. cf. Geers, 2005, pp.105,106. Num âmbito mais geral, cf. a afirmação de Spolsky (p. 70) a respeito da criação de termos técnicos na era moderna nas línguas em geral: "The rapid increase of concepts associated with the modern world, and the expansion of terminology needed to label all the new objects involved in modern technology, set a major challenge for all languages".

⁸⁸ Crystal (2004, p. 289) dá exemplos do inglês que, *mutatis mutandis*, também podem ser aplicados ao turco também: "Borrowings greatly facilitate stylistic differentiation because they provide synonyms with different sense associations and tonal resonances. Although *hearing* (from the early twelfth century) and *audition* (first recorded use, 1599) basically mean the same thing, the later word came to be used in more intellectual and scientific settings, and developed a greater formality of tone and eventually a distinctive range of meanings. The same distinction applies to praising (which goes back to Wycliffe, 1382) and *laudatory* (1555), *loving* (from Old English) and *amatory* (1599), and many more". Cf. também a estimativa de Mario Pei (em *The Families of Words*. New York: St. Martin's, 1962, p. 11): "English, in its original form, is Anglo-Saxon, a Low German dialect of the western sub-branch of the Germanic branch of Indo-European. Perhaps 25 per cent of our words (at least 50 per cent, however, of our words of most frequent occurrence) go back to Anglo-Saxon or to Middle English".

ajuda externa, não deveria sofrer interferências excessivas por parte do Estado, pois, segundo ele, isso acarretaria em "artificialismo e destruição da beleza da língua".

Interessante notar que, embora sua posição quanto à questão lexical tenha sido moderada, o mesmo não pode ser dito a respeito da morfologia e da sintaxe. Assim, formas do plural emprestadas do árabe ou persa, por exemplo, de palavras como *zubat* (plural fracto do árabe) ou *zabitan* (do persa) em vez do plural turco *zabitler* (o plural em turco forma-se com *-lvr*) deveriam ser definitivamente eliminadas. O recurso da gramática persa, o *izafet*, também deveria ser abolido. Ele também era contra o uso de formas participais do árabe, como a palavra *muciz* "milagroso"⁸⁹ que deveria ser substituída por *icazlı* ou *icazcı*, ou seja, com a raiz da palavra, um substantivo, justaposta a um sufixo turco herdado. Sufixos emprestados deveriam ser substituídos por herdados, como *taçlı* "coroador" em vez de *taçdar* (com o sufixo de origem persa -دار *-dār*), as únicas exceções sendo as terminações de origem persa já bastante enraizadas na língua, a saber, *-hane* e *-name*.

Seja como for, ele resume suas exigências linguísticas na seguinte fórmula tripla: europeização e modernização com relação a conceitos, islamização com relação a terminologia científica e turcização com relação a todas as demais palavras, além da sintaxe, ortografia e morfologia (chamado de "gramática", ou *grammar*, por Heyd, 1950, p. 119).

Quanto às suas escolhas lexicais, ele evita usar arcaísmos do turco e torneios frasais do persa e árabe, embora use livremente lexemas dessas duas línguas, inclusive com demonstrada produtividade, o que é comprovado pela sua predileção pelo uso dos sufixos árabes *-î* e *-iyet* afixados a palavras árabes para formar termos abstratos. Observe o seguinte esquema:

neologismo gökalpiano	tradução	Equivalentes em turco moderno
-----------------------	----------	-------------------------------

⁸⁹ Em turco moderno a raiz permanece a mesma, a saber, *mucizevî*, etimologicamente uma formação curiosa, pois em árabe tal conceito é expresso por معجز *muʕʕiz*, a forma verbal IV (afʕal أفعل), conforme a nomenclatura tradicional da gramática árabe. Em turco, tal palavra, por ser opaca, sentiu-se a necessidade do acréscimo de um sufixo ((v)î), oriundo também do árabe, resultando, etimologicamente, na forma pleonástica *mucizevî*, /mu:dzizevi:/ (em árabe tal forma é معجزى *muʕʕizî*), sendo o primeiro prolongamento uma compensação do fonema ʕ, fricativa faríngeal sonora, inexistente em turco. Curiosamente o dicionário da Academia de Letras Turca online (www.tdk.gov.tr), mostra o étimo dessa palavra como *Arapça muʕcizevî*, ou seja, uma forma inexistente em árabe. Cf. também a palavra não-dicionarizada *bölgevi* para "regional", que usa o mesmo sufixo, sendo a versão corrente *bölgesel*. Cf. Lewis, 1999, p. 144. Cf. também as palavras *ailevî* "familiar" < ár. ʕailî "idem", *efsanevî* "legendário" < persa *afsānāi* "fabuloso, legendário".

<i>seciyevî</i>	característico	<i>özgü, tipik</i>
<i>müretebevî</i>	hierárquico	<i>hiyerarşik</i>
<i>şeyiyet</i>	objetividade	<i>nesnelik, tarafsızlık</i>
<i>asriyet</i>	modernismo	<i>asrilik, muasırlık, modernizm</i>

Ou mesmo, contrariando o modo de formar palavras em línguas aglutinantes, ou seja, através mormente de sufixos, ele também fez uso de prefixos:

*-lâ-mukaddes*⁹⁰ "profano" (em turco moderno há vários sinônimos: *dinsiz, dindışı, saygısız, profan, seküler*);

-nev-teşekkül "recém-formado".

Às vezes, porém, tirando proveito da riqueza estilística à mão, ele intercambiava empréstimos do árabe com palavras turcas ou europeias:

- *tesanütçülük* ou *solidarizm* "solidariedade"

- *maderzad lisan* ou *ana dili* "língua nativa"

3.2. Estranhamento, purismo e etimologia

Diante do exposto acima, a saber, a respeito da transparência ou opacidade das línguas em geral, ou mesmo de uma única vista sob ângulos diacrônicos diferentes, podemos afirmar que não é nossa pretensão convencer o leitor a pensar que uma língua é mais transparente ou menos, embora isso seja difícil de ser quantificado estatisticamente⁹¹. O argumento da inteligibilidade que está por detrás de reformas puristas que pretendem substituir palavras emprestadas de outras línguas, opacas, por palavras formadas de elementos herdados, endógenos, e passíveis de análise por qualquer falante médio do idioma em questão, embora bastante difundido, é baseado numa

⁹⁰ A própria palavra para "sagrado", *mukaddes*, derivada do árabe *مقدس* *muqaddas* foi substituída com êxito pela, polêmica *kutsal* (não o é, contudo, para o falante médio, que desconhece o étimo e a história da palavra), (cf. Lewis, 1999, p. 102).

⁹¹ Cf. Ullmann, p. 106 que afirma: "*With morphological motivation one is on firmer ground: [...] certain broad tendencies stand out very clearly even though they may not be statistically formulable*".

hipótese sem provas concretas (Thomas, p. 52). Pode-se argumentar que uma língua como o húngaro, que é aglutinante e que forma palavras transparentes como *szemeszel*, é mais fácil e rápida de aprender (por uma criança ou estrangeiro) do que uma língua como o francês, cujo equivalente da palavra citada é a opaca, helenizante, *ophthalmologie*. Thomas (op. cit., p. 49, 50) dá exemplos de vários movimentos, isolados ou não, pelo mundo que tinham como suposta motivação a inteligibilidade, tais como Malherbe em relação ao francês⁹² e Lênin em relação ao russo. Argumentos parecidos foram propostos por S. Ali Bilgirami, líder do movimento de purificação de palavras inglesas da literatura urdu, o qual almejava facilitar a compreensão desta por parte de grande fatia da população, e, de igual modo, Bogorov, um líder purista búlgaro do século XIX que direcionou seus esforços contra elementos da língua russa⁹³ que, segundo ele, dificultavam a compreensão da língua por parte dos mais jovens⁹⁴. Mencione-se também um comitê formado em Copenhague para promover a pureza da língua islandesa, e que usou o islandês antigo como modelo de formação de palavras com o fim de tornar a língua mais inteligível (apud Groenke 1985: 145)⁹⁵.

William Barnes, citado acima, também propunha uma suposta maior inteligibilidade através da criação de palavras do acervo herdado do inglês, mas ele visava também um motivo pedagógico, assim como Ullmann e Barnes, respectivamente:

Motivation is of direct relevance to the learning and teaching of foreign languages. One could not say in general that transparent idioms are easier to acquire than opaque others, for the advantages and disadvantages are very neatly balanced; but the methods of study ought to be adapted to the basic design of the language. The learning of ordinary everyday terms in German will in many cases involve less memorizing than in French; thus the French words *gare* 'railway station', *camion* 'lorry', and *avion* 'aeroplane' have to be learnt by

⁹² Mario Pei (*The Story of Latin and the Romance Languages*. New York/San Francisco/London: Harper & Row, 1976, p. 171): "The stringent prescriptions and prohibitions of Malherbe, who banned words and constructions, archaisms, dialectalisms, neologisms, colloquialisms, foreign borrowings, that he did not personally approve of".

⁹³ Especialmente sufixos agentivos do russo тел *-tel*, aos quais ele preferia o uso de sufixos que ele considerava como sendo endógenos, tais como -ач *-ač*, -ар *-ar*, -арник *-arnik*, -ник *-nik*. Cf. Thomas, p. 64.

⁹⁴ Por outro lado, Thomas (p. 179) afirma que seus esforços solitários - ele era considerado um excêntrico - direcionados contra elementos russos lograram pouco êxito, a saber, Мольба *molba* "pedido" e okolnost *okolnost* "circunstância". Contudo, numa visão mais global, seus esforços, aliados aos de outros puristas com motivações semelhantes, tiveram a consequência de limitar a influência desenfreada que a língua russa teve sobre a língua búlgara.

⁹⁵ A respeito da formação de neologismos na língua islandesa, cf. o interessante artigo: Sapir, Yair e Zuckermann, Ghil'ad. 'Icelandic: Phonosemantic Matching', Judith Rosenhouse and Rotem Kowner (eds), *Globally Speaking: Motives for Adopting English Vocabulary in Other Languages*. Clevedon/ Buffalo/ Toronto: Multilingual Matters, 2008, p. 19-43.

heart, whereas the corresponding German terms are self-explanatory compounds made up of well-known elements: *Bahnstof* 'railway-yard', *Lastauto* 'load-automobile', *Flugzeug* 'flying-thing'. The pattern of derivation is simply easier in German than in French: *Russ*, *russig* is easier to remember than *suie*, *fuligineux*, and *Woche*, *wöchentlich* more coherent than *semain*, *hebdomadaire*. (Jacobs, p.113)

While a thousand compound words formed from English single words would bear, to English minds, their own meanings in their known elements, a thousand words borrowed from another tongue would need a thousand learnings to be understood ... and the large share of Latin and Greek words in English makes it so much the less handy than a purer English would be for the teaching of the poor by sermons and books. (p. 16)

Deixando clara sua posição favorável à transparência, os autores abrem uma exceção no tocante aos internacionalismos⁹⁶ nos dois idiomas, pois, segundo eles, em alemão devem ser reaprendidos, porque são geralmente decalcados, ao passo que em inglês, por exemplo, a palavra provavelmente terá sido formada a partir de uma das duas línguas clássicas, grego clássico ou latim (op. cit., p. 113):

On the debit side there are all the international words, especially scientific terms, which must be relearnt in German: it is not likely to help a doctor to find that pleurisy is called *Rippenfellentzündung* 'inflammation of the rib membrane', and the duodenum *Zwölffingerdarm* 'twelve-finger gut', nor will the chemist readily recognize his familiar oxygen in *Sauerstoff*, quite apart from the fact that it may not be very accurate to describe that element as 'acid substance'.⁹⁷

⁹⁶ A esse respeito, ver o instigante artigo de Peter Braun "Internationalisms: identical vocabularies in European Languages" em Coulmas (ed.), 1989, p. 159-167 e "International terminology" de Wolfgang Nedobity em Coulmas (ed.), 1989, p. 168-176.

⁹⁷ O próprio Ullmann menciona alhures (p. 107), referindo-se ao nome das ciências, que "[i]t should be noted that in many of these cases the learned term exists also in German"; o que ele provavelmente quer dizer é, talvez, que há muitas palavras formadas com morfemas germânicos que possuem equivalentes, ou quase-sinônimos, latinizantes ou helenizantes, tal como o nome da ciência da semântica no par *Beedeutungslehre* e *Semantik*, *Sprachwissenschaft* e *Linguistik* ou mesmo o termo químico "oxigênio" *Sauerstoff* e *Oxygen*. Tal situação não é de todo rara, ou seja, tal dicotomia, ou mesmo diglossia, característica do jargão médico, por exemplo, e a linguagem popular. No caso do turco, Lewis (p. 125-126) tece uma interessante discussão, com uma tabela com o nome de algumas doenças, o termo médico e o termo popular. Alguns exemplos (equivalente em português, palavra turca culta seguida da popular e sua tradução literal): *anemia* - *anemi* - *kansızlık* (estado de estar sem sangue), *câncer* - *kanser* - *incitmebeni* (não-me-machuque), *diabetes* - *diyabet* - *şeker hastalığı* (doença do açúcar). É interessante, a esse respeito, registrar a opinião moderada de Zisman Muntner (1946:88-9 apud Zuckermann, 2003, p. 151), um pesquisador israelense sobre a tradução de termos médicos: "a. Todos os termos que são usados em discussões entre especialistas e leigos (por ex., tendões, músculos, inflamação dos olhos, falta de sangue, fratura, etc.) necessitam de tradução; b. Todas os termos estrangeiros que servem somente como meio de comunicação entre profissionais não necessitam de tradução". (tradução nossa).

Por outro lado, considerar somente a inteligibilidade na escolha lexical por parte dos falantes é ignorar um fator importante, extra-linguístico, a saber, a estética, que está intimamente ligada ao prestígio. Aslanov (p. 84) resume bem a situação ao falar de empréstimos e de vocabulário especializado nas línguas:

A tendência recente que consiste em abster-se de traduzir o termo da língua original revela a força da conotação na língua. Em vários ambientes culturais, algumas línguas são capazes de despertar associações positivas no nível subliminar, sem relação com os conteúdos denotativos das palavras. O pai do romantismo francês, Chateaubriand, já havia percebido que a obscuridade mantida de propósito do latim permitiu a esse idioma manter com eficácia sua função de língua sagrada. Pela mesma razão, os termos do vocabulário especializado podem ter mais impacto quando são mantidos como corpos estrangeiros, dos quais irradia um poder de fascinação sobre os leitores

Linguistas como Otto Jespersen (p. 149-150) e Stephen Ullmann (p. 114-115) mantinham claramente uma postura crítica em relação ao inglês, e favorável a línguas motivadas:

The worst thing, however, that can be said against the words [...] is their difficulty and the undemocratic character which is a natural outcome of their difficulty. A great many of them will never be used or understood by anybody that has not had a classical education. There are usually no associations of ideas between them and the ordinary stock of words, and no likeness in root or in the formative elements to assist the memory. We have here none of those invisible threads that knit words together in the human mind. Their great number in the language is therefore apt to form or rather to accentuate class divisions, so that a man's culture is largely judged by the extent to which he is able correctly to handle these hard words in speech and in writing [...]

The worst feature of the language bar is that it perpetuates and aggravates class differences and fills people on the wrong side of the bar with a sense of insecurity and inferiority. There are frequent hesitations about the pronunciation, meaning and use of Greco-Latin terms [...] it cannot be denied that lack of motivation is one of the chief factors responsible for this state of affairs: learned Greek and Latin terms are felt to be 'hard words' precisely because they are unmotivated, without roots in the language [...].

Por outro lado, podemos afirmar, corroborando a afirmação de Walter Nash (p. 144), que línguas como o inglês se prestam melhor a trocadilhos⁹⁸, uma forma "deveras pedante de humor favorecida pelos ingleses", pois o acervo lexical do inglês, segundo ele, em especial na literatura e na ciência, consiste em derivados das línguas clássicas que são etimologicamente opacos para quem não têm conhecimento dessas línguas. Ele exemplifica tal ideia com a seguinte frase:

Nero made Rome the focus of his artistic attention.

"Nero fez de Roma o foco de sua atenção"

O jogo de palavras etimológico se dá através da palavra *focus* cujo étimo, latino, é "fogueira" e que, em inglês moderno, significa "foco". Ele até cogita um equivalente em alemão, *Brennpunkt* ("foco" - termo da óptica)⁹⁹, lit. "ponto de queimada", mas que perderia o charme, pois, segundo ele, o trocadilho seria óbvio, ao passo que em inglês, a palavra *focus* não tem sua etimologia clara ao leitor médio, e isso se deve, claro, embora ele assim não o explique, a um jogo com a sincronia e diacronia do significado da palavra - que, como se sabe, é dinâmico.

Concordamos com a opinião de Thomas (op. cit., p. 51)¹⁰⁰, contudo, quando ele afirma que tal argumento, a saber, o da inteligibilidade pode não ser um fim em si mesmo, ou seja, pode ser uma camuflagem de uma outra motivação, a saber, a do desejo de promover solidariedade nacional ao remover barreiras que mantêm a coesão social.

Seja como for, Thomas (op. cit., p. 52) ainda acrescenta, como um comentário *en passant* (*as a footnote*), mas que consideramos de importância fundamental para o atual estudo, que o purismo pode ter uma motivação filosófica, ou melhor, ter o propósito de romper associações filosóficas de palavras já enraizadas¹⁰¹. Ou seja, utilizando-se da oposição já exposta acima, a

⁹⁸ Embora ele mesmo deixe claro que tal situação não é de todo satisfatória, pois "[s]uch jokes are both arch and arcane", "etymological puns are often coldly, even angrily received, being regarded as pretentious and undemocratic" e que tais trocadilhos "facilitate[s] a snobbery in joking; the play on focus is a coterie quip, for those in the know". Op. cit., p. 144.

⁹⁹ Segundo o dicionário etimológico Kluge (p. 149) a palavra *Brennpunkt* é um decalque (*Lehnübersetzung*) do sintagma latino *punctum ustionis*. Algumas línguas afins também usam formas equivalentes, a saber, em holandês moderno *brandpunt*, sueco moderno *brännpunkt*, norueguês moderno *brennpunkt*.

¹⁰⁰ "[...] the perceived need for intelligibility is really a mask for a motivation based on a desire for national solidarity by removing barriers to social unity."

¹⁰¹ "[...] very occasionally purism may be motivated by a desire to make a break with the philosophical associations of established words."

saber, da transparência e opacidade das palavras, há autores que, tomando uma palavra emprestada e necessariamente opaca, propõem em seu lugar um neologismo etimologicamente transparente. O efeito, conclui ele, dessa descoberta do conteúdo filosófico do vocábulo através da etimologia, é a desfamiliarização, ou estranhamento¹⁰² (em russo *остранение*), segundo algumas traduções, utilizando um termo cunhado pelo teórico russo Viktor Borisovich *Sklovskij*. Tal termo foi usado pela primeira vez em seu ensaio intitulado *Искусство как прием* “*Iskusstvo kak priem*” (“A arte como processo”), publicado na segunda edição da *Poetika* (1917).

Viktor Shlovsky foi um dos fundadores do grupo de estudo Formalista de Petrogrado (um dos antigos nomes de São Petersburgo) no início do séc. XX, bem como um de seus pensadores mais inovadores. Ele pretendia dissociar os estudos literários do campo da religião e inseri-lo no campo da ciência. Em concordância com as inovações que estavam ocorrendo à época na Europa em termos literários, ou mais especificamente na poesia, tais como o movimento dadaísta, ele tencionava criar uma escrita que chocasse o leitor pela sua novidade - daí o estranhamento - ao mesmo tempo em que rejeitava traços da cultura tradicional e formas artísticas a que as pessoas já estavam habituadas a ver, as quais para ele eram maçantes e demasiadamente convencionais.

Utilizando paralelismos como desarmonia e harmonia, Shlovsky afirma (p. 19) que o propósito de tal paralelismo é o de transferir a percepção¹⁰³ (uma outra palavra-chave na teoria de Shlovsky) de um objeto para a esfera de uma nova percepção, ou seja, realizar uma modificação semântica única, sem igual. Numa interessante analogia com a teoria da domesticação e estrangeirização popularizada pelo teórico da tradução norte-americano Lawrence Venuti¹⁰⁴, Viktor defende a experimentação poética Futurista¹⁰⁵ e o uso de

¹⁰² Cf. <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6906/estranhamento-ostraniene/>>. Último acesso: 13 janeiro, 2017.

¹⁰³ Mais especificamente a percepção da "palavra" em protesto contra o "túmulos da linguagem", ao mesmo tempo em que louvava o Futurismo como um esforço indispensável para causar uma percepção da "palavra" e, logo além dela, do "mundo" e de suas "coisas". Cf. Crawford, p. 209. Uma importante distinção em sua teoria consistia na distinção entre a linguagem poética e prática com base na perceptibilidade daquela (*oshchutimost*). (op. cit., p. 209).

¹⁰⁴ O primeiro a sugerir tal dicotomia foi Schleiermacher, que propôs uma teoria de tradução estrangeirizante como sendo algo antifrancês, ou seja, porque visava opor-se à prática tradutória que então imperava na França desde o neoclassicismo, a saber, a domesticação, que fazia o autor da obra se aproximar, ou viajar para o exterior, como diz Venuti, com o fim de se aproximar do leitor. Venuti, 2008, p. 90-91.

¹⁰⁵ O futurismo, analogamente a outros movimentos contemporâneos ou subsequentes, pregava, como o próprio nome sugere, a destruição integral do passado, em favor de uma arte voltada para o futuro. Os futuristas faziam apologia às máquinas, ao automóvel, ao esporte, à guerra, ao militarismo, repelindo, por outro lado, os simbolistas, os impressionistas, os naturalistas. Refutavam o sentimentalismo, a poesia do passado, o lirismo amoroso e pregavam a demolição integral da tradição. No plano literário, favoreciam, segundo as ideias de seu fundador, o

neologismos, o uso na poesia (e ele se detém somente no campo da poesia) ao citar o que Aristóteles dissera: que a linguagem poética deve parecer estranha e maravilhosa e que, amiúde, é também (ou porque é, talvez devêssemos acrescentar) estrangeira (op. cit., p. 19). Assim, colocando o estranho e o estrangeiro quase no mesmo plano do significado, ele exemplifica com o sumério usado pelo assírios, o latim da Europa da Idade Média, os arabismos dos persas, o búlgaro antigo da literatura russa, ou língua quase literária elevada das baladas, ou canções populares (op. cit., p. 19). Continuando com sua lista de elementos lexicais desfamiliarizantes, cita os arcaísmos comuns da linguagem poética, intricado *dolce stil' nuvo*, o estilo obscuro da linguagem usada por Arnaut Daniel com suas formas "endurecidas" que dificultam a pronúncia.

Contudo, não é só com elementos exógenos que se pode estrangeirizar. Também através do uso de neologismos, em especial o que Thomas (p. 80) apropriadamente chama de neologismos idiossincráticos, ou seja, neologismos que, embora raramente encontrem um lugar no acervo lexical, são criados principalmente com o intuito de desconstruir o sema de uma determinada palavra através da substituição do item lexical e de seu referente. Ele dá o exemplo de um poeta alemão chamado Christian Heinrich Wolke (1741-1825) (p. 52 apud Kirkness, 1975, p. 233, 234), purista por excelência, e que, por seu radicalismo, criava palavras que tinham o efeito contrário do desejado, ou seja, justamente a falta de inteligibilidade. Ele transformava frases como *Die Poesie ist in ihren freien Dichtungen über alle Moralität erhaben* "A poesia em versos livres eleva-se acima de toda moralidade" em *Die Lebeinbildung ist in ihren freien Ewiclebbarstellungen über alle Eigenwesenlebgeseztlichkeit erhaben*, onde *Lebeinbildung* pode ser traduzida como imaginação da vida, *Ewiclebbarstellungen* como "eternas representações da vida" e *Eigenwesenlebgeseztlichkeit* como "legitimação da vida do próprio ser". É dele também a curiosa frase "dieser Mensch ist Gottes Sohn" (esta pessoa é filho de Deus) transformada em "*dieses orendliche Geistleibinvereinwesen ist durch Wesen als gleichwesentliches Nebenausserwesen miteigenlebverursacht*".

Também foi responsável por cunhar palavras que, embora satisfizessem seus impulsos puristas, a saber, fossem formadas exclusivamente de morfemas germânicos, o seu significado quase nunca poderia ser depreendido pelo leitor. Alguns exemplos (Kirkness, p. 233): *Wesen-*

escritor italiano F. T. Marinetti (1879-1944), a destruição total da sintaxe, o emprego do verbo no infinitivo, a abolição do uso do adjetivo e do advérbio, da pontuação, enfim das 'imagens sem nexos', etc. Moisés, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 4. ed., São Paulo: Cultrix, 1985.

lebheit (Tugend), Gottvereinleben (Religion), (ur)eigenleiblich (individuell), Angewirkfall, Angeursachtfall (Accusativ).

Como contraponto, citemos o filósofo e polímata Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), que teve uma postura bastante racional no que tange à atualização da língua alemã e empréstimos à terminologia. Segundo nos informa Coulmas (p. 1988, p. 6), Leibniz observou que termos técnicos (*Kunstwörter*) compostos de morfemas eram mais fáceis de entender por pessoas que não tinham nenhuma escolaridade em escolas que lecionavam latim do que empréstimos latinizantes ou helenizantes. Ele era da opinião de que empréstimos não tinham de ser evitados a todo custo, mas que, por outro lado, não deveriam ser usados quando palavras herdadas estivessem à mão (*were readily available*).

4. A mais dramática reforma turca

Foi assim que denominou o autor Michael McGaha a reforma da língua turca a qual, diga-se de passagem, não foi a única: em vários âmbitos da sociedade foram perpetradas reformas, como a do calendário islâmico para o gregoriano, a adoção do código civil suíço e italiano de penas em substituição do charia (código de leis) islâmico, a lei que tornou obrigatório o uso de sobrenomes, a proibição do uso do fez e a permissão do uso de chapéus ocidentais. Em suma, embora se trate de reformas severas, ou até mesmo revolucionárias, nenhuma delas deixou um rastro (ou "ferida" como denomina a teórica literária turca Jale Parla¹⁰⁶) na sociedade turca como a reforma da língua.

McGaha afirma que, com a ruptura da reforma do alfabeto e do vocabulário turcos, a literatura turca moderna, como a conhecemos, somente teve início por volta de 1930. Uma das consequências de tais reformas, segundo ele, foi um "sério empobrecimento" da língua turca. Ele afirma, sem oferecer fonte, que a língua turca tem um vocabulário ativo de cerca de cinquenta mil vocábulos e a compara com a língua inglesa, a qual, segundo ele, possui dez vezes mais vocábulos, ou seja, cerca de quinhentos mil. Apesar de ele ter razão em afirmar que foi a reforma

¹⁰⁶ "'the wounded tongue' point[s] to the ongoing controversy around an unsettled language still vulnerable to disputes regarding its vocabulary, grammar, and syntax. The controversy is rooted in the linguistic schism between the new Turkish, which was implemented as one of the major reforms in the early years of the Turkish republic, and Ottoman Turkish, with its vocabulary of Arabic and Persian origins." (2008, p. 27).

mais drástica da Turquia, sua afirmação da pobreza vocabular do turco não é objetiva. Basta considerar que a história da língua turca é única no sentido de que houve uma engenharia linguística, ou seja, a língua foi praticamente moldada de acordo com o capricho de alguns gramáticos (não havia linguistas) e, utilizando a própria afirmação dele, a saber, de que a literatura turca surgiu na década de 30. Isso quer dizer que o próprio vocabulário utilizado para versar acerca de uma nova realidade nunca antes conhecida na história da Turquia (ou Império Otomano), ou seja, de uma república democrática, viria a reproduzir tal realidade. É bem verdade que vários autores se utilizaram dessa nova dicotomia de língua, que antes existia durante o Império Otomano, ou seja, a coexistência diglósica do turco mais "puro", ou seja, não "contaminado" por empréstimos do árabe e persa, falado pela maioria da população que residia distante da então capital do Império Otomano, Istambul, em contraste com a língua híbrida utilizada pelos otomanos da corte de Istambul, especialmente em forma escrita na literatura conhecida como *divan*, ou poética, que era a predominante (o romance como gênero, aliás, só veio a aparecer na Turquia por influência do ocidente, mormente da França, já no fim do Império Otomano, ou seja, no século XIX - uma outra "revolução" que veio, não por causa de, mas quase concomitantemente com a república turca).

Abaixo, portanto, redigi uma breve história de tal reforma, a fim de que o leitor possa tanto se inteirar a respeito do assunto, que não é tão conhecido fora da Turquia, quanto se localizar quando da leitura da análise dos neologismos da obra *Tutunamayanlar* no capítulo 6.

4.1. Uma breve história da revolução linguística turca

*Ağaca balta vurmuşlar "sapı bedenimden" demiş.
Golpearam a árvore com o machado e ela disse
"o cabo veio do meu corpo!" - provérbio turco*

A reforma linguística turca é, ou pelo menos foi até recentemente, um dos assuntos culturais debatidos com mais veemência. É interessante notar, a esse respeito, que apesar de

terem sido muitos os detratores, e poucos os aderentes, tal fenômeno, ou seja, de engenharia linguística, vai de encontro ao que o Pai da Linguística Moderna, Ferdinand de Saussure, afirmou, como bem lembrado por Uriel Heyd no prefácio de seu livro (1954):

"Todo povo está geralmente satisfeito com a língua que herdou" e que "a solidariedade com o passado freia a liberdade de escolha".

A república da Turquia foi proclamada em 1923, e com ela vieram muitos projetos de modernização. Tal ideia não era uma novidade, pois houve outros projetos ainda durante o Império Otomano, desde o século XVIII. A ideia de adotar medidas para salvaguardar um império que estava em decadência vinha dessa época através de inovações militares, seja em contratar oficiais estrangeiros ou na aquisição de armamentos importados, sem contar a área diplomática e comercial. As raízes para a mudança linguística talvez esteja no fato de alguns súditos otomanos terem ido estudar no ocidente e aprender línguas europeias, já no século XIX. No século XX o Império contou com reformas no âmbito educacional, sempre inspiradas em modelos ocidentais.

Mas foi durante a república que, sob a liderança de Atatürk, que a Turquia, agora um país soberano, mudaria seu próprio nome e destino através de reformas que intencionalmente a aproximassem do ocidente e a afastassem do oriente. Para tanto, o ideal de formar uma identidade baseada na nação e não na religião, o Islã neste caso, seriam fundamentais para Atatürk.

Contudo, Atatürk, com mão de ferro, instituiu reformas que não somente mudariam a forma como o país (ou pelo menos não no início da república) seria governado, mas também os costumes, por mais arraigados que fossem, da população. Tais reformas incluem o estabelecimento do sistema unificado de educação (1924), a adoção do sistema de contagem de horas e calendário ocidentais (1925), a adoção do sistema numérico internacional (1928) e, talvez uma das que mais impacto teve na população e no futuro da nação, a mudança de alfabeto (1928). Deve-se ter em conta, também, que a reforma do sistema educacional incluiu a abolição do ensino obrigatório das línguas árabe e persa, principais fontes de inspiração para a criação de

novos vocábulos na língua otomana, e bagagem de conhecimento essencial para um indivíduo que gostaria de se denominar culto à época.

Assim, Atatürk estava ciente de que um dos pilares da coesão nacional seria a língua, e seu desejo, assim como de seu predecessor e nacionalista Ziya Gökalp, era de ver a língua turca livre de "impurezas" do oriente. Como um amante da linguística, possuindo vários livros em línguas estrangeiras sobre o assunto em sua biblioteca pessoal, ele queria elevar o status da nova língua republicana, a língua turca, ao nível de uma *Kultursprache*, ou língua de cultura.

Como já mencionado, desde o século XVIII houve movimentos de reforma, ainda que de escopo limitado em comparação com as republicanas, e a língua certamente não foi exceção. Tal fato se tornou mais premente a partir do período denominado Tanzimat de 1839, que foi o período de reforma otomana. Contudo, foi a partir do século XIX que escritores como Ziya Paşa, Namık Kemal e Ibrahim Şinasi alertaram para a necessidade de simplificar a língua otomana. Em 1908 foi criada a *Türk Derneği*, ou a Associação Turca, a qual atraiu vários intelectuais cujas afiliações políticas eram as mais diversas, a saber, os simplificadores, os purificadores e os turquificadores. Tal diversidade, contudo, não foi benéfica, pois a discórdia oriunda dela impediu que planos fossem divulgados para a sociedade e postos em prática. O segundo movimento, contudo, foi mais prático e eficaz, o denominado *Yeni Lisan*, ou "Nova Língua", o qual, liderado por escritores de renome como Ömer Seyfettin (hoje associado principalmente a histórias infanto-juvenis) e o nacionalista, já mencionado acima, Ziya Gökalp, comumente considerado o fundador do nacionalismo turco. Tal movimento propagava a transformação da língua através da literatura, ou seja, eles advogavam o uso dos empréstimos mais comuns e a abolição dos infrequentes. Apesar de não ter muita duração e impacto, ela serviu como base (foi apoiada pelo partido vigente na época, o *İttihat ve Terakki Cemiyeti*, ou "Comitê para a União e Progresso"), mas teve dura resistência por partes de figuras literárias da época, o que gerou um debate em torno da situação da língua, ponto esse que pode ser considerado o estopim, ou a principal origem da reforma linguística.

Todavia, os reformadores republicanos visavam uma reforma mais abrangente, que não só abarcasse a literatura, mas sim várias outras áreas, como a educação e a religião. Tais ideais de fato foram postos em prática através de reformas educacionais, como a já mencionada abolição do ensino de árabe e persa, o ensino se tornaria secular, ou seja, as *medreses*, ou centros de ensino religioso, não mais seriam a referência para a educação, mas sim escolas ao estilo

ocidental, como currículo secular. Ademais, é digno de nota que também os sermões nas mesquitas e a chamada para a prece também foram turquificados, embora esta última tenha durado somente alguns anos¹⁰⁷.

Pode-se afirmar que a reforma linguística turca é dividida em duas partes principais: a mudança do alfabeto em 1928 e o movimento de purificação, propalado pela anterior, e iniciada no início da década de 30. Abaixo segue um breve histórico de cada uma dessas duas reformas.

4.2. A reforma do alfabeto

Como já mencionado anteriormente, antes da República já houve discussões em torno da simplificação ou até mesmo da mudança do alfabeto, mas que, por uma razão ou outra, não puderam ser postas em prática. O primeiro registro de modificações do alfabeto de que se tem notícia foi o de Munif Efendi na ocasião de um discurso que proferiu em 1862 acerca das dificuldades inerentes à escrita do alfabeto existente à época. Depois dessa, houve várias outras tentativas de reforma, todas sem êxito por uma razão ou outra, tais como a do escritor azeri Ahondzade Mirza Fethali, cujas propostas para mudança do alfabeto encontraram resistência, uma vez que, segundo as opiniões proferidas, as obras islâmicas anteriores seriam relegadas ao olvido. Outra tentativa importante foi a do Ministro da Guerra, Enver Paxá, o qual, durante o período da Primeira Guerra Mundial propôs medidas que nunca se tornaram populares o bastante para justificar uma reforma. Dentre as várias pessoas que eram a favor de uma mudança para o alfabeto latino estavam os escritores Ali Suavi, Abdullah Cevdet e Celal Nuri. Digno de nota também é o fato de que Atatürk, quinze anos antes da proclamação da república, já era a favor da mudança de alfabetos (Korkmaz, 1995, p. 937). Porém, foi somente no pós-guerra, após a proclamação da república em 1923, que Atatürk sentiu que o clima era propício para uma

¹⁰⁷ Lewis (2001, p. 46) afirma que em 21 de novembro de 1932 o Ministério de Assuntos Religiosos instruiu todos os "cami ve mescit hademeleri", ou empregados das mesquitas a recitar a chamada para a prece não mais em árabe, mas sim em turco. Uma gravação feita por Hafiz Sadettin foi distribuída aos muezins e servia de modelo. Era como se segue: "Tanrı uludur! Şübhesiz bilirim bildiririm / Tanrıdan başka yoktur tapacak, Şübhesiz bilirim bildiririm, Tanrının elçisidir Muhammed. Haydin namaza! Haydin felâha! (namaz uykudan hayırlıdır), Tanrı uludur! Tanrıdan başka yoktur tapacak". Contudo, segundo Gotthard Jäschke, apesar de muito treino, os muezins não conseguiram dominar a nova prece até a data limite estipulada (29 de dezembro de 1932), e temporariamente a variante árabe foi permitida tanto em Istambul quanto alhures. Cf. Jäschke, 1951, p. 75.

reforma mais radical¹⁰⁸. À época, a oposição começou a perder fôlego e seu principal representante, Kâzım Karabekir, começou a apoiar a ideia da reforma do alfabeto, escrevendo num jornal que o povo turco iria se acostumar rapidamente ao novo alfabeto e que seria necessário um período de três anos para tal. Em 1928 foi estabelecido um *Dil Encümeni*, ou um Comitê Linguístico para discutir a factibilidade da mudança de alfabeto, tendo sido sugerido um período de 5 anos para uma transição tranquila. Atatürk, por seu turno, acreditava que não seria necessário tanto, sugerindo nada mais que três meses (Gürcağlar, p. 55). Assim, em 3 de novembro de 1928, a Assembleia Nacional sancionou a lei da mudança de alfabetos e o primeiro livro a ser publicado com o alfabeto latino se deu em 1 de janeiro de 1929. Boeschoten (p. 359) nos lembra que as políticas linguísticas foram implementadas com base em seis princípios do nacionalismo republicano (nacionalismo este, aliás, que não estava presente nas propostas pré-república, ou seja, otomanas, que mais visavam a conscientização para a modernização do império). Nesse caso, *nacionalismo* equivalia a dizer "um país - uma língua". Isso significou, por um lado, negar o status de línguas não afins ao turco e que eram faladas por minorias dentro das fronteiras do então ex-Império, tais como o laz (uma língua caucasiana afim ao georgiano, cujo povo habita a parte do norte da Turquia, na região do mar Negro), o árabe e o circassiano. Em segundo lugar, o secularismo propalado por Atatürk foi posto em prática através da mudança do alfabeto, do árabo-persa para o latino em 1928. De fato, o secularismo estava intimamente ligado ao modernismo, o que significava que a nova nação necessitava de uma língua que lidasse com as necessidades comunicativas de uma nação ocidental. O outro princípio era o populismo, ou seja, propagava a ideia que, para os republicanos, o povo era os "donos da nação", o que significava, em termos linguísticos, que a língua padrão deveria se aproximar às variedades faladas na Anatólia. Houve também o republicanismo, que procurava enfatizar a natureza distinta da civilização republicana em relação à do já morto Império Otomano. Por fim, o estadismo, que significava afirmar que a política linguística seria imposta pelo governo, algo que fora posto em prática com a fundação da Academia Turca de Letras (*Türk Dil Kurumu*), instituição fundada com o fim de purificar a língua turca.

¹⁰⁸ Korkmaz, 1995, p. 939 afirma que ele preferiu esperar por um tempo para proceder com a reforma, pois sentiu que seria prematuro implementá-la durante os primeiros anos da república.

Fig. 1. Pôster sobre a reforma do alfabeto turco à ocasião da comemoração dos 10 anos de república pelo partido do povo republicano (CHF).

4.3. A Academia Turca de Letras (TDK)

Em 1931 Mustafa Kemal fundou a Sociedade para o Estudo da História Turca, cujo propósito inicial era o de fomentar interesse e pesquisa sobre a história nacional dos turcos em oposição à dos otomanos. O foco de tais estudos estava na história pré-islâmica dos turcos, como o sociólogo e nacionalista turco Ziya Gökalp apregoara anos antes. Em julho de 1932, em Ancara, a nova capital do país, ocorreu o primeiro congresso de história turca, ao término do qual, Atatürk sugeriu aos participantes que também fosse criada uma Sociedade semelhante que lidasse exclusivamente com assuntos linguísticos. No dia seguinte, em 12 de julho de 1932, foi

criada a *Türk Dil Kurumu*, ou a Academia Turca de Letras com o expresso fim de 1) realizar e promover pesquisa sobre a língua turca e 2) encontrar respostas para problemas atuais da língua turca¹⁰⁹.

Em setembro de 1932 foi organizado o primeiro congresso de língua turca no Palácio Dolmabahçe, Istambul. Nesse congresso foi eleito o comitê da Academia, o qual ia decidir os principais passos para uma reforma acelerada da língua comum. Para tal, foi decidido:

- 1) coletar e publicar palavras de textos antigos e populares em língua turca;
- 2) definir os princípios de formação de palavras e a consequente criação de neologismos a partir disso;
- 3) sugerir e propagar palavras turcas genuínas com o fim de substituir palavras de origem estrangeira (empréstimos) que eram usadas com frequência na língua turca, especialmente em sua variedade escrita.

Tais comitês organizaram "centros de coleta" em escolas e vilarejos, nos quais (principalmente) professores teriam que preencher uma ficha para cada palavra, contendo, entre outras coisas, o seu significado exato, sinônimos e antônimos e a fonte, ou seja, onde, quando e de quem ela foi ouvida. Tais fichas, juntamente com outro material que continha provérbios, contos, etc. foram enviados ao comitê provincial e, deste, para a Academia de Letras. Após a devida conferência do material com o fim de eliminar duplicatas, obteve-se um total de 125.000 formas ao final de setembro de 1933.

Porém, como já mencionado alhures neste trabalho, a falta de conhecimento e formação linguísticas por parte dos coletores foi um empecilho para tal empreitada, visto que depois foram constatados erros e inexatidões no material mas que, devido ao número elevado de fichas, pôde ser retificado posteriormente.

Além da linguagem popular, como mencionado supra, livros e manuscritos antigos em língua turca também foram analisados, totalizando cerca de 150 obras. Dentre elas, havia inscrições antigas, dicionários de diversas línguas túrquicas, traduções de obras do árabe e do persa, comentários do Alcorão, antigos divãs, poesia dervixe, obras históricas, etc¹¹⁰.

¹⁰⁹ http://tdk.gov.tr/index.php?option=com_content&view=article&id=77.

¹¹⁰ Ao todo 91 fontes de referência listadas, com o número respectivo que fichas, em *Tarama Dergisi* da p. 39-102.

Todo o material coletado baseado na língua falada na Turquia da época foi publicado pela Academia de 1939 a 1951 em quatro volumes denominados *Türkiye Halk Ağzından Söz Derleme Dergisi*.

A partir de 1933, contudo, começa a consulta popular quanto a quais palavras deveriam substituir os empréstimos. Diariamente, por um período superior a três meses, listas de 10 a 20 palavras do árabe e/ou do persa coletadas do renomado dicionário de Şemseddin Sami, o *Kamûs-i Türkî*, foram publicadas nas páginas principais dos jornais e o público era assim consultado. Foram publicadas um total de 1.400 palavras, em cuja divulgação a imprensa, através do rádio e dos *Halk Evleri*, ou Casa do Povo, teve um papel fundamental.

Apesar da boa intenção e organização, o número foi insuficiente para substituir os empréstimos que em muito excediam 1.400, além de o vocabulário herdado, ou seja, nativo turco na literatura ser irrisório para o fim de prover equivalentes necessários. Para tal, eles tiveram que recorrer às formas da língua falada, o que resultou bastante eficaz, como era de se esperar, para designar objetos concretos em oposição a termos abstratos. Com base em todo esse material foi publicado um outro dicionário, o *Osmanlıcadan Türkçeye Söz Karşılıkları Tarama Dergisi*¹¹¹ em 1935. Nele havia mais de 7.000 empréstimos para os quais 30.000 palavras turcas foram arroladas como possíveis candidatas a substituição. A publicação do renomado *Tarama Dergisi* coincidiu com um período de extremo purismo na Turquia, além de um forte sentimento anti-islâmico o qual resultou na transformação da Faculdade de Teologia da Universidade de Istambul em Instituto de Pesquisa sobre o Islã. Vestes religiosas fora dos lugares de prática religiosa foram proibidas, houve a conversão da Hagia Sofia (Santa Sofia) de mesquita a museu e a mudança do dia de descanso oficial de sexta-feira (dia da prece no mundo islâmico) para o domingo, como é comum no ocidente, além da eliminação do currículo religioso das escolas.

Restava saber, a essa altura, qual seria a atitude da Academia para com os empréstimos já enraizados na língua, embora tivessem declarado que "procurar equivalentes turcos para tais palavras - algumas das quais são usadas por todos e bastante difundidas - não signifique que elas venham a ser eliminadas da língua".¹¹² Porém, hoje está claro, e talvez não tivesse estado para o cidadão turco comum, que o propósito da Academia era de fato substituir até mesmo tais empréstimos antigos e bastante enraizados, pois o *Tarama Dergisi* continha palavras

¹¹¹ Refiro a tal obra pela abreviação *Tarama Dergisi* neste trabalho.

¹¹² Heyd, 1954, p. 31.

equivalentes para tais palavras. É o caso de *çerçeve* "moldura", *hizmet* "serviço", *kağıt* "papel", *para* "dinheiro", *ve* "e" e *yahut* "ou", todas as quais sobreviveram e são usadas normalmente na língua turca atual.

4.4. O recuo por parte dos reformadores

Após a publicação do *Tarama Dergisi* o governo apelou à população para pedir correções, adições e sugestões ao corpus. Após o segundo congresso, foi decidido, que escolheriam entre as milhares de respostas, os melhores substitutos. Mais uma publicação surgiu disso em 1935, o *Osmanlıcadan Türkçeye Cep Kılavuzu*. Nesse período, contudo, observou-se uma mudança no objetivo dos reformadores, de radical a moderado, pois perceberam que não seria possível eliminar palavras já bastante enraizadas da língua. À época da publicação do *Kılavuz*, a Academia lançou uma nota afirmando: "O propósito desta obra é prover substitutos genuinamente turcos para as palavras que são consideradas estrangeiras, pois elas são usadas (somente) na nossa língua escrita e não são encontradas na língua falada do povo"¹¹³, ou seja, agora o propósito não era mais tornar a língua turca "pura", mas aproximar a língua escrita da língua falada.

Não coincidentemente e quase que simultaneamente à publicação do *Kılavuz* a tese que se cristalizou em uma teoria linguística, a *Güneş-Dil Teorisi* (Teoria da Língua-Sol), hoje considerada absurda, baseado no estudo escrito originalmente em francês e intitulado *La psychologie de quelques elements des langues turques* do Dr. Hermann F. Kvergić da Universidade de Viena e que foi enviada a Atatürk¹¹⁴. Os proponentes de tal teoria, com posições bastante radicais, afirmavam que a Ásia central, terra nativa dos turcos, era o berço da civilização e, portanto, o turco era a mãe de todas as línguas. Assim, a partir de novembro desse ano, diversos artigos e livros foram publicados com o fim de provar a validade dessa tese, e que palavras árabes, persas e até mesmo europeias possuíam, na verdade, étimos turcos.

¹¹³ (p. IV) "*Cep Kılavuzları*, 1933 martından beri sürüp giden bir çalışmanın verimidir. Bu çalışmanın amacı da, yazı dilimizde kullanılan, fakat halkın konuşma dilinde yeri olmadığı için yabancı sayılan sözlere öz türkçe karşılıklar bulmaktır".

¹¹⁴ O assunto rendeu bastante tinta na literatura: para detalhes mais aprofundados sobre tal tese, ver o capítulo 5 do livro de Lewis (1999, pp. 56-74) e o capítulo *Dil Devrimin İkinci Evresi Dil Felsefesi: Kvergić'in Eseri* (A segunda fase da reforma linguística, a filosofia da língua: a obra de Kvergić) de Levend (1972, pp. 430-452), pare citar somente duas.

Engenhosamente, após tal tese, a Academia declarou que não era mais necessário sacrificar quaisquer palavras bastante conhecidas das pessoas e presentes na nossa língua provando, assim, que, sendo a língua turca a *Ursprache* da raça humana, por que se dar ao trabalho de ainda buscar equivalentes para palavras que na verdade são turcas originalmente?

Tal foi, de acordo com vários teóricos da reforma linguística, uma tática utilizada por Atatürk para frear a reforma, pelo menos por aquele período e no que tangia à língua comum em oposição à linguagem técnica¹¹⁵.

4.5. Métodos utilizados pelos reformadores

Quatro métodos foram utilizados para introduzir as novas estruturas¹¹⁶ (Brendemoen, 1990, p. 468). O primeiro foi promover, quando da existência de um dobrete, sendo um de origem turca e o outro um empréstimo, a forma herdada, tais como (ainda hoje existentes e sendo as primeiras de origem turca e as segundas empréstimos do árabe) *ad/isim* "nome", *yıl/sene* "ano", *ölüm/vefat*, promoção esta que encontrou pouca resistência, salvo a crítica de que tal escolha resultaria em uma perda estilística por parte da língua. É interessante notar a esse respeito que, pelo fato de os reformadores não serem linguistas de formação, várias palavras tomadas como turcas, eram na verdade empréstimos já acomodados ao sistema fonológico turco, o que dava a impressão de serem herdadas, tais como: *hudut*, substituída por *sinir*¹¹⁷ "fronteira, limite", um empréstimo grego, e *âmâ*¹¹⁸ que foi substituída por *kör* "cego", uma palavra persa.

Em segundo lugar houve a extensão semântica, ou seja, o significado de palavras já existentes na língua seria estendido para abarcar nuances e significados adicionais, ou palavras já com sufixos como novo paradigma, tais como *çevirmek*¹¹⁹ "virar, girar", que veio atuar como substituta do composto árabe *tercüme etmek* "traduzir"; *aydın* "luz" teria seu significado alargado para "intelectual", vindo a substituir a árabe *münevver* (que também serviu de nome próprio

¹¹⁵ Heyd, 1954, p. 34.

¹¹⁶ Utilizo "estruturas", pois os neologismos não se restringiram a lexemas, mas também a sufixos, prefixos, etc.

¹¹⁷ A 26ª das 38 opções do *Tarama Dergisi* (p. 324) para substituir *hudut*.

¹¹⁸ A 2ª das 6 opções de equivalentes (p. 122).

¹¹⁹ Note-se que tal sentido de *çevirmek* já constava do *Kamûs-i Türki* com o sentido de traduzir, ao passo que o bem-sucedido substantivo *çeviri* "tradução" foi criado em 1934. Cf. a produtividade de tal palavra no composto *çeviribilim* "estudos da tradução". Cf. Lewis, 1999, p. 110.

feminino); *alan* "clareira", para "área", que visou substituir *saha*; *neden* por *sebep* "razão", *olasi* por *muhtemel* "provável" e *albeni* por *cazibe* "atratividade".

O terceiro método foi coletar palavras de dialetos anatólios. Por se tratar de uma região que não estava em contato com a capital do então Império, a saber, Istambul (depois transferida para Ancara, no âmbito da Anatólia), tais dialetos continham muitas palavras que eram expressas por empréstimos no dialeto falado em Istambul, a saber, o Osmanlıca. Foram sugeridas palavras, como *görkem* para *ihitişam* "pompa, esplendor", *gözgü* para *ayna* "espelho", muitas das quais jamais foram aceitas na língua padrão. Por outro lado, tais palavras, pelo simples fato de não gozarem do prestígio de que o dialeto de Istambul gozava, mas de ser desprezado como sendo dialetos de baixo status, não se fizeram presentes na língua padrão.

A última forma de introduzir novas estruturas foi reavivar palavras turcas obsoletas: *konuk* para *misafir* "convidado"¹²⁰ e *görenek* para *anane* "tradição".

Introduzir palavras de línguas túrquicas, de fora da Turquia e de outras línguas altaicas, tais como *ulus* "nação" do mongol¹²¹ pela árabe *millet*, *ata* "ancestral, pai" por *cet*, *peder* (do árabe e do persa respectivamente), foi um método muito criticado e posteriormente abandonado pela TDK.

Tradução (*Lehnwörter*) com base em palavras de línguas europeias diversas, tais como *bakan* "ministro" que substituiu com êxito a antiga *nazır* (do árabe *nāTHir*).

Houve a turcização de várias palavras que aparentemente, embora negado pela TDK, tivessem sido formadas com base em palavras estrangeiras. Note-se que tal método gerou uma certa polêmica também. Exemplos podem ser facilmente arrolados: a bem sucedida *okul*, que ao mesmo tempo que gerou polêmica, revela a criatividade dos reformadores, que fizeram uso da

¹²⁰ Apesar de tal par não constar do excelente estudo de pares de palavras otomanas e neológicas realizado por Mehmet Çelik, o dicionário online da TDK, ou da Academia de Letras Turca, o trata como sendo sinônimo ao remeter o vocábulo *misafir* (do árabe *مسافر* *musāfir* "viajante") à definição dada sob *konuk*. Obviamente possuem conotações (e até denotações) distintas que não são esclarecidas no aludido dicionário, visto que testemunhei o uso do par "*değerli konuklarımız ve değerli misafirlerimiz*" num concerto em que havia dois tipos de "convidados", o público em geral e os ilustres, famosos.

¹²¹ Cf. Lewis (1999, p. 55-6), que afirma que os purificadores sugeriram no *Tarama Dergisi* (1934, p. 531, onde há também as opções *budun*, *çon*, *il*, *ilgün*, *pudun* e *türük*) duas palavras para substituir a árabe *millet*, a saber *ulus* (pronunciada u'lu≡), originalmente turca e que entrou na língua mongol, e *ulus*. Acabaram por escolher a "errada", ou seja, a forma emprestada pelos mongóis e com roupagem mongol, ou seja, à maneira que eles a adaptaram ao sistema fonológico mongol. Cf. também Clauson 1972, p. 152, que afirma que tal palavra tem "a curious history; originally it meant 'country' um a geographical sense, as opposed to é:l with its political implications, but it began to be associated with the names of cities, and by XI in some languages it meant 'city' rather than 'country'. An early loanword in Mongolian, where it became *ulus* to comply with Mongolian phonetics and acquired a political rather than a geographical sense".

raiz turca *oku-* "ler; estudar" seguido de (uma formação que fere os princípios da morfologia turca) *-l*, e que tem uma semelhança muito grande com a palavra francesa de mesmo significado *école*¹²². Brendomoen, a esse respeito, nos chama a atenção para a criação de várias palavras com base em etimologia popular (e de palavras estrangeiras) e que o linguista israelense Ghil'ad Zuckermann (2003) denomina combinação fono-semântica (*phono-semantic matching*) e que pode ser definida como um empréstimo camuflado no qual uma palavra estrangeira combina tanto semântica quanto foneticamente com um vocábulo/raiz pré-existente¹²³. Sobre essa questão, o autor e escritor turco Tahsin Yücel, o qual escreveu um livro inteiro sobre a reforma turca *Dil Devrimi* (1968, p. 44, 45), já desconfiava, embora não fosse linguista, de palavras como o neologismo *egemen*, da palavra grega hegemonia (ambas tendo o mesmo significado), a palavra árabe *siyāsa* سياسة (ortografada em turco *siyaset* e ainda hoje comum) a turca *yasa* "lei", baseada, aparentemente, nas duas últimas sílabas de *si-yâsa*¹²⁴, a palavra árabe *kudsî* قدسي veio do turco, segundo os reformadores, *kut* + o sufixo *-al*. Ademais, Yücel compara a palavra turca *evrensel* "universal" com a latina *üniversalis*, tanto no som quanto no significado. O *-s-* de *kutsal*, vindo a formar um produtivo sufixo *-sal*, que ele explica simploriamente por analogia a *ulusal* "nacional", comparando-a com *national*, novamente em som e significado, afirmando que *-sal/-sel* pareciam mais sofisticados (*daha şık görüldü*).

A formação de compostos: alguns dos quais foram construídos de acordo com as regras de formação de palavras do turco, tais como *basımevi* por *matbaa* "casa de impressão", com a presença do sufixo de terceira pessoa do singular para representar posse, e outras como *dilbilim* "linguística", *gökbilim* "astronomia" e *çeviribilim* "estudos da tradução", em cujos compostos o elemento *bilim* "conhecimento, ciência" é destituído do sufixo mencionado, levando o autor

¹²² Uma crítica válida a tais neologismos seria o distanciamento, pelo menos em nível lexical, do turco falado na Turquia em relação às variedades de turco faladas ao longo da Ásia central. Para usar tal vocábulo como ilustração, temos em azeri *māktāb*, cazaque *mektep*, quirguiz *mektep*, uzbeque *māktāb*, em tártaro *māktāb*, turcomano *mekdep*, ou seja, todas elas derivadas das palavras árabe *maktab* "escritório" (em árabe "escola" é *madrasa* مدرسة, revelando uma mudança semântica no processo). Cf. uma discussão mais aprofundada sobre este vocábulo em Lewis, 1999, p. 44, 70, 117, 118, 119. Cf. também a opinião de Boeschoten & Verhoeven, p. 170: "The new word for school, *okul*, at the same time recalls French *école* and Turkish *oku*=read, study; *bilim* 'science' formally is derived from *bil*=to know, but at the same time is strongly reminiscent of the form *ilim* it was meant to replace". Cf. também a discussão de Zuckermann, 2003, p. 6, 7.

¹²³ Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Phono-semantic_matching. O exemplo mais representativo de palavras dessa categoria em turco seria *okul* "escola", segundo se afirma no site mencionado.

¹²⁴ Na verdade é, segundo nos relata Lewis (1999, p. 102ff) oriunda do mongol.

Brendenmoen (p. 470) a concluir que tal elemento se assemelha a *-hane*, de origem persa (cf. *pasta(h)ane* "pâtisserie" e não **pastahanesi*¹²⁵).

Derivação por meio de sufixos produtivos ou improdutivos ou mesmo sufixos emprestados de outras línguas. Tal meio de derivação também foi bastante polêmico devido ao fato de haver várias inconsistências de formação morfológica dos neologismos. Merece destaque entre tais derivações o sufixo *-mAn*¹²⁶ o qual, sendo antigo na língua e provavelmente de origem persa, foi reavivado pela semelhança com línguas ocidentais (indo-europeias assim como o persa, aliás), tais como o inglês *man* e o alemão *Mann*. Segundo relata Lewis (1999, p. 100-1), o ímpeto inicial desse neologismo veio com a substituição da palavra árabe para "especialista", a saber *mütahassis* e que foi presumivelmente criada por Köprülü. No entanto, tal sufixo já existia na língua, sendo bastante antigo, mas não era produtivo, visto em palavras como *kocaman* "enorme", *şişman* "gordo(a)", trazendo em si o sentido de ênfase. Assim como o caso de *ulus*, já citado, trata-se de um caso de reempréstimo não sentido como tal, e nesse caso a origem foi uma mescla de línguas indo-europeias. Lewis aponta como inspiração para tal criação a palavra *vatman* "motorista de bonde" que é oriunda da palavra francesa *wattman*, composta dos elementos *watt*, a unidade de energia elétrica, e *man*, ambos do inglês (ibid., p. 100). Assim, Köprülü criou a palavra (embora nunca a tenha utilizado pessoalmente) *uzman* para designar "especialista" e que caiu no gosto popular, sendo produtiva até os dias de hoje. Impulsionados por tal sucesso, os reformadores, se viram no direito de acrescentar tal sufixo, agora devidamente ressuscitado e com um novo significado, a raízes verbais, algo incomum no sistema morfológico turco. Foram criadas assim várias palavras e, o que não é de se estranhar quando se trata de neologismos em qualquer língua, algumas foram aceitas pelos falantes (entenda-se por isso que por razões que muitas vezes não se pode definir, que adotaram tais palavras e passaram a utilizá-las ativamente). Citemos algumas delas, primeiramente as bem-sucedidas: *öğretmen* "professor(a)", uma criação muito bem-sucedida que veio a substituir completamente a palavra de origem árabe *muallim(e)*, e que é composta da raiz *öğret-* "ensinar" e o já aludido sufixo

¹²⁵ Hoje em dia é mais comum a ortografia sem o *h*, a saber, *pastane*. O uso do asterisco antes de um vocábulo, como é de praxe em linguística histórica, se refere a uma forma hipotética. A propósito do vocábulo *bilim*, o fato de haver flutuação no uso é indicativo da hipótese de Brendemoen, ou seja, Lewis (1999, p. 110) cita *yerbilimi* (também há a forma *jeoloji*) para "geologia", o dicionário do TDK *yer bilimi*, e o dicionário Tureng as formas *yerbilim* e *yerbilimi*.

¹²⁶ A forma maiúscula de *A* em *-mAn*, assim como é praxe nos estudos linguísticos turcos, se refere ao uso alternativo, de acordo com o contexto fonológico, entre as vogais abertas /e/ e /a/, ou seja, a forma pode ocorrer tanto em *-man* quanto em *-men*, de acordo com a harmonização vocálica.

reavivado e com sentido análogo ao do inglês/alemão mencionados acima, ou seja, o sentido de agente; *seçmen* "eleitor" veio a substituir completamente a palavra árabe *müntehip*¹²⁷, composta da raiz *seç-* "escolher; votar" e o sufixo *-men* (modificado para harmonizar com a vogal aberta /e/ da sílaba anterior, algo intrínseco ao sistema fonológico turco); há também a palavra *teğmen* "primeiro tenente", que substituiu a palavra otomana de origem árabe *mülâzim* "tenente", e que também queria dizer "aderente". A etimologia de *teğ*, raiz da palavra, é composta do verbo *teğmek*, que por sua vez é uma variação do verbo *değmek* "tocar", arrolado no *Tarama Dergisi* (1934, p. 777) com o sentido de *temas etmek* "tocar" (Lewis, 1999, p. 101).

Entre as palavras que não foram bem-sucedidas, ou seja, que não caíram no gosto popular e nunca foram incorporadas ao vocabulário ativo da língua turca contemporânea estão: *yarman*¹²⁸ "cirurgião" para *cerrah* (do árabe جراح *zarrāh*); *savaşman* "guerreiro" para *savaşçı*¹²⁹; *öçmen* "vingativo" para *intikamcı*, do substantivo *öç* "vingança"; *bakman*¹³⁰ "inspetor" para *müfettiş*, da raiz *bakmak* "olhar; cuidar"; *uçman* "aviador" para *havacı*, da raiz *uç-* "voar", embora tal raiz tenha produzido a bem-sucedida *uçak* "avião" que possui uma complicada história: o neologismo proposto pelo *Cep Kilavuzu* (1935, p. 279, 290) para *tayyare*¹³¹ foi *uçku*, que não caiu no gosto popular, talvez, conforme argumenta Lewis (1999, p. 107) lembrava demais outro vocábulo já bem estabelecido, a saber *uçkur* "cinta para pijama", gerando uma consequente colisão fonético-semântica. Para tal, *uçak* veio a substituí-la, embora tenha sido inicialmente proposta como substituição de *tayyare meydanı* "aeródromo" (hoje expresso por *hava meydanı*)¹³².

¹²⁷ De tal forma que há até divergência de ortografia, ou seja, incerteza quanto à escrita, em dois sites diferentes: no www.tureng.com, dicionário inglês-turco e vice-versa, e no oficial da Academia Turca de Letras (TDK), respectivamente: *müntahip* e *müntehip*.

¹²⁸ Composta da raiz *yar-* "dividir, cortar", e que ocorre numa forma dialetal *yarman* com o significado de "precipício", segundo http://tdk.gov.tr/index.php?option=com_bts&arama=kelime&guid=TDK.GTS.5592704f71de54.86522938.

¹²⁹ Cujra raiz, da qual ela é derivada, *savaş*, é 9ª opção dentre as 19 de substituição no *Tarama Dergisi* (p. 284), e veio a substituir com êxito a da origem árabe *harp* (embora ainda compreendida). A palavra também é usada como nome próprio masculino.

¹³⁰ Embora tenham cunhado outro neologismo para *müfettiş*: *denetmen*, da raiz *denet-* "fazer testar" e que também pode significar "supervisor". O neologismo é menos usado que o empréstimo. Note-se também o outro neologismo derivado da mesma raiz de *bakmak*, já mencionado acima *bakan* "ministro".

¹³¹ Curiosamente, por sua vez, embora de origem árabe (da raiz *ṭāra* طار "voar"), foi criada pelos otomanos e passou como empréstimo *ṭajjāra* (dialetal, ou seja, não para a língua escrita) para o árabe (a forma padrão em árabe para "avião" é طائرة *ṭaʿīra*). Cf. Lewis, 1999, p. 109, nota 4.

¹³² Interessante acompanhar através dos escritos ao longo dos anos como a língua é dinâmica: ao criticar, como tantos outros autores, a criação do sufixo *-mAn*, Necmettin Hacıeminoğlu afirma que dos neologismos (*uydurma* "criações") *öğretmen*, *okutman*, *yazman*, *danişman*, *yönetmen*, *denetmen*, somente *öğretmen*, por ser muito

4.6. Um exemplo de substituição purística: a Bíblia em turco

Uma interessante fonte de ilustração do escopo da mudança por que passou a língua turca no século XX é a Bíblia¹³³. Embora o tema da tradução de literatura religiosa seja um assunto à parte, podemos afirmar que se trata de um tipo de literatura que está em um constante conflito de forças, a saber, o do conservadorismo linguístico, ditado pela tradição, bem como o da renovação, visto que é necessário fazer com que a mensagem transmitida seja compreendida pelo leitor.

Uma das edições, o *Kitabı Mukaddes Eski ve Yeni Ahit*, e que contém ambos antigo e novo testamento, foi publicada em 1997, afirmando ser "*İbranî, Kildanî ve Yunanî dillerinden tercümedir*" (uma tradução das línguas hebraica, caldeia e grega), mas não possui nota introdutória que explique o processo de tradução.

A segunda edição, datada de 2001 (sendo a primeira edição de 1987), possui uma nota introdutória *önsöz*, sempre usando a palavra *çeviri*, o neologismo para tradução, e nunca *tercüme*, do árabe. O seu propósito de atualização linguística é claramente exposto "*İncil'in çağdaş Türkçede bir çevirisinin yokluğu uzun zamandır hissediliyordu*" (Por muito tempo se sentiu que carecia uma tradução moderna do Evangelho para o turco moderno).

Em suma, sem abrir os livros da Bíblia em si, já temos várias mudanças, a saber, *tercüme* > *çeviri* "tradução", *sahife* > *sayfa* "página", *Eski Ahit* > *Eski Antlaşma* "Antigo Testamento", *Yeni Ahit* > *Yeni Antlaşma* "Novo Testamento"¹³⁴. No nome dos livros do Novo Testamento há duas mudanças, a saber, Atos dos Apóstolos: *Resullerin İşleri* > *Elçilerin İşleri* e Apocalipse

usada, pegou e se difundiu, enquanto as outras "cansız haldedir" estão sem vida, ou seja, não são usadas (p. 156). Dessa lista podemos afirmar que hoje em dia somente *denetmen* e *yazman* não são usadas (não pegaram). Heyd, por seu turno, também afirma (1954, p. 53) que "War is still expressed by a foreign word (*harb*) [...] *Malî* 'financial' was translated by *akçalı*, while *maliye* 'finance' stayed on". Nesse meio tempo, *harb* ficou obsoleta (por *savaş*, cf. supra) e *malî* está mais viva do que nunca, ao passo que *akçalı* nem consta do dicionário da TDK online.

¹³³ Cf. a este respeito o interessante capítulo *Biblical concepts and translatorial intervention* de Per Qvale (pp. 163-170) sobre tradução da Bíblia em geral. Cf. também uma detalhada história da Bíblia e suas traduções em Barnstone (pp. 135-216).

¹³⁴ A palavra "testamento", aliás, é baseada num erro de tradução. Nas escrituras gregas há uma divisão de toda a bíblia cristã entre *παλαιά διαθήκη* *palaia diatheke* e *καινή Διαθήκη* *kaine diatheke*, onde a palavra *diatheke* (< hebraico *ברית* *berith*) significa "pacto, acordo, aliança". A palavra *diatheke* foi traduzida erroneamente para o latim como *testamentum*, daí *Vetus Testamentum* e *Novus Testamentum* e daí se propagou para o inglês e varias outras línguas. No turco, no entanto, a palavra *Antlaşma* significa exatamente "pacto". Cf. Barnstone, p. 154. A palavra *antlaşma* consta do dicionário de Nişanyan (p. 22) como sendo uma substituição purística criada em 1935 por *muahede* "tratado" < árabe *معاهدة* *muṣāhida(t)*. Curiosamente *antlaşma* não consta do dicionário etimológico de Tietze (2002).

(também conhecido como "revelações") *Vahiy* > *Esinleme*. *Bap* > *bölüm* "capítulo". A palavra *sahife* (do árabe صحيفة *ṣahīfa*(t)), foi substituída por *sayfa*, uma palavra curiosa que, ao mesmo tempo que é adequada ao sistema de harmonia vocálica do turco, a sua primeira sílaba, *say-*, remete à raiz *say(mak)*, que significa "contar", ou seja, a página é a unidade de contagem de um livro¹³⁵.

Comparemos um conhecido versículo do evangelho de João 3:16:

"Zira Allah dünyayı öyle sevdi ki biricik Oğlunu verdi; ta ki, ona iman eden her adam helak olmasın, ancak ebedî hayat olsun."

"Çünkü Tanrı dünyayı o kadar çok sevdi ki, biricik Oğlunu verdi. Öyle ki, O'na iman edenlerin hiçbiri mahvolmasın, ama hepsi sonsuz yaşama kavuṣsun."

Ao analisar os dois versículos acima, percebemos, por exemplo, logo no início da frase um empréstimo do persa (زیرا), hoje considerado um cultismo. Lewis (1967, p. 215) afirma que *zira* pode ser usado na mesma posição, a saber, geralmente no início da frase, mas que *zira* não é frequente (até mesmo sua pronúncia a denuncia como sendo um empréstimo, pois o *i* é pronunciado longo /zi:ra/). *Çünkü* é sentida pelos falantes como uma palavra genuinamente turca, já fonologicamente adequada ao sistema da língua turca, apesar de ser um empréstimo do persa (چونکه), a forma anterior, vocalicamente não harmonizada, não é recomendada (Lewis, op. cit., p. 215), afirma que a ortografia *çünkü* em lugar de *çünkü* "is not recommended").

A distinção entre *Tanrı* e *Allah*, contudo, não é tanto purista quanto política, pois, como afirma Bellos (2011, p. 239), "[L]anguage is no less a possible object of political will than any other human activity", e isso vem a mostrar que se faz necessária uma distinção entre o Deus do Alcorão e o Deus cristão¹³⁶. Aquela palavra provém do turco antigo, ao passo que a segunda, do

¹³⁵ Cf. também Heyd, p. 98, que afirma que "*sahife* is [...] the old spelling and [...] its turkicized form, *sayfa*", mas parece que a semelhança da primeira sílaba da palavra com *saymak* "contar" fugiu à atenção dos críticos, ou seja, a palavra ganhou motivação, preservando os dois primeiros fonemas, assim reduzindo o esforço mental por parte dos falantes.

¹³⁶ Interessante a esse respeito registrar uma situação real que ocorreu na Malásia recentemente (2009) e narrada por Cyril Aslanov (p. 30), em que a autoridades daquele país reclamaram de uma tradução da Bíblia para o malaio em que a palavra *Allāh* foi utilizada para os nomes de Deus bíblicos. Não foi o uso de um teônimo idólatra para designar o verdadeiro Deus que foi percebido como problemático, mas o uso de um teônimo respeitado para referir-se a uma concepção supostamente errada da divindade. A intransigência das autoridades malaia com

árabe. Num interessante artigo sobre o assunto, Meschonnic (2011, p. 115-123) discute a (não) tradução da palavra *Allāh* em textos religiosos ("*Religious texts in translation, God or Allāh*"). Segundo ele (p. 117-118), se traduzirmos *Allah* por *Dieu* (ou *God*, como na tradução inglesa), nós nos colocaremos em uma perspectiva universal, pois *God* (Deus), significa que somente há um Deus, que ele é o senhor dos mundos (surata 2 do Alcorão), o "Rei do dia do julgamento" - e tudo isso é universal. Por outro lado, se decidirmos não traduzir *Allāh* (Alá), fazemos do Islã algo universal. E é justamente, continua ele, essa não-tradução que é a mais correta do ponto de vista teológico-político do Islã, pois nela está ancorada a continuidade do Islã. Traduzir como "Deus" seria uma negação de Alá, pois não é a mesma coisa dizer "Deus é o maior" e "*Allāhu akbar*"¹³⁷. Com isso, ele chega à mesma conclusão que Bellos, acima citado, de que (p. 123) traduzir "Deus" ou "Alá" é algo político¹³⁸. Trazendo isso para o contexto da língua turca, podemos afirmar que, embora tenha sido feita uma tentativa de tradução para o turco da chamada para a prece no auge do nacionalismo turco¹³⁹, e nela a palavra túrquica *Tanrı* fora usada no lugar de *Allah*, isso não perdurou, e percebe-se no uso linguístico de hoje que a palavra é reservada para todos os usos que não os islâmicos, seja de um ateu falando de religião, ou alguém que não quer demonstrar religiosidade através da escolha lexical, ou mesmo por cristãos, embora estes representem uma fração pequena na Turquia moderna, como é o caso de uma das traduções mencionadas acima.

respeito à utilização do teônimo árabe-muçulmano *Allāh* em lugar da palavra malaia *Tuhan* teve como consequência a retenção de um lote de 35 mil exemplares da Bíblia em um porto do país.

¹³⁷ A respeito da tradução da palavra árabe *Allāh* para o inglês *God*, John A. Morrow e Luis Alberto Vittor afirmam o seguinte: "The question as to whether it is appropriate to translate the Arabic term *Allāh* as *God*. There are many Western Muslims who, due to the lack of a better translation, accept it and speak about God, when in reality they are thinking about *Allāh*. Although the term *Allāh* is often translated as 'God', it is merely a question of convention or concession, because it is improper and inadequate to translate the term in this sense because *Allāh* is not *ilāh* (god) [...] It may be more accurate, instead, to translate the name *Allāh* as 'the Divine' because *Allāh* is not Indo-European *God*, *Bog*, *Baga*, *Deus* and *Theos* are the closest translations to the Arabic *Allāh*, their polytheistic philosophical encumbrances make them inadequate." Cf. Morrow, John A. (ed.) *Arabic, Islām and the Allāh Lexicon: How Language Shapes our Conception of God*. Lewiston: Edwin Mellen, 2006.

¹³⁸ Outro exemplo interessante de motivações políticas na tradução de textos religiosos é citada por Cyril Aslanov (p. 31). No contexto da guerra multissecular contra os árabes e os bizantinos, o imperador bizantino Constantino VII Porfirogênito (905-959) traduziu sentenciosamente a frase árabe '*Allāhu 'akbar* (Deus é o maior), depois de tê-la analisado como Ἀλλὰ οὐὰ Κουβάρ "Deus é Kubar", Kubar significa lit. "grande", mas considerado como sendo o nome do planeta Vênus (em árabe o nome desse planeta é *Zuhra* الزهرة). Assim, o tradutor grego consegue expressar duas calúnias direcionadas aos árabes, ou seja, idolatria e luxúria, pois Alá é identificado com Afrodite.

¹³⁹ Heyd (p. 73-74) afirma o seguinte: "The Turkish translation of the call to prayer, introduced in 1932 opens with the words *Tanrı uludur* instead of the *Allahü ekber*. The Turkish term *Tanrı*, however, should not wholly replace the common (Arabic) *Allah*, which occurs in innumerable expressions, such as *Allah aşkına* 'for God's sake', *Allah göstermesin* 'God forbid!', etc."

5. A neologia

As primeiras atestações do termo neologismo (< grego νέος *néos* "novo" + λόγος *lógos* "expressão") em outra língua que não o português ocorrem no alemão, segundo relata Giraud (1974, p. 200), informando-nos que o termo *Neologismus*, seguido do termo inglês *neologism* foram usados por muito tempo para designar uma nova doutrina, inspirada em Spinoza. Segundo tal doutrina, deve-se confiar somente na razão.

Tal como a palavra tradução em português, a qual usada fora de contexto pode significar tanto o processo quanto o produto desse mesmo processo, o mesmo se dá por um tempo com a palavra neologismo, como por exemplo na 10ª. edição do dicionário de António de Moraes Silva.

Segundo Barbosa (p. 173), há três aspectos essenciais a se considerar quando se trata de criação neológica

- 1) cada língua funciona segundo seu próprio código em virtude do qual são produzidas as criações lexicais. Assim, o que provém de outra língua é considerado pertencente a outro código. As realizações morfossintáticas são exclusivas de uma língua
- 2) o neologismo é um signo composto de um significante e um significado. Assim, quando há um criação neológica essas duas faces são modificadas, mesmo quando não parece, ou seja, quando aparentemente somente a morfologia ou o significado são afetados.
- 3) a criação neológica, excetuando as onomatopeias e as raras criações *ex-nihilo*, nunca é composta de uma unidade mínima de significado (segundo Pottier), a saber, um morfema. Tais morfemas são transmitidos de geração a geração e, em uma criação neológica, há uma combinação desse elementos, que atuam em conjunto.

Partindo desse pressuposto, pode-se, ainda segundo Barbosa, tecer alguns comentários sobre o processo de formação de neologismos:

- 1) quando há uma criação de um novo signo, fala-se em um neologismo *ex-nihilo*, ou seja, que não recorre a morfemas pré-existentes na língua, embora tal signo tenha que se adaptar ao sistema fonológico da língua em questão.
- 2) o neologismo pode decorrer da mudança do significante, o que pode ocasionar uma mudança no significado também.
- 3) quando há uma mudança no significado e não no significante gera-se uma consequente criação de polissemia e homonímia.
- 4) quando há um uso inédito de morfemas no plano significante - gerando assim uma mudança sintagmática e consequente mudança de significado - ocorrem os processos de derivação e composição.
- 5) há neologismos que podem ser importados de outros sistemas linguísticos, caracterizando o empréstimo linguístico.

Assim, Barbosa propõe uma amplificação da classificação dos processos de formação de neologismos tradicional¹⁴⁰, a saber, o da derivação, o da composição e o do empréstimo, em quatro categorias básicas, mas nos deteremos neste trabalho somente nas três primeiras que são: o processo de formação de neologismo fonológico, o processo de formação de neologismo semântico e o processo de formação de neologismo por empréstimo.

Yair Sapir (apud Zuckermann, 2008, p. 19) propõe uma outra terminologia para a taxonomia de fontes de criação lexical, a saber:

¹⁴⁰ Ou seja, mais difundida na literatura especializada. Citemos a entrada "neologism" em *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. Routledge: Nova York, 1996, p. 324: "Formally, a distinction is drawn between (a) the formation of new expressions on the basis of already available morphological means and word formation rules (e.g. user-friendly, data bank, decriminalize), (b) semantic transfer (e.g. computer virus), (c) loans from other languages (sauté, mesa).

1) Fonte zero: o que comumente na literatura se denomina de criação *ex-nihilo* (vide abaixo), ou seja, criações que não se baseiam em nenhum elemento lexical preexistente na língua em questão;

2) Fonte som: os lexemas reproduzidos dessa fonte são chamados pelo termo *ex sono* (< latim "do som"), ou seja, são reproduções de sons ou de simbolismos de sons;

3) vocabulário alógeno. Lexemas provenientes de um sistema linguístico alógeno são chamados pelo termo *ex externo* (< latim "de fora");

4) vocabulário endógeno. Lexemas cuja fonte é o mesmo sistema linguístico. São chamados *ex interno* (< latim "de dentro").

O neologismo fonológico pode ser basicamente dividido em dois. O primeiro deles é a criação fonológica propriamente dita. Nesse categoria se encaixam as criação *ex-nihilo* (expressão latina que significa "do nada"). Contudo, na tipologia neológica, esse é o tipo menos frequente, muito, como já mencionado, é muito rara a criação de um signo linguístico que não dependa de outro elemento mórfico já presente na língua.

O neologismo fonológico *ex-nihilo*¹⁴¹ pode ocorrer em alguns discursos mais do que em outros, ou seja, é raro ocorrer no discurso familiar, coloquial, mas é relativamente comum no tanto no discurso literário quando no publicitário, pelos criadores de produtos de consumo. Alguns exemplos: em português temos a marca de sabão em pó *Omo*, e no mundo anglófono temos vários exemplos, como *Camry*, *Pyrex* e *Kodak*. Eis uma descrição do criador da palavra *Kodak*, George Eastman (McFredies, s.p.):

I knew a trade name must be short, vigorous, incapable of being misspelt that an extent that will destroy its identity, and, to satisfy trademark laws, it must mean nothing. The letter K had been a favorite me - it seemed a strong, incisive sort of letter. Therefore, the word I wanted had to start with K. then it became a question of trying out a great number of combinations of letters that made words starting and ending with K. the word Kodak is the result.

¹⁴¹ As quais o linguista italiano chama de "*illegitimate children, the bastards of the lexicological family*". McFedries, Paul. *Word Spy*. s.p.

Outra criação *ex-nihilo* recente e que se difundiu pelo mundo foi a palavra *google*¹⁴². McFredies nos lembra que se trata originalmente de um termo matemático, a saber, 1 seguido de 100 zeros. Tal palavra foi cunhada por um garoto de nove anos, Milton Sirotta em 1938 quando seu tio matemático, Edward Kasner, pediu-lhe que pensasse numa palavra que expressasse um número muito grande.

Já no âmbito literário não é difícil pensar em exemplos de tais neologismos, bastando citar somente alguns exemplos ilustrativos, como a palavra, que, aliás, internacionalizou-se, *Shangri-La*¹⁴³ do livro de James Hilton *Lost Horizon*, 1933, e *hobbit*, do livro *The Hobbit* de J.R.R. Tolkien¹⁴⁴.

Na literatura brasileira temos Guimarães Rosa¹⁴⁵ e Mário de Andrade que, nas palavras de Barbosa (p. 177), fazem da manipulação e da revitalização das palavras da língua algumas das grandes forças da sua narrativa.

Contudo, como Zuckermann (2003, p. 148 ff.) aponta, e é algo que não é geralmente mencionado pelo teóricos que tratam de neologismos, tal estratégia de criação é comum no que ele denominou línguas "reinventadas", ou seja, que sofreram algum tipo de engenharia linguística ou foram reavivadas, como no caso do hebraico¹⁴⁶. O caso do hebraico, por exemplo,

¹⁴² Sobre *Kodak* e *google*, cf. McArthur, Tom (ed.). *Oxford Concise Companion to the English Language*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 393, sob a categoria "Very rarely, root-creation, or coinage from sounds with no previous known meaning whatever: *googol* (sic), *Kodak* (both apparently formed ex-nihilo)".

¹⁴³ O *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary 11th ed.*, pp. 1143-4 define-a assim: "a remote beautiful imaginary place where life approaches perfection: UTOPIA; a remote usu. idyllic hideaway" Curiosamente tal palavra rendeu um topônimo no Brasil, a saber, um município no estado do Rio Grande do Sul, sob a forma aportuguesada Xangri-lá, criado em 26 de março de 1992, através da Lei nº 9612. Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xangri-lá>. Último acesso: 20 janeiro, 2017.

¹⁴⁴ Dois autores anglófonos, contudo, merecem destaque nesse sentido, a saber, James Joyce (1882-1941) e Lewis Carroll. Cf. exemplos de seus neologismos em Crystal, David. *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 131, 134-135.

¹⁴⁵ Um importante trabalho, em que nos baseamos para a criação de neologismos de várias palavras na tradução para o português das palavras usadas por Atay no *Tutunamayanlar*, é *O Léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce Sant'anna Martins, em cuja introdução (p. xi) a autora diz as seguintes palavras que vêm muito a propósito: "Pode-se dizer que o seu ideal de língua literária se enquadra nas características que ele apreendeu no idioma húngaro, entre as quais as seguintes, que se referem mais especificamente à palavra: Por sua própria natureza original, [o húngaro] permite todas as caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva individual. Praticamente ilimitada é a criação de neologismos, o *verbum configere*. O intercambiar dos sufixos e das partículas verbais é universal: os radicais aí estão à espera de um qualquer afixo, como os forames de um painel de mesa telefônica, para os engates *ad libitum*. Possível mesmo é a engendra de sufixos novos, partindo de terminações singulares ou peregrinas de vocábulos".

¹⁴⁶ Cf. a esse respeito o interessante artigo "Modern Hebrew as a National Language" de Robert L. Cooper em Coulmas, Florian (ed.), 1988, pp. 91-100. Chaim Rabin faz a seguinte afirmação sobre a atualização do acervo lexical do hebraico (Coulmas, pp. 30-31): "*Professor Uzzi Ornan [...] has prepared a dictionary of words added to the*

foi um acontecimento à parte, pois, como lembra Zuckermann (op. cit., p. 149), um déficit profundo de raízes no hebraico levou Ben-Yehuda a sugerir em 1914 a criação de raízes artificiais *yesh meáin* "algo do nada". Tal decisão, contudo, que Zuckermann chama de *Urschöpfung* (do alemão "criação original"), não foi recebida com unanimidade de opinião pelos membros do Academia da Língua Hebraica (*váad halashón haivrít*), um dos quais, Israel Eitan, predisse que tais palavras não ganhariam a guerra de sobrevivência. A favor de Ben-Yehuda, contudo, há a opinião de Bialik, que disse que havia a necessidade de se criar a terminologia tanto de algo quanto do nada.

A reação purista na língua estoniana¹⁴⁷ também foi conducente à criação de neologismos *ex-nihilo*. Planejadores linguísticos como Ado Grenzstein, um jornalista ativo na Estônia dos anos 1870-90¹⁴⁸, inventaram palavras como *kabe* "jogo de damas" e *male* "xadrez" (Zuckermann, op. cit., 149). Outro purista estoniano, o mais famoso deles, Johannes Aavik (1880-1973) também se utilizou dessa estratégia, ou o que Tauli (apud Zuckermann, op. cit., p. 149) chama de "*free constructions*", ou "construções livres". Em seu dicionário (1921), o qual contém aproximadamente 4.000 verbetes, há muitas palavras que foram (supostamente) criadas *ex-nihilo*, como lembra Zuckermann (op. cit., p. 149). Alguns exemplos: *ese* "objeto", *kolp* "crânio",

language between 1880 and 1920, comprising some thousands of words, both loans from European languages, Arabic, and Turkish, and newly formed words from Hebrew elements. Ben-Yehuda himself invented hundreds of new Hebrew words, which he used in his newspapers, and there were some fertile word creators in the circle surrounding him, including his eldest son. Word invention came to be a kind of national sport, and was practiced by writers of Modern Hebrew literature [...] The innovations of the better known authors or the general public, were assiduously recorded by the dictionary makers, and in larger dictionaries, such as the one by Even-Shoshan (1966-1983), are given with reference to their first appearance." Cf. também os seguintes artigos: "Terminology development in the revival of a language: the case of contemporary Hebrew" em Coulmas, Florian (ed.), 1989, p. 26-38; Shakour, Adel; Tarabeih, Abdallah. "Hebrew Neologisms in the Writings of Anton Shammas" em *Hebrew Studies*, vol. 56, 2015, p. 295-314; Morag, Shelomo. "Planned and unplanned development in Modern Hebrew" em *Lingua* 8, 1959, p. 247-263, Weissbrod, Rachel. "'Curious and curiouser': Hebrew Translations of Wordplay in Alice's Adventures in Wonderland. In: *The Translator*, vol. 2 (1996, 219-234), a instigante biografia de Ben-Yehuda, John, Robert St. *Tongue of the Prophet: The Life Story of Eliezer Ben Yehuda*. Nova York: Doubleday & Company, 1952, e por último, porém não menos importante, Zuckermann, Ghil'ad. *Language Contact and Lexical Enrichment in Israeli Hebrew*. Nova York: Palgrave, 2003, para abundantes exemplos.

¹⁴⁷ Thomas (p.56) afirma, rematando com uma pergunta retórica, o seguinte sobre línguas recém-codificadas ou recodificadas: "*Such diverse newly codified or recodified languages such as Hebrew, Afrikaans, Irish, Swahili, Hausa, Faroese or Estonian [...] What would be the point, the purist would argue, of codifying the grammar of a language if its lexico-semantic repertoire were almost entirely derived from foreign sources?*" Alhures, ele fala da importância da atividade purista no estoniano com outra pergunta retórica (p. 10): "*Can we equate English purism, which is peripheral to the development of English, with Estonian purism, where it is central?*".

¹⁴⁸ Segundo Wikipedia, ele também foi escritor e professor e fundador do jornal *Olevik*, que veio a ser um dos mais importantes jornais estonianos do período. https://en.wikipedia.org/wiki/Ado_Grenzstein. Último acesso em 20 janeiro 2017.

naasma "voltar", *reetma* "trair". Outros aakvismos são: *süüme* "consciência" e *tõik* "fato".

Contudo, não se pode acreditar em tudo que um purista diz, e muitas criações que são consideradas *neologismos ex-nihilo* por Aavik foram influenciadas (em sua maior parte conscientemente) por lexemas alógenos, como do russo, alemão, francês, finlandês, inglês e sueco. Citemos alguns exemplos:

Como outros planejadores, Aavik tinha vasto conhecimento de outros idiomas, sabendo grego clássico, latim e francês. Isso, contudo, não o faz merecer o título de purista, pelo menos no que tange ao significado tradicional do termo, ou seja, "antiempréstimos", pois, segundo conclui Zuckermann (op. cit., p. 150), ele não prestava atenção ao étimo das palavras (talvez por desconhecimento?), tendo substituído palavras herdadas correntes na línguas por *neologismos* de étimo estrangeiro. Assim, à guisa de exemplo, temos *relv* "arma" x inglês *revolver*, *roim* "crime" x inglês *crime*; *siiras* "sincero" x inglês *sincere, serious*; *embama* "abraçar" x inglês *embrace*; *taunima* "condenar" x finlandês *tuomita* "julgar" (que aparecem no dicionário de Aavik), *laup* "testa" x russo *лоб lob* "testa"; *mõrv* "assassinato" x inglês *murder* "assassinato". Segundo Zuckermann (op. cit., p. 150), tais palavras são um exemplo de adaptação morfo-fonêmica de um item lexical alógeno, e suas mudanças irregulares e arbitrarias são fruto de manipulação consciente por parte do criador, e não uma influência estrangeira subconsciente.

5.1. Intersecção sêmica

O uso de semelhantes neologismos em obras literárias por vezes pode gerar um problema de decodificação quando não apresenta nenhuma referência linguística que permita ao leitor fazer uma possível associação semântica. Considere um exemplo encontrado na obra de Guimarães Rosa (em Barbosa, p. 178):

"Ele xurugou" e, vai ver, quem e o quê,
jamais se saberia."
(*Primeiras estórias*, p. 20)

Aqui, o próprio contexto mostra a perplexidade que envolve a palavra usada, demonstrada através da frase "vai ver, quem é o quê, jamais se saberia", ou seja, trata-se de um significado que nem o leitor e nem os próprios personagens saberiam depreender.

A palavra ocorre duas páginas adiante (p. 22), com uma aura de igual enigmatismo:

"Olhou-me, zombaz, seus olhos muitos perspectivos: - ele te xurugou?" Nunca mais vi Nhinhinha."

O fato de não haver possível associação com outro lexema da língua, ou pelo menos que não desperte no leitor alguma associação, permite-nos dizer que se trata de um neologismo que não apresenta nenhuma intersecção sêmica (conforme Barbosa, p. 179). Isso, contudo, não nos permite afirmar que tal palavra seja desprovida de significado, pois, provavelmente, para o leitor, significará algo como "significado enigmático".¹⁴⁹

Outro processo de criação fonológica é a onomatopeia (do grego ὀνοματοποιία, ὄνομα "nome" + ποιέω "eu faço")¹⁵⁰, em que também há uma criação de sequência inédita, mas, diferentemente do processo anterior, é parcialmente motivada, ou seja, há uma relação entre o som produzido e o referente. Contudo, deve-se salientar que o ruído reproduzido nunca é uma réplica exata da emitida pelo referente, estando, obviamente, sujeita aos limites fonético-fonológicos do sistema linguístico em questão.

O segundo tipo de neologismos é o semântico. Neste, ao contrário do que ocorre com o neologismo fonológico, o significante é preexistente no léxico, e pode estar funcionando sincronicamente, ter existido anteriormente ou ser emprestado de outro sistema linguístico. No caso do neologismos semânticos há o surgimento de uma significação nova, ao passo que o significante não sofre nenhuma alteração morfo-fonológica.

Para tal, obviamente, deve-se partir do pressuposto que de a língua se modifica conforme as necessidades extra-linguísticas dos falantes, sendo vários os processos utilizados para tal fim; um deles o acima mencionado, ou seja, a mudança (ou mesmo acréscimo aos já anteriores) de significado de um significante já existente na língua.

¹⁴⁹ Martins, p. 531, afirma que se trata de um vocábulo inventado de significado indeterminável e que o autor revela com ele a estranheza da menina que o usou, dotada do pendor de criar palavras.

¹⁵⁰ Para maiores detalhes a respeito do fenômeno da onomatopeia, cf. Durkin, 2009, pp. 123-131.

Conforme Barbosa (p. 203), podemos identificar o surgimento de um neologismo semântico quando se empregam signos já existentes no código, em combinações inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. É do resultado disso que surge o neologismo semântico, ou seja, de uma combinação sêmica.

É importante lembrar que, além do conjunto de semas descritivos constantes de uma unidade lexical qualquer - algo que assegura a constância lexical que é essencial para que haja comunicação - também há que enfatizar que, como bem lembra Barbosa (p. 204), toda unidade lexical possui um subconjunto virtual de semas associativos, cujos valores são definidos pelas distribuições do contexto.

Assim, uma unidade lexical tem os semas invariantes, conforme Greimas, e os semas genéricos e específicos, para Pottier, que delimitam as (im)possibilidades combinatórias com outras lexias (as chamadas colocações).

Em uma frase como "o professor explica", *professor* tem em seu semema os traços "animado", "humano" e o verbo *explica* compartilha os mesmos traços, a saber, "humano" e "animado", ou seja, tal combinação resulta em coerência, através da redundância dos traços contextuais, que têm a função de evitar o surgimento do ruído semântico, obtendo-se, assim, isotopia¹⁵¹ textual (Barbosa, p. 206).

Contudo, um autor pode se aproveitar do ruído semântico para produzir um efeito inédito, ou seja, através do jogo das possibilidades combinatórias, justamente com o uso de uma

¹⁵¹ Guilbert afirma o seguinte (1975, p. 72): "Si la structure sémantique du langage, selon la théorie structuraliste, se définit en dehors de la langue-objet, il est nécessaire qu'elle se réalise dans les lexèmes et se manifeste dans le discours. Il apparaît que le contenu sémantique des mots conditionne leur combinaison en phrases au même titre que la structure syntaxique proprement dite. Les sèmes animé + non humain rendent possible la combinaison Le chien aboie, mais excluent Le chien réfléchit, parce que le procès 'réfléchir' comporte le trait *humain*. Il s'ensuit que la création d'un sens nouveau implique une rupture dans ces règles de combinaison et que celle-ci ne peut se manifester que dans une combinaison syntaxique de phrase. En disant: Le procureur aboie contre le prévenu, on réalise une combinaison entre un trait humain du syntagme nominal et un trait non humain du syntagme verbal, on crée une infraction à la combinatoire sémantique normale, on fait apparaître un nouvel emploi du verbe *aboyer*. Cf. Também o que Edward Lopes em *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 335 afirma: "Duas mensagens - ou duas sequências do discurso - são *isotópicas* quando possuem um ou mais classemas em comum. Essa observação permite dar conta tanto do fato da permanência do sentido nas operações repetidas de transcodificação (ou de tradução), quanto do fato análogo da relativa invariância do sentido diegético dos textos. Os classemas pertencem a um nível semântico superior e, assim, homogeneizando os sentidos intrafrásticos e interfrásticos, asseguram a coerência do sentido textual (sentido holofrástico), mantendo, através das redundâncias (cuja função é a de evitar a emergência do ruído semântico), a *isotopia textual*". Ênfase no original.

combinatória inesperada, pelo menos no nível da denotação, sendo a isotopia reestabelecida no nível da conotação.

Considere o seguinte exemplo ilustrativo de *Paisagens Humanas do meu País* do poeta turco Nâzim Hikmet¹⁵²:

*"Emine trazia uma esteira de feltro debaixo do braço,
as extremidades oscilavam com o vento
e batiam nas suas ancas."
(p. 242)*

A palavra ancas, referindo-se a Emine, uma mulher, possui uma combinatória inesperada no plano da denotação, pois no original turco a palavra usada é *sağrı*, ou seja, segundo a definição do dicionário da TDK "*Memeli hayvanlarda bel ile kuyruk arasındaki dolgun ve yuvarlakça bölüm*" (nos animais mamíferos, região rechonchuda e arredondada entre o lombo e a cauda). Em português, contudo, o efeito inédito é perdido na tradução, pois o lexema ancas possui nessa língua dois sememas principais, o referente ao humano: "cada uma das laterais do corpo humano, da cintura à articulação da coxa; cadeira, quadril, e a referente aos animais: "parte mais alta do quarto traseiro de um quadrúpede, esp. cavalo, boi, burro, etc."¹⁵³. Em suma, alguns traços conotativos que o autor pretendeu, ou seja, igualar a mulher a um animal, e isso pode remeter à ideia de sofrimento, pois são geralmente animais de carga que possuem ancas, um traço de sensualidade, etc.

Em suma, o que houve no trecho acima, em sua versão original, foi uma ruptura de isotopia, pois *Emine* pertence ao *topos* "humano" ao passo que "*sağrı*" (traduzido como "ancas") ao *topos* não-humano (ou seja, pertencem a *topoi* diferentes), sendo *topos* definido como uma classe de equivalência semântica que reúne todos os fatos semiológicos (Barbosa, p. 208).

É esse tipo de neologia semântica, que gera a metáfora, podendo haver diversos graus de ruptura de isotopia.

5.2. Análise e tradução de alguns neologismos do *Tutunamayanlar*

¹⁵² Hikmet, Nâzim. *Paisagens Humanas do meu País*. São Paulo: Editora 34, 2016. Tradução de Marco Syrayama de Pinto.

¹⁵³ Definição de Houaiss, 2001, p. 206 sob o verbete *anca*.

Trata-se de um trecho encontrado a partir da página 186 em que narra a parte de um diário de um jovem de dezoito anos chamado Düzgen Silik, com a descrição deste e de seis de seus amigos. Arrolamos abaixo 6 tabelas de acordo com cada amigo, cada uma contendo 5 colunas, a saber: turco puro, ou Öztürkçe, turco corrente, holandês puro, holandês corrente, além de cotejos com a tradução alemã, publicada recentemente e com a tradução pretendida. A primeira trata de palavras que o autor cria com o propósito de causar um efeito de ironia no texto, a segunda coluna indica a "tradução" de tais palavras, visto que no texto corrente elas vêm entre parênteses logo após as da primeira coluna, ou seja, elas se referem às palavras que são usadas cotidianamente em turco moderno, tanto que à sua época quando atualmente. O mesmo pode se afirmar, *mutatis mutandis*, a respeito das duas colunas em língua holandesa, ou seja, o holandês puro se refere a palavras que, utilizando elementos encontrados na própria língua, as tradutoras formaram para refletir o uso neológico das palavras em língua turca, ao passo que a coluna da direita, holandês corrente, se refere às que são usadas cotidianamente, para o conceito em questão, na língua holandesa. A última coluna, a saber, tradução pretendida, se refere à tradução, em linguagem não-marcada, ou seja, neutra, do que o autor pretendeu expressar com, na maioria dos casos, o dobrete. Ressalto que não se trata da tradução que por fim vou utilizar na versão final, mas sim somente uma base com o fim de dar uma ideia para o leitor brasileiro. Segue-se a cada tabela o contexto em que tais palavras ocorrem na obra, com as palavras a ser analisadas em destaque com negrito, juntamente com a página, além de uma discussão pormenorizada de cada neologismo, sempre tomando como base as leituras que empreendi dos teóricos que mencionei, os quais lidam com a análise e estratégias de tradução, a categorização do tipo de novidade que apresenta (formal, semântica ou pragmática - vide definições supra), e, por fim, uma sugestão de tradução, baseada na discussão empreendida, para o português.

1 – Orkan Talmug

Turco puro (Öztürkçe)	Turco corrente	Holandês “puro”	Holandês corrente	Tradução pretendida
a) çok kadınla evlenmeye karşı	antipoligamist	tegen het trouwen met meer dan één vrouw	antipolygamist	antipolígamo
b) evsiz	bekâr	ongeecht	celibatair	solteiro

c) süel (yargı)	askerî (yargı)	krijgsraad	-	corte marcial
d) gökçeyazın	?	hemelwoordenrijgen	literatuur	literatura

1) **Contexto** (p. 184): Eyleme geçmeyi ilk düşünen Orkan, uzun boylu, sıska, kemikli, kumral; (sinirli bir yapısı var) çabuk yargıya varan ve yargisinden çabuk dönen, amaca erişmek için araçların her çeşidinden yararlanılmasını öğütleyen, toplumsal sorunlara ilgili, birden **çok kadınla evlenmeye karşı (antipoligamist), evsiz (bekâr)**, önder olmak ve üne kavuşma isteğiyle yanan (çalışma isteğiyle yanmıyor) bir kişi. Olayın geçtiği sıralarda, bir kadın sorunuyla ilgili olarak kovuşturmaya uğramış. Ayrıca, savaşın, kişi bağımsızlığına aykırı olduğunu ileri geri söyleyip durduğu için Dördüncü Kargılılar Tugayından çıkarılarak **Süel** (askerî) Yargı Kuruluna verilmiş. Öteki arkadaşların tersine, sonu kuşkulu tartışmalara katılmaz. **Gökçeyazına** uğraşmaz (küçümser).

Tradução: Orkan Talmug: sendo o primeiro a pensar em tomar uma atitude, Orkan é alto, magricela, ossudo, **de cabelos castanhos-claros**; é precipitado em suas conclusões, voltando atrás com a mesma velocidade (tem pavio curto), acha que o fim justifica os meios, se importa com questões sociais, é contra o casamento com mais de uma mulher (antipolígamo), é **solistente** (solteiro), tem ganas de liderar e ser famoso (mas não quer trabalhar). À época do ocorrido, ele foi processado por causa de uma questão com uma mulher. Além do mais, por falar que a guerra é contra a liberdade individual sem tomar precauções, ele foi retirado da Quarta Brigada Armada e enviado ao tribunal bélico. Ao contrário de seus outros amigos, o fim dele está além de discussões duvidosas. Não se ocupa com **letradura** (não dá valor).

Neologismo: a) "çok kadınla evlenmeye karşı". Trata-se de um neologismo em nível frástico (formal, portanto) e cada palavra usada é de origem turca. Curiosamente, a forma pelo autor utilizada '*antipoligamist*', da raiz '*poligamist*' é expressa por duas palavras em turco moderno: *poligam*, oriunda do francês *polygame*, e não **poligamist*, possivelmente uma influência do inglesa "*polygamist*", sendo a outra forma, a nativa, expressa para uma forma também frástica,

ou seja, composta de mais de uma palavra "çok eşli"¹⁵⁴, que significa literalmente "quem possui muitos cônjuges". Substantivo, a novidade que apresenta é formal, pois não há mudança no plano semântico (é como uma definição de dicionário do vocábulo), mas há novidade pragmática no sentido de que somente são utilizadas palavras de origem turca na definição, ou seja, o leitor turco certamente vai ter uma apreensão determinada, ou seja, de ironia, especialmente porque ele verá a palavra correspondente sendo usada ao seu lado entre parênteses, o que era, e de certa forma o é, comum entre os reformadores quando introduziam um neologismo em um meio público, quer no jornal, livro ou até mesmo, nos dias atuais, na internet¹⁵⁵. Percebe-se que a tradução holandesa, neste caso, segue fielmente a literalidade, não havendo mudanças.

b) *evsiz*: neste contexto significa "solteiro"¹⁵⁶. É um substantivo composto de *ev* "casa" + *-siz* "sufixo" que indica destituição "sem"¹⁵⁷. Trata-se de uma novidade semântica, visto que em outro contexto tal palavra significaria "sem, destituído de casa". Coincidentemente possui a mesma raiz que a palavra portuguesa para "casado", ou seja, "casa", embora não tenha relação. Trata-se simplesmente do antônimo da palavra turca para casado *evli* e que possui os significados de "aquele que possui uma casa; casado" o que nos faz concluir que se trata de um jogo de palavras. Infelizmente tal coincidência não se estende à tradução para o português, ou seja, embora etimologicamente traga traços do conceito de 'casa', a palavra casado não pode também significar "que possui casa" como em turco, o mesmo valendo para o seu antônimo "descasado", que significa "desligado de seu cônjuge" e não *que não possui casa. Podemos pensar na opção

¹⁵⁴ Cf. http://tdk.gov.tr/index.php?option=com_gts&arama=gts&guid=TDK.GTS.55978edb407ee9.89769158.

¹⁵⁵ Cf. por exemplo o uso de "*genel ağ (internet)*" tradução turca de "rede geral" e "*belgegeçer (faks)*" neologismo este formado por *belge* (em si um outro neologismo que substituiu com êxito *evrak*) + *geçer* "passa", ou seja, uma formação composta ao estilo da palavra portuguesa "toca-discos". Cf. <http://tdk.gov.tr/>. Lewis (1999, p. 133,134) faz um comentário irônico a respeito dessa palavra ao dizer que "[i]t sets an example in [TDK's] journal by giving its fax number under the heading 'Belgegeçer (Faks)'. Whether everyone in TDK's offices says *belgegeçer* (document-passes) instead of *faks* is another matter; just as one wonders whether all French civil servants really call this useful device by its prescribed name, 'télécopie'." Curiosamente tal palavra consta do OTS, p. 537.

¹⁵⁶ Importante citar que a palavra originalmente turca, sugerida pelo *Osmanlıcadan Türkçeye Karşılıklar* (p. 19), é *ergen*, o que prova que tal uso por Atay é irônico, caso contrário provavelmente teria usado a sugestão desse dicionário.

¹⁵⁷ Curioso notar que o *Tarama Dergisi* (p. 148) lista como substituto de *bekâr* em "7. evsiz (Der: Manisa)", enquanto a abreviação der. vem a ser "*derleme fişleri (derleme fişlerinden taranmış sözler)*" (cf. p. 13), ou seja, palavras coletadas na cidade em questão e anotadas nas fichas de substitutos para empréstimo específicos. Neste caso se trata da cidade de Manisa, da província de İzmir. Acredito ser improvável que ele tenha se baseado na palavra dialetal dessa região, por ele ser natural de uma região distante dessa, o mar Negro, e ter vivido em Istambul boa parte de sua vida adulta.

"sem-teto", mas ela traz consigo outras associações (ou seja, de pobreza, sendo marcada) que a palavra original não possui, que é não-marcada. Portanto, podemos traduzi-la por "sem casa própria". Note-se a dicotomia etimológica do par de palavras: *evsiz* < turco / *bekâr* < persa¹⁵⁸ (empréstimo e palavra corrente). Já no caso do holandês, também temos uma dicotomia etimológica, sendo uma palavra de origem germânica, *ongeveer* (ou seja, que não contraiu *echt*, matrimônio") e uma de origem latina, via francês (< *célibataire* < *caelebs, ībis*) *celibatair* que, como a própria tradutora admitiu¹⁵⁹, expressa no holandês palavras de registro mais elevado, reservado para situações mais formais. Note-se que assim fazendo, a tradução holandesa, com o fim de utilizar uma palavra de origem estrangeira, nesse caso românica, inverteu o registro que há no original, assim criando um enobrecimento, segundo a quarta categoria de Berman. Observe:

bekâr = empréstimo, palavra corrente e comum no turco moderno.

celibatair = empréstimo, palavra formal e incomum no holandês moderno, não constante do dicionário *Van Dale* online.

Pode-se concluir, a partir do exemplo que as tradutoras holandesas tenham utilizado a mudança de registro com o fim de compensar a estranheza semântica da palavra *evsiz*, tal como usada na obra em análise. Alternativamente, há o neologismo cunhado por Guimarães Rosa "solistência", que possui o significado de "O existir só, a existência solitária (sent. prov.)", composto de sol(u) + (ex)istência" (Martins, p. 464)¹⁶⁰. Baseando-nos em tal vocábulo, podemos

¹⁵⁸ Há divergência entre os dicionários quanto a esta etimologia: o OTS (p. 529) afirma que provém do árabe (*bikr* بكر > *bekāret* بكارة > *bākir* باكر > *bekār* بكار), ao passo que para o Tietze (vol. I, p. 307) vem do persa *bakār* بكار, lit. "para o trabalho, prestes a trabalhar".

¹⁵⁹ "Finding equivalents for the different language varieties was obviously one of the biggest challenges in the process of translation. Dutch was never subjected to such a stringent language policy as Turkish (and frankly, I assume few languages have been). Trying to find two parallel, coexisting varieties of Dutch, to exactly meet the nearly diglossic situation in Turkish, would be a mission impossible. But like all languages, Dutch too has been exposed to the influence of foreign languages in the course of history. The French occupation at the end of the 18th, beginning of the 19th century, left its marks on Dutch. Like in *negatie* – *ontkenning* 'denial', there are quite a lot of pairs of synonyms, one with Romanic, the other with Germanic roots. Often the Romanic word has an old fashioned, or a more stately connotation". Cf. <http://www.literatuuruitturkije.nl/english/language-is-the-mirror-of-our-lives-oguz-atays-novel-tutunamayanlar-and-its-dutch-translation/>.

¹⁶⁰ Note-se a importância disso com a afirmação de Berman (2013, p. 80) : "O mesmo acontece com a destruição dos grupos de significantes importantes de um texto, aquele ao redor dos quais ele organiza a sua falância. Por exemplo, um autor como Beckett emprega no âmbito da visão certos verbos, adjetivos e substantivos - *não outros*. A tradução tradicional não percebe de forma alguma esta sistemática." Ênfase no original.

formar seu adjetivo *solistente* com o significado de "aquele que está só, que possui uma vida solitária".

Alternativamente, se quisermos nos valer de um vocábulo mais irônico, como é caso no original turco, podemos utilizar o (ou, mais precisamente, um dos, pois havia variantes) equivalente medieval de solteiro, a saber, *sorteiro*, interessante pelo fato de haver intersecção na mente do falante atual com a raiz sorte, de maneira que aquele poderia interpretá-la como "um indivíduo que, ao mesmo tempo que é solteiro, tem sorte por ser assim". Cf. as atestações no *Vocabulário* de Antônio Geraldo da Cunha (p. 2379):

Adjetivo, Medieval: sorteiro

Séc. XV CONF, 121b19 A segunda se he *sorteiro* ou sortera.

Ou com a variante *sorteyro*:

Séc. XV CONF, 134b31 Item clérigo que for *sorteyro* seja priuado do ofício e do benefício.

c) *Süel*: trata-se de um adjetivo composto de *sü*, uma palavra constante no turco arcaico com o sentido de "exército" + sufixo neológico *-el*. De fato é uma composição um tanto irônica se pensarmos que há dois opostos da língua justapostos: uma palavra antiga¹⁶¹, que já não é mais produtiva na língua moderna (o empréstimo árabe *asker*[î] < عسكري *askarî*, é hoje usado em seu lugar) juntamente com um sufixo que praticamente tem uma data, recente aliás, de criação e que foi amplamente criticado. O fato de tal palavra ser um neologismo é comprovado pela seguinte afirmação de Lewis (1999, p. 102):

"From the obsolete *sü* 'army', İbrahim Necmi Dilmen manufactured *süel* for 'military' in 1935".

O fervor dos puristas era tamanho que cunharam até mesmo um prefixo, algo improdutivo em turco (em oposição a sufixos). Levend (1972, p. 423) cita o purista acima

¹⁶¹ Clauson (1972, p. 781) afirma que tal palavra "cannot be traced later than about XV".

aludido, İbrahim Necmi Dilmen, como sendo o inventor do prefixo (*önek*) *yantı* para expressar *anti*-, como na palavra francesa *antimilitaire*, ou *yantisüel*.

Um vocábulo que imediatamente vem à mente é *bélico*, pois tem baixa frequência (embora o correspondente turco, *süi*, seja completamente improdutivo na língua moderna). Contudo, tal vocábulo ocorre como parte da frase *Süel Yargı (Kurulu)*, em que *yargı* "tribunal" seria o substituto da palavra derivada do árabe *mahkeme* (< *محكمة* *maḥkama*), bastante produtiva na língua moderna e que resulta no significado pretendido "corte marcial". Muito provavelmente modelada no original francês, tal frase tem um sentido muito restrito, ou seja, seus componentes separados raramente são utilizados. Curioso constatar que essa palavra consta da lista de neologismos de Ataç (Çolpan, p. 108):

yargı: hüküm (julgamento, decreto, edito, veredito)

ao passo que reserva para *yargıl* o sentido de *mahkeme* (tribunal) (ibid.)

O estado de caos linguístico é bem ilustrado com o uso dessa palavra por Lewis (1999, p. 114), o qual, citando uma anedota a respeito de Cemil Bilsel, que dava aulas de *Devletler Hukuku* (Direito Internacional) e que um dia, ao ir para sua aula em 1932, topa com Sadri Maksudi e lhe pergunta como traduzir o nome da disciplina para Öztürkçe, e imediatamente lhe responde *Budunların ara yargısı*. *Budun* é a forma dada pelo *Tarama Dergisi* como equivalente de "povo" e *yargı* de *adalet* "justiça" ou *hüküm* "julgamento" mas que, como afirma Lewis, usou com o sentido errôneo de *hukuk*, direito. Ou seja, tratava-se de um caso comum em que as pessoas atribuíam significados próprios às palavras, resultando em caos linguístico. Resultado, os alunos, ao ouvirem o "novo" nome da disciplina e, interpretando *budunun* como a forma genitiva de *but* "coxa" e *yargı* como derivada do verbo *yarmak* "dividir" caíram na risada.

No tocante a *kurul* "comitê", Lewis (1999, p. 111) suspeita ser uma apócope¹⁶² arbitrária de *kurultay*¹⁶³. Esta, por sua vez, pode também ser considerada uma formação anômala que

¹⁶² Subtração de um som no final da palavra. Cf. Viaro, 2003, p. 58.

¹⁶³ Do mongol *kurilta* (< *kuri*- "colher, juntar") + sufixo *-lta*. Houve uma interpretação errônea (por analogia) e cruzamento com a raiz turca *kurul(mak)* "ser montado". Em vez de *kurulta**, produziu-se *kurultay*, o -y por analogia

obteve êxito e da qual um sufixo surgiu, tornando-se até mesmo produtivo. Portanto, por meio de formação regressiva, *kurultay* > *kurul*, obteve-se esse novo neologismo.

Concluimos que os equivalentes respectivos modernos dessas palavras são, portanto: tribunal e bélico, sendo exatamente essa a nossa sugestão de tradução da frase *Süel Yargı*¹⁶⁴. Ademais, é interessante notar que a tradutora holandesa não incluiu o par neológico e o corrente, como consta do original, mas somente o uso corrente que, aliás, é composto de raízes germânicas: *krijgsraad*, composto de *krijg(s)* "guerra" + *raad* "conselho, assembleia", embora haja a palavra correspondente, empréstimo do francês, *militair*¹⁶⁵.

d) *gökçeyazın*: trata-se de uma formação curiosa - uma novidade de formação - e que aparentemente causou um pouco de estranheza nas tradutoras holandesas. Composta de *gökçe*, que possui 3 significados distintos, a saber: azul, celeste, bonito¹⁶⁶, e de *yazın* "literatura", podemos observar no contexto acima que a palavra que o autor escolhe não vem imediatamente após a palavra a que se refere, mas vem ao fim da frase. Ou seja, a palavra entre parênteses não se refere a um equivalente corrente; é um verbo que complementa (?) o outro verbo. Mas procedamos à análise do vocábulo primeiramente. Provavelmente o autor teve em mente a frase francesa *belles lettres* ao compor tal palavra, a qual podemos traduzir como "bela literatura, bela escrita" (não confundir com "caligrafia", a qual se verá em outro contexto). Ou seja, dos 3 significados acima enumerados, constantes do dicionário da TDK, o que mais se encaixa semanticamente é "bonito". As tradutoras holandesas, por seu turno, traduziram a palavra como *hemelwoordenrijgen* que, ao ser decomposta, pode ser analisada da seguinte maneira:

- *hemel* (céu)
- *woorden* (palavras)
- *rijgen* (alinhar, justapor).

a *toy* "banquete". Cf. Lewis (1999, p. 105, nota 16). Em suma, do sufixo original *-lta*, os puristas o reinterpretaram como *-tay*.

¹⁶⁴ Cf. também o equivalente moderno da frase no inglês: *military court*.

¹⁶⁵ Cf. <http://vandale.nl/opzoeken?pattern=military&lang=en>. Último acesso em 22 de out. de 2015. Uma provável alternativa de tradução seria "Krijgsraad (militair rechtbank)", em que *rechtbank* significa exatamente "tribunal".

¹⁶⁶ http://tdk.gov.tr/index.php?option=com_gts&arama=gts&guid=TDK.GTS.5597f3033fffe8.73183240.

Segundo a tradutora do holandês Hanneke van der Heijden, em comunicação pessoal, há a expressão *woorden* (aaneen)rijgen, usada em sentido jocoso ou irônico, para descrever o ato de compor poesia. A tradução pretendida por ela é, ao deduzirmos por esses fatos, "justaposição de palavras celestes". Contudo, a interpretação de *gökçe*¹⁶⁷ como "céu" é improvável, como demonstraremos adiante.

Se a entendermos assim, as tradutoras holandesas fizeram uma escolha equivocada, visto que a traduziram por um composto de 3 palavras *hemel* "céu" + *woord* "palavra" + *rijgen* "linha", ou seja "linha da palavra celeste", dando como equivalente em holandês moderno "literatuur", algo que não encontramos no original turco (daí o uso de um ponto de interrogação na segunda coluna do turco corrente). Traduzimos a frase como "Ele não lida com literatura, mas sim a despreza". O desafio para o tradutor aqui está em encontrar em português um equivalente que não contenha raízes latinas para o conceito de "literatura". Talvez possamos pensar na palavra derivada do grego "bibliografia", embora soe ambígua. Se mudarmos para "obra bibliográfica" é possível que obtenhamos algo mais próximo ao original: "Ele não lida com obras bibliográficas, mas sim as despreza". A ideia aqui é usar sempre um contrário: em turco a palavra corrente para literatura é *edebiyat*, derivada da raiz árabe *adab* ادب. Se em português a palavra equivalente é de origem latina, temos que pensar num equivalente em outra língua, mas ao mesmo tempo usando os recursos presentes, ou seja, já adaptados ao português - e há muitos compostos gregos de que podemos fazer uso.

Analisemos, contudo, tal palavra em dois dicionários da língua turca. O ÖTS (vol. 2, p. 1741) traz três acepções para a palavra *gökçe*, a saber:

1) *gökle ilgili; göğe ilişkin*. Güzel, latif. Cisimle ilgili değil de maneviyatla ilgili olan, latif. *Gökçe yazın*, 1. Güzel yazılar. 2. Sanat değeri taşıyan eserlerin tümü. 3. Yazma sanatı ile ilgili kuralların bütünü ve bu kurallara uygun eserleri içine alan disiplin. 4. Düşünce, duygu ve hayallerin ses ve yazı ile güzel ve etkili bir biçimde anlatılması sanatı. 5. Bu sanatın kuralları ve ürünleriyle uğraşan bilim dalı. 6. Milletin, bir ülkenin, bir çağın edebi eserlerinin tümü.

2) *açık mavi; gök rengi; havai mavi*

¹⁶⁷ Curioso constatar que o dicionário etimológico de Andreas Tietze (2002) não inclui tal palavra.

3) (*ağız*) *agaçlarda asalak olarak yaşayan sürekli yeşil bir bitki*.

Percebemos aí que o mencionado dicionário, embora seja o único a fazê-lo, inclui o verbete "gökçeyazın", para o qual dá a definição de *güzel yazılar*, ou "belas letras". Lewis (1999, p. 88) nos dá o autor desse verbete, a saber, Ataç¹⁶⁸, e faz um comentário bastante pertinente para o nosso caso:

"*Gökçe-yazın* was intended to mean 'belles-lettres', *gökçe* being a provincialism for 'beautiful', while *yazın* was Ataç's arbitrary modification of *yazı* 'writing'. The whole expression did not catch on, but *yazın* is current in the sense of 'literature', without having supplanted the time-honoured *edebiyat*."

Já o MBTS (vol. 1, pg. 1067) define *gökçe* como "mâviye calar renk, mâvimsi, mâvimtrak".

Em suma, incluímos tal palavra nesta análise pois o segundo componente da frase é um neologismo (registrado como tal no MBTS vol. 3, pg. 3393) "yeni"¹⁶⁹, ou "nova" para o conceito de *edebiyat*. Já o outro dicionário consultado, o OTS, não comenta sobre tal característica do vocábulo. Nossa sugestão de tradução dessa palavra é "letradura", uma forma datada, segundo Houaiss, do séc. XIV e que é uma variante popular de seu sinônimo "literatura". Ademais, tal vocábulo consta do *Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval* de Antônio Geraldo da Cunha, 2014:

(p. 1599) medieval: letradura. Séc. XIV 1 AVES, VI.19 Ca o rrelioso que dondo e obediête he a ssa or[di], quando [há] bõa letradura e bõa fama que sõ dous [cascavees] que [tinê] [...]; séc. XV 2 LEAL, 318.4 [...] ca eu faço tal conssiiraçom como caçador, de que mais entendo que de letradura que o coração [...] he assy como falcom que avemos de fazer [...].

¹⁶⁸ Cf. a valiosa obra *Ataç'ın Sözcükleri* (Palavras [criadas por] Ataç) de Yılmaz Çolpan, Ankara: Ankara Üniversitesi, 1963, p. 49.

¹⁶⁹ Yeni, como consta na pg. LXXIII da introdução, é uma abreviação de "yeni kelime, yeni anlam", ou seja, "palavra nova, significado novo".

Interessantemente, sob o verbete "literatura" no mesmo dicionário, encontra-se a variante medieval *leteradura*, que, pelas atestações, são contemporâneas da forma *letradura*:

Séc. XIV GREG, 1.8.4 Que homen he este [...] que, sen outoridade e sen lecença nenhua que de ti aja, ousa a preegar a todos los poboos sem *leteradura* nenhua, que nunca [...] aprendesse a paravoa de Deus?

PART, VI.576 [...] rrico ou pobre ou clerigo ou leygo ou leterado ou sem *leteradura* [...].

O fato de a primeira ser de uso infrequente serve como compensação para a também infrequente palavra turca *gökçeyazın*. Em suma, das duas palavras propostas, preferimos a sincronicamente transparente *letradura* em oposição a *leteradura* (*letera*, embora seja uma evolução fonética natural do latim *littera*, não remete a nenhum morfema **letera* em português moderno), além de conter conotações irônicas (possivelmente com "a letra é dura", ou seja, difícil, de difícil entendimento, a nosso ver).

Ademais, é interessante notar, a esse respeito, as sugestões de neologismo propostas por Carl Blasendorff em seu *Verdeutschungswörterbuch für Schule und Haus* (p. 42), como substitutos de *Litteratur* (hoje grafada *Literatur*): *Schrifttum, Schriftdenksmäler, schöngeistige Erzeugnisse, Dichtungen; Bücherwesen*.

Tal palavra, a saber, literatura, tampouco escapou à atenção do purista inglês William Barnes, que sugeriu a palavra *book-lore* para a corrente *literature*¹⁷⁰.

2- Salgan Saçak

Turco puro (Öztürkçe)	Turco corrente	Holandês "puro"	Holandês corrente	Tradução pretendida
a) zorbilim	cebir	Duchtige Kennis	algebra	álgebra
b) sevi ilişki	cinsel münasebet	geschlachtelijke omgang	seksueel contact	relações sexuais
c) yongacılık	marangozluk	huisraadvervaardiging	fabricage van meubels	carpintaria
d) esrik	sarhoş	beschonken	dronken	bêbado (adj.)

¹⁷⁰ Barnes, William. *An Outline of Speechcraft*. Londres: Kegan Paul, 1878, p. 66.

1) **Contexto** (p. 184): Uzun boylu, iri yapılı, kara saçlı, gök gözlü; Orkan'ın en yakın arkadaşı, sakallı; saçlarını hiç kestirmez. Açık Gök Okulunda **zorbilim** ve **gökçeyazın** öğretirken törelere uymanın gereksizliğini ileri sürdüğü ve **sevi ilişkilerinin (cinsel münasebet)** doğal bir biçimde düzenlenmesini istediği gerekçesiyle öğreti belgesi elinden alınmış. Düzenli okur. Öğretinin dışında **yongacılıkla (marangozluk)** uğraşır. İşsizliğine aldırmandan kendisiyle ilgilenen bir kadınla evlidir. Eve sık sık **esrik** gider. Biraz Çince bilir.

Tradução: Salgan Saçak: pescoço comprido, corpulento, cabelos negros, olhos azuis¹⁷¹; é o melhor amigo de Orkan, nunca cortou nem a barba e nem o cabelo. **Foi afastado de sua posição de professor na escola aberta Celeste, onde lecionava dicência e letradura por haver falado da desnecessidade da obediência às tradições e da prática livre de pareunia (relações sexuais).** Lê regularmente. Além de dar aulas, ele trabalha com lascadoria (carpintaria). Casou-se com uma mulher que não se importou com o fato de ele estar desempregado. Quase sempre vai temulento para casa. Sabe um pouco de chinês.

Neologismo: a) *zorbilim*. Trata-se de um substantivo composto de *zor* "difícil" e *bilim* "ciência". Obtemos uma pista do significado dessa palavra na página 148, na qual ela ocorre pela primeira vez e com seu equivalente em turco corrente moderno *cebiri* "álgebra" (< árabe جبر *Ğabr*). De qualquer forma, o *Tarama Dergisi* (p. 164), que possivelmente pode ter servido como inspiração a Atay, lista como substitutos (tendo por sua vez como fonte o *Kamûs-i Türki*) nas entradas 4. como *zor*, na 5. como *zorlama* e na 6. como *zorlayış*, ou seja, todas tendo como base *zor*. Certamente se trata de uma palavra com conotação irônica, havendo novidade de formação (não há tal composto dicionarizado, embora seus componentes existam) e semântica, visto que tal palavra só pode ser entendida neste contexto, e não pela soma de suas partes (difícilmente alguém adivinharia seu significado fora desse contexto). O neologismo holandês traz um significado semelhante quanto a *duchtinge*, mas usa *kennis* "conhecimento" em vez de *wetenschap* "ciência", para a segunda palavra. Sugerimos a seguinte tradução para tal neologismo, a saber, *dicência*, composto do prefixo latino *di-*, em suas diversas variantes (*dis-*, *dif-*), e que denota,

¹⁷¹ A tradução holandesa traz *hemelkleurige (ogen)* para azuis, lit. "azul-celeste". Creio ser desnecessária tal tradução, ou seja, que relacione com "céu" (atual significado de *gök*), pois o seu sentido original é "azul". A palavra não-marcada para azul em holandês é *blauw*. Por outro lado, a colocação da aludida cor com "olhos" em turco é *mavi*, um empréstimo do árabe.

entre outras coisas, oposição (além de dispersão e intensidade)¹⁷², como na própria palavra *difícil* (< *difficilis*, negação de *facilis*). Tal sugestão é adequada, a meu ver, pois traz consigo o próprio conceito do original *zor*, ou seja, "difícil".

b) *sevi ilişki*: trata-se de um composto, embora não sejam grafadas como uma palavra só. O autor usa um palavra antiga da língua turca (segundo Nişanyan, p. 404, atestada no século IX) para expressar "amor", derivada do radical *sev-* "amar", embora tal conceito seja mais frequentemente expresso por duas palavras *sevgi* (usado em geral para com animais, crianças, etc.) e *aşk* (< árabe عشق *ʿiṣq*; usado para sexos opostos). Em linguagem corrente usa-se um composto híbrido (substantivo árabe + sufixo turco + substantivo turco), a saber, *cinsel*¹⁷³ *ilişki*. Devemos levar em conta que talvez a palavra *münasebet* "relação (entre pessoas ou nações); conexão" (< árabe مناسبة *munāsaba(t)* "adequação, conveniência; ocasião"¹⁷⁴) pode ter sido mais frequente do que *ilişki* à época do autor, ou que simplesmente o autor quis fazer uso proposital de duas palavras de origem árabe para dar mais ênfase ao seu ideal. Scharlipp (p. 83) lista o adjetivo derivado de *ilişki*, a saber, *ilişkin* da seguinte forma:

ilişkin: betreffend < *iliş-* anfassen, leicht beruhren, hangen bleiben, eingreifen, türksprachliche Synonyme sind: *ilgisi*, *ilisigi*¹⁷⁵ *olan*; *bağlı*; *ilgili*; neol. *deggin*.

Subst.: ar. *ait*, *merbut*, *münasebettar*.

Já Röhrborn (2001, p. 5) inclui tal vocábulo neológico cujo significado original de reflexividade ou reciprocidade foi ignorado no ato de cunhagem dos reformadores, dentre os quais está *erişim* "tráfego, conexão", *ulaşım* "tráfego, contato". *ilişki*, contudo, teve sua função invertida, ou seja, tem o significado na raiz endêmica *iliş-* "aderir, grudar", mas ganha sua denotação de reciprocidade no neologismo *ilişki* "relação mútua".

Interessante, a esse respeito, Ömer Asım (p. 55) citar a opinião de um ministro que afirma o seguinte:

¹⁷² Cf. Viaro, 2013, p. 9,10.

¹⁷³ < árabe جنس *zins* "espécie; raça; sexo; gênero; sexo; sexualidade" > turco *cins* "tipo; raça; gênero".

¹⁷⁴ Cf. a mudança semântica entre a palavra árabe e a otomana, ou seja, "adequação" → "relação", embora possa ser observada uma intersecção semêmica entre os dois significados, ou seja, estebelece-se uma relação qualquer motivada pela adequação.

¹⁷⁵ Possivelmente um erro de digitação para *ilgisi olan*.

Müteradif (eşanlamlı) bulunan kelimeyi afaroz etmek, bizim öz Türkçecilere mahsus bir garabettir. Eşanlamlı kelimeler arasında önemli nuans özellikleri ve birbirinin yerine ikame edilemeyen 'deyim' zenginliği farkları vardır. Bu çeşit kelimelerin çokluğu, dilin zaafına değil kudretine delalet eder. 'Münasebet' yerine 'ilişki'yi koydunuz'¹⁷⁶

A tradução para o alemão (p. 183) traz o seguinte dobrete: *Liebesvereinigungen* (*Sexualverkehr*). O primeiro composto é formado por *Liebe* "amor" + *vereinigungen* "uniões", resultando em "uniões amorosas". Segundo o Collins German Dictionary, 2ª. edição (1991, p. 706), pode se referir a "*Math geh: körperliche, eheliche Vereinigung*", ou seja, usada tanto no campo da matemática como ao se referir a união sexual (*körperliche*) e matrimonial (*eheliche*), e pertence a um uso *geh(oben)*, ou seja, culto, elevado. Não é uma palavra dicionarizada (não consta em nenhum dos dicionários consultados, a saber, *Duden*, *Grimm* e *Collins*), mas é totalmente transparente¹⁷⁷ para o leitor, que imediatamente deduzirá o significado através da análise mental dos elementos que a compõem, embora possa haver contaminação, tanto no plano do significante quanto do significado, da palavra dicionarizada *Liebesverhältnis* "relação sexual, caso amoroso" (*Liebe* "amor" + *Verhältnis* "proporção, razão; relação". O outro composto, *Sexualverkehr*, composto de *Sexual* "sexual" + *Verkehr* "transporte; contato; relação" é a palavra corrente, dicionarizada no *Duden online*, o qual mostra a purista *Geschlechtsverkehr* como sua sinônima (e, aliás, com a mesma frequência de uso).

A nossa sugestão de tradução estrangeirizante é o termo helenizante *pareunia*. Segundo Houaiss (2001, p. 2134-5), ele não é um termo independente em português¹⁷⁸, mas sim um elemento de composição (um pospositivo) empregado em eruditismos modernos na área de psicologia, sexologia, etc. para nomear condições de, ou relativas a relação sexual, cópula, ou acasalamento na espécie humana. Tal termo é derivado do grego *páreunos* "deitado com, ou ao

¹⁷⁶ Banir palavras sinônimas é uma peculiaridade comum aos nossos puristas. Há uma diferença de riqueza de expressão importante entre palavras sinônimas e que não podem ser substituídas por outras palavras. A abundância de palavras dessa natureza demonstram o poder, e não a pobreza da língua. Vocês substituíram *münasebet* por *ilişki*. Tradução nossa.

¹⁷⁷ Cf. Viaro, 2014, p. 117: "Algumas línguas, como português e o japonês, não veem grande problema na introdução de termos opacos, já outras, como o alemão e o chinês, sentem-no mais intensamente devido à grande produtividade de seus radicais".

¹⁷⁸ Tampouco figura no dicionário *Aulete online* (www.aulete.com.br). Contudo, tal termo, *pareunia*, é dicionarizado na língua inglesa, no dicionário *Webster's Third New International Dictionary Unabridged*. Springfield: Merriam-Webster, 1993, p. 1641 como o significado de "*coitus*".

lado; aquele com quem se divide o leito; esposo; esposa" composto de παρά *pará*- "ao lado" + εὐνή *eunḗ* "cama; leito conjugal" + sufixo do latim novo *-ia*.

c) *yongacılık*: provém da raiz *yonga* "lasca" + sufixo de agente *-cı* + sufixo *-lık*. Podemos traduzir tal palavra como "lascadoria", e neste contexto tem o significado de "carpintaria".

d) *esrik*: há, curiosamente, uma aparente divergência entre os dicionários consultados que incluem tal verbete. O dicionário etimológico do Tietze (p. 744) mostra tal palavra (com variante *esrük*) como oriunda do turco antigo *äs-rök*, com o mesmo significado. Já o dicionário etimológico de Nişanyan (p. 120) apresenta-a como uma palavra criada no YT (abreviação de *yeni Türkçe*, "turco novo"¹⁷⁹) em 1935 como sendo equivalente (alografia) à palavra do turco antigo *esrük* < *esürmek* "embriagar-se" (séc. XI) < ? radical *es*- "soprar (vento)". O dicionário da TDK a indica como sendo *eskimiş*, ou arcaica. Seja como for, o *Tarama Sözlüğü*¹⁸⁰ mostra tal palavra como antiga (em otomano grafada اسرك) e com as respectivas atestações. Ela possuía três significados diferentes, a saber 1. Embriagado (*sarhoş*), 2. Demente, dervixe que está extasiado (*meczup, deli*), 3. Furioso, raivoso (*kızgın, öfkeli*). Em suma, trata-se de um caso de ressurreição¹⁸¹ de uma palavra do turco antigo em 1935 pelos reformadores turcos só para vir a arcaizar-se depois?

Seja como for, resolvemos escolher uma palavra portuguesa que contivesse esses dois traços: 1) não fosse um empréstimo, ou pelo menos que não contivesse formas de línguas que não fossem neolatinas; 2) fosse uma palavra de baixíssima frequência (poética ou mesmo arcaica). Deparamos com a palavra *temulento* que é derivada do latim *temulēntus, a, um* "bêbado", e que não desperta em um falante do português associações que pertençam a um registro coloquial (pois tal conceito abunda em termos coloquiais e gírias).

3- Durman Elger

¹⁷⁹ Segundo Nişanyan (p. xiv): "*Dil Devrimi çerçevesinde 1932 yılından itibaren Türkçeye kazandırılan yeni kelimeler Yeni Türkçe (YT) olarak nitelenmiştir*", ou seja, palavras foram designadas como Turco Novo se foram agregadas ao turco a partir de 1932 sob o pano de fundo da Revolução Linguística.

¹⁸⁰ Disponível em:

<http://tdk.gov.tr/index.php?option=com_tarama&arama=kelime&guid=TDK.GTS.5890f894017867.63948048>.

Último acesso em 31 janeiro 2017.

¹⁸¹ Cf. Viaro, 2014, p. 116.

Turco puro (Öztürkçe)	Turco corrente	Holandês "puro"	Holandês corrente	Tradução pretendida
a) yaşıl	yeşil	grene	groen	verde(s)
b) uzak görmezlik	miyopluk	-	¹⁸²	miopia
c) yaratıkotacılığı	baytarlık	viervoetergeneeskunde	veerartsenij	(ciência veterinária)
d) güzelçizi	resim	schonenlijnkunde	kalligrafie	quadro
e) bilgesevi	felsefe	wijsheidsliefde	filosofie	filosofia

Contexto (p. 185): Orta boylu, tıknaz yapılı, kumral, **yaşıl (yeşil)** gözlü (**gözünde uzak görmezlik - miyopluk-var**), evli, üç çocuklu, az aksak (sol bacağındaki bir kargı yarasından), otacılıkla uğraşır, **yaratıkotacılığı (baytarlık)** da yapar. **Bilgesevi (felsefe)** ve **güzelçizi (resim)**, uğraşları arasındadır. Yedi kişi içinde toprağı olan tek ağadır. Bir de at uşağı var.

Tradução: Durman Elger: De estatura média, rechonchudo, moreno, olhos vírides (verdes), tem falta de vista distante (miopia), casado, com três filhos, um pouco coxo (por uma ferida de lança na perna esquerda), pratica a curanderia e zootria (veterinária). Entre suas atividades estão o amor ao conhecimento (filosofia) e belas linhas (pintura). É o único senhor de uma terra com sete pessoas. Também tem um cavaliço.

Neologismo: a) *yaşıl* "verde", é um arcaísmo. Em turco moderno *yeşil*. Trata-se de uma variante com vogais baixas em vez de vogais altas. De acordo com o dicionário OTS (v. 5, p. 5.241), é uma variante *ağız* de *yeşil*, ou seja, dialetal. O fato de tal palavra existir em azeri, uma língua túrquica, sob a mesma forma, *yaşıl*, em cazaque *jasıl*, quirguiz *caşıl* e em uigur *yaşnimak*, é um indicativo de que num estágio anterior do túrquico a forma com "a" era a predominante¹⁸³. De fato, a filóloga turca Zeynep Korkmaz (1995, p. 136) afirma que tal forma pertence a um estágio de língua mais antigo. Karadoğan (2004, p. 96) afirma o seguinte com respeito à palavra *yaşıl*: "*Yeşil renk için Eski Türkçe döneminde yaşıl kullanılmıştır*", ou seja, usava-se a palavra *yaşıl* em turco antigo para denominar a cor verde (*yeşil*).

Interessante notar que a forma escolhida pelas tradutoras holandesas também reflete tal arcaísmo, a saber, usam a forma *grene* (holandês moderno *groen*) proveniente, segundo

¹⁸² Omitido na tradução.

¹⁸³ Ocorre no turco da Turquia sob forma dialetal. Cf. http://tdk.gov.tr/index.php?option=com_bts&arama=kelime&guid=TDK.GTS.5598535826ec26.09734005.

comunicação pessoal com a tradutora Hanneke van der Heijden, do inglês antigo *grēn*, mas que também pode ser de uma língua mais afim ao holandês, a saber, do frísio antigo (*grēn*)¹⁸⁴. O *-e* final deve ser uma analogia com a forma do holandês médio *grune*¹⁸⁵. A tradução alemã utiliza a forma corrente e não-marcada *grünäugig* "que possui olhos verdes", deixando, assim, o leitor alheio ao estranhamento causado pelo vocábulo arcaico/dialetal do original turco.

O desafio maior, contudo, é encontrar um equivalente em português. Observa-se que a palavra para "verde", coincidentemente, tanto em turco quanto em holandês sofreram metafonia¹⁸⁶. Podemos nos beneficiar desse fato também, que não é incomum na diacronia do português, e se tomarmos o étimo latino *virīdes* e o aportuguesarmos, obteremos "víride", que inclusive é dicionarizado pelo Houaiss com o rótulo de forma culta de "verde".

Analogamente, é interessante citar *jalde*, usada por Guimarães Rosa (Martins, p. 283), e que, a nosso ver, produz, *mutatis mutandis*, um efeito semelhante: "a lagartija, trama de coral, sangues hastes que se inclinam, expondo à tona em estendal curto um milflorir vivo jalde".

Tal palavra é, segundo Martins (op. cit., p. 283), um termo literário, e um empréstimo do francês antigo *jalne*, atualmente *jaune*, através do espanhol *jalde*. Há uma variante em português, a saber, *jalne*, ambas dicionarizadas no Houaiss (2001).

b) *uzak görmezlik*: "vista distante", usada no sentido de "miopia", é um substantivo composto que revela novidade de formação e usado com palavras exclusivamente turcas. A palavra que designa tal conceito em turco moderno é a derivada do grego *miyopluk*, sendo formada de *miyop* (do francês, por sua vez do grego *μύωψ myōps* < *μύειν myein* "estar fechado" + *ὤψ ὄψ* "olho, rosto") + sufixo turco *-luk*¹⁸⁷. Curiosamente, a tradução holandesa omite tal parte e a substitui por outra, não presente no texto original em parte alguma (por essa razão resolvi não incluí-la na tabela acima), a saber: "*luchthappend (asmatisch)*", ou seja, "arquejante por ar (asmático)". Note-se que, por mudança de ponto de vista, o composto turco expressa o oposto do português

¹⁸⁴ Cf. <http://www.etymologiebank.nl/trefwoord/groen>.

¹⁸⁵ O fato de a tradutora holandesa ter formação linguística torna tal possibilidade ainda mais plausível.

¹⁸⁶ Houaiss define como "modificação do timbre de uma vogal da raiz ou de um sufixo derivativo por assimilação à vogal de um sufixo flexional". Na gramática do alemão e do inglês tal fenômeno é conhecido como *Umlaut*. Ver também Viaro, 2011, p. 168-171.

¹⁸⁷ Onde *v* representa a variação vocálica de acordo com a harmonia vocálica presente no radical. Cf. Viaro, 2011, 171.

"vista curta". A tradução alemã, por seu turno, utiliza a forma corrente e não-marcada, ou seja, não apresenta nenhum neologismo equivalente, a saber, *kurzsichtig* "miope".

c) *yaratıkotacılığı*: uma interessante criação no sentido de "ciência veterinária", usada no lugar de *baytarlık* (do árabe بيطار *bajṭār* "veterinário; ferrador" + sufixo turco *-lvk*). A palavra hoje usada em turco é *veterinerlik*. A palavra em questão, um substantivo composto que revela tanto novidade de formação quanto semântica, é composta de *yaratık* "criatura, ser"¹⁸⁸ + *otacılık*, um neologismo sugerido no *Tarama Sözlüğü* (1971)¹⁸⁹ para a substituição de duas palavras árabes para "medicina", a saber, *hekimlik* e *tababet*¹⁹⁰, que hoje é expressa pelo empréstimo árabe *tıp* (< طب *ṭibb* "medicina"). Embora a palavra *zooiatria* seja composta de elementos gregos, a saber, *zoo-* (< grego antigo ζῷον *zôion* "animal") + *-iatria* (< ἰατρεία *iatreía*, "tratamento médico, cura"), ela nos parece mais adequada do que a definição dada pelo Houaiss (2004), a qual faz uso de palavras derivadas do latim, *medicina dos animais*. Isso porque pretendi manter a concisão de uma palavra só, como no original, e também como no correspondente moderno e corrente (*veterinária*, embora seja uma forma reduzida de "medicina veterinária", ela não faz uso da preposição *de*). Ademais, a opacidade de uma palavra de origem grega pode ser comparada à de uma palavra árabe em turco, ou seja, o falante médio não pode deduzir a partir dos morfemas o significado das palavras, a não ser por estudo específico da língua grega antiga ou de etimologia.

Para resumir, observe o esquema abaixo:

		Palavra marcada	Palavra não-marcada
Língua-fonte	turco	<i>yaratıkotacılığı</i> (turco puro)	<i>Baytarlık</i> (turco corrente à época do autor?) deriv. do árabe
Língua-alvo	português	<i>zooiatria</i> (grego clássico)	<i>Veterinária</i> (latim <i>veterina, orum</i> , neutro)

¹⁸⁸ Mas que tem aqui o sentido de "animal". Cf. p. 148 da obra *Kümes Yaratıkları (hayvanları)*, "criaturas de gaiola (animais de gaiola)".

¹⁸⁹ Cf. *Tarama Sözlüğü*, V, O-T, p. 3021.

¹⁹⁰ *ṭibābah* طبابة "tratamento médico; profissão médica".

			pl. "bestas de carga ou de tração"
--	--	--	------------------------------------

Sugiro como tradução de *otacılık* o neologismo "curanderia" que, por não ser dicionarizada, ao mesmo tempo traz uma associação com o sentido básico do termo "curar", mas o distancia também do sentido de "atividade e/ou conjunto de recursos utilizados por curandeiro para sanar algum mal", palavra esta bastante típica da cultura brasileira. Ao se despir, com o uso de um novo sufixo, *-eria*, a palavra fica passível, com a ajuda do contexto, de ganhar o sentido de "arte da cura; medicina".

d) *güzelçizi*: "linha (ou desenho) bonito", usada no sentido de "quadro" (*resim* < árabe رسم *rasm* "desenho; pintura; descrição"). Trata-se de um substantivo que revela novidade de formação e semântica. Curiosamente a tradução holandesa revela discrepância em relação ao original: *schonenlijnkunde*, ou seja, a arte das belas linhas e, como equivalente corrente, *kalligrafie*. A pista, a meu ver, que revela se tratar de quadro, vem da palavra árabe *resim*, que significa "pintura, retrato; foto", ou seja, não tem relação com linhas ou escrita.

e) *bilgesevi* (ND): "amor ao conhecimento", usada no lugar de *felsefe*, palavra árabe (< فلسفة *falsafa(t)*) que deriva, em última instância, do grego clássico φίλος *philos* "amor" + σοφία *sophia* "conhecimento, sabedoria", o que nos faz deduzir que se trata de um claro caso de tradução do empréstimo grego, o que é conhecido como decalque, ou seja, é a denominação neológica inspirada na tradução das partes da palavra ou da expressão original¹⁹¹. Curiosamente, algumas páginas antes (p. 147), na obra, ocorre o par *özbilgenlik (felsefe)*¹⁹², que pode ser traduzido como "sabedoria do eu", utilizando palavras genuinamente turcas. Muhittin et al. (p. 50) afirma o seguinte a respeito da palavra *felsefe*: "(felsefe) ye ise baş ve üstün bilgi olduğu için, [üstbilim] [sağbilim - Hikmet anlamındadır] demek doğru olur." (Seria correto chamar a filosofia de 'ciência superior', 'ciência sábia', pois ela é principal e superior).

¹⁹¹ Viaro, 2014, p. 277; Viaro, 2013, p. 40,41.

¹⁹² Interessante notar a esse respeito que o *Tarama Dergisi* (p. 229) lista como substituto de *felsefe*, em sua primeira acepção, "Bilgelik [bilge=hakim, 'Weise, sage']", ou seja, compara as palavras do árabe, alemã e francesa respectivamente como sendo equivalentes à palavra turca pura *bilge*.

Ou seja, ele tenta justificar a criação de duas palavras genuinamente turcas que substituam o empréstimo grego (via árabe) *felsefe*, a saber, *üstbilim*, constituída de *üst* "superior" e *bilim*¹⁹³, e *sağbilim* composto de *sağ* (por ser um vocábulo polissêmico, o autor a desambigua dizendo que se trata de "sábio" e não de "saudável").

Em holandês a tradutora se vale da literalidade traduzindo como *wijsheidsliefde* "amor à sabedoria", ao passo que a palavra corrente utilizada no holandês é a derivada do francês *philosofie*. Um substantivo composto que revela novidade de formação e semântica.

Interessante a esse respeito citar a reflexão de Kirkness (1975, p. 74) a respeito da possibilidade da formação de neologismos no alemão tais como *Weltweisheit* (*Welt* "mundo" e *Weisheit* "sabedoria", resultando em "sabedoria mundana, do mundo" e *Redekunst* (*Rede* "discurso" e *Kunst* "arte", ou a arte do discurso) para, respectivamente, filosofia e retórica, que, em alemão padrão são expressos por *Philosophie* e *Rhetorik*. A tradução alemã da obra, por seu turno, traz *Weisheitsliebe* (*Philosophie*), sendo a primeira um decalque do grego *φιλοσοφία*, composta de *Weisheit* "sabedoria" + *Liebe* "amor", e historicamente atestado na língua alemã, como a entrada do dicionário dos irmãos Grimm (o *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm*¹⁹⁴) comprova:

WEISHEIT(S)LIEBE, f., seit dem 17. jh., für das
griech. *φιλοσοφία*, vgl. weisheitliebe *philosophia*, *studium*
sapientiae STIELER *stammbaum* (1691) 1157.

¹⁹³ Que também, aliás, se trata de um neologismo, que substituiu por completo a palavra árabe *ilim* (< علم *ʿilm*). Curioso notar que a semelhança, certamente não de todo fortuita, foi observada por Muhittin (p. 50) "(İlim) terimi için kendisine benziyen (bilim) sözdeği yerleşiyor. Birçok Türk budunlarının konusunda 'bilim' olarak kullanılır (Buhara Türkçesinde)." ou "No lugar da palavra 'ilim', a palavra que se assemelha àquela, 'bilim', está se assentando. Muitos povos túrquicos utilizam a palavra 'bilim' no seu falar (como no turco de Bukhara)". A esse respeito, Scharlipp afirma (p. 155): "*Zwei unbegründete Varianten bilden die Wissenschaftsbezeichnungen, die mittels 'bilgi' und 'bilim' zusammengesetzt sind. Während 'bilgi' in bestimmter Position stets das Possessivsuffix der 3. Person annimmt, geschieht dies in der Kompositumbildung mittels 'bilim' nur bei Zusammenschreibung*", ou seja "Há duas variantes infundadas que formam termos para designar as ciências, a saber, 'bilgi' e 'bilim'. Enquanto 'bilgi', em determinadas posições, leva o pronome possessivo da 3a. pessoa, 'bilim' é sempre escrito como uma palavra só em compostos."

¹⁹⁴ Disponível em: <http://woerterbuchnetz.de>. Último acesso em 03 janeiro, 2017.

WEISHEIT(S)LIEBE: feminino, desde o século XVII usado para o grego *φιλοσοφία*, cf. *vgl.weysheitliebe philosophia, studium sapientiae* STIELER *stammbaum* (1691) 1157.

4 – Yılgin Mete

Turco puro (Öztürkçe)	Turco corrente	Holandês “puro”	Holandês corrente	Tradução pretendida
a) karal	esmer	donkerhuidharig	getint	moreno
b) koşunuğraş	atletizm	hardloophoogverspringbeivering	atletiek	atletismo
c) sakalsaçkeser	berber	baardhaarknipper	barbier	barbeiro
d) törebilim	hukuk	zuinigheidskunde	economie	leis, direito

Contexto (p. 185): Kİsa boylu, **karal (esmer)**, **koşunuğraş (atletizm)** yapmayı sever, hiç okumaz, her gün **sakalsaçkesere (berber)** gider. Yakışıklı, olay sırasında, bir kıza ata binmeyi öğretirken attan düşerek sol kolunu kırmıştır. **Törebilim (hukuk)** eğitiminden geçmiş. Babasının durumu iyi olduğu için, bugüne değin hiç çalışmamıştır. Orkan'la birlikte barışçı tarla toplantıları düzenlemek yüzünden kovuşturmaya uğramıştır.

Tradução: Yılgin Mete: de baixa estatura, **escurado (moreno)**, é amante do **carreirismo** (atletismo), nunca lê e todos os dias vai ao **barbeleireiro** (barbeiro). Bonito, ele uma vez quebrou o braço esquerdo quando, durante aquele acontecimento, ao ensinar uma garota a montar a cavalo, caiu dele. Fez carreira em legislatura (direito). Nunca trabalhou, já que seu pai está bem de vida.

Neologismo: a) *karal*: usado no sentido de "moreno", trata-se de uma interessante novidade de formação usada aqui no lugar do empréstimo árabe *esmer* (< أسمر *ʔasmar*, com o mesmo significado)¹⁹⁵. Tal vocábulo é formado a partir do adjetivo *kara*¹⁹⁶ "preto(a)" + sufixo *-l* (vide discussão em *-svl* supra na p. 46). Fica claro aqui que o autor fez uma paródia com o sufixo

¹⁹⁵ Talvez se trate de uma analogia (tanto semântica quanto fonética) com a palavra turca *kumral* "que possui cabelos castanho-claros", formada de (hoje opaca) *konur* "castanho" > *kumr* + *al* "vermelho".

¹⁹⁶ Que é, aliás, uma palavra de estirpe turca que convive com *siyah*, com o mesmo significado, ou seja "cor preta, preto(a)", um empréstimo persa (سیاه), mas que é usada em diferentes colocações.

neológico ao criar seu próprio neologismo. Segundo Yasa (p. 256), tal sufixo foi uma importação do francês *-al*, *-el*, *il* sob o pano de fundo da Teoria Sol-Língua (*Güneş-Dil*) dos anos 30, segundo a qual o turco era a língua da qual todas originaram. Ele conclui, com certa ironia, que (ibid., p. 256): "[...] bu ek, hâlen 'Öztürkçe'ye öylesine yerleşmiş bulunmaktadır ki bu ekle uydurulan kelimelerde tam bir 'hiperenflasyon' yaşanmaktadır."¹⁹⁷

Apesar de hoje já estar bem assentado na língua e não gerar mais polêmica como ocorreu logo após a sua criação, acredito que seja digna de nota a afirmação do gramático Tahsin Banguoğlu (1987, p. 266) a respeito do sufixo *-(s)vl*:

"Aslında bu ekler anadile dönme yolu değil, Latin dillerine özenme yoluyla bulunmuştu. Biz biliyoruz ki bir ara bilginlerimiz Hint-Avrupa dillerinin Türkçeden geldiğini ispat (!) etmişlerdi. Fransızcadaki -el-, -al ekleri elbette Türkçe'den geliyordu. Nitekim bizim -men, -man ekimiz de Cermen dillerindeki man (adam) kelimesi ile aynı köktendi"

"Na verdade, esses sufixos foram criados não por purismo, mas com o propósito de imitar as línguas latinas. Nós sabemos que os nossos estudiosos uma vez comprovaram (!) que as línguas indo-europeias vieram do turco. Obviamente, os sufixos do francês *-el* *-al* vieram do turco. E os nossos sufixos *-men* *-man* tinham a mesma raiz que a palavra *man* (homem) nas línguas germânicas". (tradução nossa)

Tal palavra, que obviamente não consta de nenhum dicionário turco¹⁹⁸, é vertida para o holandês da seguinte forma: através da composição¹⁹⁹ *donker* "escuro" + *huid* "pele" *harig* "que

¹⁹⁷ [...] esse sufixo se assentou de tal maneira no 'turco puro' que há até uma hiperinflação de palavras criadas com esse sufixo. Tradução nossa.

¹⁹⁸ Consta, contudo, e não causa espanto, *Öztürkçe ilk okuv* ["Primeira leitura em turco puro" - a palavra para "leitura", *okuv*, que nunca foi usada, cedeu lugar para *okuma* no turco atual] (1935, p. 23) num pequeno glossário de equivalentes como: *karal: mürekkep* (tinta) e também em *karal yazgı: mürekkep kalemi* (pena de escrita) - neologismos estes que hoje causam riso, pois nenhum deles sobreviveu, sendo os respectivos empréstimos árabes ativamente usados hoje.

¹⁹⁹ Um método de derivação bastante produtivo na formação de palavras nas línguas germânicas em geral, embora em menor medida no inglês, devido ao fato de ter sido bastante influenciada por línguas românicas ao longo de sua história. Cf. a afirmação a esse respeito de Epstein (2012, p. 32): "[...] different languages create neologisms in different ways. For example, in the Germanic languages, combining pre-existing words is very common, whereas

possui cabelo", ou seja, "de cabelo e pele escuros, usando somente palavras de estirpe germânica, e *getint* "tingido, escuro", particípio passado do verbo *tinten* "tingir, colorir", derivada ultimamente de *tint*, cujo étimo é românico de acordo com o *De Geïntegreerde Taalbank* (banco integrado de palavras) *online*²⁰⁰. Não podemos, contudo, utilizar como tradução de *karal* simplesmente "moreno", pois não traria a mesma ideia de novidade que a palavra turca possui. Ambas as palavras, a turca e holandesa, trazem uma novidade formal, e o mesmo deve se dar com a portuguesa, para que o efeito de equivalência artística seja o mesmo. Tendo sido criada a partir de uma raiz preexistente na língua, podemos pensar numa forma compensatória de novidade. A palavra "morenado" parece ser uma boa opção, visto que, pelo menos formalmente, é formada da raiz *moreno* + sufixo de particípio *-ado*, assim como a palavra turca (*kara* + *-l*). Ademais, é interessante notar que o dicionário Houaiss online não indica o registro de tal palavra como sendo "frm.", ou seja formal, ao passo que o Aulete *online*²⁰¹ a mostra como pertencendo ao registro (poét.) poético. Em suma, o fato de tal palavra pertencer, de acordo com dois dicionários consultados, a registros diferentes da língua que não o não-marcado (ou seja, corrente), faz reforçar a ideia de que *morenado* se trata de uma boa escolha para *karal*.

Alternativa e analogamente, há o interessante neologismo cunhado por Guimarães Rosa "escurado", que possui o significado de "escuro, queimado, tismado" (Martins, p. 198), também usado para descrever uma pessoa ("... e era um rapagão, cabeludo, escurado...), se encaixaria muito bem no contexto em questão. Interessante comparar a técnica utilizada por Rosa na criação do neologismo *espalhafatal*: "O leão, espalhafatal" (Martins, p. 200).

Sem nos determos na análise do significado pretendido pelo autor ("extravagante", segundo Martins), notamos aqui uma troca de sufixos, a saber, do *-oso*, de espalhafatoso por *-al*.

Alternativamente, podemos pensar em um neologismo por empréstimo virtual, ou seja, não-dicionarizado, uma técnica de criação bastante utilizada por Guimarães Rosa, em que ele usa a palavra, geralmente de uma língua aparentada ao português (espanhol e italiano) e a replica. Podemos citar as palavras *hombria*, vocábulo oriundo do espanhol que significa "pundonor, honradez" (Martins, p. 265) e *estorno*, do italiano "retificação de erro cometido" (Martins, p.

this is less frequent in English. Translators, of course, must be aware of how neologisms are generally formed in both the source and target languages, so that they can best consider how to translate newly created words."

²⁰⁰ <http://gtb.inl.nl/> De acordo com tal dicionário, a palavra é derivada ou do francês *teinte* ou do italiano *tinta*.

²⁰¹ Cf. <http://www.aulete.com.br/morenado>.

209). Tal sugestão, para o contexto em questão, seria a palavra de origem italiana *bruno*²⁰², que significa "moreno" e que, dicionarizada no Houaiss (2001, p. 521), é caracterizada como sendo "obsoleta" e definida como "escuro, muito escuro". Trata-se de um termo poético, literário, de pouquíssima frequência. O dicionário Aulete *online* o traz com o significado de "escuro; sombrio; infeliz (fig.)". Compare a composição de Sousândrade em *brunolúcidas*²⁰³.

Podemos pensar, ainda, em estabelecer uma retomada etimológica, segundo o termo usado por Haroldo de Campos (1990, p. 31) ao se referir à tradução da Bíblia por Martin Buber e Rosenzweig, e remontar a significações primevas, ou Urbedeutungen. Tal seria o caso se fundíssemos, por exemplo, a palavra mauro, dicionarizada como sendo uma variante de mouro, com o sufixo -no, de moreno, resultando em *maureno*. O elo semântico primevo, ou seja, que já se perdeu é que, através da generalização semântica, pessoas de pele escura passaram a ser denominadas morenas, ou seja, à semelhança dos mouros, antigos habitantes da Mauritânia, e que tinham como característica esse cor de pele. Alternativamente, podemos tomar o prenome Maurício, cognato com mouro²⁰⁴, e juntar-lhe um sufixo, resultando em *mauriciano*.

A tradução alemã (p. 184) não faz nenhum jogo com dobretes, mas verte o conceito com a transparente (e dicionarizada) palavra *schwarzhaarig* "de cabelos pretos".

Interessante notar que Püsküllüoğlu (p. 32) em seu dicionário sugere como equivalente de *esmer*, *buğdayrengi*, *yağız*.

d) *torëbilim*: aparentemente os puristas negligenciaram encontrar um substituto purístico para *hukuk* (do árabe حقوق *ḥuqūq*, plural de حق *ḥaqq*, direito), pois pelo menos no dicionário oficial do TDK, o *Tarama Dergisi*, não consta qualquer equivalente sugerido. Há, no entanto, em Muhittin et. al (1935, p. 51), uma lista de equivalentes de nomes de ciência, entre os quais *töreibilim* = *hukuk (kanun ilmi)* "ciência das leis". O autor também explica (ibid., p. 51) como derivar o nome das ciências²⁰⁵:

²⁰² Segundo Houaiss, 2001, p. 521, do it. *bruno* (1300), 'de cor escura', do germ. **brūna* 'escuro, pardo'.

²⁰³ Campos, 1986, p. 129. Sousândrade, mestre de Odorico, dava preferência à justaposição direta substantivo-substantivo, como *olhos-alma*, *negrume-luz-esquecimento*, *brancura-força-sentimento*. Cf. Campos, 1986, p. 129.

²⁰⁴ Cf. Viaro, 2013, p. 168.

²⁰⁵ Para fins de ilustração, ele cita vários nomes de ciências que nunca pegaram (ibid., p. 51): *usbilim* (de *us* "mente, razão") para *mantık* "lógica", *tinbilim* para *ruhiyat* "psicologia", *soybilim* para *içtimaiyat* "sociologia". Dessas, somente a primeira continua na língua, a saber, *mantık*; para psicologia temos o empréstimo francês *psikoloji*, e para sociologia temos *sosyoloji*. O autor cita ainda (p. 23), outros curiosos - do ponto de vista atual - neologismos de ciências, a saber: *saybilim* para *riyaziye* (matemática), *yerbilim* para *coğrafya* (geografia), *doğbilim*

"...bir çok bilimlerin adlari da hu (bilim) terimile, konumlarinin adlari birlestirilerek kendiliginden çikarilabilir:

(hukuk) için de , [töre = kanun] demek olduğuna göre:

Töre - kanun

Törebilim - hukuk (kanun ilmi) demek olur.

"... e os nomes de muitas ciências podem ser criados com a união do termo *bilim* e o seu assunto:

De acordo com o significado de *töre* (*kanun*) para *hukuk* temos:

Töre = kanun

Pode-se dizer *Törebilim = hukuk* (ciência das leis)"

Lewis (1999, p. 82) cita a palavra *töre* como criação de Ataç para substituir *ahlâk* "costumes". Lewis também cita (p. 87) derivações com a palavra *töre*, a saber *aktöre* ou *sağtöre* para a ciência da ética.

O dicionário de Ali Püsküllüoğlu (p. 43) traz como equivalente de *hukuk*, *tüze*.

Scharlipp (p. 154) lista *törebilim* e a define como "*Sitte und Brauch* < *töre*, *Sitte und Brauch*, + *bilim*", ou "costume e hábito < *töre*, costume e hábito, + *bilim* (ciência). Não permanece claro seu significado (ética?) até conferirmos o próximo verbete da lista, a saber, *töredışı* "*amoralisch*", ou "amoral".

5- Gökçin Karma

Turco puro (Öztürkçe)	Turco corrente	Holandês "puro"	Holandês corrente	Tradução pretendida
--------------------------	----------------	-----------------	----------------------	------------------------

para *tabiat* (ciências naturais?), *dilbilim* para *lisaniyat* (linguística) (embora, e não seja algo a se estranhar, o termo pertencente ao mesmo campo semântico, a saber, *dilkural* para *gramer* "gramática", jamais tenha sido usado no lugar da palavra afrancesada *gramer*. Dessas, com a notável exceção de *dilbilim* (linguística), nenhuma outra ganhou popularidade, sendo todas hoje derivadas do francês - provavelmente com o inconsciente propósito de aproximar (internacionalizar) a educação ao estilo ocidental, inclusive no nome das disciplinas; seus respectivos equivalentes: *matematik*, *coğrafya*, *doğa bilimleri*. Cf. também Heyd, 1954, p. 84: "*Regarding scientific terms for higher education the Society at first adopted [...] a strongly puristic attitude. International terms, such as *biyoloji*, *botanik*, etc., which had been used in schoolbooks, were now replaced with newly coined Turkish words (*dirilbilim*, *bitkibilim*, etc.)*".

a) gökçeses	müzik	hemelklank	muziek	música
b) günbatımı	akşam	avond	avondstond	noite, noitinha
c) bağırır	şarkı söyler	bulderbrult	zingt	canta
d) betikler	kitaplar	leeslanktekenbanden	boeken	livros
e) Bilig-Tenüz	Bilik-Deniz	Zee van Wijsheid	Wereldzee van Wijsheid	Mar da Sabedoria

Contexto (p. 185): Azılı bir düzen **yağısıdır**. Orta boylu, kaslı²⁰⁶, saçları dökülmeye başlamış, **gökçeses (müzik)** düşkün, **günbatımına (akşam)** değin çadırında **bağırır (şarkı söyler)**. Saçları dökülmeye başlayalı bıyık bıraktı. Okuduğu **betikler** tüm yabancı dildendir. Olaydan birkaç gün önce bütün betiklerini at uşağına armağan etmiş (uşağı da salıvermiş) ve gece gündüz demeden **Bilig-Tenüz** okumaya kendini.

Tradução: Gökçin Karma: é um inimigo feroz da ordem. De estatura mediana, musculoso, cabelo ralo, aficionado por **melissonia** (música), ulula (canta) em sua tenda até o **noitar** (anoitecer). Desde que ficou calvo deixou o bigode crescer. Somente lê **tomos** (livros) em línguas estrangeiras. Alguns dias antes do incidente presenteou o cavaleiro com todos os seus tomos (e libertou-o) e leu dia e noite o **Mar-melior da Sabeza**.

Comentário da palavra **yağır**: segundo o dicionário da TDK *online*, tal palavra é considerada *eskimiş*, ou seja, arcaica, sendo seu equivalente moderno o empréstimo do persa

²⁰⁶ Essa palavra - substituta da árabe *adale* (< ʕaḍala(t) عضلة) - é curiosa, pois no *Türkçeden Osmanlıcaya Cep Kılavuzu* (1935, p. 183) figura como *kası* = *adale* = *muscle* (< francês), ao passo que no *Osmanlıcadan Türkçeye Karşılıklar* (1930, p. 4) figura *adale* = *kası* (fr.) *muscle*, sendo a seguinte *adalî* = *kasıl* = (Fr.) *musculaire*. Parece que houve uma reinterpretação das duas palavras, pois o -ı de *kası* caiu, sendo hoje *kas*, ao passo que *kasıl* sofreu metátese, ou seja, transposição de sons (por analogia?), sendo hoje derivada a partir do sufixo -lı, formador de adjetivos a partir de substantivos. Curiosamente, o tradutor alemão cunha um neologismo para essa palavra, e que não consta do original. Ele cria *mausähnlich* (*musculös*), que possui uma interessante referência etimológica, ou seja, músculo provém do diminutivo da palavra latina *mūs*, *mūris* "rato", resultando em "ratinho" (*musculus*, i). O neologismo alemão *mausähnlich* é *maus* "rato" + *ähnlich* "similar, semelhante", resultando em "semelhante a um rato" que, curiosamente, está afim com a origem latina do vocábulo pois, como afirma Houaiss (sob o verbete "musculoso", p. 1985), "pela semelhança de certos músculos, quando contraídos, com pequenos ratos, que, aparentemente, estariam correndo sob a pele".

*düşman*²⁰⁷ (< دشمن *dofman*) "inimigo"²⁰⁸. Faz-se necessário o uso de um equivalente arcaico, e encontramos a palavra medieval, *imigo*²⁰⁹ (com divergente do séc. XIII *ẽemigo*), forma vernácula da originalmente latina *inimīcus*, mais tarde reeinterpretada como tal > *inimigo*. Uma forma alternativa que poderíamos ressuscitar para a nossa tradução é *emigo*.

Citemos, à guisa de ilustração, a tradução da primeira estrofe do poema *Ballade des dames du temps jadis* de François Villon (1431-1463), realizada por Guilherme de Almeida (1958, pp. 22-23):

*Dictes-moy, où, n'em quel pays,
Est Flora, la belle Romaine
Archipiade, ne Thaïs,
Qui fut sa cousine germaine?
Echo, parlant quand bruyt on maine
Dessus riviere ou sus estan,
Qui beaulté eut trop plus qu'humaine...?
Mais où sont les neiges d'antan!*

Balata das damas dos tempos idos

Digades-m'ú, em q paiz
He Flora, a fremosa Romana?
Archipiádes, ob Thais,
Q foy sua prima germana?
Echo, a falar se rruydo emana
D'estagno ob rribeyras q vam,

²⁰⁷ Em otomano *düşmen*.

²⁰⁸ Cf. as diversas atestações da palavra - inclusive no Livro de Dede Korkut - sob a forma *ياغى*, no *Tarama Sözlüğü*. Disponível em:

http://tdk.gov.tr/index.php?option=com_tarama&arama=kelime&guid=TDK.GTS.58973cb2ef6f54.15285815.
Último acesso em 05 fevereiro 2017.

²⁰⁹ Cf. a forma *iimigo* (da *filosofia*) em Orto do Esposo. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/texto.jsp?t=e&id=1217>. Último acesso em: 05 de fevereiro 2017.

Q beleza ouve mays q humana?...

Mas ú sam as neves d'entam!

Observe-se aqui a tentativa de reprodução do arcaísmo no português: Almeida usa da palavra portuguesa *paiz* para o que em francês permanece igual, ou seja, em francês moderno a palavra continua sendo *pays*. O mesmo se nota na segunda linha, em que tanto o verbo ser, *est*, quanto o adjetivo *belle*, foram arcaizados por Almeida, respectivamente, *eh* e *fremosa*²¹⁰. Note-se também a forma do verbo francês *bruyt*, em francês moderno *bruit*, e que Almeida reproduz com a grafia arcaica *rruydo*. *Belleza* corresponde à também arcaica *beaulté*. Das palavras que mais impactam, a meu ver, é *ú* "onde", equivalente ao francês *où*. Note-se que a palavra francesa provém do latim, *ubī* "onde, no lugar em que", com perda do *b* medial e que era antigamente grafada *u* (cf. italiano *ove*)²¹¹. A palavra portuguesa *onde*, obviamente não provém da mesma palavra latina, mas sim de *ũnde* "de onde", que no latim vulgar substituiu a palavra latina *ubī* (Houaiss, 2001, p. 2064). Teria Almeida usado do que Haroldo de Campos no *Qohélet* (1990, p. 199) denomina "ressonância translinguística"?

Neologismo: d) *betikler*: "livro(s)" embora não se trate de um neologismo propriamente dito²¹² (cf. o espaço vazio proposital na caixa correspondente ao turco corrente), vale a pena discutir tal palavra pelas razões que se seguem. Trata-se de uma palavra presente no turco arcaico, um eventual empréstimo do chinês²¹³, e que foi durante o período islâmico substituída totalmente pelo empréstimo árabe *kitab* (< كتاب *kitāb*), usado até os dias de hoje. O *Ötüken*

²¹⁰ Rudolf Zimmer, em seu interessante subcapítulo sobre a tradução de arcaísmos, cita o caso da tradução para o francês de um trecho do Doutor Fausto de Thomas Mann (1981, pp. 132-133) e afirma que, pelo menos como o percebi na tradução de Almeida, a tradutora quis superar a arcaicidade do próprio original ("*Die französische Übersetzerin stellt sich voll auf diese Gegebenheiten ein [...] Man hat sogar den Eindruck, daß die Übersetzerin das Original im Altertümeln noch zu übertreffen sucht*").

²¹¹ Cf. Brachet, Auguste. *An Etymological Dictionary of the French Language*. Oxford: Clarendon Press, p. 256-7.

²¹² Cf. também discussão dessa palavra sob *günlükbetik*.

²¹³ Cf. em OTS, p. 631, etimologia sob a raiz verbal *bitimek*², do chinês *piēt* "pincel". Interessante também notar que o *Osmanlıcadan Türkçeye Karşılıklar* (1935, p. 108), já à época do recuo do purismo, como citado acima nos subcapítulos 2.2 e 2.3, somente sugere que se turcize o empréstimo já enraizado *kitab*, com uma sonora final, para *kitap*, forma atual e com uma consoante desvozeada.

Türkçe Sözlük (OTS)²¹⁴(vol. I, p. 567) o define como "*yazılmış şey; mektup; kitap*", ou seja, "algo escrito; carta; livro".

Tal propósito de "reavivamento" foi mencionado por Muhittin et al. (p. 23, 100) em seu glossário, sem explicação: *bitik* = *kitap* (p. 23) e *bitik* = *kitab* (p. 100). Lewis (1999, p. 83) cita Tekin como tendo sugerido *betik* para *kitap*.

Interessante a esse respeito mencionar uma anedota sobre Atatürk (*Bir dilcilik dersi* - "uma lição de linguística" citada por Ahmet Cevat Emre (p. 346-7) a respeito dessa palavra e seus derivados:

"... ele estava tentando dar uma lição de linguística a seus convidados. Uma noite ele pediu uma gramática de árabe do finado Naim Hazım Onat; duas ou três noites depois de ter copiado o paradigma de 20 formas verbais do árabe daquela gramática, trouxe à mesa e o leu para Naim Hazım Onat: *kataba, yaktubu, kitaban, kâtibun, mektûbun, lam yaktub, lamma yaktub, an yaktub, lan yaktub, iktib...* etc. Ao terminar de ler, ordenou isto: '*kitap, katip, mektub* são minhas. O restante pertence aos árabes!' E acrescentou: 'vocês não podem usar *bitik* para *kitap*, *bitikçi* para *kâtip* senão elas se tornam [palavras] estrangeiras. Palavras do gênero devem entrar no dicionário de uigur. *Kitap, kâtip e mektup*, como todos sabem, enunciam e escrevem, são [palavras] turcas!'

Assim, conclui Emre (ibid., p. 347), sendo o mesmo que Atatürk conclui após alguns anos do início (e da radicalização) da reforma linguística:

"*Yabancı menşeli kelimeler, kullanıla kullanıla millileşirler.*"

"As palavras de origem estrangeira se nacionalizam com o uso".

Note-se que o holandês se vale de uma novidade formal, portanto transparente, utilizando-se do método prático e comum da composição no lugar da palavra corrente e facilmente reconhecível por sua semelhança com o inglês *book*, *boek(en)*, e *opaca*²¹⁵. Portanto, embora o turco utilize diferentes fontes etimológicas nesse caso, e em muitos outros também, como turco x árabe, o holandês utiliza a mesma fonte nesse caso (pois nem sempre o faz assim),

²¹⁴ Curiosamente nem o *Misalli* e nem exaustivo dicionário etimológico de Tietze contêm tal verbete.

²¹⁵ Cf. a definição de "palavra opaca" em Correia & Almeida (1012, p. 106): "unidade lexical cuja estrutura interna não é perceptível, ou por ser simples (*lâpis, zoom*), ou por não ter sido construída na língua em causa (*heritabilidade*), ou por se ter perdido a motivação que presidiu à sua construção (*demarcar, restituir*)".

também se utilizando de palavras de étimo latino. Podemos também conceber uma tradução para o português de tal palavra usando esse mesmo princípio, ou seja, buscar um equivalente também com raízes latinas. Sugerimos como tradução a palavra *fólio*²¹⁶ (segundo Aulete *online*, em sua primeira acepção "Livro, registro, manuscrito, etc. numerado por folhas e não por páginas" cujo étimo é, segundo Houaiss, do latim *folium*).

Para o compósito que ocorre na p. 197 *betikevi* (análogo ao *kitabevi* do turco moderno "livraria", composto de *kitap* "livro" + *ev(i)* "casa", "casa do livro"), mas que na obra traz consigo o significado de "biblioteca"²¹⁷, que é uma palavra de origem grega βιβλιοθήκη *bibliothēkē*, composta de *biblio* "livro" e *theka* "arca". Embora o original turco não traga nenhuma glosa²¹⁸ justaposta a *betikevi*, supondo que o leitor infira o seu significado da já mencionada *betik*, em analogia, como mencionado acima, com a moderna *kitabevi*, o tradutor para o alemão cunha a inexistente²¹⁹ - nos dicionários que consultei - mas totalmente transparente *Schriftenhaus* (*Bibliothek*). Já a tradução holandesa traz *leesklanktekenbandhuis*, que pode ser interpretada como "casa de leitura de volumes", mas que, ao contrário da versão alemã, não traz o equivalente moderno de biblioteca.

Sugerimos um neologismo baseado na palavra de *origem* grega biblioteca "arca de livros" com as palavras latinas, que possuem equivalentes em português moderno, a saber, a já aludida *fólio* para livro e *árcula*, do latim *arcŭla* "pequena arca, caixa", de cuja união resultaria *foliárcula*.

Günbatımı (akşam): não está claro o porquê de Atay ter visto *akşam* como um empréstimo, mas proponho duas hipóteses:

²¹⁶ Do latim *folium*, *ŭi* 'folha'.

²¹⁷ Uma palavra de étimo híbrido, *kütüphane* (< árabe كتب *kutub* "livros" e *hane* < persa خانه *xāne* "casa"), resultando em "casa de livros". Curiosamente a palavra persa para biblioteca é کتابخانه *kitābxāne*, "casa de livro", com a palavra "livro" no singular.

²¹⁸ Cf. Crystal, 2004, p. 151: "There are of course several ways of putting neologisms, or new words, across to a readership so that they can begin to understand what is being said. One is the familiar technique of glossing [...]" e ele dá um exemplo de Chaucer (pp. 150-151) "I apercyve wel by certeyne evydences thyn abilite to lerne sciences touching nombres and proporciouns; and as wel considre I thy besy praier in special or lerne the tretys of the As-trolabie", em que o autor usa tal técnica em *nombres and and proporciouns*.

²¹⁹ Cf. *Bücherei*.

1) menos provável é que ele tenha consultado (por não ser obviamente algo que se pode deduzir) o étimo da palavra *akşam* que, segundo Clauson (p. 96)²²⁰:

*?F axşam 'evening'. Prob. a l.-w. from Sogdian *yš`m (Persian šām), cf. Sogdian `yšp 'night', (Persian šab.)*

ou seja, não é uma palavra herdada no turco, mas sim provavelmente um empréstimo antigo do sogdiano (?F indica forma duvidosa, oriunda da primeira letra de "foreign loan-word", ou empréstimo).

2) por não se tratar de uma palavra transparente, ou seja, palavra cujo sentido se pode analisar o sentido através de seus morfemas, ele quis fazer um par com uma palavra que soa turco puro, embora esteja dicionarizada no MBTS como *gün batımı: güneşin batması, gurup* "por do sol, poente". Não há, ademais, indicação alguma de que se trata de regionalismo ou dialetismo, e se pode deduzir que faz parte do léxico da língua padrão. O fato de ele ter usado nesse trecho um outro par, *gökçeses* e *müzik*, ao qual se pode aplicar o mesmo raciocínio (cf. abaixo), reforça a nossa tese proposta em 2.

Por fim, sugerimos o neologismo baseado num outro cunhado por Guimarães Rosa, a saber, o verbo "noitar" com o significado de "anoitecer" (cf. Martins, p. 354), mas substantivado, ou seja, o *noitar*.

Gökçeses (müzik): vide supra discussão sobre palavra *gökçe* em *gökçeyazın*. De igual forma, *gökçe*, como usado em *gökçeses*, terá o significado de "bonito", pois é o que mais combina com o segundo elemento do composto, a saber, *ses* "som; voz", resultando em "som - ou voz - bonito"). A tradução alemã traz uma mudança de ponto de vista em *Tonkunstliebhaber* (*Musikliebhaber*). Ao destrinchar o composto neológico, obtemos *Ton* "tom" + *Kunst* "arte" + *Liebhaber* "amante", ou "amante da arte do tom", isto é, "amante da música". Além de constar do dicionário *Duden* online como sinônimo de *Musik*, no dicionário dos irmãos Grimm consta o seguinte:

²²⁰ O MBTS (vol, 1, p. 82) afirma que o étimo dessa palavra é (*Eski Türk. ahşam*) "do turco antigo ahsam) mas com a ressalva logo em seguida "Genellikle kelimenin Soğdca'dan geldiği ileri sürülmüştür", ou seja "Afirma-se geralmente que tal palavra provém do sogdiano".

TONKUNST, *f.*, als *verdeutschung von musik: dicitur nobis alias singe- & donkunst* STIELER 1312; *vgl.* ADELUNG und CAMPE; so heiszt auch music nicht auf teutsch die singe-kunst: denn das ist viel zu wenig; sondern sie heiszt, auf gut teutsch: die ton-kunst [...]

TONKUNST, feminino, como germanização do termo *musik*: dicitur nobis alias singe & donkunst STIELER 1312; compare Adelung e Campe.

Seja como for, para o equivalente português baseei-me num sinônimo também helenizante "melodia", composto de μέλος *mélōs* "canção" e ὀδή *ōidē* "ode" para a primeira sílaba pensei no radical latino *meli-* "relativo a mel" e aglutinado a *sonus* "som", resultando em "melissonia". Mencione-se que o adjetivo melíssonos consta do dicionário Houaiss (2004) com o significado "de som agradável". Outra alternativa para expressar tal neologismo seria "dulcissonia", do radical latino *dulcis* "doce" aglutinado a "sonia".

Alternativamente, podemos pensar em dois outros neologismos cunhados por Guimarães Rosa e que, a meu ver, se encaixam bem no contexto em questão. A primeira delas é *melopéia* (vide Martins, p. 328) "*e o cego foi declamando lenta e mole melopéia*". Cf. D. Olímpio: *Esse concerto esdrúxulo de vozes humanas em cânticos e queixumes ... essa melopéia do trabalho amargurado ou feliz, era, às vezes, interrompido por estrídulos assobios* (Luzia-Homem, p. 6). A segunda é a palavra *melodência*, usado em "*Rach'ou parta ô melodência!, que por mim o mundo agora já pode se acabar!...*". Trata-se de uma palavra não-dicionarizada e sem significado determinado, mas que traz intersecções semânticas com palavras que evocam associações de algo bom, gostoso, agradável, etc. (cf. *mel*, *melodioso*) (cf. Martins, p. 328).

Compare também a interessante cunhagem de William Barnes para a palavra corrente inglesa, *music* (Jacobs, p. 37), a saber, *gleecraft*, composta de *glee* (deleite, exultação, regozijo), uma palavra herdada antiga no acervo lexical, ainda em uso, embora de baixa frequência, mas que ainda preserva algo do significado que tinha em inglês antigo (< *glēo*), a saber, "entretenimento, música", em um dos significados correntes, e o *craft* "arte" (< inglês antigo *cræft*)²²¹:

²²¹ Palavra muito usada em compostos no inglês antigo: *stæfcræft*, *stæf* "letras" + *cræft* "arte" = gramática; *eorþcræft*, *eorþ* "terra" + *cræft* = geometria; *mōdcræft*, *mōd* "espírito, coragem, orgulho, arrogância" + *cræft* =

1) exultant high-spirited joy: merriment;

2) a part-song for usu. male voices.²²²

Bilig-Tenüz: Trata-se do título fictício de um livro antigo, composto de *Bilig*, palavra arcaica para "sabedoria" e *Tenüz*, palavra arcaica para "mar". A primeira palavra é muito provavelmente inspirada no livro *Kutadgu Bilig*, "Sabedoria que traz felicidade", ou, como o turcólogo Robert Dankoff o traduziu, "A Sabedoria conducente à glória real ou fortuna"²²³. O *Tarama Sözlüğü* (1963) mostra *bilü*, com variante *bili*, que é bastahte antiga na língua turca, como sinônima de *bilgi*, *ilim*, *irfan*, *idrak*, *malumat*. Um desenvolvimento fonético comum ao turco é que terminações em *-ig* perdem o /g/ sonoro já na época otomana²²⁴. Portanto, percebe-se que palavras dessa categoria, que haviam se tornado arcaicas e são ressuscitadas durante o período moderno, ganham um *-k* equivalente que não teriam, caso tivessem sobrevivido na língua. Por isso, como nos informa Lewis (1999, p. 88), o *Cep Kulavuzu* sugere *bilik* como palavra que viria a substituir seus sinônimos do árabe que significavam "sabedoria". A palavra *bilik*, contudo, embora não tenha chegado à língua padrão, sobrevive sob a forma de nome próprio masculino.

Tenüz, como já mencionado acima, é um palavra herdada, que em turco moderno resultou em *deniz* "mar" (além de nome próprio masculino e feminino). Segundo Tietze (2002, p. 588), seu desenvolvimento fonético é *deniz* < *deñiz* (em otomano antigo) < turco antigo *teñiz*²²⁵. Estritamente falando, a forma **tenüz* é inexistente, visto que no lugar do /n/ haveria um /ñ/, que veio a evoluir para /n/ somente séculos mais tarde.

A tradução alemã (p. 184) não traz nenhum traço de arcaísmo, usando o sintagma *Meer der Weisheit*, lit. "Mar da sabedoria". Já a tradução holandesa usa de *Wereldzee van Wijsheid*, lit. Oceano da Sabedoria. A escolha entre a palavra herdada, *wereldzee*, e a latinizante, *ocean*,

inteligência. Exemplos tirados de Crystal, 1995, pp. 22-23. Note-se que *craft* seria o equivalente do que veio a ser o sufixo formador de nomes de ciências em muitas línguas europeias, a saber, *logo* + sufixo *-ia*. Cf. também uma outra criação de Barnes, a saber, *gleemote* para significar "concerto".

²²² *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*: Eleventh Edition, 2003, p. 532.

²²³ O *Kutadgu Bilig* é uma obra do período caracânida do séc. XI escrito pelo autor uigur Yusüf Khāṣṣ Ḥājib de Balasagun para o príncipe de Kashgar. O texto reflete as crenças do autor e da sociedade em que ele vive, bem como seus sentimentos e práticas concernentes a certos assuntos.

²²⁴ Cf. Banguoğlu, 1990, p. 244-246.

²²⁵ A atestação mais antiga data do séc. XI, segundo Nişanyan (p. 88).

mostra que as tradutoras aparentemente se preocuparam com uma equivalência entre a sintagma turco e a tradução, ou seja, em que todos os elementos do sintagma deveriam ser herdados, e não com a mescla de elementos. No entanto, um traço importante, a nosso ver, carece nessas duas traduções, a saber, o ar arcaico. Para nossa tradução, pensamos em duas possibilidades, a saber, usar elementos puramente latinos como em *Mare Sapientiae*. Outra opção, mais estrangeirizante e interessante a nosso ver, seria utilizar um período intermediário entre o latim e o português medieval (séc. XV), o que traria tanto ares de arcaísmos como de desfamiliarização ao mesmo tempo.

Chegamos, através de pesquisa lexicográfica, aos termos do português medieval *sabeza*, forma atestada para a palavra *sabedoria* entre 1450 e 1516 (cf. Houaiss, 2001, p. 2489). Para o conceito de "oceano", contudo, preferimos usar uma forma que não fosse a latina, que originou essa palavra, a saber, *Ōceanus*, mas outra que fosse mais obscura e gerasse uma impressão de estranhamento no leitor (pois o sintagma do texto fonte é opaco por diacronia. Cf. a tradução de *devdeniz* alhures). Por não termos encontrado um sinônimo em latim para a palavra *mare*, recorreremos ao acréscimo ou um antepositivo, mas que fosse necessariamente de origem latina (pois todos os termos do livros teriam de ser vernáculos, e não híbridos - o que nos fez imediatamente, apesar de nos ter parecido uma boa escolha eliminar o antepositivo *megisto*-²²⁶, do grego *mégistos* "muito grande, grandíssimo"). Assim, topamos com o pospositivo *-mor* (< latim *māior/māior, maius/majus* "maior", comparativo de *magnus, a, um* "grande"). Contudo, com o fim de tornar a palavra ainda mais obscura resolvemos trocar essa forma por outra, atestada no século XV, a saber, *meior*, conforme indica Houaiss (2001, p. 1958). Formas atestadas divergentes são *maior* (1082), *maor*, *moor* (estes no séc. XIII). Por fim, temos a criação *mar-meior*, tão concisa quanto a palavra turca do texto fonte, *tenüz*. O uso do hífen auxilia o leitor na identificação da palavra *mar*, pelo fato de *meior* não ser um vocábulo transparente em português moderno.²²⁷

²²⁶ Outro fator eliminatório foi o fato de ser usado em cultismos, e não corresponde ao tom do título do livro do texto fonte, vernáculo.

²²⁷ Cf. a criação de Guimarães Rosa, *marganso* ("*O marganso é um pato marinho*", Martins, p. 322) que é transparente, embora gere estranhamento pelo fato de seus elementos de composição estarem em posição atípica no português. *Marganso* é claramente um decalque do inglês *sea goose* "falaropo". Cf. também as criações análogas de Houaiss para a tradução de *Ulisses* de Joyce: *gesto-jato*, *marsorriso*, *corja-escriba*, *faunomen*, *açocascos*, *solsabonete*, *cochechicote*, *arvorecéu*, *homemcéu*, *mulherfantasma*. Campos, 1986, p. 129.

Já para a palavra sabedoria, também buscamos um equivalente no português medieval e topamos com a palavra *sabeza*, que, conforme Houaiss (2001, p. 2489), é atestada entre 1450 e 1516. Há também as atestações divergentes *ssabedorya* (séc. XIV) e *sabedoriía* (séc. XV), *ssajaria* (séc. XV) e *sabidoria* (1858). *Sabeza*, apesar de não haver sobrevivido no português moderno padrão, é transparente e, por analogia, pode-se deduzir seu significado. Provavelmente se trata de uma evolução da palavra latina *sapientia*, cuja forma divergente, contudo, sobreviveu como *sabença*²²⁸ em português moderno (informal, segundo Houaiss, 2001, p. 2489) "soma de muitos conhecimentos; sabedoria, saber, erudição".

Em suma, temos o sintagma *Mar-melior da Sabeza*, equivalente de *bilig-tenüz*.

6- Kutbay Çalık

Turco puro (Öztürkçe)	Turco corrente	Holandês "puro"	Holandês corrente	Tradução pretendida
a) yazıtbilim	tarih	oudschriftgeleerheid	filologie	história
b) eskitlik	sabıka	verledendadenlijst	nooit gereciveerd	ficha criminal ²²⁹

Contexto (p. 185): Çok uzun boylu, iri yarı, güçlü, (öküz öldürme yarışında dört kez birincilik almış) kadınlar arasında yaygın bir ünü var, **karal**, karagözlü, zorbilim öğretmenliği yapmış, evsiz, işsiz; **yazıtbilimle (tarihle)** ilgilenir. Kadın yüzünden çıkan bir kavga sonunda iki ay içerde kalmış. Başka bir **eskitliği (sabıka)** yok.

Tradução: bastante alto, corpulento, forte (levou várias vezes o primeiro lugar na competição de matança de bois), tem vasta fama entre as mulheres, **morenado**, dos olhos negros, lecionou diciência, solipsista, desempregado, tem interesse por **eventologia (história)**. Ficou preso por dois meses por causa de uma briga por uma mulher. Fora isso, não tem nenhuma incidência (ficha criminal).

²²⁸ Ocorre sob a forma *sabēēça* (de Deus) no texto do séc. XV, *Orto do Esposo*. Cf. site: <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/texto.jsp?t=e&id=1217>. Último acesso 05 fevereiro 2017.

²²⁹ O *Okyanus 20. Yüzyıl Ansiklopedik Türkçe Sözlük*, p. 2447, indica como tradução de *sabıka* para o inglês *former misdeed, previous conviction, criminal record, bad antecedent* e para o francês "*délit ou crime passé qui a conduit son auteur devant la justice*".

yazıtbilim (tarih): nome da disciplina história, é composta de *yazıt*, constante do *Osmanlıcadan Türkçeye Karşılıklar* (p. 108) como substituto do empréstimo árabe *kitābe* (< كتابة *kitāba*), e ainda acrescenta o exemplo: *Örnek: Orhon kitabeleri = Orhon yazıtları*. Interessante registrar aqui o que afirma Lewis (1999, p. 88) a respeito da palavra *tarih*: "No one has yet succeeded in finding an acceptable *Öztürkçe* word for 'history'; *tarih* [A] still holds its ground and will continue to do so. Ataç's *uza-bilik* won no following, any more than his *uza* alone or *uzağı* or *uza-bilim* or his *uzabilikçi* for 'historian'."

Ataç (Çolpan, p. 47) também sugere a interessante *geçmiş-bilim* "ciência do passado", sendo *geçmiş* propriamente um neologismo que substituiu com êxito o empréstimo *mazi* (< árabe ماضی *māḍi*)

Muzaffer Muhittin (1935, pp. 40-43), por seu turno, também sugeriu um substituto para *Tarih* em seu curioso, e até risível para um linguista atual, artigo intitulado "Usture, Tarih ve Histoire Öztürkçedir!" (*Usture, Tarih e Histoire* são Öztürkçe [genuinamente turcas]!) em que ele tenta provar que a palavra sugerida por ele, genuinamente turca, a saber *Astura*, é bastante antiga e passou para as línguas acima citadas, como o árabe *usture*, o grego antigo e o latim a línguas românicas sob as seguintes formas: *istur*, *istuoir* e *histoir*, respectivamente. Após tentar demonstrar o desenvolvimento da palavra composta turca, *as-tura*, como os dois elementos se desenvolveram no hitita, fenício, etc., ele conclui (p. 43):

"'Astura' sözünün iki Öztürkçe söz birleşmesinden doğduğunu ve ta onasturaya kadar vardığını görüyoruz"

"Podemos observar que a palavra *Astura*, composta da justaposição de duas palavras Öztürkçe, nasceu na pré-história."

Tal tese provavelmente tem a ver com a caracterização dada pelo *Osmanlıcadan Türkçeye Karşılıklar* em que vários empréstimos, os quais os falantes resolveram continuar a usar ativamente, são justapostos a eles mesmos, com a abreviação (T. kö.), ou seja, *Türkçe köken* (de raiz, ou étimo, turco) ao lado:

1- Acaba = acaba (T. kö.) (p. 4)

- 2- Acemi = acamı (T. kö.) (p. 4)
- 3- Ahkâm = hükümler (T. kö.) (p. 5)
- 4- Ahşab = ahşap (T. kö.) (p. 6)
- 5- Akıl = akıl (T. kö.) (p. 7)²³⁰

Percebemos que tais palavras, todas empréstimos, sobrevivem até hoje, ou seja, os puristas não conseguiram substituí-las, daí, em conformidade com a política nacionalista que imperava à época, darem a tais palavras veredito "origem turca". Em outras palavras, não falemos mais no assunto. Às vezes, contudo, se observa que, apesar de se tratar de palavras genuinamente turcas, eles aproveitaram o ensejo para dar um leve ajuste, como em *ahkâm* (احكام) forma do plural fracto, segundo a nomenclatura gramatical árabe, do substantivo *ḥukm*²³¹ para uma forma que soe menos óbvia que é estrangeira, a saber, *hükümler*, com o sufixo plural próprio do turco *-lvr*.

No que tange ao composto *yazıtbilim(i)* em si, embora sua criação não esteja datada, consta do OTS como equivalente de *epigrafi*. Três hipóteses podem ser formadas a partir disso: o autor foi pioneiro em justapor tais palavras para simular um neologismo de *tarih* (do árabe, تاريخ *tarīx* "história"); já havia tal criação com o sentido de "epigrafia", mas o autor desconhecia ou, mesmo havendo, o autor resolveu dar um novo significado a palavra²³². O fato de tais neologismos não terem sido criados *ex-nihilo* é comprovado pela pré-existência, à época da redação do *Tutunamayanlar*, da forma registrada *gökçeyazın*, por exemplo. Não seria uma coincidência plausível o autor criar tal composto com o mesmo significado atribuído a ele, sem que tivesse conhecimento da existência de tal palavra.

Por outro lado, é interessante também comentar a respeito da tradução holandesa, ao usar o par *oudschriftgeleerheid x filologie*. Aquela, podendo ser decomposta como *oud* "antigo(a)" + *schrift* "escrita".

²³⁰ Exemplos somente ilustrativos - não pretende ser uma lista exaustiva.

²³¹ Cf. o dicionário de Edward Lane, Book I, Part, II, p. 617 e Cowan, David. *Gramática do árabe moderno*. São Paulo: Globo, 1958/2006, pp. 33-38.

²³² Não podemos descartar a hipótese de que o autor teve a intenção de jogar com a língua, tal como fizeram inconscientemente os puristas, atribuindo significados que bem entendiam às palavras, resultando no caos linguístico dos primeiros anos da reforma, numa verdadeira neolíngua orwelliana.

Eskitlik - sabika: o OTS indica *sabika* como sendo derivada do árabe *sabik*, forma feminina de *sabik* com o significado de "*geçmiş şey; geçmişte olan olay; geçmişe ait olay. Huk. Bir kimse tarafından geçmişte işlenmiş ve yargı tarafından tanıtılan cezası verilmiş olan suç.*"

Ou seja, "coisa passada, evento passado, evento pertencente ao passado. Direito. Culpa atribuída por um julgamento de algo que alguém cometeu no passado".

O dicionário de otomano de Kanar (p. 2875) a define como "*geçmişte olan suç geçmiş ile ilgili olay veya bilgi*", sem tampouco dar um equivalente em turco moderno.

É interessante notar que nenhum dos dicionários consultados indica um equivalente öztürkçe para tal vocábulo, nem mesmo os dois principais dicionários de direito, o *Ansiklopedik Hukuk Sözlüğü* de Ali Şafak (Ankara: Selim, 2002) e o *Ansiklopedik Hukuk Sözlüğü* (coincidência de nomes, mas sem relação) de Hüseyin Özcan (Ankara: Seçkin, 1985).

Quanto ao equivalente moderno usado por Atay, *eskitlik*, embora não conste de nenhum dos dicionários de turco consultados, pode ser facilmente desmembrada em seus elementos morfológicos *eski-t-lik*, em que *eski*, adj., "velho, antigo", *-t-* sufixo causativo, *-lık* sufixo substantivador²³³. Tal raiz provavelmente não tinha sido escolhida a esmo por Atay, visto que encontramos no dicionário *Öz Türkçe Kılavuzu* (Guia de Turco Puro) de Ali Püsküllüoğlu: (p. 87) *sabik = önceki, eski*, ou seja, o equivalente em turco moderno do adjetivo árabe *sābiq* سابق "anterior" seria *önceki* (composto de *önce*, antes, e o sufixo *ki*) e *eski*, como já visto acima, "antigo, velho".

7- Düzen Silik

Turco puro (Öztürkçe)	Turco corrente	Holandês "puro"	Holandês corrente	Tradução pretendida
a) çadırbilim	-	zeildoekspanselkunde	-	ciência da tenda

²³³ O *Okyanus Türkçe Sözlük* (p. 743) define o verbo *eskitmek*, da mesma raiz do neologismo, como "Eski hale getirmek [ingl. To use up, wear out; Fr. User, abîmer; yaşlandırmak. [To be made old; Fr. Vieillir].

Salgan'la aynı okulda **çadırbilim** (bugünkü dilde karşılığı yok) öğretim üyesi, kumral, uzun boylu, sıskaca, içedönük, kadınlarla ilişkisi yok, düşüncelerini kendine saklamasını iyi bildiği için, bugüne değin kovuşturmadan kaçabilmiş. **Gökceyazını** sever (bu nedenle sık sık Orkan'la tartışır); ağırbaşlı bir görüntüsü var.

Tradução: ensina esquiologia (não há equivalente na língua atual) na mesma escola que Salgan, moreno, alto, magricela, introvertido, não se envolve com mulheres, até hoje evitou processos, pois sabe guardar bem o que pensa. Gosta de **letradura** (por essa razão tem frequentes discussões com Orkan); tem uma compleição séria.

Neologismo: **Çadırbilim**: é um substantivo composto formado de dois morfemas, a saber, *çadır* "tenda" e *bilim*, "ciência". O equivalente holandês, *zeildoekspanselekunde*, é composto de *zeildoek* "lona" que, por sua vez é composta de duas palavras, a saber, *zeil* "vela (de embarcação)" e *doek* "pano" (isto é, pano de vela), e *spansele*²³⁴, forma substantivada do verbo *spannen* "amarrar, esticar, apertar". A nossa proposta de tradução seria um semi-decalque com mudança de ponto de vista através da metonímia (a sombra sendo uma possível parte que representa a tenda). Tomamos o morfema helenizante *ci(a/o)-*, um antepositivo que provém da palavra grega σκιά *skiá* "sombra" e que, conforme afirma Houaiss (2004, p. 711) em um número reduzido de palavras da terminologia científica, como ciáfila, ciameia, ciamélida, ciâmetro, ciamídeo, ciascopia, ciografia, cióptica. Possui variantes em *esqui(a/o)-*, que produziu palavras como esquiascopia, esquiografia, esquiofobia e em *esci(a/o)-* a qual, segundo Houaiss (2004, p. 1204) é uma forma menos canônica que *ci(a/o)-*.

A tradução alemã traz *Jurtenkunde*, que pode ser decomposta como *Jurte(n)* "iurta"²³⁵ + "-kunde" "ciência de". Trata-se de um semi-decalque com mudança de ponto de vista, ou seja, torna-se mais específico para o contexto com o uso de uma palavra que designa uma tenda especialmente usada por povos túrquicos.

²³⁴ Segundo a tradutora Hanneke (em comunicação pessoal), trata-se de uma forma infrequente.

²³⁵ Segundo a definição de Houaiss, (2004, p. 1661): "tenda circular com uma estrutura desmontável de madeira extensível sobre a qual se estica uma cúpula de peles ou feltro; us. pelos quirguizes e outros nômades mongóis da Sibéria". Ele oferece como étimo vindo do francês *yourte* ou *iourte* < russo *yurta* < mongol *yurt* "terra, domínios". Tal palavra provavelmente é afim à turca *yurt* "casa, lar".

Arrolaremos a partir de agora alguns dobretes não contextualizados.

Yaşsız (genç)

Podemos formar um neologismo motivado com base num outro cunhado por Guimarães Rosa, *anoso* "de muitos anos, velho" ("*Depois, entestou de pôr abaixo o mato, que conduzia até à beira do córrego os angicos de casca encoscorada e os jacarandás anosos, da primeira geração*" - Martins, p. 33), justamente o oposto do pretendido neste contexto, ou seja, jovem, para o que podemos tomar como modelo outro neologismo, ou melhor dizendo, o mesmo modo de derivação utilizado por Guimarães Rosa na palavra *desalmoso* (ND) "cruel, desumano, desgraçado", composto da aglutinação de des- + alm(a) + -oso ("*Anjinho, nem chegara a andar nem falar, adoecido logo depois do desalmoso dia, dos esforços arrebatados*") (Martins, p. 155). Assim, podemos formar *desanoso*, sendo composto de des + an(o) + -oso para expressar o significado de "jovem".

Devdeniz (okyanus)

A tradução alemã utiliza *Weltstrom*, composto de elementos herdados. No dicionário de Grimm também figura *Weltmeer*, cuja explicação que é a seguinte²³⁶:

komposition mit welt 'erdkreis' (V), die seit dem 17. jh. als geographische bezeichnung sowie in mannigfacher metaphorischer anwendung geläufig ist, jedoch in neuerem sprachgebrauch gegenüber ozean und dem simplex meer als weniger üblich zurücktritt, wohingegen die sinnverwandten bildungen weltozean (CHR. G. ROSE homilet. stud. [1723] 604; neues rhein. conv.-lex. [1830] 12, 229) und weltsee (DANNHAWER catech. [1657] 9, 268; J. G. KAHLO denkw. [1757] 92; zs. f. dt. wortf. 14, 77 u. 15, 227) sich auf wenige belege der älteren sprache beschränken (vgl. ndl. wereldzee, dän. verdenshav u. schwed. världshav sowie an. veraldarsjór).

(composição com *welt* "mundo", a qual desde o século XVII foi usada como termo geográfico bem como em muitos contextos metafóricos, contudo, ocorrências mais recentes favorecem o

²³⁶ <http://woerterbuchnetz.de> sob o verbete *weltmeer*.

uso de *ocean* ou forma simples *meer* "mar". Por outro lado, as formações *weltozean* e *weltsee* são restritas a usos mais arcaicos da língua.

A tradução para o holandês, *reuzenzee* (*oceaan*), é exatamente um decalque do compósito turco, a saber, *reuzen* "gigantesco" é derivado de *reus* "gigante", resultando em "mar gigante", seguido da palavra corrente para oceano, a saber, *oceaan*.

No turco a palavra *okyanus* é derivada do grego antigo *Ωκεανός* *Ōkeanós*, *oû* "um dos 12 titãs, filhos de Urano e de Gaia"²³⁷ via árabe *uqyānus* ²³⁸أقيانس, enquanto a palavra proposta por Atay, *devdeniz*, é composta por palavras herdadas no turco, a saber, *deniz* "mar" e *dev* (do persa *dīv*) "gigante", vindo a significar "mar gigante". Note-se que em Osmanlıca a palavra corrente para oceano era o composto *bahr-i muhîttî*.

Nossa proposta de tradução é um neologismo cunhado por Guimarães Rosa²³⁹, a saber, *manho-mar*, com variante *mar-manho* que, segundo a explicação de Nilce Sant'anna Martins (2008, p. 319) é uma forma adaptada de *magno* (ou extraído de *tamanho*) + mar.

***Günlikbetik* (gazete)**

Tal neologismo é omitido na versão alemã, que somente oferece a tradução corrente de "jornal", a saber, *Zeitung*. Já a tradução holandesa oferece o seguinte neologismo, *dagleesklanktekenblad* (*krant*), que pode ser interpretado como "folha de leitura diária", seguido da palavra corrente para "jornal" em holandês. Propomos, por outro lado, um neologismo inspirado num outro neologismo cunhado por Castro Lopes, a saber, *cardápio*, o qual ele mesmo explica da seguinte forma (p. 32): "O vocabulo latino *charta* (papel), reunido ao substantivo *daps*, *dapis* (comida, iguaria, manjar), póde produzir e produz, com as modificações que a euphonia requer, um termo muito mais expressivo do que o *Menu* francez. Diga-se portanto *Chardapio* (cardapio), isto é, papel, lista das comidas, das viandas. N'esta palavra, formada pela intima soldadura das duas latinas (*Charta*, e *daps*, *dapis*), estão perfeitissimamente contidas

²³⁷ *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 2047, etimologia do verbete *oceano*.

²³⁸ Nişanyan, p. 332, sob o verbete *okyanus*.

²³⁹ Constante em seu *Estas Estórias* "Céus, que, ali em volta, se fizera um mar-manho de embarcações - se diz: batel, chalupa e escafa...". Cf. Martins, p. 66.

todas as idéas, que de um modo elliptico buscaram os francezes exprimir com o seo vocabulo *Menu*."240

A respeito do compósito turco, ele é formado de *günlük* "diário", o qual é perfeitamente compreendido por qualquer falante desse idioma, e *betik*, um vocábulo herdado, mas que é tido como arcaico, visto que fora substituído em todos os contextos pela palavra árabe para "livro", a saber, *kitap* (< árabe كتاب *kitāb*, "livro"). Seja como for, foi a sugestão de substituição do *Tarama Sözlüğü* e criticada por Lewis (p. 84), pois não seria uma forma com desenvolvimento fonético natural da arcaica *bitig*, a qual resultaria em *beti* (vide infra). Em suma, *betik* é uma palavra curiosa, pois, embora os reformadores não tenham se dado conta da existência de sua herdeira em dialetos anatólios sob a forma *beti*, ela foi "erroneamente" reinterpretada foneticamente e até ganhou uma certa popularidade ("*has won some currency*", como afirma Geoffrey Lewis, *ibid.*).

No abrangente dicionário etimológico do turcólogo austríaco Andreas Tietze (o *Tarihi ve Etimolojik Türkiye Türkçesi Lugatı*, vol. I, p. 358), tal vocábulo figura como *biti/bitik*: *yazılmış şey, mektup, senet, kitap* < ET. *bitig*, ou seja, qualquer coisa escrita, tal como carta, livro, e é proveniente do turco antigo *bitig*. Note-se que, embora não haja rastros de tal palavra no turco padrão, no aludido dicionário consta a palavra *beti* '*mektup, yazı*', "carta, escrito", como ocorrendo em certos dialetos anatólios. Baseando-nos no afirmado supra, buscamos um equivalente na justaposição de duas palavras latinas²⁴¹ *charta* "papel; escrito" e *nūntius* "notícia, mensagem" cuja junção, ao modelo de *cardápio*, resultaria ou em *carnúncio* (cf. a omissão da sílaba *-ta* em *cardápio*) que, a meu ver, é menos adequada que sua variante *cartanúncio*, pois aquela poderia erroneamente levar o leitor a associá-la semanticamente a "carne", o que não é o caso.

Bellisiz (müphem)

²⁴⁰ Curiosamente, embora Castro Lopes provavelmente não o soubesse, a palavra para cardápio em galego é carta. Cf. o dicionário online de galego academia.rag sob o verbete "carta".

²⁴¹ Pois Castro Lopes já afirmava que (p. 31, 32) "[...] todas as vezes que em portuguez não tivermos termo para exprimir alguma cousa, que em lingua estranha seja expressa por palavra especial, recorramos ao grego, ou ao latim, formando um neologismo [...]".

Bellisiz é composta da raiz *belli* + sufixo de negação *-sVz* "sem", sendo uma palavra herdada no vocabulário turco²⁴², ou seja, não se trata de um neologismo. O seu equivalente, *müphem* é um empréstimo do árabe (< *مُبْهَم* *mubham* "vago, obscuro, inescrutável"). A tradução alemã traz "*Orkan hingegen schaute mit einem unsteten (vagen) Lächeln [...]*", ou seja, usando a palavra germânica *unstet*²⁴³ "indefinido" e a de origem latina *vage* "vago, impreciso". A tradução holandesa traz o par *duideloos (ondefiniëerbaar)*, sendo, de igual maneira, o primeiro de origem germânica²⁴⁴ e a segunda de origem latina, via francês, sendo sua decomposição da seguinte forma: *on-definiëer-baar*, cujo radical é o verbo *definiëren* "definir, explicar".

Nossa sugestão de tradução é baseada num neologismo de Guimarães Rosa, a saber, o adjetivo *dúbito* (ND) "duvidoso, inseguro". Segundo a hipótese de Martins (p. 177), tal vocábulo é possivelmente derivado com base no radical *dubit-* do latim *dubitāre*, "duvidar, hesitar" ("*Então, Diadorim veio me fazer companhia. Eu estava meio dúbito. Talvez, quem tivesse mais receio daquilo que ia acontecer fosse eu mesmo*"). Alternativamente, há um outro neologismo também cunhado por Guimarães Rosa, a saber, *incertidão* (ND) "falta de certeza, de exatidão" ("*Corra tanta incertidão por conta dos que tentaram ser inimigos dele*") (Martins, p. 271). Assim, podemos obter o par *incertidão (incerteza)* e traduzir a frase assim: "Mas Orkan olhou para eles com um sorriso de incertidão (incerteza)". A ocorrência do sintagma "sorriso de + substantivo" é atestada pelo próprio Houaiss como exemplo de uso da palavra "sorriso" (p. 2612) "*não consegue esquecer seu sorriso de vingança*".

Belli (tabii)

Tal como mencionado supra, o adjetivo turco *belli* "definido, claro" não se trata de um neologismo, mas sim de uma palavra proveniente do vocabulário turco herdado. Quanto a *tabii*, porém, pode-se afirmar ser de origem árabe (< *طَبِيعِي* *ṭabīʿī* "natural").

²⁴² Nişanyan (p. 46) mostra tal vocábulo como herdado da forma *bellü/belü* (*aşikâr*) do século XIII, sendo essa, por sua vez, oriunda da raiz *bel-* do turco arcaico.

²⁴³ No *Duden* online figura a seguinte evolução etimológica alto alemão médio *unstæte* < alto alemão arcaico *unstāti*. Cf. <http://www.duden.de/rechtschreibung/unstet>. Último acesso em 31 dezembro, 2016.

²⁴⁴ No dicionário online *etymologiebank.nl* figura a seguinte evolução etimológica do holandês médio *dūden*; holandês arcaico *diuten* 'explicar, traduzir'; (alemão alto moderno *deuten*); frísio arcaico *bi-thiuda* 'explicar' (frísio moderno *tsjutte*); inglês arcaico *ge-ðiodan* 'traduzir' < proto germânico **peuþjan-* 'esclarecer'. Cf. <http://www.etymologiebank.nl/trefwoord/duiden>. Último acesso 31 dezembro, 2016.

Este par é omitido na tradução alemã, ao passo que na holandesa ocorre uma tradução compensatória, ou seja, as tradutoras optam por oferecer outro dobreite: "*Maar ik pomp niet alleen in haar hoofd, natuurlijk. Anders zou dat arme ding nog levensmoe (depressief) worden*" (p. 197).

Akyapraklar (kağıtlar)

A tradução alemã omite tal neologismo (somente consta "*und brachte einen Stapel Papiere zum Vorschein*"), ou "uma pilha de papéis". Já a tradução holandesa, à maneira da composição turca, cunhou um decalque, a saber *witbladen (papier)*, sendo aquele composto de *wit* "branco" e *bladen*, plural de *blad* "folha, papel". Seguindo esse padrão, resolvemos propor um neologismo baseado em raízes latinas, a saber, *alvi-*, ou sua forma mais culta *albi-* (ambas derivadas do latim *albus* "branco"), *albifólio* ou até mesmo *albicarta*. Curioso notar que a palavra portuguesa papel é derivada, via catalão (conforme o étimo apresentado por Houaiss) *paper* que é uma transformação da palavra latina *papyrus*, "arbusto do Egito de cuja entrecasca se fazia o papel", ou seja, por metonímia.

Büyükülüksapığı (megalomanyak)

A palavra *megalomanyak* é, via francês, derivada do grego clássico μέγας "grande" + μανία "loucura". A palavra *büyükülüksapığı*, por seu turno, é um neologismo formado de *büyüklik* "grandeza" + *sapık* "louco; pervertido".

A tradução holandesa traz o seguinte dobreite *grootheidswaaninnige (megalomaan)* (p. 199), sendo aquele composto de *grootheid(s)* "grandeza" + *waaninnige* "louco, maníaco". Coincidentemente a tradução alemã traz o equivalente neológico cognato *Größenwahnsinniger (Megalomane)*. Assim como o pseudo-neologismo holandês, dicionarizado, o mesmo ocorre com *Größenwahnsinniger*, o qual figura no *Duden* online, bem como o helenismo *Megalomane*, sendo esta, segundo a classificação de frequência (*Häufigkeit*) de uso na língua alemã um ponto acima da primeira.

Como sugestão de tradução, baseei-me na palavra grega e a traduzi para o latim *magninsania*, composta do antepositivo *magn(i)-* "grandeza" (de *magnus* "grande, poderoso, ilustre") + *īnsānia* "loucura".

Düzgünayak (dans)

O neologismo turco é um composto das palavras *düzgün* "harmonioso" + *ayak* "pé".

Tal neologismo foi omitido na tradução alemã ("*und einander umarmend vollführten sie einen Tanz*"), ao passo que a tradução holandesa nos oferece *voetindemaat te doen (te dansen)*, ou seja, um sintagma composto de *voet*, "pé", e a expressão idiomática *in de maat*, "a tempo, afinado".

Para expressar tal termo, sugerimos um vocábulo de um estágio anterior da língua e que foi utilizado por Guimarães Rosa, a saber, *bailia* "espécie de poesia lírica da escola trovadoresca, que, musicada, servia para dançar" (Martins, p. 60). Alternativamente, há a palavra dicionarizada *bailada* que em Houaiss figura como sendo obsoleta e significa um baile popular e arcaico "folia e dança popular e jogralesca". Seria interessante pensar, a esse respeito, na associação que o leitor possivelmente faria com a palavra popular "balada".

6. A questão dos nomes próprios

Aksan (p. 117) afirma que cada país tem suas tradições e regras de dar nomes e que elas podem ser muito diferentes de um povo para o outro. A esse respeito, o mesmo autor cita o estudioso alemão, o qual, a nosso ver, faz uma pertinente afirmação: "o inventário de nomes de uma nação é a expressão de sua situação mental e espiritual do passado e do presente".

Levando em consideração o aspecto linguístico, ou mais precisamente o aspecto etimológico, há duas camadas bem distintas de nomes turcos na Turquia atual, ou seja, uma camada oriunda da língua árabe, pelo fato de a religião islâmica ser a predominante nesse país, e uma outra camada, recente, a saber, a que utiliza formas herdadas do turco e que teve como ímpeto as reformas de cunho abertamente nacionalista que teve início a partir da década de 1920. Se considerarmos o aspecto histórico, contudo, teremos três distintas camadas de nomes próprios: os usados pelos turcos antes da adoção da religião islâmica (*İslamlık öncesi Türk*

adları) no século XI, e Aksan (p. 97) nos dá os seguintes exemplos: Kün (cuja forma atual é Gün), Temür ; Temir (forma atual Demir), Tigin (Tekin "príncipe"), Bars (Pars), Bilge, Çiçek, entre vários outros.

Houve, de acordo com o período em questão, ou seja, com a ideologia propalada pelo governo da época - secular ou religioso - flutuações na frequência de tais nomes. Da primeira categoria há nomes como Ayşe, Fatma e Murat, Mehmet, Ali, que possuem equivalentes (do original) árabes, ao passo que a segunda categoria, aparentemente predominante atualmente²⁴⁵, é composta de várias subcategorias, entre as quais há elementos da natureza (Teoman "palavra em turco arcaico para fumaça, embora não mais transparente, atributos tidos como desejáveis, *Barış* "paz", *Savaş* "guerra", *Özlem* "saudade"²⁴⁶, etc.). Atualmente é bastante comum, provavelmente com o intuito de escapar do inventário "básico" dos nomes, produzir nomes compostos a partir de tais formas básicas, por exemplo, de Oğuz, nome de uma antiga tribo túrquica, tem-se Oğuzata, Oğuzer, Özoğuz, Oğuzman, Oğuzalp, Oğuzbay²⁴⁷, etc.

6.1. Nomes próprios na literatura

Os nomes próprios raramente são escolhidos a esmo por seus autores, provavelmente tendo uma motivação por detrás de tais escolhas. Os nomes próprios, segundo afirma Epstein (p. 69), tanto ajudam a criar a história quanto são criados por ela. Portanto, é um aspecto importante que não deve ser negligenciado pelo tradutor de obras literárias, e esta certamente é uma delas. Já se aludiu alhures à importância da interpretação do significado dos nomes dos protagonistas do *Tutunamayanlar*. Assim, o uso de certos nomes traz consigo certas associações ao leitor que, em graus diversos, podem ser interpretados pelo leitor do texto original tanto com certa facilidade, por serem transparentes o bastante, ou com dificuldade, sendo essa interpretação reservada somente aos leitores mais atentos e curiosos²⁴⁸. Com o uso de determinados nomes, por exemplo,

²⁴⁵ Trata-se de uma mera observação, pois não disponho de uma estatística oficial atualizada.

²⁴⁶ Cf. formas análogas no português europeu, *Felicidade*, e no italiano *Delizia*, ambos femininos.

²⁴⁷ Tomo como base o *Kişi Adları Sözlüğü*, Dicionário de Nomes Próprios, da TDK disponível em http://tdk.gov.tr/index.php?option=com_kisiadlari&view=kisiadlari. Interessante a observação de Aksan (p. 97) ao citar nomes próprios como Nilgün, Evrim, Burcu e outros do gênero que "son 30 yıl içinde etkili olmuş", ou seja, que entraram no inventário de nomes próprios nos últimos 30 anos, ou seja da década de 50 até os anos 80.

²⁴⁸ Manini (1997, p. 164) nos oferece o seguinte exemplo a respeito do uso do nome *Napoleon* no romance *Du côté de chez Swann* (1913) de Marcel Proust: "[...] it required the acumen of professional scholar to unearth the possi-

o autor pode aludir a personalidades, crenças, hábitos, experiências, sentimentos e aparência, levando leitores, ainda segundo Epstein (p. 69), a criar certas expectativas com relação aos personagens em questão (Ibid., p. 69). Além disso, o autor também pode explorar a parte sonora de tais nomes, o que indiretamente leva o leitor a mobilizar certas associações, talvez ao lembrar de outro nome, de um substantivo, um adjetivo. Van Coillie (2006, p.123), por seu turno, afirma que nomes também podem ter a função de divertir o leitor, comunicar conhecimento ou suscitar emoções.

Neste trecho que vamos analisar, embora não se trate de personagens principais, acredito que a adequada interpretação dos nomes, segundo o contexto linguístico e histórico que vamos esclarecer abaixo, acarretará uma leitura mais proveitosa e satisfatória.

No entanto, ao analisar os nomes e sobrenomes usados por Atay nos trechos já citados, percebemos que ele provavelmente inventou nomes com um "ar" arcaico para propriamente prover um efeito tanto irônico quanto arcaico. O falante do turco prontamente os entende como sendo nomes turcos por basicamente dois fatores: a morfologia, ou a composição morfológica dos nomes, que está completamente de acordo com a formação das palavras do léxico turco (em contraposição, por exemplo, a palavras, ou nomes nesse caso, estrangeiras, as quais não se conformam com os padrões de harmonia vocálica do turco, etc.); a fonologia, que também tem um papel importante nesse caso, pois elas estão de acordo com a regra da harmonia vocálica, traço este fundamental no turco da Turquia. À guisa de ilustração, tomemos o nome *Düzgen*. Pode-se interpretá-lo como composto de *düz*, palavra viva e que significa "liso" e *-gen*, provavelmente uma paródia do sufixo "turco" que surgiu durante o movimento de purificação da língua turca a partir da década de 1930. É interessante notar que tal técnica, listada sob o título de exotismo na categorização de Luca Manini (1996, p. 164), não é de todo incomum e que, também, no caso específico analisado aqui, também poderia ser categorizado como "exotismo":

Authors who set their stories in foreign countries and want to emphasize the exoticism of these remote places will often use the foreign-sounding names to add a touch of local colour. Such names may be authentically foreign, or they may appear in a more or less modified version to enhance legibility and facilitate retention; their foreign ring may even be totally fake. This technique is found in several Renaissance comedies and tragedies by writers such as John Webster (the Dutchess of Malfi), Thomas Kyd (The Spanish Trag-

ble connection between the name on the Narrator's grandmother in Proust's work and some Merovingian queen, chosen by Proust to create a network of allusive meanings and symbolic correspondences within his novel".

edy), Shakespeare (The Two Gentlemen of Verona, Much Ado About Nothing, The Merchant of Venice, The Taming of the Shrew, The Winter's Tale, The Tempest) and Ben Jonson (Volpone), who parade an army of characters with Italian and Spanish- or pseudo-Italian and pseudo-Spanish names. In other literary traditions, character names tend to be English through and through (for example in Dickens)

6.2. Análise dos nomes próprios do Tutunamayanlar

Procedamos, contudo, a uma análise sistemática dos nomes próprios para então discutirmos as questões que surgirão com sua tradução (ou não) para o português.

1 - Orkan Talmug: Orkan consta do dicionário de nomes próprios do TDK como variante do mais comum Orhan. Talmug, como sobrenome, claramente seria estranhado por um falante do turco, pois possui um sufixo -g que pertence ao turco arcaico²⁴⁹. Ademais, ao analisar o glossário de palavras constantes das inscrições de Orkhon²⁵⁰, percebemos que não há palavras que iniciam com a consoante alveolar sonora /d/, mas que abunda em palavra no seu equivalente surdo ou desvozeado /t/²⁵¹. Outro traço comum do turco arcaico é, como já mencionado acima, a ocorrência final da consoante velar sonora /g/, traço esse que não ocorre no turco moderno²⁵².

Portanto, *torug* > *doru*, *ulug* > *ulu*, *çerig* > *çeri* (exército, mais comum no composto *yeniçeri*, ou janíssaro), etc.

Sua principal referência talvez seja a famosa obra *Kutadgu Bilig*²⁵³ - um longo poema didático escrito em turco médio - em cuja segunda palavra consta o mesmo sufixo.

²⁴⁹ Cf. Banguoğlu, 1990, p. 244-246.

²⁵⁰ Cf. Ölmez, 2000, p. 109-111, nomes como *tunuykuk*, *toña*, *tümän*, *türgiş*, *tabgaç*, *tatar*, *türkeş*, *taluy/talay*.

²⁵¹ Ercilasun, 2005, p. 178: *Kelime başı t-'leri korunur: tag (dağ), tas (dış), tebi (deve), teg (değmek), temir (demir), ti- (demek), tir (dermek), tod- (doymak), tokuz (dokuz), tört (dört), tuy- (duymak), tüz (düz)*. ou "Preserva-se no início de palavras o t-: tag (dağ), tas (dış), tebi (deve), teg (değmek), temir (demir), ti- (demek), tir (dermek), tod- (doymak), tokuz (dokuz), tört (dört), tuy- (duymak), tüz (düz).

²⁵² Ibid., *ikinci ve daha sonraki hecelerin sonunda bulunan g ve ğ'lar korunur: adgırığ (aygırı), arığ (arı, temiz), atlıg (atlı), başlıg (başlıg), bilig (> bilü), bitig (biti), elig (el), kullug (kullu), küçlüg (güçlü), sarıg (sarı), tügünlüg (dügümlü), yadag (yaya)*, ou "preservam-se o g e o ğ que se encontram na segunda sílaba ou sílabas posteriores: adgırığ (aygırı), arığ (arı, temiz), atlıg (atlı), başlıg (başlıg), bilig (> bilü), bitig (biti), elig (el), kullug (kullu), küçlüg (güçlü), sarıg (sarı), tügünlüg (dügümlü), yadag (yaya).

²⁵³ Robert Dankoff (*Wisdom of Royal Glory*, Chicago/London: University of Chicago Press, p. 1) diz o seguinte na introdução à sua tradução da obra: "The language of the work is technically referred to as Karakhanid, or Middle Turkish. It is substantially the same language as that of the Turkish inscriptions on stone, mainly found in the Orkhon region of Mongolia and dating from the eighth century; of the huge translation literature in Uighur Turkish,

2- Salgan Saçak: pode-se decompor o nome próprio, inexistente como tal, em *sal-*, raiz que significa "soltar" e o sufixo *-kan*²⁵⁴. Tal nome, pelo menos sua raiz, consta na obra *Türkçemizde Men- Man* na forma de Salman.

3- Durman Elger: Composto da raiz *dur-* "parar, cessar" e do sufixo *-man*. Apesar de o sufixo *-men/-man* figurar na língua turca há séculos, visto em palavras como *şişman* "gordo", *kocaman* "grande" e trazendo um significado enfático²⁵⁵, foi a partir da reforma linguística turca, ou mais precisamente através da criação do neologismo semântico *uzman* por Köprülü²⁵⁶, a partir da raiz *uz*, que significa "artesão talentoso" e *-man*, inspirado num homônimo do sufixo supracitado, a saber, o sufixo importado visto na palavra *vatman* "motorista de bonde". A partir daí, diversas novas criações²⁵⁷ surgiram com o novo sentido de *-man*, como já discutido alhures. É digno de nota, contudo, o opúsculo *Türkçemizde Men - Man* (1940), um estudo curto de 55 páginas, da autoria de Besim Atalay, e o fato de que é uma publicação da TDK, a Sociedade Linguística Turca, é pertinente, tendo em vista a ideologia purista imperante junto a ela. Não está muito clara a teoria que o autor pretende provar, mas parece que, a busca da semelhança do sufixo turco com sufixos em várias línguas pretende comprovar uma possível origem comum, a saber, todas derivam do turco (p. 9): "*Dilimizin bir takım dillerle olan bu yakınlığı Men ile Man'ın başka manalarında dahi göze çarpmaktadır*" (A proximidade da nossa língua com algumas outras pode ser observada até mesmo nos diferentes significados de Men e Man).

Atalay cita o sumério, em que *Ban* significa "homem", *Men* "homem" e "eu" e *Man* "mulher", em mongol *kouman* "homem", o árabe *men*, que é usado para seres humanos e o *ma*, que é usado para seres inanimados.

mainly of Buddhist content; and of the later efflorescence of eastern Turkish Islamic literature known as Chahatay."

²⁵⁴ Há três tipos de variantes para esse sufixo, a saber, a variante vista em palavras como *unutkan* "esquecido, que tem memória curta" e *döğüşken* "briguento", *-gen/-gan*, antigo sufixo do participio presente, ainda produtivo em línguas (Lewis usa aqui a palavra dialeto) da Ásia central, como cazaque *kelgen = gelen* "vindo", tártaro *bilmagan = bilmeyen* "que não sabe", e uigur *alğan = alan* "pegando, que pega", cf. Lewis, 1999, p. 66. O terceiro tipo ver-se-á no 7º. nome a ser analisado.

²⁵⁵ Segundo Banguoğlu (1990, p. 197), esse sufixo enfatiza as ideias de "*pek, veya biraz*", ou "muito ou pouco".

²⁵⁶ Lewis, 1999, p. 100. Scharlipp (p. 47) lista tal vocábulo da seguinte forma "Redh.: specialist, expert / TS: is. ve s. Uzbilimi olan kimse / Das Wort wird adjektivisch und substantivisch verwendet / subst. A mütahassis", ou "[Dicionário] Redhouse: especialista / turco: subst. e adj. um especialista / O vocábulo tornou-se adjetivo e substantivo / substantivo [do] árabe *mütahassis*".

²⁵⁷ Lewis, *ibid.*, desaprova de tal derivação, condenando-as como "*misbegotten*", ou malformada.

Finalmente, o autor suspeita (p. 10) que o sufixo *man* em turco é usado como sufixo também em outras línguas como o inglês, o francês e o persa - este último usa a palavra *mend* e *men* como sufixo. Ele também observa que em inglês tal sufixo é usado na formação de muitas palavras, como é o caso de *coach*, da qual se obtém *coachman*. Ele não vê uma relação de empréstimo, mas sim de mera semelhança:

"Man ekinin burada görmüş olduğu is, Türkçedeki Man'in gördüğü işe çok benzemektedir"

Por último, Atalay observa também tal semelhança no alemão *Man* (sic) e no húngaro *man*.

Na página 18, lista os muitos significados do sufixo *men*, *man* em turco, dos quais cita 15:

- 1 - isim (substantivo, nome)
- 2 - sıfat (adjetivo)
- 3 - nome próprio
- 4 - topônimo
- 5 - hipérbole
- 6 - nomes de instrumentos
- 7 - posposição de diminutivo
- 8 - nome de lugar
- 9 - adjetivo de pessoa
- 10 - analogia
- 11 - nome de profissão
- 12 - nome de ação
- 13 - ukak (zarf)
- 14 - edicilik (failiyet)
- 15 - tempo

Interessante notar que, dessas categorias, a que mais produtiva se tornou no turco moderno foi a 11, a saber, nome de profissão, e que, das palavras que ele lista, *dıragman* (orakci - Batı Trakya), *Koyman* (Coban, koyun guden), *Köymen* (Râsit), *Tuşman* (Sofraci, çeşnigir), *Tüşümen* (Uygularda bir memuriyet), nenhuma é comum no turco moderno. Além do mais, as mais comuns, com o sentido de profissão, são as de uso recente e baseadas no inglês/alemão.

Por outro lado, o gramático Tahsin Banguoğlu afirma (p. 197), na seção que versa sobre esse mesmo sufixo, que:

"Yeni Türkçede -men ekiyle birçok kelime ortaya atılması bu ekin sezilen anlatımını değerlendirme anlayışıyla değil, Cermen dillerine akrabalık iddiasından başlayarak *Mann* kelimesinin bu dillerdeki 'kişi ve yapıcı kişi' anlatımına özenmek yoluyla meydana gelmiştir. Böylece -men fark gözetilmeksizin isim ve fiil tabanlarına getirilmiştir:

Uzman, ökmen, sözmen, denetmen, sayman, yazman, seçmen
Oğretmen, yönetmen, çevirmen, danışman gibi.

Pekçok soyadları da bu modaya uygun düşmüştür."

"No novo turco surgiram muitas palavras com o sufixo -men não por causa do seu sentido original, mas para parecer com a palavra Mann em linguas germânicas em que tem o sentido de agente. Assim, o sufixo -men foi usado indistintamente para formar verbos verbos e substantivos:

Uzman, ökmen, sözmen, denetmen, sayman, yazman, seçmen
Oğretmen, yönetmen, çevirmen, danışman gibi.

Muitos sobrenomes se difundiram a partir disso." (tradução nossa)

Especialmente interessante para a nossa discussão é última frase, na qual diz que muitos sobrenomes também aderiram a essa tendência (ou moda, a palavra que ele usa). Dos *kişi adi* (nomes próprios) que Besim lista, não há nenhum que caia nessa categoria (ou pelo menos nenhuma explicação quanto a uma possível relação com o sufixo germânico neológico). Eis sua

lista (p. 33-34): *Andariman, akman, bağçayman, barman, bümen, çoraman, çorman, dikirmen, homan, koskaman, otman, otmanbaba*²⁵⁸, *salman, taliman, taman, toğman, tümen, teömen*.

4 - Yılgin Mete: há duas hipóteses para o significado pretendido para tal nome:

a) como variação de *İlgin*, o qual é usado tanto para o sexo masculino quanto o feminino. Segundo o dicionário ÖTS (vol. 2, p. 2037), o étimo do verbete *ilgin* (cujo significado, no turco padrão, é "tamarga, tamargueira") é *eT. yıl-ğün > ilgin*, ou seja, provém do turco arcaico (eT é a abreviação de *Eski Türkçe*, turco arcaico). O MBTS (vol. 2, p. 1319), por seu turno, indica como *kökü bulunamamıştır* na parte de etimologia do verbete em questão, ou seja, "origem não encontrada".

b) Há a palavra, que também atua como nome próprio, *Yılgin* "amedrontado" (da raiz *yıl[mak]* "temer algo"), e que não carrega relação com o substantivo *ilgin* descrito acima.

Já o (aqui) sobrenome Mete, é usado somente como prenome. O efeito de uma letra a mais num nome próprio conhecido - e que provavelmente o autor usou para dar um ar de arcaísmo a tal nome, justaposto a um sobrenome que costuma ser usado como prenome - pode causar uma mistura de reconhecimento e estranhamento ao mesmo tempo no leitor turco.

5 - Gökçin Karma: o prenome *Gökçin* figura no dicionário de nomes próprios, sendo usada tanto para o sexo masculino quanto o feminino. Tem o significado de "azulado", e o autor pode ter escolhido tal nome propositalmente com o intuito de aludir aos turcos antigos, os Göktürk.

6 - Kutbay Çalık: o prenome *Kutbay* é um composto de dois vocábulos, *kut*, raiz turca que significa "augúrio" e bastante produtiva atualmente na criação de prenomes²⁵⁹, e *bay* "senhor", um honorífico de criação recente, o qual visou substituir a antiga palavra turca *bey*. Esse fato já é indicativo de que se trata de um uso irônico, parodiando o aludido neologismo.

A respeito dessa palavra, Heyd (1954, p. 107) tem o seguinte a dizer:

²⁵⁸ Este nome é o único no qual ele observa e comenta uma possível relação com outra língua, neste caso o árabe: *Arapçadaki Osman kelimesiyle olan yakınlığı göze çarpmaktadır*, ou "é impressionante a semelhança entre a palavra árabe Osman".

²⁵⁹ O dicionário da TDK lista exatamente 76 prenomes, masculinos e femininos, em que constam tal raiz.

[...] the introduction in 1934 of *Bay* 'Mr.' and *Bayan* 'Mrs.', which, contrary to Turkish usage, were to be placed before the name, has not been very successful in spite of strong official support. Until this day, the old terms *Bey* and *Hanım*, put after the first name, are generally used in the spoken language, while the neologisms *Bay* and *Bayan* are regarded by many people as strange and even slightly comical.

A palavra *Bay* foi "criada"²⁶⁰, pois já havia uma palavra *bay* em turco arcaico e que significava "homem rico" (sempre usada em colocações com *çığay*, *yoksul* ou *geda*, que são palavras para "pobre"). Ademais, tal palavra também ocorre em dialetos da Anatólia com o sentido de "herói", entre outros. Interessante a esse respeito mencionar o que Fahir İz, um linguista turco, diz na entrada para *Bay* da *İslâm Ansiklopedisi* (Enciclopédia do Islão),²⁶¹ ou seja, que *Bay* e *Bey* sempre foram usados, o que se pode constatar pela literatura antiga, juntos com um nome, cf. no *Livro de Dede Korkut* nomes como *Bay-Büre*, *Bay-Bican Beg*.

7 - *Düzgen Silik*: o prenome *Düzgen* é composto de *düz* "liso, plano, reto" e *gen*, uma provável paródia com o sufixo inventado por Atatürk para fins de criação terminológica matemática²⁶². Trata-se de um *multisourced neologism* (neologismo que possui várias fontes), na terminologia de Ghil'ad Zuckermann (2003, p. 148-165) com base no sufixo grego (via línguas europeias como o alemão, o inglês e o francês, em particular), e visto em palavras como *üçgen* "triângulo"²⁶³. Lewis (p. 66) cita o alemão *Pentagon* como (possível) base de inspiração para tal neologismo e, curiosamente, lista algumas palavras que Atatürk criou, entre elas *çokgen*²⁶⁴ para

²⁶⁰ Mais propriamente pode-se afirmar que ela foi avivada, ou da forma dialetal anatólica ou do turco arcaico, na língua padrão, mas com seu sentido anterior substituído por um novo, a saber, o conceito expresso por *bey*, mas destituído de sua conotação "oriental" ou que expressasse hierarquia, algo que não mais condizia no período pós-república, ou seja, democrático. Vale também mencionar que isso se deu através de um decreto oficial de novembro de 1934, que promulgava a proibição do uso de nomes de tratamento como *efendi*, *bey* e *paşa* (efendi, bey, paşa gibi lakab ve unvanların kaldırıldığına dair kanun). Cf. Meltem, 2007, p. 893.

²⁶¹ *İslâm Ansiklopedisi*, 2. cilt, 5. baskı. Eskişehir: Anadolu Üniversitesi Güzel Sanatlar Fakültesi, 1997, p. 356-357.

²⁶² Em seu livro intitulado *Geometri* publicado pela TDK ou, nas palavras de A. Dilâçar (p. 1) "Bu kitabı Atatürk, ölümünden bir buçuk yıl kadar önce, III. Türk Dil Kurultay'ından hemen sonra 1936-1937 yılı kış aylarında Dolmabahçe Sarayı'nda kendi eliyle yazmıştır" ou "Atatürk escreveu este livro um ano e meio antes de sua morte, nos meses de inverno de 1936 e 1937, logo após o 3º Congresso de Língua Turca no Palácio Dolmabahçe". Recorde-se que o autor era engenheiro civil de profissão, ou seja, muito provavelmente pesquisou a fundo a origem das palavras da ciência matemática.

²⁶³ Para o que previamente era *müselles*, uma palavra derivada do árabe e que hoje somente sobrevive no nome de um logradouro em Istambul. Interessante notar o que o dicionário MBTS afirma a respeito de tais criações em -gen (sob o verbete *altigen*: [yanlıs tür. < altı + gen; Türkçe'de isimden isim yapan -gen eki yoktur; ek, Yun. gônia "köşe" kelimesinden alınmıştır ve ekin Türkçe asilli olmadığı ses uyumuna tâbi olmayışından da bellidir].

²⁶⁴ Que é, afinal, o equivalente dado ao entrar a palavra *poligon* no dicionário online da TDK.

polígono. Apesar de ser uma criação esperada (da união de *çok* "muito" e *gen*, sufixo invariável acima aludido), o livro de que disponho (edição de 2007) lista no índice de termos que Atatürk usou o termo *poligon* (e seus derivados como *dışpoligon*, *düzgün poligon*)²⁶⁵. Banguoğlu (p. 240) afirma o seguinte a respeito desse sufixo e de sua origem: "Üçgen beşgen gibi yeni kelimelerimizde ise bu ek Fr. Tri-gone < Yun. Gônia = köşe kök-ekinden kopyadır (calque)." (No que tange às novas palavras na nossa língua, como üçgen e beşgen, o sufixo gen é um decalque da palavra francesa tri-gone < grego gonia = lugar, esquina).

Curioso também observar, como o fez Yasa (p. 274) exatamente na sessão em que discute o sufixo *-gen*, que para o nome da disciplina "trigonometria"²⁶⁶ não foi criado nenhum neologismo (tendo sido baseada, como em outras palavras criadas para a disciplina matemática, no francês *trigonométrie* em substituição a *müsellesat*, do árabe *مثلثات* *muəllaəāt*)²⁶⁷.

Tal nome pode também ter sido inspirado no existente *Düzgün* "liso; decente; igual".

7. Análise e tradução do trecho em pseudo-gök-turco

Mais comumente conhecido como túrquico arcaico (pelo menos no inglês, como Old Turkic, cujo uso é bem mais frequente que em português), trata-se da língua usada pelos gök-turcos, os quais viveram no século VIII, e é o povo túrquico que possui o sistema de escrita mais antigo²⁶⁸. Sua língua foi registrada no que hoje conhecemos como as inscrições de Orkhon

²⁶⁵ Interessante mencionar que há outras palavras que escaparam, por alguma razão, ao movimento purista de Atatürk, tais como *teorem* "teorema", *metre (kare)* "metro quadrado", *prensip* (dado como sinônimo de teorema) e o próprio título da obra, tem o claro objetivo de "ocidentalizar" (através do empréstimo francês, *géométrie*) a disciplina, relegando o termo árabe (< هندسة *handasa*) e oriental *hendese* para sempre ao esquecimento.

²⁶⁶ O nome de disciplinas é um assunto explorado com ironia por Atay em *Tutunamayanlar*, não por acaso, pois, como já mencionado, ele foi professor de engenharia.

²⁶⁷ O ÖTS (p. 4898) dá como sinônimo de *trigonometri* a palavra otomana *müsellesat*, mas não consta nem aqui e nem sob verbete separado algum neologismo. Ao consultar, porém, dois dicionários de física, a saber, o *Fizik Terimler Sözlüğü İngilizce - Türkçe, Türkçe -İngilizce*, de F. Şenel Boydağ e İskender Hikmet (s.l.: Doğuş, 2006, p. 62, 144) e o *Fizik Terimleri Sözlüğü*. Ankara: Sevinç, 1983, p. 182, descobrimos o neologismo *üçgenölçü*. Especialmente interessante é a entrada nesse último, em que consta "*üçgenölçü* [es. t. trigonometri]", ou seja, a abreviação de "es. t." seria, como explicitado nas *kısaltmalar*, p. XIII (abreviações) *eski terim*, ou "termo antigo".

²⁶⁸ Talat Tekin (2000, p. 17) afirma: *Orhon Türkçesi, yazılı belgeleri bize kadar gelmiş olan en eski Türk diyalektidir. Bu ad ile, daha çok, 8. Yüzyılın ilk yarısında, İkinci Türk Kağanlığı 682-744 döneminde, bugünkü Moğolistan'da konuşulmuş olan eski Türk diyalekti anlaşılır.* (o turco Orkhon é o mais antigo dialeto turco que sobreviveu até os

(*Orhun Yazıtları*, em turco), encontradas na Mongólia, que foram publicadas pelo russo Vasily Radlov e decifradas pelo filólogo dinamarquês Vilhelm Thomsen em 1893. Sobre sua nomenclatura, contudo, cabe observar que, segundo Tekin (2000, p. 18) afirma na introdução à sua obra sobre gramática do turco Orkhon, estudiosos não estão em concordância quanto ao uso de um termo que designe somente tal variedade de turco. W. Radloff, por exemplo, desde sua descoberta usa o termo *Alttürkisch* (turco antigo). W. Bang, por seu turno, explica seu uso com base na frequência da designação *Kök Türk* quando Bilge Han se dirigia ao povo, fazendo adotar o termo também para a variedade de língua falada por eles (*Köktürkisch*). Contudo, afirma Tekin (ibid), *Köktürk* não ocorre várias vezes nas inscrições, mas sim uma única vez e sob a forma *Köktürük*. Talvez, continua ele, seja por essa razão que Radloff não achou que tal denominação fosse adequada, preferindo *Alttürkisch* (*Neue Folge, Vorwort, not 1*). O filólogo dinamarquês Thomsen tampouco adotou o nome *Köktürkisch*, e achou *Alttürkisch* mais adequado. Para esse filólogo, os termos *vieux turc*, *turc runique* ou *vieux turc de l'Orkhon* são mais adequados para designar o turco de Orkhon

O termo *Alttürkisch*, usado para designar a língua usada nas inscrições em turco arcaico em rúnico, se difundiu por meio da famosa gramática da turcóloga alemã Anne Marie von Gabain *Alltürkische Grammatik* (Leipzig, 1941). Também é digno que nota que essa turcóloga utilizou o termo *Alttürkisch* para designar não somente as inscrições de Orkhon e de Ienissei, como também as escritas em uigur.

Na obra *Tutunamayanlar*, o propósito, como alhures, é o de causar um efeito de ironia no leitor; o autor não está preocupado com precisão extrema na transcrição das palavras túrquicas. De qualquer forma, isso é refletido no uso do termo "semi-Gök-Turkish" (ou pseudo-Gök-turco) usado pelas tradutoras do holandês.

O efeito desse trecho arcaico no leitor turco é um de estranhamento, obviamente, mas não de total incompreensão, visto se tratar apenas de um estágio de língua anterior, e não de uma língua não-afim. De qualquer forma, o próprio autor dá a interpretação da passagem logo adiante em turco moderno.

A esse propósito, o teórico e tradutor chinês Jin Di comenta (2006, p. 104): "*if [...] the original author employed literary forms which were archaic in his day, then it would be perfectly*

nossos dias em forma escrita. Entende-se assim que ele seja o mais antigo dialeto turco falado no que é a atual Mongólia no período do primeiro Khanato turco, na primeira metade do séc. VIII (682-744).

natural to archaize a translation". Baseados nesse princípio e em concordância com ele, após refletirmos sobre a questão, decidimos utilizar um estágio de língua anterior ao português moderno, o chamado galego-português, especialmente o que se encontra em uso nas conhecidas "cantigas de Santa Maria", manuscritos da época medieval que foram redigidos durante o reinado de Alfonso X "El Sabio" (1221-1284). Admissivelmente, não se trata do uso mais antigo da língua de que se tem notícia, mas permite que se produza um efeito da antiguidade da língua de Orkhon é quase que prontamente compreensível a um leitor de turco moderno, o mesmo poderia que ocorrer com um do português²⁶⁹.

Observemos tais semelhanças:

A frase da primeira linha, *Tanrı usıg baştan alır*, seria expressa da seguinte forma em turco moderno: *Tanrı usu baştan alır*, ao passo que a segunda, *O tuşinir yerge çünki*, seria, possivelmente, *o düşünür yargı (?) çünkü*.

Tanrı usıg baştan alır

O tuşinir yerge çünki

Tradução holandesa (p. 148)

Tale ende tonghe dogt God beter de menschen tontneme

Ende insted daarvan vort Selfs hunne gedachten uut te spreken

Versão em holandês moderno²⁷⁰

God vond het beter de mensen hun taal af te nemen

en in plaats daarvan zelf hun gedachten uit te spreken

²⁶⁹ Recentemente o pesquisador José António Souto descobriu um documento que ele afirma ser o mais antigo que usa o galego-português, e é anterior a 1175. Para maiores detalhes, cf. o artigo de António Pereira "Gênese e actualidade da antroponímia galego-portuguesa. Alguns dos textos mais antigos escritos em galego-português". Disponível em: <http://ilg.usc.es/agon/wp-content/uploads/2013/10/14.Pereira.pdf>. Último acesso em: 19 de abril de 2015. Baseei-me no site www.cantigasdesantamaria.com para colher os vocábulos galego-portugueses.

²⁷⁰ Fornecida por Hanneke van der Heijden em comunicação pessoal.

Sugestão de tradução para o português (moderno e galego-português)

Deus [achou por bem] tomar a razão [do homem]
para por ele expressar seus próprios pensamentos.

Achou Déus per ben do óme a razón tomar
Pera par el séus próprios pensamentos expresar

8. Comentário sobre obras de minha tradução

Tecerei alguns comentários a respeito das dificuldades com que me deparei na tradução de 3 obras da literatura turca, e que, coincidentemente, representam períodos, bem como gêneros, distintos, dessa rica literatura, tão parcamente representada em língua portuguesa.²⁷¹

Começando pela cronologicamente mais antiga, a saber, o *Livro de Dede Korkut*.

O épico, chamado de *destan* em turco, oriunda da palavra persa *dastān* (دستان) "lenda, conto"²⁷², é um gênero que remonta à tradição oral de vários povos túrquicos que viviam em uma longa faixa que se estendia desde a Mongólia, passando pela Ásia central e chegando à Anatólia, onde fica a maior parte do território da Turquia. Um *destan* tipicamente narra os feitos heroicos de algum guerreiro célebre, um rei, ou um amante renomado. Pode também contar alguma vitória ou catástrofe, geralmente recitada por um bardo chamado *ozan* e acompanhada ao som de

²⁷¹ Cf. Cronin, 2003, p. 153: "Market demands, history and cultural proximity often lead to economies of scale that militate not only against translation into and out of minority language but also against translation between these languages. Much more needs to be done to encourage translation exchanges between lesser-used languages on the planet [...] Translation, by definition, requires translators and the tendency in minority languages can be for more unusual language combinations to be handled by more or less gifted, well-meaning amateurs. Training of translators in a minority language can usually only be justified economically if a major language is involved, but translator-training institutions have to argue beyond the rationale of the accountant for more inclusive training programmes that have minor-minor language combinations".

²⁷² A denominação desse gênero pode mudar de acordo com a região em questão, podendo se chamar *jir*, *chorchok*, etc. Mesmo dentro da Turquia, o nome varia de acordo com o conteúdo, a saber, o *koşma* era o equivalente popular dos *gazel*, um poema de amor e de saudade de uma pessoa, um vilarejo, ou um lugar distante; o *güzelleme* louvava a beleza e o *koçaklama* a coragem a virilidade, o *taşlama*, poema do lançamento de pedras, de *taş* "pedra", uma variação da sátira clássica e o *ağıt*, lamentação ou elegia. Cf. Menemencioglu (ed.), p. 46-47.

uma espécie de alaúde que era antigamente chamado de *kopuz* (hoje em dia se denomina *saz*). Os *destan*, embora seja um gênero moribundo na Turquia, foram importantes porque, além de servir como vínculo étnico com o passar das gerações, também ajudou a preservar a história de seus costumes, além de suas raízes, por vezes com acréscimos e modificações conforme eram transmitidas oralmente.

Obviamente, cada povo túrquico possui um épico tido como seu, representativo daquele país, por vezes ultrapassando as fronteiras atuais. Desses, podemos citar os mais famosos (levam o nome do bardo que os compôs), que são o *Köroğlu*²⁷³ "filho do cego" dos azeris, o *Manas* do quirguizes, o *Alpamiş* dos uzbeques. Para se ter uma ideia da importância e imensa popularidade desse gênero, sabe-se que mais de mil épicos já foram coletados entre os mongóis e outros povos, túrquicos. Para citar o exemplo de um país específico, somente no Azerbaijão há mais de cem *destan* executados ainda nos nossos dias, em performances que podem durar de dez a quinze dias. Nos dias atuais, contudo, embora em número bastante reduzido (devido à modernização do país), os *ozan* do passado foram suplantados pelos *âşık*²⁷⁴ que recitam, ao acompanhamento do *saz*, longas narrativas em prosa, com alguns trechos em poesia (herança de séculos, e que pode ser observada no próprio *Livro de Dede Korkut*).

Problemas deparados na tradução

Tratarei de um problema com que me deparei várias vezes na tradução do *Dede Korkut*. Sabe-se que os prenomes, pelo menos em certas comunidades linguísticas, não são (todos) semanticamente transparentes²⁷⁵ e, mesmo quando o são, o fato de terem sido usados por muito

²⁷³ Menemencioğlu, p. 46, afirma que tais épicos, que costumavam ser transmitidos oralmente, somente eram coletados e preservados em manuscritos após gerações de existência - como também o *Livro de Dede Korkut*, do qual sobreviveram apenas dois manuscritos - por vezes sobreviveram em inúmeras versões distintas, sendo até atribuídas a autores diversos.

²⁷⁴ Da palavra árabe عاشق *âşık* "amante", eles eram menestrelis ambulantes, eles compunham poesia popular secular, e amiúde eram membros de uma tribo, agricultores, soldados (Janízaros). Menemencioğlu, p. 45. Cf. também a excelente introdução ao assunto de Natalie Kononenko Moyle *The Turkish Minstrel Tale Tradition*. New York/London, 1990 e em especial a p. 65.

²⁷⁵ Cf. Viaro, 2014, p. 297: "Também os étimos dos nomes próprios, com certa tradição, são investigados de maneira semelhante à dos nomes comuns, contudo, são muito frequentes não só os provenientes de línguas pouco documentadas, mas também os que são simplesmente inventados (*Adalgamir, Clarisbadeu, Dezêncio, Dosolina, Lenielço, Liédson, Soraiadite, Wanslívica*)". Cf. também Viaro, 2013, p. 167: "[...] fazer etimologia de

tempo como prenomes leva-os a perder a carga semântica e a se tornarem signo de signo, ou seja, o nome, originalmente uma referência a um objeto ou qualidade, perdeu a motivação na mente dos falantes que não pensam imediatamente em leite (Leite) quando ouvem tal sobrenome, bastante comum no Brasil, ou em uma rosa (Rosa), quando ouvem o prenome feminino correspondente²⁷⁶.

Das várias categorias de antropônimos, há uma faixa gradativa de opacidade a transparência, e há uma proporção grande dos quais é difícil depreender seu étimo²⁷⁷.

No caso da cultura turca, podemos afirmar que, antes da conversão em massa desse povo ao Islã no século XI, os prenomes adotados por eles eram em sua grande maioria derivados do inventário lexical da própria língua turca. Citemos alguns exemplos: *Çoçkabay* "nem mesmo o cachorro pega" e *Kabanbay*²⁷⁸ "javali". Tais nomes dão indícios da crença dos turcos pré-islâmicos, a saber, o xamanismo. A questão da transparência, recorrente neste trabalho, também é importante aqui, pois à época os nomes eram quase em sua totalidade transparentes, fato este que pode também ser aplicado à obra *Livro de Dede Korkut*, com a possível exceção dos nomes árabes que vieram a ser introduzidos à obra com o passar dos anos pelos copistas, provavelmente.

Obviamente, tal fato não pode ser ignorado por um tradutor que preze por seu trabalho, e tendo em consideração a audiência, cuja atenção deveria ser prendida pelo enredo da história, com o perigo de o bardo perder sua fama e seu emprego, o entendimento e a associação que os nomes causavam na plateia era de suma importância. Para citarmos alguns exemplos conhecidos, no inglês há nomes como *Smith* "ferreiro", *Fletcher* "flecheiro", *Shepherd* "pastor". Não seria o caso de traduzir tais nomes para o português, no caso, mas há situações específicas em que se deve considerar algo que não seja a simples réplica do nome estrangeiro. De fato, Robert M. Adams (p. 12) é contra tal domesticação em obras literárias

nomes próprios pode tornar-se uma tarefa extremamente difícil, uma vez que muitos deles foram inventados e nem sempre é possível acompanhar o seu trajeto. Também, quanto aos nomes mais tradicionais, em muitos casos descobre-se a etimologia, mas o significado é um tanto obscuro".

²⁷⁶ Conforme afirma Robert M. Adams (p. 12): "Even common English names retain meanings which we don't, in everyday usage, raise to consciousness".

²⁷⁷ Cf. Viaro, 2014, p. 296: "[...] os nomes próprios têm peculiaridades linguísticas para as quais o método etimológico não consegue ser usado com rigor. Os nomes próprios das pessoas e lugares são, muitas vezes, dados pelos pais ou pela sociedade num ato de *nomeação*, com grande grau de arbitrariedade e assistemacidade, tal como ocorre com os tabuísmos." Ênfase no original.

²⁷⁸ Cf. discussão dos nomes próprios em *-bay* no *Tutunamayanlar*.

Citemos um exemplo concreto do nome de uma personagem do *Livro de Dede Korkut*, a saber, *Ters Uzamış* que significa literalmente "crescido para baixo", ou seja, uma denominação jocosa para "anão"²⁷⁹.

Como a tradução implica perdas e ganhos²⁸⁰, das quatro opções, a saber, não-tradução ou réplica, réplica com glosa entre parênteses, tradução no texto corrente e réplica com tradução na nota de rodapé, escolhi a última. A tradução em si já traz consigo uma perda (quase) irreparável da sonoridade. Por outro lado, eu poderia ter feito recurso a uma tradução mais poética do nome, e, em vez de "crescido para baixo", um sintagma que carece de síntese e concisão²⁸¹, importantes nesse caso, poderíamos muito bem recorrer a recursos usados por Odorico Mendes em sua tradução da Odisseia, ou de Haroldo de Campos, e jogar com a aglutinação das palavras²⁸². Hugh William Hugh Jansen (p. 394-5)²⁸³ compartilha dessa opinião, ou seja, de que se devem traduzir os nomes, quando afirma que se duas personagens fossem denominadas *Woolly Preacher* e *Fleecy Preacher* em uma obra originalmente escrita em inglês, tais nomes deveriam ser traduzidos.

A dificuldade, porém, se inicia com a própria tradução do nome do título, que desafia qualquer tradutor, e que discuto na introdução da obra com detalhes²⁸⁴. A esse respeito vale a

²⁷⁹ Atentemos ao fato de que, em se tratando de nomes próprios domésticos, ou seja, locais, trata-se de uma perspectiva diacrônica, mas no caso de literatura (e nomes próprios) estrangeiros, estamos falando numa perspectiva duplamente diacrônica, como bem lembra Per Qvale, p. 195.

²⁸⁰ Cf. o interessante ensaio de Susan Bassnett "*Gained in Translation*" (2011, p. 118): "There is loss in translation, but there is also gain, and this elementary fact seems so often to be forgotten".

²⁸¹ Interessante a este respeito citar o artigo de Menachem Dagut "*Semantic 'voids' as a problem in the translation process*" em que ele afirma "it would [seem] justified to conclude that one essential of 'equivalence' must be the preservation in TL of the effect produced by the particular words of SL, i.e., the finding of TL lexical items which reproduce both the denotative compression (a word as the phonemic encapsulation of a complex of situational features) and the connotative impact (a word as the focus of emotional reaction to such a complex) of the SL. Without this 'equivalence of compression,' a rendering will not be a translation in the strict sense, even though it clearly stands in some relation to the original." Cf. também a opinião de Antonio Medina Rodrigues (p. 48) ao falar da tradução concisa de Odorico Mendes: "Quanto mais termos utilizamos para verter um *efeito* do Original, mais perdemos esse efeito". Ênfase do autor.

²⁸² Cf. Campos, 1986, p. 128: "Podem-se apontar, sem dúvida, ainda antes de Sousândrade, nos árcades portugueses e brasileiros, em Odorico Mendes, mestre de Sousândrade, e em Filinto Elísio, mestre de Odorico, precedentes 'compositores de palavras'. Odorico, o 'pai rococó', das traduções sintéticas da *Iliada* e da *Odisseia*: olhicerúlea, glaucópide, criniazul, bracicândida, auritrônia, claviargêntea. Filinto: basta lembrar aquela 'lacraria vocubular' ainda há pouco lembrada por Augusto Meyer (6): 'capribarbicornipedesfelpudos'".

²⁸³ Jansen, William Hugh. Review of *The Book of Dede Korkut* by Faruk Sümer, Ahmet E. Uysal, Warren S. Walker. In: *Journal of American Folklore*, vol. 86, no. 342, 1973, p. 393-395.

²⁸⁴ Cf. em Aslanov (pp. 67-88) um capítulo sobre a tradução de títulos de livros com bastantes exemplos de traduções manipuladoras (bajuladoras). Cf. também uma discussão sobre o assunto, com vários exemplos (*Die Übersetzung von Buchtiteln*) em Levý (pp. 122-127).

pena citar a tradutora de literatura latino-americana e teórica da tradução norte-americana Suzanne Jill Levine (p. 18):

If puns point to language's imperfections, to words' opacity, names – particularly names that 'signify' – dramatize the impossibility yet necessity of translation. Names in fiction, particularly in satirical, self-commentative fiction, serve symbolic functions: A common noun is often hidden in a proper name. To translate the name destroys its unicity, yet if we don't translate it we don't understand it.

A palavra *dede*, por exemplo²⁸⁵, significa "vovô", termo infantil que as crianças usam ao chamar ou se referir a seus avôs. Porém não é esse o sentido usado no título da obra para se referir à personagem principal, ou seja, tal palavra era usada, em certos contextos sociais, para se referir a um velho e sábio líder de uma comunidade, tribo ou clã. Jansen, ciente desse fato, nos informa que alhures tal designativo fora traduzido como "*uncle*", mas que não foi uma escolha feliz por suscitar associações que o termo original não possuía, o que é comum haver, embora não exclusivamente, em termos de parentesco, em que pode não haver intersecção com a outra língua do par em questão. A minha estratégia foi, como já mencionado e pode ser observado, replicar o nome original, mas com uma detalhada explicação de seu uso e possível etimologia de *Korkut*. A tradução dessa obra para o russo, contudo, Книга моего деда Коркута *Kniga moego deda Korkuta* ("o livro do meu avô Korkut"²⁸⁶), suscita questões das normas que podem diferir de período a período numa mesma língua, sem falar nas diferenças que há entre línguas distintas, mesmo aparentadas²⁸⁷.

²⁸⁵ Digno de nota mencionar a observação do tradutor norte-americano Gregory Rabassa (p. 64): "Miguel Ángel Asturias"] best-known novel, *El Señor Presidente*, which dealt with dictatorship, had [...] appeared in English [...] I had wondered why they had not translated the title but came to see that Mr. President would have had too much the ring of White House about it". Outro interessante exemplo ocorre no Dom Quixote de Cervantes, em que o uso de certos nomes cuja conotação se perdeu com o tempo pode acarretar em perda de nuances do original. Howard Mancing cita um exemplo específico (em *The Comic Function of Chivalric Names in Don Quijote*, *Names*, 21:4, 1973, p. 220-235), p. 223: "Another level of significance for the name Aldonza, and one often unnoticed by twentieth-century readers, is the vulgarity associated with the name. the prostitute heroine of La Lozana andaluza was so named because 'Lozana es nombre más común, y comprende su nombre primero Aldonza, o Alaroza en lengua árábica'".

²⁸⁶ Embora aqui possa se falar em uma excepcional coincidência linguística, pois em russo, "avô" é Дед /djet/.

²⁸⁷ Interessante a esse respeito citar Aslanov (p. 68-69) falar de um caso de tradução manipuladora de um título de uma obra famosa, a saber, o conto filosófico *Candide* de Voltaire: "A tradução portuguesa de *Candide*, ou *l'optimisme* por *Cândido*, ou *O Otimismo* envolve uma mínima intervenção manipuladora da parte do tradutor. No entanto, essa não intervenção provoca paradoxalmente uma alteração profunda porque nos horizontes lusófono e francófono o nome *Cândido* não têm o mesmo valor. Na França, *Candide* não é um nome usual, e sua utilização por Voltaire tem uma intenção irônica, sublinhada pelo fato de que outro conto do próprio Voltaire tem título

Outro exemplo interessante é o nome da personagem *Tepegöz* (lit. que possui um olho na testa) ter sido replicado na tradução de Sümer, Uysal e Walker de 1972 (há duas traduções dessa obra para o inglês), mas foi traduzido como *Goggle-eye* (olhos esbugalhados) por Geoffrey Lewis em sua tradução de 1974 (*The Book of Dede Korkut*), após ter concluído que *Top-eye*, um decalque do turco (*tepe* "cimo, monte" + *göz* "olho") teria contaminação fônica com o personagem de desenho animado *Pop-eye*. Contudo, conforme explica Mundy (p. 287), trata-se de um decalque de outra língua, pois a expressão é "*too original to be true*" e aduz duas hipóteses para sua origem, a saber, uma corruptela de um nome antigo ou empréstimo de uma língua não-turquica. A sua suspeita é de que houve influência grega na história, e há um ogro nas histórias gregas chamado de *σαραντάπηχος sarandápihos*, que eram gigantes de quarenta cúbitos de altura, daí o nome (*πῆχυς* "cúbito"). Sua teoria é de que as duas primeiras sílabas da palavra foram truncada, *saran-*, restando somente *dápihos*, que possui uma semelhança fônica com a palavra turca *depegöz* (no manuscrito turco é grafada como /d/ sonoro²⁸⁸).

De fato, como Lewis explica em sua introdução (p. 22-23), ele se guiou por uma técnica para traduzir ou não os nomes próprios da obra, a saber, ele evitou o que ele chama de técnica do "*Lady Precious Stream*", que se refere a uma peça teatral de origem chinesa, mas escrita em inglês por Hsiung Shi I, após ele ter chegado a Londres em 1933 com o fim de estudar Shakespeare. Ele provavelmente está se referindo a traduções literais de nomes próprios que desviam a atenção do leitor, por serem demasiadamente grotescas, ou seja, uma comicidade, até, que não está presente no original, tal como ele mesmo explica (p. 22): "Most Turkish names are susceptible to translation, but one would not turn such modern names as Abdürrahman Aydemir and Taner Olguner into 'Slave-of-the-Compassionate Moon-iron' and 'Dawn-hero Mature-man', since what these English renderings connote is not what the originals convey to a Turkish ear²⁸⁹."

equivalente do ponto de vista semântico: *L'ingenu* (O Ingênuo), publicado em 1767, oito anos após a primeira edição de *Candide*". Ver outros exemplos no mesmo capítulo, pp. 67-88. Vendo o assunto sob um prisma puramente linguístico, cf. a posição de Catford conforme citada por Vladimir Ivir em seu artigo "Formal Correspondence vs. Translation Equivalence Revisited" (em *Politics Today*, vol. 2:4, 1981, 51-59), p. 54: "Formal correspondence as defined by Catford can hardly be said to exist: even in pairs of closely related languages it is practically impossible to find categories which would perform the 'same' functions in their respective systems, and that possibility decreases with typological and genetic distance".

²⁸⁸ دپه گوز

²⁸⁹ Talvez, embora seja difícil ter certeza a respeito, os antropônimos oriundos do árabe soassem para o turco como os nomes gregos usados na mitologia e nas obras clássicas, ou seja, fossem prontamente (ou quase) compreensíveis. Robert M. Adams (p. 12) cita nomes de personagens gregos que jamais são traduzidos para as línguas, seja inglês ou português, embora se possa remontar à sua etimologia: *Eurynome* (Eurínome < Εὐρυνόμη,

Por vezes, contudo, suas técnicas parecem não ter uma razão explícita, senão o gosto subjetivo do próprio tradutor (op. cit., p. 22): "I have [...] translated Kara as 'Black' when it is part of a title rather than of a name, so `the Black King` for Kara Tekür."

Isso, contudo, não é uma prática exclusiva de Lewis, senão muito comum por parte de muitos tradutores. Viggo Hjørnager Pedersen (p. 53), ao falar da tradução de *Beowulf*, está ciente do dilema enfrentado pelos tradutores, como também mencionado por Levine, ou seja, ou não traduzir o nome e deixá-lo opaco na tradução, ou traduzi-lo e lidar com as consequências associativas. A segunda decisão não é objetiva, não guiada por diretrizes claras, estando muitas vezes baseada na intuição do tradutor, ou seja, se este considera a palavra eufônica ou não. Pedersen afirma que o próprio título da obra, um provável *kenning* que significa *bee-wolf*, ou seja, um urso, nunca é traduzido como *Bear* "urso". Tampouco os nomes *Scyld* (inglês moderno "shield" "escudo") ou *Brecca* ("*Breaker*" em inglês moderno "quebrador", ou seja, onda). Em dinamarquês, contudo, *Scyld* é vertido como Skjold, ao passo que o seu segundo nome, *Schaefing* (em inglês moderno *sheaf* "gaveta, feixe"), que tem a conotação de abundância, geralmente não o é, ou seja, é replicado.

Lewis também decidiu não traduzir o adjetivo qualificativo de um nome, a saber, *kodja* (turco moderno *koca*), como nos nomes das personagens *Yünlü kodja* e *Yapaghilu kodja* que significa "velho", mas não explica por quê.

em português), usado por John Milton no *Paradise Lost*, X, 581 e que significa "vasto violador" (*wide-encroaching*, como usado por Milton), Prometeus (Prometeu < Προμηθεύς - o fato de termos um equivalente domesticado dos nomes clássicos gregos é um indício da tradição, que poucos até mesmo pensam em mudar) significa "previdente" (*foresighted*) e Epimetheus (Epimeteu < Ἐπιμηθεύς)). Ele, em uma clara posição antidomesticadora, então faz o seguinte pergunta retórica: "When one translates these names out of their familiar forms in such a way as to emphasize their components, is one gaining greater authenticity? Or is it as odd an exercise as if one were to call Napoleon Mr. Goodbody (Buonaparte), and a well known Midwestern town Monks, Iowa?". Interessante notar uma posição contrária, ou seja, de que a tradução (recriação) dos nomes acarretou, segundo Haroldo de Campos (2008, p. 88-89), em uma vantagem no *Fausto* de Goethe: "Os nomes dos pagodistas têm uma função de 'máscaras' verbais, designam um traço característico do personagem (Tomachévski). Antenor Nascentes e J. J. F. de Souza, em nota à tradução em prosa do *I Fausto* (R. de Janeiro, Editora Letras e Artes, 1964), informam: 'Os nomes dos estudantes são disfarces de termos de gíria. *Frosch* está por *Fuchs*, raposa, isto é, calouro; *Brander*, por *Brandfuchs*, alazão, isto é, calouro no segundo semestre; *Altmayer*, está por *Alter Mann*, homem velho, veterano." Sílvio Meira, também tradutor do *I Fausto* (S. Paulo, Abri Cultural, série 'Teatro Vivo', 1976) esclarece quanto a Siebel: 'amoroso e cômico (gordo e calvo)". Castilho tomou a arrojada iniciativa de traduzir os nomes, de recriá-los em português: *Frosch* é Rãs; *Brander*, Botafogo (de *Brand*, fogo, incêndio); Siebel, Peneira (do al. *Siebel*); *Altmayer*, Quinteiro (de *Meier*, caseiro, feitor de uma quinta). As interpretações castilhanas são algo arbitrárias, mas a adaptação dos onomásticos, em contrapartida, aviva clima bufo da cena.

A minha escolha foi de réplica do nome, com nota de rodapé explicativa²⁹⁰. Contudo, poderíamos pensar em várias opções para tradução, a saber, *Frontolho*²⁹¹, *Zarolho* "cego de um olho", embora já fuja um pouco da ideia original, em que não se trata de cegueira, *Caolho*, ou seja, alguém que não tem um dos olhos, embora não pareça tampouco apropriada semanticamente. Diga-se de passagem que tal nome era, e ainda é, totalmente transparente para um falante ou ouvinte, como à época dos épicos narrados, turco²⁹².

Outro fato a ser mencionado é a opacidade em sincronia, ou seja, uma palavra é opaca pelo fato de não termos conseguido remontar ao étimo da palavra em questão. Não resta dúvida de que todos os nomes eram prontamente compreendidos, ou transparentes, para a plateia turcofalante do passado. Há, por exemplo, o prenome *Dundar* que, segundo o estudioso turco Semih Tezcan²⁹³ (p. 138) pode significar 1) retaguarda (soldado) (< persa دم‌دار *damdār*) 2) trovão (< persa تندر *tondar*)²⁹⁴.

²⁹⁰ Em concordância com a posição de Pedersen (p. 53), mencionada acima, ao falar da já mencionada palavra *Schaeffing*, que "[h]ere, as in other places where a direct translation is not possible, a note or a gloss at the first mention of a name seems unavoidable". Cf. por outro lado, a posição de Umberto Eco (p.50), em que ele conta de uma de suas poucas experiências com tradução de livros que não os seus, a saber, Sylvie de Gérard de Nerval (p. 40) em que ele se opõe ao (premiado) tradutor para o inglês, Richard Sieburth. No capítulo 13 da obra, o amante de Aurelie sai de cena, partindo do campo livre, pois ele tinha se alistado para os *spahis*. Mas tal saída era definitiva, porque os *spahis* eram tropas coloniais, ou seja, que ele iria para o exterior. Segundo Eco, Sieburth acrescenta uma nota explicativa "Algerian cavalry units in the French army", ao passo que Eco prefere acrescentar um advérbio (*si era arruolato oltremare negli spahis*) com o fim de evitar uma nota de rodapé que é sempre sinal de fraqueza por parte do tradutor (*which is always a sign of weakness on the part of the translator*).

²⁹¹ Um neologismo (não-dicionarizado) por aglutinação composto de fronte + olho. A respeito do elemento de composição *front(i/o)*, cf. Houaiss, 2001, p. 1394: "antepositivo, do lat. *frons, tis* 'testa, rosto, cara, frente' [...] em comp. já origin. latinos, já formados no curso da língua; a form. com *fronti-* é da tradição lat. (com a vog. lig. -i-), enquanto a com *fronto-*, helenizante (pela vog. lig. gr. -o-), é do sXIX em diante, da área terminológica".

²⁹² Cite-se, neste contexto, e que, *mutatis mutandis*, levando em consideração a diacronia, pode também ser aplicado ao caso do turco. William Green afirma, em seu artigo *Humours Characters and Attributive Names in Shakespeare's Plays* (em *Names*, XX (3), 1972, pp. 157-65), p. 164, a respeito das conotações dos nomes próprios de personagens: "[the] connotations would have been instantaneously apparent to an Elizabethan audience".

²⁹³ Tezcan, Semih. *Dede Korkut Oğuznameleri Üzerine Notlar*. Istanbul: Yapı Kredi, 2001.

²⁹⁴ A respeito da tradução de nomes, cf. o caso mencionado em Marcos 3:17, do novo testamento: "Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais deu o nome de Boanerges, que significa filhos do trovão" (no original grego αὐτοῖς ὀνόματα Βοανηργές ὃ ἐστίν). Curioso notar a técnica da réplica e glosa utilizada por Marcos, visto que a palavra *Boanerges* (< Βοανηργές) se tratava de um empréstimo do aramaico (há cerca de 16 termos em aramaico e latim no evangelho de Marcos), < *bēn* ("filhos") e *regeš* ("do trovão, tumulto"). Tal termo foi elucidado por Marcos para a sua audiência não-judia, provavelmente romanos. Cf. <http://biblehub.com/greek/993.htm>. Último acesso em 02 fevereiro 2017. Cf. também a afirmação de Barnstone, p. 179 (Historical Introduction 56) a respeito dos autores bilíngues dos evangelhos: "Even though none of the New Testament books was written in Aramaic, the authors of some of them thought in Aramaic, at least at times. And behind the sayings of Jesus in their Greek versions lies a chain of transmission which began in a Semitic language".

Dualar Kalıcıdır, ou as Preces são Imutáveis

A obra *Dualar Kalıcıdır* foi escrita pelo autor turco contemporâneo Tuna Kiremitçi (1973-). Tal obra já foi traduzida, desde a sua publicação, para várias línguas.

O livro conta a história de uma mulher chamada Rosella Galante que, conforme o seu nome já indica, não é etnicamente turca²⁹⁵ e encontrou asilo em Istambul durante a Segunda Guerra Mundial, e também a história de Pelin, uma jovem turca que estuda na Alemanha, onde as duas vivem. Galante, uma senhora sofisticada que é fluente em francês, alemão e turco, após a morte de seu marido, decide contratar uma "governanta" turcofalante cuja principal ocupação seria falar com ela em turco. Pelin, uma jovem universitária, após ler o anúncio e ser entrevistada pela senhora, por fim consegue o emprego. Pelin então passa a ir todos os dias à casa da senhora para conversar. As conversas de Galante vão desde as tragédias que os judeus sofreram durante a Grande Guerra, paixões antigas e questões familiares, ao passo que as de Pelin versam sobre

²⁹⁵ A nomeação, na Turquia, foi e ainda é um assunto delicado, embora também se possa dizer isso de outros países em que há a presença de minorias étnicas, notadamente Estados Unidos e Espanha e os curdos na Turquia (cf. Scassa, Teresa "National Identity, Ethnic Surnames and the State". In: *Canadian Journal of Law and Society*, 11/2, 1996, p. 167-91; Boullón Agrelo, Ana Isabel & Tato Plaza, Fernando R. "Personal Names in Galicia as a sign of cultural identification: historical scope and current situation. In: *Onoma*, vol. 34, 1998-1999, p. 15-44; Aslan, Senem. "Incoherent State: The Controversy over Kurdish Naming in Turkey". In: *European Journal of Turkish Studies*, 10, 2009, pp. 2-17). A revolução linguística turca (*Dil Devrimi*), associada à Lei [da adoção] de Sobrenomes de 1934, afetou até mesmo a nomeação dos cidadãos da Turquia (eticamente turcos ou não). Türköz (2007) menciona armênios que tiveram de trocar com urgência de nome e sobrenome para não ficarem demasiadamente expostos, em uma sociedade maciçamente turca e, a partir de então, com nomes exclusivamente turcos, o que parece não ter sido uma tarefa fácil (p. 901-2): "The following list found among population records in central Istanbul shows a careful individual who created choices for his family name with several surnames which are both in Turkish but also contain the first letters of the original name, perhaps as a way to maintain control over the change. Since this list is the product of a book on new words, clearly the individual spent an amount of time and thought on it. In the same population files, there was evidence of names switched to Turkish by the population officer himself. Usually these types of changes were less possible with Armenians who were residents of Istanbul. Settled residents had more leverage. The following list is copied from a note attached to a surname petition from 1935: 1. aram = dinlenme (rest), 2. aramaç = taharri ([re]search), 3. arasil = mutevazi (modest), 4. arasöz = istirdat (to take back), 5. arikan = halis sudden (of pure milk), 6. kefareti, taharet (purification), 7. armağan = hediye (gift), 8. ayram = tafsilat (detailed explanation). If Aramyan is not accepted one of the eight names will surely be accepted. If the [name] is not in the list (cetvel) aram means 'rest' and because it is *öztürkçe*, I request that it be accepted". Cf. também Spencer (p. 208), referindo-a à adoção de sobrenomes com a Lei dos Sobrenomes de 1934: "In Turkey, the assumption of surnames was at base a linguistic problem". Cf. a afirmação do folklorista turco İlhan Başgöz a respeito da mudança dos nomes próprios na Turquia (apud Türköz, p. 897-8): "probably the most successful component of the complex process of modernization introduced by the bureaucrat intellectuals. The movement secularized the names by eliminating more than half of the Muslim appellations, Turkicized the names by replacing the Arabic and Persian lexicology in this area, and personalized the name by ending many traditional practices concerning the selection of names."

namorados imaginários provenientes de vários países, a saber, Sarkis, um armênio, Ivan, um russo e Dimitri, um grego. Pelin também fala de sua relação tensa com sua mãe. Galante, já está idosa, com cerca de 80 anos de idade, e está à espera da morte. Devido justamente à sua idade avançada, sua linguagem é caracterizada por vocábulos que pertencem ao período do início da República turca, período este em que a língua estava sofrendo mudanças radicais. Interessante notar que há palavras que ela usa que são incompreensíveis para a jovem Pelin, crescida quando a língua já tinha se desfigurado bastante. Portanto, a meu ver, o romance é um interessante ponto de partida para se discutir a questão da reforma linguística turca, seu impacto na linguagem, na literatura e na tradução²⁹⁶.

Para citar exemplos concretos de palavras que me detiveram, começemos por uma palavra citada por Rosella, a saber, o otomanismo *nisyan*, um empréstimo do árabe نسيان *nisjān* "idem", usado na seguinte frase: "*yavaş yavaş nisyan da başladı*", ou seja, "o esquecimento começa pouco a pouco". Escolhi a palavra marcada em português olvido, afim com a palavra espanhola olvido. A reação de Pelin a tal palavra é curiosa, pois ela responde *Pardon, ne başladı?*" (Desculpe, começa o quê?), o que indica, obviamente, que ela não possui um conhecimento passivo da palavra em questão. Rosella responde com a palavra corrente em turco, a saber, *unutuş*²⁹⁷, que Pelin entende prontamente.

No capítulo 3 (p. 28), outra dificuldade, a saber, a ocorrência de três vocábulos em três línguas diferentes (respectivamente, otomano, turco moderno e francês): *tecessüs*, *merak* e *curiosité*, todas com o significado de "curiosidade". Eis o contexto: após usar a palavra *tecessüs*²⁹⁸ (< árabe تجسس "espionagem"), Pelin não entende tal palavra e pergunta em seguida: *Ne uyandırmakta?*, ou seja, "Desperta o quê?" e Rosella, que fala alemão e francês, responde

²⁹⁶ Segundo Halman, 2011, p. 134-5, a literatura turca ainda está para atingir um nível excelente. Citemos somente dois de cinco impedimentos para tal são: 1) convulsão cultural (transformações cataclísmicas na religião, instituições sociais, etc. 2) crise linguística que consiste numa transformação vasta, maior do que qualquer reforma linguística já realizada em qualquer outra nação em que um vocabulário composto de 75 % de palavras árabes, persas e francesas em 1920 teve sua proporção de palavras endógenas aumentada para 80% e reduziu o número de empréstimos em até 20 % até 1970.

²⁹⁷ Talvez se trate de um neologismo. Aparentemente não é uma palavra comum (os falantes que consultei mencionaram "*unutma*" como equivalente de "esquecimento, olvido". Seja como for, só a encontrei no dicionário da TDK online, cuja definição é "*unutma durumu*", ou seja, situação, condição do esquecer, esquecimento, sem qualquer outra informação sobre sua origem.

²⁹⁸ Estritamente falando, a palavra otomana *tecessüs* não é equivalente à palavra moderna *merak*. Segundo o dicionário *Osmanlıca-Türkçe Sözlük* (2013, p. 532), *tecessüs* significa "*Yoklama, arama; Bir şeyin içyüzünü araştırma, gözleme*", ou seja, examinar algo com os dedos, buscar; pesquisar a razão verdadeira de algo. Cf. também Nişanyan (p. 289), que afirma que tal desenvolvimento semântico ocorre exclusivamente no turco.

usando uma palavra francesa *curiosité*, que, aliás, era bastante comum no fim de século XIX e início do XX na Turquia. Pelin, por seu turno, usa a palavra turca corrente para tal conceito, a saber, *merak* que, aliás, é derivada do árabe também²⁹⁹. A minha solução foi usar a palavra francesa *curiosité* no lugar do otomanismo *tecessüs*, para replicar a reação de ter ouvido algo bastante estranho. Obviamente, há uma distância muito maior entre a palavra otomana e a francesa (sendo duas línguas completamente diferentes entre si) do que entre o francês e o português, línguas aparentadas e que compartilham muitíssimos cognatos do latim.

Em mais um exemplo, a discrepância entre as gerações é representada pelo uso de diferentes escolhas lexicais, neste caso o par *öğrenci x talebe*³⁰⁰, ambos com o significado de estudante, aluno. No capítulo 4, cada uma das mulheres faz uma pergunta, cada qual com uma palavra diferente: Pelin faz uma pergunta sobre Aldo, o marido falecido de Rosella, “*o da öğrenci miydi?*”, ou seja, se ele era estudante também, ao passo que no capítulo seguinte Rosella pergunta acerca de Dimitri, um dos pretendentes de Pelin: *talebe mi o da?* “ele também era estudante?”.

Outro dobrete interessante é *mektep X okul*. O primeiro é uma palavra derivada do árabe e que teve importância fundamental durante a duração do Império Otomano, pois eram as escolas onde se ensinava o Alcorão, além de aulas de língua árabe. O seu substituto purístico, *okul*, é, pode-se afirmar, um verdadeiro símbolo da transformação da sociedade baseada nas leis do Islã, do império otomano, para uma república secular, em que um dos pilares, a educação, ou onde ela é adquirida, a escola, tem a marca de um dos modelos do ocidentalismo para a Turquia da época,

²⁹⁹ Em otomano se usava a mesma palavra para o conceito de “curiosidade”, ou seja, ela não sofreu substituição purística por, segundo Heyd, 1954, p.69-70, estar bastante arraigada na língua popular e corrente: “In general, the Society [TDK] has not replaced those relatively few learned words that have penetrated into popular speech in a new meaning. An interesting example is the word *merak*, explicitly retained by the *Cep Kilavuzu*. The Arabic term *مراق* originally meant ‘soft parts (of the belly)’. Serving as loan-translation of Greek ‘hypochondria’, which denotes the same part of the body, it acquired the sense of ‘morbid anxiety as to one’s health’, the seat of which was formerly supposed to be in the abdomen. Finally, it has become a popular word in Turkish, meaning (any) ‘anxiety’, ‘great interest’, ‘curiosity’. The history of this term is similar to that of old physiological terms of Latin or Greek origin in English (such as *humour*, *complexion*, *phlegmatic*), which have been rejected from the vocabulary of strict science and have become purely popular words in a different meaning”. Cf. *Osmanlıca-Türkçe Sözlük*, 2013, p. 316. Tal palavra, de acordo com Nişanyan (p. 289), remonta ao árabe *مراق marāqq* “sensibilidade”. O dicionário de árabe de Edward William Lane (*Arabic-English Lexicon*. London: Williams & Norgate, 1863) a inclui (p. 1132) e afirma que é plural de *مراق marāqq* e “signifies the thin, or delicate, and soft, or tender, parts of the belly or the lower part thereof with what surrounds it, that is thin or delicate (in the skin)”.

³⁰⁰ Heyd (1954, p. 73) afirma: “[...] three different words are substituted for *talebe*: *öğrenci* ‘pupil’, *yetiştirme* ‘disciple’, and *irdemen* ‘student’. Unfortunately - from the point of view of the richness of the language - many of the new words (e.g. *duraç*, *yetiştirme*, *irdemen*) have not been accepted by the public”. *Talebe* provém do árabe, do plural da palavra para aluno *طالب tālib*.

a saber, a França (perceba-se a impressionante semelhança fônica entre a palavra turca, *okul*, e o seu equivalente francês, a saber, *école*).

***Memleketimden İnsan Manzaraları*, ou Paisagens Humanas do meu País**

Trata-se de um épico moderno de 17 mil linhas escrito pelo renomado poeta turco Nâzım Hikmet Ran (1902-1963), e que nos oferece um panorama cultural, histórico, econômico e social da Turquia à época da Segunda Guerra Mundial.

Ele iniciou com o projeto do *Paisagens Humanas do meu País* dentro da penitenciária de Istambul em 1939 e levou ao todo 22 anos para completá-lo, em 1961. Um verdadeiro poeta do povo (*halkın şairi*), ele aproveitou tal oportunidade para ouvir a histórias de vida dos detentos e seus dialetismos.

Quanto às dificuldades tradutórias, posso destacar algumas a seguir. Algumas são de natureza metalinguística, cujo comentário, aliás, tem a ver com a Revolução Linguística turca.

Segundo Mutlu Konuk Blasing (2013, p. 265-6, nota 110), em sua biografia do poeta Nâzım Hikmet³⁰¹, tradutora de obras turcas para o inglês (e que, aliás, introduziu Hikmet aos leitores anglófonos), a escolha lexical ao traduzir Hikmet é especialmente importante. Ela menciona três poemas bastante conhecidos, a saber, *Salkım Söğüt*, *Bahri Hazer* e *Güneşi İçenlerin Türküsü* que têm uma sonoridade bastante acentuada. Mutlu afirma que, por causa disso, são "virtually impossible to translate [...] [and a]lthough they might fare better in other languages, in English they cease to be what they are"³⁰². Tal se deve ao uso proposital por parte do poeta de rimas multissilábicas³⁰³, algo que é comum em uma língua aglutinante e com

³⁰¹ Blasing, Mutlu Konuk. Nazım Hikmet: *The Life and Times of Turkey's World Poet*. New York: Persea, 2013. Trata-se de, pelo menos em língua inglesa, da mais recente biografia do poeta. Cf. também Göksu, Saime & Timms, Edward. *Romantic Communist. The Life and Work of Nazim Hikmet*. London: Hurst, 2006.

³⁰² Cf. também a posição de Necmi Zeka em seu artigo "A Prisoner of Language: The Strange Case of Modern Turkish Poetry" (em *South Atlantic Quarterly*, 102:2/3, 2003, p. 529-534), p. 533: "[...] in an ironic way, modern Turkish poets tend to consider themselves fortunate for being able to use such a sophisticated language, yet at the same time think that the uniqueness, and therefore the unavoidable difficulty, of Turkish prevents their poetry from being translated and read extensively".

³⁰³ Além de rimas, aliteração e uma sonoridade singular causada pela presença da harmonia vocálica no turco. Observe o seguinte excerto do poema *Salkımsöğüt*: *akıyordu su / gösterip aynasında söğüt ağaçlarını / Salkımsöğütler yıkıyordu suda saçlarını! Yanan yalın kılıçları çarparak söğütlere / koşuyordu kızıl atlılar güneşin battığı yere!*; e um trecho de *Güneşi İçenlerin Türküsü*: *bu bir türkü: - / toprak çanaklarda / güneşi içenlerin türküsü!*

harmonia vocálica como o turco, mas relativamente difícil de se conseguir em inglês, por exemplo. Ela cogita recorrer a palavras latinizantes para reproduzir tal efeito (provavelmente porque tais palavras são mais longas do que as anglo-saxãs, geralmente monossilábicas³⁰⁴), mas que tal estilo (*diction*) não é apropriado para representar o "turco novo" (*new Turkish*) de Hikmet, o que poderia acarretar um efeito de comicidade indevido (op. cit., p. 266).

Seja como for, o trecho a seguir, metalinguístico, fez com que eu pensasse com mais cuidado na escolha lexical apropriada:

*Müthiş,
Taşıyamayacakları kadar.
Zaten bundan dolayı belli ediyorlar,
böyle aptal
hayasızca.
Hayâsızın Öztürkçesi?
Çagataycadan uydururlar yine.
Bizim Türkçemizle 'utanmaz', 'sıkılmaz' desek?
Hayır,
'hayâsız'da çok daha çıplak,
daha yüz­süz bir şeyler var.
(Hikmet, *Bütün Şiileri*, pp. 1069-1070)*

Tão formidáveis
que eles conseguem aguentar.
E por isso o mostram
de maneira tão estúpida
tão impudente.

/ bu bir örgü: - / alev bir saç örgüsü! / kıvraniyor; kanlı, kızıl bir meş'ale gibi yaniyor / esmer alınlarında / bakır ayakları çıplak kahramanların!.

³⁰⁴ Cf. Augusto de Campos, 1986, p. 130: "Uma das grandes dificuldades da transposição para o português é a brevidade dos vocábulos ingleses. 'Cordissentidos' traduzirá 'hardfelt'? 'Pluvirociada', 'raindew'? 'Marifrigidos', 'seacold'? 'Mosquicocozadas', 'flyblown'? 'Frescamaciadas', 'coolsoft'? Como verter convenientemente os jorros de monossílabos do tipo 'Jog jig jogged stopped. Dandy tan shoe of dandy Boylan socks skyblue clocks came light to earth' (p. 278). Houaiss, desta vez, não nos dá solução satisfatória: 'A sege gigante gingando parava. Os fuleiros sapatos amarelos das fuleiras quadrículas das meias azul-céu de Boylan tocaram leve a terra'"

Como se diz 'impudente' em turco puro?
 Certamente vão pegar uma palavra do *chagatai*.
 E se eu disser 'sem-vergonha', ou 'descarado' no meu turco?
 Não,
 'impudente' parece ser mais direto
 mais desavergonhado.
 (Hikmet, *Paisagens Humanas do meu País*, p. 138)

Há vários aspectos que podem ser comentados a respeito do conteúdo do trecho acima. Podemos, por exemplo, depreender que as personagens estão na verdade se referindo a três línguas distintas³⁰⁵, a otomana, representada pela obscura e erudita palavra *hayâsız*, cujo radical é árabe, o *öztürkçe*, ou o turco puro, que é o turco artificial que os reformadores criaram com elementos ou palavras do *chagatai*, uma língua extinta, como o latim, falada na Ásia central, e o turco corrente, falado pelo povo, que utiliza palavras herdadas para se referir a conceitos cotidianos, como a vergonha, no caso.

Observemos as palavras em questão:

- 1 - *hayâsız* é composta do radical árabe, como aludido acima, *hayâ* (< árabe حياء *hajā*? "vergonha" + sufixo de negação *-svz* "sem, destituído de";
- 2- suposta palavra substituta de *hayâ(sız)*;
- 3 - palavras que denominam tal conceito em turco corrente, a saber, *sıkılmaz* e *utanmaz*, dos radicais herdados, *sıkıl-* "estar entediado; envergonhar-se" e *utan-* "envergonhar-se".

A afirmação final da personagem de que a palavra elevada, culta, *hayâsız* não possui as mesmas nuances de significado é bastante reveladora, ou seja, embora possa haver uma

³⁰⁵ E, ressalta-se que à época de Nâzim, a língua estava passando por muitas mudanças radicais, ou seja, a década de 30 foi o auge das mudanças mais radicalmente puristas, a época da "turcização do turco", conforme as palavras de Bernard Lewis. Cf. a afirmação de Blasing (p. 83): "Nazim's language is situated at the moment of [a] complicated transition process. In response to a query directed to poets, 'What are the ten most beautiful words in Turkish?' Nâzim wrote: 'What I love about all words is that they are the common property of everyone.' This statement in 1933 came in response to the excesses of the movement to Turkify Turkish. Nâzim was not 'purifier', as he stood by the language in common use. In 1949, he writes that Arabic and Persian had entered the language people daily speak: 'There's no sense in getting rid of these words; more, no one has the right to get rid of them. And even if the intellectuals excised them, they would live on in the language people speak, and therefore wouldn't be excised at all'. The language would stay richer, Nâzim believed, for having more than one word to mean the same thing, for the words from different linguistic sources had different connotations". E isso fica bastante patente no trecho em que a palavra *hayâsız* e seus parassinônimos turcos são usados demonstra. Por fim, Blasing (p. 85) conclui, dizendo que Nâzim "advocate[d] the use of all the resources of his medium - whatever their origin".

intersecção semêmica "vergonha" nas três palavras, *hayâsız*, *sıkılmaz* e *utanmaz*, aquela possui conotações de que as outras carecem, a saber, a falta de vergonha na primeira palavra é mais flagrante (*çıplak* "nua"), mais insolente (*yüzsüz* lit. "sem rosto")³⁰⁶.

A nossa sugestão de tradução foi utilizar um termo culto e que, pela menor frequência, soasse tão distante quanto a palavra otomana, a saber, impudente. Para as outras palavras herdadas do turco, preferimos palavras mais vulgares, ou coloquiais, como "sem-vergonha" e "descarado", respectivamente. Em outras palavras, fizemos um jogo de registro, formal x coloquial, para expressar o que em turco é representado por palavras que pertencem a origens diferentes, ou seja, empréstimo x palavra herdada.

Outro trecho que gerou dificuldade, e que, na minha opinião, a opção de uma nota explicativa não poderia ter sido evitada. Trata-se de um diálogo entre duas personagens:

- *Yok canım*

mesele-i fazla-ı kıymet.

- *Anlamadım.*

- *Bunu Öztürkçe söylesem de anlamazsınız.*

(Hikmet, *Bütün Şiileri*, p. 1112)

- É uma questão de mais-valia.

- Não entendi.

- Mesmo se eu dissesse isso em turco puro, você não entenderia.

(p. 183)

³⁰⁶ Cf. comentário sobre escolhas lexicais pelos nazistas feita por Victor Klemperer em seu livro *The Language of the Third Reich. LTI - Lingua Tertii Imperii: A Philologist's Notebook* (tradução para o inglês de Martin Brady). London & New York: Continuum, 2006, p. 8: "A tag with a nice erudite ring - the Third Reich itself after all delighted from time to time in the rich sonority of a foreign expression: *Garant* (guarantor) sounds much more persuasive than *Bürge* (supporter), and *diffamieren* (defame) far more impressive than *schlechtmachen* (run down). (Perhaps some people won't understand such words: they are precisely the ones who are most vulnerable.)"

No trecho acima, o personagem chamado Hikmet utiliza um sintagma otomano (palavras de origem árabe, mas ligadas pelo *izafet* da gramática persa) *mesele-i- fazla-ı kıymet* que literalmente significa "questão de valor adicional" para se referir a um termo usado por Karl Marx, que em alemão é *Mehrwert*, e que é designada em português pelo sintagma "mais-valia", ou seja, o lucro resultante da diferença entre o que o capitalista paga pela mão de obra e o valor que ele cobra pela mercadoria produzida por essa força de trabalho.

Interessante notar que Hikmet se refere ao turco reformado como se fosse outra língua (e de fato muitos consideram que é), pois em turco moderno tal sintagma é expresso por *arti-değer*, um decalque do sintagma alemão, *Mehr* "mais" = *arti*³⁰⁷ "(sinal de) mais" + *Wert* "valor" = *değer* = "valor".

Aqui a questão tradutória foi bastante facilitada pelo fato de que os dois sintagmas, o otomano e o turco reformado, não ocorrem no mesmo trecho. Se tal fosse o caso, seria uma oportunidade para se cunhar um neologismo. Observe a hipotética situação da ocorrência dos dois sintagmas e uma sugestão de tradução

1- *mesele-i- fazla-ı kıymet*

2- *arti değer*

No primeiro caso, poderíamos pensar em um equivalente latinizante e, se formos analisar como tal sintagma é expresso nas diferentes línguas neolatinas, podemos usar tais palavras como modelos para uma criação mais opaca, que sugira algo alheio, estrangeiro, como o otomano é considerado pelo turco. Assim, temos em italiano, espanhol e galego, línguas próximas ao português, além do inglês, que nos servirá de base para o primeiro elemento do neologismo, mas que usaram diferentes técnicas para formar tal sintagma:

Português	Italiano	Espanhol	inglês	galego
mais-valia	<i>plusvalore</i>	<i>plusvalor,</i> <i>supervalía,</i> <i>plusvalía</i>	<i>surplus value</i>	<i>plusvalía</i>

³⁰⁷ Assim como outros termos da matemática (como *eksi*, *çarpi*, *bölü* - respectivamente, menos, multiplicado por e dividido por, este foi cunhado pelo próprio Atatürk. Cf. Lewis, 1999, p. 65. Interessante também notar que *çarpi*, derivado da raiz *çarp-* "bater" é um claro decalque da palavra árabe para o mesmo conceito, multiplicar, que é ضرب *daraba*, cujo semema principal é "bater".

Está patente que todas as formas acima são decalcadas do alemão. Baseando-nos no sintagma do inglês, a saber, *surplus value*, e remontando ao étimo latino do empréstimo do anglo-francês *surplus*, chegaremos ao latim medieval *superplus*, que pode ser um equivalente para "mais". Quanto ao segundo elemento, podemos nos basear na palavra valor, que difere da palavra portuguesa, a saber, valor, resultando em *superplusvalor*. De igual maneira, podemos cunhar um termo helenizante, que terá o mesmo impacto estranhante³⁰⁸, decalcando os elementos do termo latino, ou seja, com o prefixo *ὑπέρ* *hiper-* e o elemento de composição *ἄξια* *-axia* que, segundo Houaiss, 2001, p. 360 significa "preço, valor"³⁰⁹. Assim, temos o seguinte esquema:

otomano	português
<i>mesele-i- fazla-ı kıymet</i>	latinizante <i>superplusvalor</i> / helenizante <i>hiperaxia</i>

turco moderno	português
artı değer	mais-valia

³⁰⁸ Conforme usado por Campos, 1990, p. 189.

³⁰⁹ Houaiss confirma o fato de que tal sufixo é usado para derivar cultismos, tal como *cronaxia*, termo cunhado por Lapique em 1909, e pertencente ao campo da fisiologia, cujo significado é "tempo exigido por uma corrente duas vezes superior à reóbase para excitar o tecido então submetido a exames".

Conclusão

Uma obra extensa como o *Tutunamayanlar*, obviamente, pode ser analisada sob vários prismas. O estudo atual pretendeu mostrar aspectos do uso de linguagem por parte do autor e que, por serem tão intrinsecamente ligados à cultura e história turca, ou seja, de um período específico de sua história que é único, em ambos os sentidos da palavra, a saber, não há outro igual e é impressionante por suas peculiaridades, ou, melhor dizendo, seu radicalismo, são de difícil tradução. Não há notícia, na história das línguas, de uma transformação tão drástica pela qual passou uma língua, ou seja, houve, no caso do turco, uma ruptura total com o seu *continuum* linguístico, com a quebra da tradição literária, de grafemas, com a mudança do alfabeto, dos nomes próprios, do nome da língua, de otomano e turco novo, ou moderno, e até a percepção desse *continuum* por parte dos falantes, pois eles mesmos não consideram que se trata das mesmas línguas, faladas somente em sincronias diferentes. Tal fator foi magistralmente explorado por Öğüz Atay em sua obra, permitindo ao leitor - e a obra foi escrita num período histórico em que a polaridade política, e que teve reflexo na escolha lexical por parte dos falantes, estava bastante aguçada - uma reflexão sobre o estado de sua própria língua, numa posição impressionantemente moderada por parte do autor, que quis contrastar os dois excessos presentes na história da língua turca, ou seja, tanto do uso excessivo de palavras estrangeiras no período otomano, quanto a criação de praticamente uma neolíngua, e que, por um tempo pelo

menos, houve uma verdadeira Babel, em que os intelectuais e jornalistas inventavam palavras conforme seu gosto pessoal. Não foi nossa intenção mostrar se a reforma, ou revolução da língua turca foi bem sucedida, e há opiniões diversas sobre o assunto, a depender do ponto de vista adotado, mas sim demonstrar o quão intrincado pode ser expressar equivalência na tradução de tais vocábulos. Não pensemos ingenuamente, e como pôde ser demonstrado neste estudo, que a criação neológica é exclusiva do turco, muito pelo contrário, mas sim, que a própria tradução em si de neologismos, especialmente em uma obra metalinguística como o *Tutunamayanlar*, constitui uma verdadeira dificuldade para o tradutor. Tal fato se agrava no caso do tradutor do turco, pois ele deve recorrer à história de muitas palavras, à sua etimologia, e, obviamente, fazer cotejo com, ou pelo menos estar ciente de técnicas utilizadas por tradutores renomados brasileiros, tais como Haroldo e Augusto de Campos, Antônio Houaiss, Odorico Mendes - os quais criaram, para a tradução dos clássicos que verteram para o português - é de inestimável valia para o tradutor, que se inspirará neles para fazer criações análogas. Foi o nosso propósito não só criar neologismos, como também chamar a atenção do leitor para a palavra em si e que, em alguns casos, precisará recorrer a um dicionário para depreender o significado de uma palavra. Tal impressão causa um estranhamento, e é exatamente isso que pretendi desde o início deste trabalho, ou seja, causar uma reflexão por parte do leitor, embora, obviamente, as conotações que as palavras suscitam no leitor turco e no leitor brasileiro possam ser bastante distintas, como bem disse a polonesa Eva Hoffman, em sua autobiografia *Lost in Translation* (1989, p. 273): "*In order to translate a language, or a text, without changing its meaning, one would have to transport its audience as well*".

Quanto ao caso dos nomes próprios do *Tutunamayanlar*, exhaustivamente analisados no presente trabalho, concluímos que, por serem em sua maior parte opacos, não podem ser traduzidos para qualquer outra língua, ou seja, devem ser replicados, embora isso constitua uma grande perda de conotações que, aliás, tentamos sanar com nossa análise. Porém, como pôde ser demonstrado, há nuances ocultas, e que foram reveladas através de várias formas em nossas análise, quer por etimologia, quer por sua análise morfológica. Tais nomes trazem certas associações ao leitor turco, quer porque eles não os reconhece, ou porque há alguma conotação em algum morfema do nome, e isso, claro, é usado propositalmente pelo autor, neste caso de maneira paródica, ou seja, para fazer o leitor pensar num estado de língua antiquíssimo, ou seja,

pré-islâmico, em que as palavras era todas "puras", ou herdadas, sem "contaminação" dos empréstimos.

REFERÊNCIAS

Hall, J. R. C. **A Concise Anglo-Saxon Dictionary**. 4th. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.

Adams, R. M. **Proteus, His Lies, His Truth**: Discussions of Literary Translation. New York: W. W. Norton, 1973.

Aixelá, J. F. Culture-specific Items in Translation. **Translation, Power, Subversion**. Román Álvarez; M. C. V. (eds.). Clevedon/Philadelphia/Adelaide: Multilingual, p. 52-78, 1996.

Akyol, T. Türkçe'nin Mutlu Bir Günü. **Milliyet**, 16 de novembro de 2005. Disponível em: <http://www.milliyet.com.tr/turkcenin-mutlu-bir-gunu/taha-akyol/siyaset/yazardetayarsiv/16.11.2005/135083/default.htm>.> Último acesso em: 18 de setembro de 2014.

Albachten, Ö. B. Intralingual Translation: Discussions within Translation Studies and the Case of Turkey. Bermann, S.; Porter, C. (eds.) **A Companion to Translation Studies**, First Edition, West Sussex: Wiley-Blackwell, p. 573-585, 2014.

Allen, E.; Bernofsky, S. (Ed.). **In Translation**: Translators on their work and what it means. New York: Columbia University Press, 2013.

Almeida, G. de. **Poetas de França**. 3. edição. São Paulo: Nacional, 1958.

Andrews, W. (ed.). **Intersections in Turkish Literature**: Essays in Honor of Stewart-Robinson. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004.

Apaydın, M. Oğuz Atay'ın *Tutunamayanlar* Adlı Romanında Mizah ve Hiciv Öğeleri. **Çukurova Üniversitesi Sosyal Bilimler Enstitüsü Dergisi**, v. 16, n. 1, p. 45-68, 2007.

Arrojo, R. **Oficina de Tradução: A Teoria na Prática**. São Paulo: Ática, 1986.

Aslan, S. Incoherent State: The Controversy over Kurdish Naming in Turkey. **European Journal of Turkish Studies**, 10, p. 2-17, 2009.

Aslanov, C. **A tradução como manipulação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Assis, M. de. **Obras completas em quatro volumes**. vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

Atay, O. **Aspettando la paura**. Venezia: Lunargento, 2011.

_____. **Die Haltlosen: Tutunamayanlar**. Tradução de Johannes Neuner. Berlin: Binooki, 2016.

_____. **Het Leven in Stukken**. Amsterdam: Athenaeum, 2011b.

_____. **Tutunamayanlar**. Istanbul: İletişim, 2013.

Aubert, F. H. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida – revendo a ferramenta de análise. **Literatura e Sociedade**, 9, p. 60-9, 2006.

Aytürk, İ. Turkish Linguists against the West: The Origins of Linguistic Nationalism in Atatürk's Turkey. **Middle Eastern Studies**, vol. 40, No. 6, p. 1-25, 2004.

Baalbaki, R. **Al-Mawrid: a Modern Arabic-English Dictionary**, 3rd. ed. Beirut: Dar El-Ilm Lilmalayin, 1991.

Baker, M.; Saldanha, G. (eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**, 2nd ed. Routledge: London/New York, 2009.

Banguoğlu, T. **Türkçenin Grameri**. Ankara: Türk Tarih Kurumu Basım Evi, 1990.

Barbosa, Maria Aparecida de. **Léxico, Produção e Criatividade: processos do neologismo**, 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.

- Barnes, W. **An Outline of English Speech-craft**. London: Kegan Paul, 1878.
- Barnstone, W. **The Poetics of Translation: History, Theory, Practice**. New Haven/London: Yale University Press, 1993.
- Basil, H.; Mason, I. **Discourse and the Translator**. London: Longman, 1990.
- Bassnett, S. **Translation**. London/New York: Routledge, 2014.
- _____. **Reflections on Translation**. Bristol/Buffalo/Toronto: Multilingual Matters, 2011.
- _____. Researching Translation Studies: The Case for Doctoral Research. **Rimbaud's Rainbow: Literary Translation in Higher Education**. Peter Bush & Kirsten Malmkjaer (eds.), Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998, pp. 105-118.
- Bellos, D. **Is That a Fish in Your Ear? The amazing adventure of translation**. London: Penguin, 2011.
- Bergmann, J. C. F.; Araújo Lisboa, M. F. **Teoria e Prática da Tradução**. Curitiba: Ibipex, 2008.
- Berman, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**, 2. ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- Bettelheim, B. **Freud and Man's Soul**. New York: Alfred A. Knopf, 1983.
- Blanchadell, A.; West, L. M. (eds.). **Less Translated Languages**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.
- Blasendorff, C. **Verdeutschungswörterbuch für Schule und Haus**. s.l.: Weidmannsche Buchhandlung, 1887.
- Blasing, M. K. **Nâzım Hikmet: The Life and Times of Turkey's World Poet**. New York: Persea, 2013.
- _____. Translating Poetry: Texts and Contexts of Nâzım Hikmet. **Translation Review**, 5, p. 43-45, 1980.
- Bly, R. The Eight Stages of Translation. Frawley, W. (ed.) **Translation: Literary, Linguistic and Philosophical Perspectives**. Newark: University of Delaware Press & London: Associated University Presses, pp. 67-89, 1982.
- Boase-Beier, J. **Stylistic Approaches to Translation**. Manchester: St. Jerome, 2006.

Boeschoten, H. The Turkish Language Reform forced into Stagnation. **Undoing and Redoing Corpus Planning**, (ed.) Clyne, M. G.. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

Boeschoten, Hendrik & Verhoeven, Ludo (ed.) **Turkish Linguistics Today**. Leiden: E. J. Brill, 1991.

Bortolanza, J. O poeta novilatino carioca Antônio de Castro Lopes (1827-1901). **Hvmanitas**, vol. LI, p.301-316, 1999.

Boullón Agrelo, A. I. & Tato Plaza, F. R. Personal Names in Galicia as a sign of cultural identification: historical scope and current situation. **Onoma**, vol. 34, , p. 15-44, 1998-1999.

Braun, P. Internationalisms: identical vocabularies in European Languages. **Language Adaptation**. Coulmas, F. (ed.), p. 159-167, 1989.

Brendemoen, B. The Turkish Language Reform and Language Policy in Turkey. Hazai, G. (ed.), **Handbuch der türkischen Sprachwissenschaft**. Budapest: Akadémia Kiadó, p. 454-493, 1990.

Britto, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Çağbayır, Y. **Ötüken Türkçe Sözlük**, 4 vols. Istanbul: Ötüken Neşriyat, 2007.

Campos, H. de. **Deus e diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **Qohélet/O-Que-Sabe, Ecclesiastes, Poema Sapiencial**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. **Panorama do Finnegans Wake**. Perspectiva: São Paulo, 1986.

Chao, Y. R. Dimensions of Fidelity in Translation with Special Reference to Chinese. **Harvard Journal of Asiatic Studies**, v. 29, p. 109-130, 1969.

Chklovski, V. A arte como procedimento. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, p. 39-56, 1917/1971.

Çolpan, Y. **Ataç'ın Sözcükleri**. Ankara: Ankara Üniversitesi, 1963.

Clauson, G. **An Etymological Dictionary of Pre-Thirteenth Century Turkish**. Oxford: Clarendon Press, 1972.

Cortés, O. C. Orientalism in Translation: Familiarizing and Defamiliarizing Strategies. **Translators' Strategies and Creativity**. Anna Iard-Ozeroff, Jana Králová & Barbara Moser-Mercer (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 63-70, 1998.

Coulmas, F. (ed.). **Language Adaptation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

- Cowan, D. **Gramática do árabe moderno**. São Paulo: Globo, 1958/2006.
- _____. (ed.). **With Forked Tongues: What are National Languages Good for?**. n.l.: Karoma, 1988.
- Crawford, L. Viktor Shklovskij: Différance in Defamiliarization. **Comparative Literature**, v. 36, n. 3, p. 209-219, 1984.
- Cronin, M. **Translating Ireland**. Cork: Cork University Press, 1996.
- _____. **Translation and Globalization**. London/New York: Routledge, 2003.
- Cüceoğlu, D.; Slobin, D. I. Effects of Turkish Language Reform on Person Perception. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 11, n. 3, p. 297-326, 1980.
- Crystal, D. **The Stories of English**. New York: Overlook, 2004.
- Cunha, A. G. da. **Vocabulário histórico-cronológico do português medieval**. Ed. rev. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.
- Dagut, M. Semantic 'Voids' as a Problem in the Translation Process. **Poetics Today**, v. 2, n. 4, *Translation Theory and Intercultural Relations*, pp. 61-71, 1981.
- Dankoff, R. **Wisdom of Royal Glory**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1983.
- Davies, E. E. A Goblin or a Dirty Nose? The Treatment of Culture-Specific References in Translations of the Harry Potter Books. **The Translator**, v. 9, n. 1, p. 65-100, 2003.
- Davis, K. Intralingual Translation and The Making of a Language. First Edition. Sandra Bermann & Catherine Porter (eds.), **A Companion to Translation Studies**, West Sussex: Wiley-Blackwell, p. 586-598, 2014.
- Dickinson, K. Where Language is Ripped Apart: Absence and Illegibility in Bilge Karasu's *The Garden of Departed Cats*. **Critical Multilingualism Studies** 2:1, p. 106-128, 2014.
- Durkin, P. **The Oxford Guide to Etymology**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009.
- Ecevit, Y. **Ben Buradayım...: Oğuz Atay'ın Biyografik ve Kurmaca Dünyası**. 5. baskı, İstanbul: İletişim, 2011.
- Eckenstein, L. **Albrecht Dürer**. London: Duckworth, 1902.
- Edmonds, W. A. Language Reform in Turkey and its Relevance to other Areas. **Muslim World**, v. 45, n. 1, p. 53-60, 1955.

Epstein, B. J. **Translating Expressive Language in Children's Literature: Problems and Solutions**. Oxford/New York: Peter Lang, 2012.

Ertürk, N. **Grammatology and Literary Modernity in Turkey**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Eyuboğlu, İ. Z. **Türk Dilinin Etimoloji Sözlüğü**. İstanbul: Sosyal Yayınlar, 4. ed., 1998.

Findley, C. V. **The Turks in World History**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Gabain, A. M. *Alltürkische Grammatik*. Leipzig, s.e., 1941.

Geers, M. "A Comparative Study of Linguistic Purism in the History of England and Germany". Langer, N.; Davies, W. (eds.). **Linguistic Purism in the Germanic Languages**. Berlin: Walter de Gruyter, 2005.

Gentzler, E. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. São Paulo: Madras, 2009.

Gifford, D. **Ulysses Annotated: Notes for James Joyce's Ulysses**. 2nd edition. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1988.

Giraud, J. Petite histoire du néologisme. **Vie et Langage**, vol. 265, p. 200-7, 1974.

Gökner, E. My Name is Re(a)d: Authoring Translation, Translating Authority. **Translation Review** 68 (1), 2, p. 52-60, 2004.

Göksel, A.; Kerslake, C. **Turkish: A Comprehensive Grammar**. New York: Routledge, 2005.

Gommlich, K.; Erdim, E. Evolving Imagery in the Translation of Orhan Pamuk's *Kara Kitap*. **Across Languages and Cultures**, 2 (2), p. 237-249, 2001.

Grossman, E. **Why Translation Matters**. New Haven/London: Yale University press, 2010.

Guilbert, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

Gürbilek, N. **The New Cultural Climate in Turkey: Living in a Shop Window**. London/New York: Zed, 2011.

Gürpınar, D. What is in a Name? The Rise of Turkic Personal Male Names in Turkey (1908-1938). **Middle Eastern Studies**, 48:5, p. 689-706, 2012.

Gürle, M. F. **Oğuz Atay's Dialogue with the Western Canon in the Disconnected**. Tese de doutoramento, Universidade do Bósforo, 2008.

Hacıeminoğlu, N. **Türkçenin karanlık günleri**. İstanbul: Töre-Devlet Yayınları, 1972.

Halman, T. S; Warner, J. L. (ed.). **A Millennium of Turkish Literature: A Concise History**. New York: Syracuse, 2011.

Hermans, T. **The Conference of the Tongues**. Manchester: St. Jerome, 2007.

Heyd, U. **Foundations of Turkish Nationalism: The Life and Teachings of Ziya Gökalp**. London: Luzac and Harvill Press, 1950.

_____. **Language Reform in Modern Turkey**. Jerusalem: The Israel Oriental Society, 1954.

Hoffman, E. **Lost in Translation: a Life in a New Language**. London: Minerva, 1994.

Homero. **Odisseia**. (ed.) Rodrigues, Antonio Medina, tradução de Manuel Odorico Mendes. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

Houaiss, A.; Villar, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

House, J. Of The Limits of Translatability. **Babel**, 19:4, p. 166-167, 1973.

Hřebíček, L. The Turkish Language Reform and Contemporary Texts: A Contribution to the Stylistic Evaluation of Borrowings. **Archív Orientalní**, n. 43, p. 223-231, 1975.

Hui-juan, M. Exploring the Differences between Jin Di's Translation Theory and Eugene A. Nida's Translation Theory. **Babel**, v. 53:2, p. 98-111, 2007.

İmer, K. **Dilde Değişme ve Gelişme Açısından Türk Dil Devrimi**. Ankara: Ankara Üniversitesi Basımevi, 1976.

İnci, H. (org.). **Oğuz Atay'a Armağan: Türk Edebiyatın "Oyun/Bozan"ı**. İstanbul: İletişim, 2007.

İslâm Ansiklopedisi, 2. cilt, 5. baskı. Eskişehir: Anadolu Üniversitesi Güzel Sanatlar Fakültesi, 1997.

Ivir, V. Formal Correspondence vs. Translation Equivalence Revisited. **Politics Today**, vol. 2:4, p. 51-59, 1981.

Jacobs, W. D. **William Barnes Linguist**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1952.

Jansen, W. H. Review of The Book of Dede Korkut by Faruk Sümer, Ahmet E. Uysal, Warren S. Walker. **Journal of American Folklore**, vol. 86, no. 342, p. 393-395, 1973.

Jäschke, G. **Der Islam in der neuen Türkei:** eine rechtsgeschichtliche Untersuchung. Leiden: E. J. Brill, 1951. Jespersen, O. *Growth and Structure of the English Language*. 9th. ed. New York: Doubleday, 1955.

Jin, D. **Literary Translation:** Quest for Artistic Integrity. Manchester: St. Jerome Publishing, 2003.

_____. & Nida, E. A. **On Translation:** An Expanded Edition. Hong Kong: City University of Hong Kong Press, 2006.

Johnson, S; Braber, N. **Exploring the German Language**. 2nd. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Jones, W. J. **Images of Language:** Six Essays on German Attitudes to European Languages from 1500 to 1800. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999.

Karadoğan, A. Türk Ad Biliminde Renk Kültü. **Millî Folklor**, ano 16, no. 62, p. 89-99, 2004.

Kaye, Alan S. Transparência semântica e marcação de número em árabe e outras línguas. **Tiraz**. São Paulo: Humanitas, p. 30-67, 2004.

Kirkness, A. **Zur Sprachreinigung im Deutschen 1789-1871:** eine historische Dokumentation Teil 1. Tübingen: TBL Verlag Gunther Narr, 1975.

_____. **Shamrocks & Chopsticks:** James Joyce in China: A Tale of Two Encounters. Hong Kong: City University of Hong Kong Press, 2001.

_____. Translating *Ulysses*, East and West. **Joyce in Context**. Cheng, V. J. & Martin, T. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, p. 270-284, 1992.

Klemperer, V. *The Language of the Third Reich*. LTI - Lingua Tertii Imperii: A Philologist's Notebook (tradução Martin Brady). London/New York: Continuum, 2006.

Lane, E. W. **An Arabic-English Lexicon**. London/Edinburgh: Williams and Norgate, 1872.

Lefevere, A. **Translating Poetry:** Seven Strategies and a Blueprint. Assen: Van Gorcum, 1975.

_____. **Translating literature:** practice and theory in a comparative literature context. New York: The Modern Language Association of America, 1992.

Leite, M. Q. **Metalinguagem e discurso**: a configuração do purismo brasileiro. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

_____. (ed.) **Translation/history/culture**: a sourcebook. London: Routledge, 1992.

Levend, A. S. **Türk Dilinde Gelişme ve Sadeleşme Evreleri**. 3. baskı. Ankara: Ankara Üniversitesi Basımevi, 1972.

Levine, S. J. **The Subversive Scribe**: Translating Latin American Fiction. Saint Paul: Graywolf, 1991.

Levý, J. **Die literarische Übersetzung**. Theorie einer Kunstgattung. Frankfurt am Main/Bonn: Athenäum, 1969.

Lewis, G. **The Turkish Language Reform**: A Catastrophic Success. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Lopes, Antônio de Castro. **Neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis com um vocabulario neologico portuguez**. 2. ed. Rio de Janeiro/Lisboa: Francisco Alves & C.^a, 1909.

Lopes, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1976.

Malmkjær, K. **Linguistics and the Language of Translation**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

Mancing, H. The Comic Function of Chivalric Names in Don Quijote. **Names**, 21:4, p. 220-235, 1973.

Manini, L. Meaningful Literary Names: Their Forms and Functions and their Translation. **The Translator**, 2 (2), p. 161–78, 1996.

Martins, N. S. **O léxico de Guimarães Rosa**. 3.ª edição. São Paulo: Edusp, 2008.

McArthur, T. (ed.). **Oxford Concise Companion to the English Language**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

McGaha, M. **Autobiographies of Orhan Pamuk**: The Writer in his Novels. Salt Lake City: University of Utah Press, 2008.

Meifang, Z. Annotation and Adaptation: A Case Study of a Chinese Translation of Joyce's Ulysses. **Translation Quarterly**, n. 64, p. 32-54, 2012.

Menemencioglu, N. (ed.). **The Penguin Book of Turkish Verse**. Penguin: Harmondsworth, 1978.

- Menges, K. H. **The Turkic Languages and Peoples: an Introduction to Turkic Studies.** Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968.
- Meschonnic, H. **Poética do Traduzir.** São Paulo: Perspectiva, 2010.
- Millán, C.; Bartrina, F. (eds.). **The Routledge Handbook of Translation Studies.** London/New York, 2013.
- Moisés, M. **Dicionário de termos literários.** 4. ed., São Paulo: Cultrix, 1985.
- Morag, S. Planned and unplanned development in Modern Hebrew. **Lingua** 8, p. 247–263, 1959.
- Moran, B. **Türk romanına eleştirel bir bakış 2: Sabahattin Ali'den Yusuf Atılgan'a.** 9. baskı. İstanbul: İletişim, 2002.
- Morrow, J. A. (Ed.) **Arabic, Islām and the Allāh Lexicon: How our Language Shapes our Conception of God.** Lewiston/Queenston/Lampeter: Edwin Mellen, 2006.
- Moyle, N. K. **The Turkish Minstrel Tale Tradition.** New York/London: Garland, 1990.
- Nash, W. **The Language of Humour: Style and Technique in Comic Discourse.** London: Longman, 1985.
- Nasi, F. Creativity on Probation: On Translating a Nursery Rhyme. **Translation Review**, v. 83, n. 1, p. 35-48, 2012.
- Neubert, A.; Shreve, G. M. **Translation as Text.** Kent: Kent State University Press, 1992.
- Newmark, P. **A Textbook of Translation.** Hertfordshire: Prentice Hall, 1988.
- Nida, E. A. **Fascinated by Languages.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- Nişanyan, S. **Sözlerin Soyağacı: Çağdaş Türkçenin Etimolojik Sözlüğü.** 2a. basım, İstanbul: Adam, 2004.
- _____. Linguistics and Ethnology in Translation Problems. **Word**, 1.2, p. 194-208, 1945.
- Oliveira, V. V. **Machado de Assis e os neologismos de Castro Lopes: reflexões linguísticas em crônicas de Bons Dias!.** 2015, 59 f., trabalho de licenciatura em língua portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- Ölmez, M. Dil Devrimi Sonrası Ad ve Soyadlarımız. **Journal of Turkish Studies**, v. 24/II, p. 107-117, 2000.

Ousers, E. Translation Norms: Do They Really Exist?. **Translators' Strategies and Creativity**. Anna Iard-Ozeroff, Jana Králová & Barbara Moser-Mercer (Eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 53-62, 1998.

Osmanlıcadan Türkçeye Söz Karşılıkları Tarama Dergisi. V. 1, Istanbul: Devlet Matbaası, 1934.

Paker, S. **Translations: (Re)shaping of Literature and Culture**. Istanbul: Boğaziçi University Press, 2002.

Parla, J. The Wounded Tongue: Turkey's Language Reform and the Canonicity of the Novel. *PMLA*, v. 123, no. 1, p. 27-40, 2008.

Pearce, M. **The Routledge Dictionary of English Language Studies**. London: Routledge, 2007.

Pedersen, V. H. Accuracy in Translation. **Word, Text, Translation: Liber Amicorum for Peter Newmark**. Gunilla Anderman & Margaret Rogers (eds.). Clevedon/Buffalo/Toronto/Sydney: Multilingual Matters, p. 47-54, 1999.

Pei, M. **The Families of Words**. New York: St. Martin's, 1962.

Pereira, A. **Gênese e actualidade da antroponímia galego-portuguesa**. Alguns dos textos mais antigos escritos em galego-português. Disponível em: <http://ilg.usc.es/agon/wp-content/uploads/2013/10/14.Pereira.pdf>. Último acesso em: 19 de abril de 2015

Pörksen, U. The transition from Latin to German in the natural sciences and its consequences. Coulmas, F. (ed). **Language Adaptation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 127-134.

Prado, C. L. A. A criatividade lexical em Finnegans Wake e a tradução. **TradTerm**, 15, p. 25-40, 2009.

Price, D. H. **Albrecht Dürer's Renaissance: Humanism, Reformation and the Art of Faith**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003

Qvale, P. **From St. Jerome to Hypertext: Translation in Theory and Practice**. Manchester: St. Jerome, 2003.

Rabassa, G. *If This be Treason: Translation and its Dyscontents: a memoir*. New York: New Directions, 2005.

Robinson, D. **Schleiermacher's Icoses: Social Ecologies of the Different Methods of Translating**. Bucharest: Zeta, 2013.

_____. **What is Translation?** Centrifugal theories, critical interventions. Ohio: Kent State University Press, 1997.

Röhrborn, K. 'Artificial Idiomaticity' in Neologistic Terms of Republican Turkish. **Kyoto Daigaku Gengogaku Kenkyū** 20, p. 1-10, 2001.

Rose, M. G. (ed.). **Beyond the Western Tradition:** Translation Perspectives XI 2000. Binghamton: State University of New York, 2000.

Sâmî, Ş. **Kāmûs-i Türkî.** İstanbul: Alfa, 1998.

Sapir, Y; Zuckermann, G. Icelandic: Phonosemantic Matching, p. 19-43 (Chapter 2) (References: 296-325) of Judith Rosenhouse and Rotem Kowner (eds), **Globally Speaking:** Motives for Adopting English Vocabulary in Other Languages. Clevedon – Buffalo – Toronto: Multilingual Matters, 2008.

Scassa, T. National Identity, Ethnic Surnames and the State. **Canadian Journal of Law and Society**, 11/2, p. 167-91, 1996.

Scharlipp, W. **Untersuchungen zur Morphologie und Substitution türkeitürkischen Neologismen.** Hamburg: Helmut Buske, 1978.

Schnaiderman, B. **Tradução, ato desmedido.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

Sensoy, Ö. The Power of Translation: The Effects of a Fluency Discourse. *Translation Review*, v. 62, n. 1, p. 58-64, 2001.

Seyhan, A. **Tales of Crossed Destinies:** The Modern Turkish Novel in a Comparative Context. New York: Modern Language Association of America, 2008.

Seyppel, T. **Der Intellektuelle bei Oğuz Atay:** Dargestellt an dem Roman 'Die Haltlosen'. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1991.

Shakour, A. & Tarabeih, A. Hebrew Neologisms in the Writings of Anton Shammas. **Hebrew Studies**, vol. 56, p. 295-314, 2015.

Snyder, S. False Negation or Critique of Modernism: Turkish Language Reform and the Rise of Islamic Political Identity. **The International Journal of the Humanities**, v. 6, n. 10, p. 115-123, 2009.

Solms, M. Controversies in Freud Translation. **Psychoanalysis and History**, 1/1, p. 28-43, 1998.

Spencer, R. F. The Social Context of Modern Turkish Names. **Southwestern Journal of Anthropology**, v. 17, n. 3, p. 205-218, 1961.

- Spolsky, B. **Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- _____. (Ed.). **The Cambridge Handbook of Language Policy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- Steuerwald, K. **Untersuchungen zur türkischen Sprache der Gegenwart, Teil III**: zur Ablösung des arabischen und persischen Grammatikgutes. Berlin: Langenscheidt, 1966.
- Şimşir, B. **Türk Yazı Devrimi**. Ankara: Türk Tarih Kurumu Basımevi, 1992.
- Tanzimat'tan Bugüne Edebiyatçılar Ansiklopedisi**. Cilt 1 A-İ, 3. baskı. İstanbul: YKY, 2010.
- Tekin, T. **Orhon Türkçesi Grameri**. Ankara: Simurg, 2000.
- Thomas, G. **Linguistic Purism**. London/New York: Longman, 1991.
- Tietze, A. **Tarihi ve Etimolojik Türkiye Türkçesi Lugatı**/Sprachgeschichtliches und etymologisches Wörterbuch des Türkei-Türkischen. Vol. 1, A-E, İstanbul/Wien: Simurg, 2002.
- Türkçeden Osmanlıcaya Cep Kılavuzu**. İstanbul: Devlet Basımevi, 1935.
- Türköz, M. F. Surname Narratives and the State-Society Boundary: Memories of Turkey's Family Name Law of 1934. **Middle Eastern Studies**, v. 43, n. 6, p. 893-908, 2007.
- _____. **The Social Life of the State's Fantasy: Memories and Documents on Turkey's 1934 Surname Law**. Tese de doutoramento, Universidade de Pensilvânia, 2004.
- Ullmann, Stephen. **Semantics: An Introduction to the Science of Meaning**. Oxford: Basil Blackwell, 1964.
- Van der Heijden, H. 'Language is the mirror of our lives': *Oğuz Atay's novel 'Tutunamayanlar' and its Dutch translation*. Disponível em: <http://www.literatuuruitturkije.nl/english/language-is-the-mirror-of-our-lives-oguz-atays-novel-tutunamayanlar-and-its-dutch-translation/>. Último acesso em: 17 de junho de 2014.
- Venuti, L. **The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference**. Routledge: London, 1998.
- _____. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**, 2nd. ed. London: Routledge, 2008.
- _____. **Translation Changes Everything: Theory and Practice**. New York: Routledge, 2013.
- Viaro, M. E. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Manual de etimologia do português**. 2ª. ed. São Paulo: Globo, 2013.

Webster's Third New International Dictionary Unabridged. Springfield: Merriam-Webster, 1993.

Weissbrod, R. 'Curious and curiouiser': Hebrew Translations of Wordplay in Alice's Adventures in Wonderland. **The Translator**, vol. 2, p. 219-234, 1996.

Wilczewski, M. Translator's Creativity in Rendering Neologisms of as Literary Text. *Acta Neophilologica*, v. XIII, p. 151-160, 2011.

Williams, J.; Andrew, C. **The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies.** Manchester: St. Jerome, 2002.

Wills, W. **The Science of Translation: Problems and Methods.** Tübingen: Gunter Narr, 1982.

Yasa, Ş. A. **Türkçenin Istılâh Me'selesi ve İdeolojik Kaynaklı Sapmalar: "Öztürkçe"** Dayatmasıyla Fransızcaştırılan Resmî Dil. Ankara: Kurtuba, 2013.

Yıldız, Y. **Beyond the Mother Tongue: The Postmonolingual Condition.** New York: Fordham, 2012.

Yılmaz, H **Becoming Turkish: Nationalist Reforms and Cultural Negotiations in Early Republican Turkey, 1923-1945.** New York: Syracuse University press, 2013.

Yücel, T. **Dil Devrimi.** İstanbul: Varlık, 1968.

Yunxing, L. Cultural Factors in Translation. **Perspectives: Studies in Translatology**, vol. 6:2, p. 175-182, 1998.

Žáková, A. **Neologismen in Zesens Übersetzung von Comenius' *Vestibulum Rerum et Linguarum*.** Dissertação de mestrado, Universidade de Masaryk, Brno, 2010.

Zeka, N. A Prisoner of Language: The Strange Case of Modern Turkish Poetry. **South Atlantic Quarterly**, 102:2/3, p. 529-534, 2003.

Zengin, D. **Almancaya Çevrilen Türk Masallarında Çeviri Sorunları.** Ankara: Türk Dil Kurumu, 2006.

Zimmer, R. **Probleme der Übersetzung formbetonter Sprache.** Tübingen: Max Niemeyer, 1981.

Zuckermann, G. Does human conscious choice play a part in language change? Puristic 'Phono-semantic-matching' in Israeli, Turkish, Mandarin and Japanese. Comunicação em International Symposium on Linguistic Diversity and Language Change. University of Colorado, Boulder, 14-17 de maio de 2003. Disponível em:

https://www.academia.edu/312137/Does_Human_Conscious_Choice_Play_a_Part_In_Language_Change_Puristic_Phono-Semantic_MatchingIn_Israeli_Turkish_Mandarin_and_Japanese. Último acesso em 06 de julho, 2015.